

Por ocasião do centenário do
Curso de Linguística Geral
(1916)

Cadernos de Historiografia
Linguística do CEDOCH

Cristina Altman
Lygia Testa-Torelli
(Orgs.)

FFLCH-USP

Por ocasião do centenário do
Curso de Linguística Geral (1916)

CADERNOS DE
HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA
DO CEDOCH
2

Cristina Altman
Lygia Testa-Torelli
(*Orgs. do volume*)

São Paulo
2017

FFLCH-USP

C122 Cadernos de historiografia linguística do CEDOCH [livro eletrônico] : Por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916) / organizadoras do volume: Cristina Altman, Lygia Testa-Torelli -- São Paulo : FFLCH/USP, 2017. 6451 Kb ; PDF. -- (Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH ; v. 2)

Modo de acesso: <http://cedoch.fflch.usp.br/cadernos>
ISBN 978-85-7506-295-1

1. Linguística histórica. 2. Linguística (Ensino). I. Altman, Cristina, *coord.* II. Testa-Torelli, Lygia, *coord.* III. Série.

CDD 417.7

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Vice-reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS
E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretora: Prof^á. Dr^a. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Secretária: Simonia Rodrigues dos Santos Rosário

Vice-diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Secretária: Dayane Esteves Nogueira

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

Chefe: Prof^á. Dr^a. Evani de Carvalho Viotti

Vice-chefe: Prof. Dr. Marcelo Barra Ferreira

Coordenador de pós-graduação: Prof^á. Dr^a. Raquel Santana Santos

Vice-coordenador de pós-graduação: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

CEDOCH

Coordenadoras: Prof^á. Dr^a. Cristina Altman e Prof^á. Dr^a. Olga Coelho

Av. Prof. Lineu Prestes, 159, S7

05508-900 - São Paulo - SP - Brasil

+55 (11) 3091-2114

cedoch@usp.br

DIAGRAMAÇÃO

Edgard Bikelis

Os textos publicados neste livro, segundo volume da série monográfica, são de inteira responsabilidade de seus autores. Permite-se a reprodução desde que citada a fonte. Esta edição dos Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH está disponível em: www.cedoch.fflch.usp.br/cadernos

Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH: Por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916) | São Paulo | v. 2 | p. i-viii, 1-190 | 2017

ISBN: 978-85-7506-295-1

Sumário

Apresentação e Agradecimentos	1
I Os cursos e o <i>Curso</i>	3
O <i>Curso de Linguística Geral</i> : História e estrutura	4
PIERRE SWIGGERS	
O signo <i>arbre-tree</i> : Imagens e palavras em contraponto no <i>Curso de Linguística Geral</i>	28
JOHN JOSEPH	
II Estudos	49
A noção de ‘sistema’ no <i>Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes</i> de F. de Saussure (1879)	50
ESTANISLAO SOFIA	
O ensino da Linguística Geral: um estudo, uma placa de ferro e um cavalo	62
LYGIA TESTA-TORELLI	
Ferdinand de Saussure: Sobre a Elaboração do Primeiro Curso	78
FRANÇOIS VINCENT	
A Linearidade Saussuriana em Retrospecto	89
PIERRE-YVES TESTENOIRE	
A Linearidade entre Estrutura e Manifestação	110
CAROLINA LINDENBERG LEMOS	
O sentimento do sujeito falante saussuriano	123
KAREN ALVES DA SILVA	

III Arquivos	138
Consciência de Arquivos e Futuro: O Caso de F. de Saussure e a Escola Genebrina de Linguística	139
ALESSANDRO CHIDICHIMO	
<i>Nine Easy Pieces</i> : Os Manuscritos de F. de Saussure em Harvard	153
GIUSEPPE D'OTTAVI	
Ferdinand de Saussure e o <i>Curso de Linguística Geral</i> : Uma orientação Bibliográfica	178
PIERRE SWIGGERS	
Autores	185
Normas da publicação	188

Apresentação e Agradecimentos

Uma das questões que costumam motivar os historiógrafos de uma disciplina científica a revisitar os mitos construídos por seus praticantes é a possibilidade de restaurar os conceitos fundadores do paradigma que os uniu em torno de uma especialidade, ou de surpreender algo que tenha passado despercebido da geração que com eles conviveu, ou ainda, de (re)capturar, da perspectiva privilegiada do presente, o prenúncio do que seria considerado genial anos depois. Revisitar Ferdinand de Saussure (1857–1913) e o *Curso de Linguística Geral* (1916) um século depois, como ora nos convida o *Caderno 2 do CEDOCH*, não será diferente. Reinterpretar textos, anotações, manuscritos, correspondência, rever a literatura crítica e, principalmente, as lições dos cursos de Linguística Geral que ministrou na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, será, uma vez mais, render-nos ao mito.

Com efeito, Saussure continua reverenciado pela comunidade acadêmica a leste e a oeste como o grande filólogo comparatista do século XIX, o que efetivamente foi no que escreveu e publicou, e como o grande mentor da Linguística Geral e da Semiologia do século XX, embora neste caso, como se sabe, não tenha sido o autor efetivo do que foi publicado postumamente em seu nome. É amplamente conhecido que o *Curso de Linguística Geral* é uma compilação de Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946) dos três cursos ministrados por Saussure ao longo de cinco anos, a partir das anotações dos seus alunos, notadamente Albert Riedlinger (1883-1978). O fato é que Saussure foi consagrado pelas gerações que o sucederam como o grande revolucionário do século XX em matéria de estudos linguísticos, e foi unanimemente apontado como o responsável pela formação de um novo paradigma em ciências da linguagem, aquele que garantiu à disciplina linguística o estatuto de ciência ‘moderna’, *stricto sensu*.

O presente *Caderno*, voltado para o pesquisador interessado em alguma medida na herança saussuriana, revisita o *Mémoire* de 1879 e, principalmente, os ‘Cursos’, de 1907 e 1916. Estão aí contemplados alguns dos temas que os marcaram: o ‘projeto’ de uma linguística geral; as fontes, o texto, as imagens, os exemplos; os conceitos de ‘sistema’, de ‘linearidade’, de ‘sentimento’ do sujeito falante. Fiel à vocação do CEDOCH de promover e incentivar a pesquisa em historiografia linguística, o volume inclui artigos que descrevem criticamente parte do *corpus* saussuriano existente, ao mesmo tempo que introduz o jovem pesquisador, através da compilação de Pierre Swiggers, nos meandros da vastíssima *bibliotheca saussuriana*. Pensando em divulgar o pensamento saussuriano também entre um público maior, optamos por traduzir todos os artigos. Advirta-se o leitor, a tempo, de que as referências, os documentos e os manuscritos reproduzidos pelos articulistas foram mantidos, quando citados no original. A eles segue uma sugestão de tradução no corpo do texto, ou, se mais extensos, em rodapé.

Registrem-se nossos efusivos agradecimentos ao time de colaboradores que assinam os artigos: Pierre Swiggers (Leuven), John Joseph (Edinburgh), Estanislao Sofia (Leuven-FWO), Lygia Testa-Torelli (CEDOCH-USP), François Vincent (Paris-

Est-Créteil), Pierre-Yves Testenoire (Paris-Sorbonne), Carolina Lemos (CEDOCH-USP), Karen Alves (IEL-UNICAMP), Alessandro Chidichimo (Genebra), Giuseppe d'Ottavi (ENS-Paris). A todos, nossos sinceros agradecimentos. Reitere-se apenas que a contribuição lado a lado de autores de notório reconhecimento por seu trabalho acadêmico e de pesquisadores estreados, reitera a vocação do CEDOCH de incubador de jovens talentos.

Meus agradecimentos especiais a Lygia Testa-Torelli, que assina comigo a presente edição, assim como a tradução de vários dos artigos aqui publicados. Incluo nesses agradecimentos dois jovens pesquisadores do CEDOCH, Bruna Polachini e Edgard Bikelis, pela colaboração incondicional no que foi preciso.

Cem anos após sua primeira edição, o *Curso de Linguística Geral* cumpre uma vez mais com brilhantismo o destino dos mitos, que é o de nos fazer reconhecer a todos, na origem, coparticipantes de um mesmo projeto de ciência. É a ele e ao mestre Saussure que dedicamos o conjunto de estudos que se segue.

Cristina Altman
São Paulo, dezembro de 2016

Parte I

Os cursos e o *Curso*

O *Curso de Linguística Geral*: História e estrutura^{1,2}

Pierre Swiggers
(*Katholieke Universiteit Leuven*)

Resumo

A riqueza e a complexidade do pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure não se prestam a uma exposição sintética de algumas páginas; no máximo, pode-se tentar fornecer uma ideia do ‘projeto’ de linguística geral, concebido e implementado por Ferdinand de Saussure, que ficou inacabado. Este projeto se cristalizou em um texto publicado depois da morte do autor, o *Curso de Linguística Geral*, marco póstumo de uma carreira brilhante, mas ao mesmo tempo ponto de partida de um vasto movimento de ‘saussurismo’ (cf. o artigo de A.-J. Greimas, “L’actualité du saussurisme” [A atualidade do saussurismo], *Le français moderne* 24.3:191-203, 1956). O presente texto, de ambições modestas, se propõe a esclarecer e a compreender – a partir do caminho intelectual de Ferdinand de Saussure – o objetivo, o escopo, a carga (cognitiva e ideológica) e a ‘arquitetura’ da linguística geral que Saussure quis estabelecer.

Abstract

The richness and the complexity of Ferdinand de Saussure’s linguistic thought do not fit into a synthetic exposition of a few pages; at most, one can try to provide an idea of the ‘project’ of general linguistics, designed and implemented by Ferdinand de Saussure, which remained unfinished. This project crystallized into a text published after the author’s death, the *Course in General Linguistics*, the posthumous landmark of a brilliant career, but, at the same time, the starting point of a vast current of ‘saussurismo’ (cf. A.-J. Greimas’ article, “L’actualité du saussurisme” [The present-day relevance of Saussurism], *Le français moderne* 24.3:191-203, 1956). The present text, of modest ambitions, proposes to clarify and understand – following the intellectual path of Ferdinand de Saussure – the objective, the scope, the (cognitive and ideological) load and the ‘architecture’ of the general linguistics that Saussure wanted to establish.

¹Tradução de Cristina Altman do original francês «*Le Cours de linguistique générale: Histoire et structure*», *Ms inédito*. A menos que expressamente indicado o nome de outro tradutor, as traduções das citações, comentários e exemplos são de CA.

²Partes deste texto foram objeto de seminários e de exposições feitas na Sorbonne (a convite de André Joly), na *École Pratique des Hautes Études* (a convite de Claude Hagège), em Liège e em Louvain. Nós nos asseguramos de não sobrecarregar o texto com notas e digressões técnicas demais, nem com referências bibliográficas. Para os leitores que desejarem informações gerais sobre Saussure e o *CLG*, preparamos um pequeno dossiê (“Ferdinand de Saussure e o *Curso de linguística geral*: Uma orientação bibliográfica”, neste volume); as abreviações *CLG* e *CLG/E* remetem respectivamente à edição de 1916 do *Curso de linguística geral* e à edição crítica do *Curso* de Rudolf Engler.

1. A entrada pela história individual

Em agosto de 1872, um jovem de 14 anos inseria, na carta que acompanhava o envio de um manuscrito, a seguinte confissão: «J'ai toujours eu la rage de faire des systèmes avant d'avoir étudié les choses par le détail» [Sempre tive raiva de fazer sistemas antes de ter estudado estudar as coisas em detalhe.]” A carta e o manuscrito eram dirigidos à Adolphe Pictet (1799-1875), autor de uma obra intitulada *Origines indo-européennes* (1859), que constitui um trabalho pioneiro no domínio da ‘paleontologia linguística’, estudo da origem e da evolução de uma civilização através dos seus traços linguísticos. O manuscrito em questão era o *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines* [*Ensaio para reduzir as palavras do grego, do latim e do alemão a um pequeno número de raízes*], conservado hoje em Harvard. Este *Ensaio* constitui uma tentativa audaciosa de reduzir o inventário de consoantes do indo-europeu primitivo a três grupos de sons: labial, dental e palato-velar; ao mesmo tempo, ele contém o esboço de uma semântica geral, prototípica, em torno de unidades nucleares de sentido. O juvenil autor do *Ensaio* era um genebrino, nascido em uma família de sábios e artistas, que portava o nome de Ferdinand-Mongin de Saussure. Seu bisavô, Horace-Bénédict de Saussure, professor de filosofia e de ciências naturais em Genebra, ficou célebre pela sua escalada do *Mont Blanc*, seu avô Nicolas-Théodore foi um renomado físico e químico a quem se deve, em geologia, a denominação da *saussurite*; seu pai Henri, geólogo de formação, tinha participado de expedições nas Antilhas e no México. Ele, Ferdinand de Saussure, iria explorar outras terras: as das línguas.

No mesmo ano em que enviou seu *Ensaio* a Pictet – um amigo da família, que iria imediatamente dar ao jovem Saussure o conselho de fundamentar melhor suas especulações – Ferdinand descobre, ao longo de uma aula de grego no *Collège* público de Genebra, a existência de uma nasal silábica, ou sonante; a descoberta ficou confinada à sala de aula do colégio.

A vocação linguística, despertada precocemente, leva Saussure a suspender as aulas de física e química, disciplinas nas quais ele se inscreveu em 1875 na Universidade de Genebra, e a se nutrir dos trabalhos dos filólogos, primeiro em Genebra, em seguida, em Leipzig. Em 1877, ele escreveu seus primeiros artigos de linguística, que enviou a Paris, onde foram publicados nos *Mémoires de la Société de Linguistique*.

Em Leipzig, o jovem suíço mergulhou na Meca da gramática comparada: era lá que ensinavam Curtius, Hübschmann, Osthoff, Windisch, Leskien, Braune, e foi lá que nasceu o grupo dos *Junggrammatiker*, ou *neogramáticos*, em volta de Leskien, Brugmann et Osthoff. Estes ‘jovens turcos’³ da gramática comparada se opunham às abordagens psicológicas e biológicas da linguagem, e se ocupavam das suas leis evolutivas, ligadas ao mecanismo articulatorio: donde o interesse conferido às evoluções fonéticas e à sua base fisiológica. O argumento de peso a favor dos neogramáticos é que foram capazes de identificar e formular leis fonéticas (*Lautgesetze*). Sua ação seria universalmente idêntica: trata-se, pois, do princípio do *uniformitarianismo* que subjaz à prática dos comparatistas.

³Os Neogramáticos [Alemão: “*Junggrammatiker*”, literalmente “jovens gramáticos”] podem, de fato, ser considerados ‘*young Turks*’, porque esta nova geração de jovens comparatistas desafiava os princípios e as técnicas dos seus mestres, i.e., ‘a geração mais antiga’. O termo *Junggrammatiker* foi introduzido como um apelido –provavelmente com uma leve intenção polêmica, mas não hostil– por Friedrich Zarncke, professor de Filologia germânica em Leipzig (a partir do modelo *Junge Deutschland*, ‘jovem Alemanha’), em referência às suas colocações ‘revolucionárias’ e antagonicas.

Ferdinand de Saussure preparou em Leipzig um trabalho que chocaria seus anfitriões alemães. Ironia da história, poder-se-ia dizer, porque qual não foi a amargura do jovem suíço quando, chegando a Leipzig, Hübschmann lhe pediu opinião sobre um artigo, aclamado como revolucionário, que Brugmann acabara de publicar em 1876; o título era “Nasalis sonans” [Nasais sonantes] e sua matéria, inovadora, era aquela que o colegial de Genebra havia descoberto alguns anos antes. A decepção – registrada por Saussure nos seus *Souvenirs* [Lembranças] autobiográficos – tivera entretanto um lado positivo: o da tomada de confiança. Aos 21 anos, Ferdinand de Saussure estava consciente da sua capacidade como comparatista e como linguista geral. Em dezembro de 1878, apareceu seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* [Dissertação sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias], publicação datada oficialmente de 1879. Este trabalho instaurou um quadro de trabalho radicalmente novo, no qual a gramática comparada foi capturada na sua verdadeira natureza: a de um sistema de relações entre unidades que se atribui a uma proto-língua, através do jogo de correspondências entre fatos observados em estados de línguas historicamente dispersos.

No centro deste trabalho está o conceito de *relação*: porque o sistema se funda sobre relações de solidariedade. Partindo de um exame do estatuto da vogal *a*, Ferdinand de Saussure reconstruiu o sistema vocálico inteiro.

Estudar as formas múltiplas sob as quais se manifesta o que se denomina o *a* indo-europeu, tal é o objeto imediato deste opúsculo: o restante das vogais só será levado em consideração na medida em que os fenômenos relativos ao *a* apresentarem oportunidade. Mas se, ao final do campo assim circunscrito, tendo o quadro do vocalismo europeu se modificado pouco a pouco sob nossos olhos de modo tal que nós o vejamos se agrupar inteiro em torno do *a* e assumirmos face a ele uma nova atitude, fica claro que, de fato, é o sistema das vogais no seu conjunto que terá entrado no raio da nossa observação e [é esse sistema] cujo nome deve se inscrever na primeira página. (*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, p. 1).⁴

As contribuições do *Mémoire* foram múltiplas: de um lado, confirmou a existência de uma série de nasais e de líquidas sonantes. De outro, estabeleceu o sistema vocálico do indo-europeu, constituído de quatro timbres (*a, e, i, o*). Mas sua contribuição mais inovadora residiu na postulação de uma série de coeficientes sonânticos, elementos abstratos reconstruídos que permitiam dar conta de alternâncias do tipo skt. *dadāmi, ditam*, gr. *didōmi*, lat. *stāre, status*. Estes coeficientes sonânticos seriam interpretados como laringais por Fick, Möller et Pedersen, entre 1880 et 1893, e a decifração de textos hititas trouxe a confirmação ‘empírica’ da hipótese de Saussure. Em 1927, um artigo de J. Kuryłowicz (“*S indo-européen et h hittite*”), consagrou definitivamente, com quase 50 anos de distância, a intuição geral de Saussure. Foi, aliás, a teoria dos coeficientes sonânticos que fundou, no *Mémoire*, a teoria da raiz

⁴ «Etudier les formes multiples sous lesquelles se manifeste ce qu'on appelle l'*a* indo-européen, tel est l'objet immédiat de cet opusculé: le reste des voyelles ne sera pris en considération qu'autant que les phénomènes relatifs à l'*a* en fourniront l'occasion. Mais si, arrivés au bout du champ ainsi circonscrit, le tableau du vocalisme indo-européen s'est modifié peu à peu sous nos yeux et que nous le voyions se grouper tout entier autour de l'*a*, prendre vis-à-vis de lui une nouvelle attitude, il est clair qu'en fait c'est le système des voyelles dans son ensemble qui sera entré dans le rayon de notre observation et dont le nom doit être inscrit à la première page».

indo-europeia, problema que seria retomado – na tradição de Saussure – por Emile Benveniste, em 1935.

O *Mémoire* é mais uma obra de linguística geral do que de gramática comparada: nela, Saussure demonstra, sobretudo, o fundamento relacional de qualquer sistema linguístico e põe em evidência a interação entre o plano fonético e o plano morfológico. Tudo isso explica, sem dúvida, porque o *Mémoire* não foi apreciado de jeito nenhum – se é que foi compreendido – pelos comparatistas alemães, na época da sua publicação.

Esta é talvez a razão pela qual Ferdinand de Saussure optou por um assunto mais filológico na sua tese de doutorado, defendida em 1880, depois de uma estada em Berlim: este trabalho, intitulado *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* [*Sobre o emprego do genitivo absoluto em sânscrito*], é muito menos revolucionário do que o *Mémoire*, mas nele se observa, todavia, que a linguística geral não está ausente: seu objetivo era mostrar que o genitivo é uma entidade definida por oposições com outros elementos do sistema e que ele se integra em uma rede de relações. Esta tese sobre o genitivo absoluto em sânscrito é o último grande trabalho que Saussure publicou: ela fecha seu périplo alemão, e marca sua passagem para novas explorações.

Em setembro de 1880, Ferdinand de Saussure chegou em Paris, onde durante um ano seguiu aulas na *École Pratique des Hautes Études*. Michel Bréal (1832-1915), professor de gramática comparada na *École* e no *Collège de France*, reconheceu imediatamente as qualidades de seu aluno genebrino e o fez nomear, em outubro de 1881, professor de gótico e velho-alto-alemão, na *École*. Durante 10 anos, Saussure aí deu o melhor de si, ensinando línguas germânicas, mas também lituano – língua que ele estudou *in loco* – sânscrito e gramática comparada. Na *École* ele formou futuros mestres como Antoine Meillet, Paul Passy, Maurice Grammont, Joseph Vendryes et Ferdinand Lot. Os relatórios anuais sobre as conferências nos dão informações sobre a concepção das aulas, sobre o conhecimento que ele transmitiu aos alunos. Estes tinham sua cota semanal de exercícios, que Saussure corrigia com cuidado, mas também sem piedade. Ele exigia dos seus alunos a mais estrita precisão.

No seu ensino, Saussure foi atento a questões de teoria: o relatório sobre as aulas de 1885-1886 nos informa que o conferencista abordou alguns aspectos do 'método linguístico e da vida da linguagem'.

Em 1891, Saussure deixou Paris, depois de ter ensinado durante 10 anos na *École des Hautes Études* e depois de assídua atividade, como secretário, junto à *Société de linguistique de Paris*, para assumir um cargo em Genebra. De volta à sua cidade natal, lecionou primeiro um curso de história e comparação das línguas indo-europeias, se ocupando sobretudo do sânscrito, do grego e do latim, e das línguas germânicas. A este curso ele acrescentou aulas de lituano, de geografia linguística e de versificação francesa. Mas, ao mesmo tempo, ele estabeleceu uma reflexão sobre linguística geral. Reflexão psicologicamente ambígua, porque, de um lado, Saussure sentiu necessidade de redefinir o quadro teórico da linguística mas, de outro, ele estava consciente da dificuldade que existia em propor uma 'classificação lógica dos fatos linguísticos'. Em uma carta de 4 de janeiro de 1894, dirigida a Antoine Meillet (1866-1936), ele expressou seu mal estar:

Mas eu estou bastante desgostoso de tudo isso e da dificuldade que há, em geral, de escrever dez linhas que sejam, que façam sentido em matéria de fatos de linguagem. Preocupado sobretudo desde há muito tempo com a classificação lógica destes fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais os tratamos, eu

vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista *o que ele faz*, reduzindo cada operação à categoria a que se destina e, ao mesmo tempo, a imensa variedade de tudo o que se pode fazer finalmente em linguística (...)

Isto terminará, contra minha vontade, em um livro em que, sem entusiasmo, eu explicarei porque não há um único termo utilizado em linguística ao qual eu atribua algum significado. E não é senão depois disso, confesso, que poderei retomar meu trabalho do ponto em que o tiver deixado. (carta à Antoine Meillet, 4/1/1894, citada em E. Benveniste, «Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet», *CFS* 21, 1964, p. 95).⁵

2. O eixo dos problemas

De fato, isso terminaria em um livro, publicado três anos depois da morte de Saussure: antes de falar deste livro – o *Curso de linguística geral* – convém se debruçar um pouco sobre o mal estar e a incerteza de Saussure. Do eixo pessoal, aquele dos interesses individuais, é necessário se deslocar em direção ao objeto: porque, se havia para Ferdinand de Saussure uma dificuldade real de escrever dez linhas razoáveis em matéria de linguística geral, é porque seu estatuto mesmo era rather: porque seu estatuto mesmo era mais que problemático na sua época.

É essencial se dar conta do fato de que o objeto próprio da linguística geral levou muito tempo para se definir. Antes do século XIX, o conceito mesmo de linguística⁶ não existia: o termo, traduzido do alemão, foi introduzido no uso francês em 1812 por Gabriel Henry. *Le Grand Robert de la langue française. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française* o data, erroneamente, de 1826, identificando-o no texto de Adrien Balbi (1781-1848) (*Atlas ethnographique du globe*), onde se lê:

Estava reservado a esta época única nos anais do Mundo, em que o espírito humano parece avançar a passos largos na direção mais elevada do seu desenvolvimento (...) ver o estudo das línguas, sob o nome de filologia etnográfica, exercer o importante papel que lhe era devido pela multiplicidade de fatos novos que reuniu e pela profusão de aplicações úteis que soube fazer disso. Esta ciência nova, que os alemães, por uma denominação mais exata e muito mais conveniente, chamam de *linguística* [...] se dividiu em duas partes distintas, a saber: o estudo prático das línguas e o estudo comparativo; todos os dois oferecerem àqueles que os cultivam convenientemente resultados da maior utilidade e da maior importância (A. Balbi, *Atlas ethnographique du globe*, Paris, 1826, t. I, p. X).⁷

⁵ «Mais je suis bien dégoûté de tout cela et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste *ce qu'il fait*, en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue, et en même temps l'assez grande variété de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique (...) Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé».

⁶ Sobre a história do termo *linguística*, ver G. Moldenhauer, «Notas sobre el origen y la propagación de la palabra 'linguistique' (> lingüística) y términos equivalentes», *Anales del Instituto de Lingüística (Universidad nacional del Cuyo, Mendoza)* 6, 1957, p. 430-444; P. Swiggers, «A Note on the History of the Term *Linguistics*», *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* 6, 1966, p. 1-17.

⁷ «Il était réservé à cette époque unique dans les annales du Monde, où l'esprit humain paraît s'avancer à grands pas vers le point le plus élevé de son développement (...) de voir l'étude des langues, sous le nom

Este texto de Balbi, autor de um ensaio de classificação geográfica (e genética) das línguas, permite capturar um fato essencial da disciplina ‘linguística’: seu objeto é reconstituído pela evolução mesma pela evolução mesma (??) de uma prática (diversificada). Prática que é primeiro um conhecimento prático. Note-se que o termo *linguista* é anterior de quase dois séculos ao termo *linguística*: atestado no texto do gramático estrasburguês Daniel Martin (que se designa como ‘linguista’ [escrevendo em latim, ele utiliza o termo latino: *linguista*], em 1632, na sua *Grammatica Gallica*), o termo não tem outro sentido senão o de ‘preceptor de línguas’, ou ‘professor de língua’. É, aliás, um sentido que o termo conservou em francês: o *Grand Robert de la langue française* dá como exemplo «Les historiens et les linguistes d’un lycée». [Os historiadores e os linguistas de um liceu], e acrescenta: «Dans l’usage courant, *linguiste* désigne parfois toute personne remarquable par sa connaissance des langues (traducteur, interprète, professeur ou encore polyglotte)» [No uso corrente, *linguista* designa às vezes toda pessoa notável pelo seu conhecimento de línguas (tradutor, intérprete, professor ou ainda poliglota)].

Desta existência secular como prática, a *linguística* guardou um traço fundamental: sua estreita associação com a *gramática*. A associação se justifica ao menos por duas razões: de uma parte, a gramática é o estudo das estruturas fundamentais das línguas, em relação à sua dupla articulação (em morfemas e em fonemas) e em relação às possibilidades de combinação significativa destas unidades; de outra parte, o projeto mesmo da gramática geral é fundamentalmente um projeto de linguística geral, dado que se interessa pelos traços gerais (e específicos – porque a gramática geral engloba as gramáticas particulares) de todas as línguas. Esta associação se rompeu no século XIX por causa da emergência da gramática histórico-comparativa. Em 1826, Adrien Balbi adotou ainda uma posição ambígua, conciliadora talvez; mas, na segunda metade do século XIX, o conceito de ‘linguística’ seria definido em relação à única prática considerada científica: a da gramática comparada. Nesta ótica, a linguística se debruçou sobre a história das línguas, e sua autonomia se justificava pelas luzes que ela lançava, não tanto sobre a origem da linguagem, mas sobre a evolução das línguas.

A linguística fala ao homem dele mesmo: ela lhe mostra como ele construiu, como ele aperfeiçoou, através de obstáculos de qualquer natureza (...) o mais necessário instrumento de civilização. Cabe-lhe também dizer por que meios esta ferramenta que nos foi confiada, e da qual somos responsáveis, se conserva ou se altera (M. Bréal, *Essai de sémantique*, Paris, 1897, p. 7-8).⁸

Esta passagem figura no começo da obra de M. Bréal intitulada *Essai de sémantique* (1897); este texto, cujo autor era quem havia introduzido a ciência linguística alemã na França, dava uma nova orientação aos estudos diacrônicos. Bréal, que entende por ‘semântica’ a análise do conteúdo de todos os elementos e níveis de lingua-

de philologie ethnographique, jouer le rôle important qui lui était dû par la multiplicité des faits nouveaux qu’elle a rassemblés et par la foule d’utiles applications qu’elle en a su faire. Cette science nouvelle, que les Allemands, par une dénomination plus juste et beaucoup plus convenable, appellent *linguistique* [...] est partagée en deux parties distinctes, savoir: l’étude pratique des langues et leur étude comparative; elles offrent toutes les deux à ceux qui les cultivent convenablement des résultats de la plus grande utilité et de la plus haute importance».

⁸ «La Linguistique parle à l’homme de lui-même: elle lui montre comment il a construit, comment il a perfectionné, à travers des obstacles de toute nature (...) le plus nécessaire instrument de civilisation. Il lui appartient de dire aussi par quels moyens cet outil qui nous est confié et dont nous sommes responsables, se conserve ou s’altère».

gem, portanto lexicais e gramaticais, se propõe a estudar as causas profundas da mudança linguística: a orientação *histórica* é, pois, sempre o ponto de partida, mas a história não é o fundamento último. Para Bréal, é a vontade inteligente que comanda a evolução das línguas e que é responsável pelos diferentes mecanismos de mudanças (*lei de repartição, analogia, lei de especialidade, falsa percepção*). A mudança linguística resulta, pois, de uma ‘mobilidade’ mais profunda, situada em um nível intelectual coletivo. Esta mobilidade é sempre orientada:

É necessário representá-la sob a forma de milhares, de milhões, de bilhões de tentativas, frequentemente mal sucedidas, algumas vezes seguidas de um pequeno sucesso, de um meio-sucesso que, assim orientadas, assim aperfeiçoadas, acabam por se precisar em uma certa direção (M. Bréal, *Essai de sémantique*, Paris, 1897, p. 7-8).⁹

O texto de Bréal é um elo importante na história da linguística, porque ele insiste sobre o fato de que o modelo neogramático, que toma por domínio a explicação de *formas* linguísticas, é estreito demais: não se pode dissociar o estudo das formas das palavras do da sua função.

À crítica de Bréal se juntava uma outra, que não concernia o domínio da explicação, mas da pertinência da explicação fornecida pelo modelo neogramático: esta crítica vinha dos dialetólogos ou dos linguistas que se interessavam pelos fenômenos da variação diastrática e do contato ente línguas. A formulação mais coerente desta crítica se encontra em Hugo Schuchardt (1842–1927), um linguista que se ocupou das línguas românicas (particularmente dos problemas de etimologia, e da fonética do latim vulgar), das línguas caucasianas, bérberes, do basco, do húngaro, e que é considerado o pai da criolística. Para Schuchardt, a abordagem das línguas devia ser, por necessidade, uma abordagem (de) linguística geral, que se interessasse pelos processos linguísticos: „ich betrachte die Gleichartigkeit der Vorgänge welche sich in der Entwicklung der Sprachen vollziehen, als das Wesentliche“ [Considero essencial a similaridade dos processos que se realizam no desenvolvimento das línguas] (H. Schuchardt, „Romano-magyarisches“, *Zeitschrift für romanische Philologie* 1891, p. 116).¹⁰

Nada de separação, pois, entre linguística românica, linguística germânica, ou outra: do particular ao geral, há uma relação de continuidade.

A linguística românica é, na sua acepção adequada, uma disciplina acadêmica, não uma ciência autônoma. Enquanto tal, apenas a Linguística pode reivindicar esse estatuto. Assim, não temos várias linguísticas, pois, do contrário teríamos milhares e milhares delas, entrelaçadas umas às outras, (...). Poderíamos compará-las a uma álgebra que se concretiza em incontáveis cálculos, caso fosse possível distinguir claramente o particular do geral. Mas, o mais particular é algo que se relaciona com o mais geral através de um encadeamento sólido.

Romanista é apenas um outro rótulo externo; no que diz respeito ao âmag da profissão, é-se um linguista — ou não se é. A um linguista nunca faltam meios: para cada caminho que se lhe fecha, abrem-se centenas de novas passagens; seguindo seus impulsos externos ou internos, ele pode dar uma volta do egípcio ao

⁹ «Il faut se la représenter sous la forme de milliers, de millions, de milliards d'essais entrepris en tâtonnant, le plus souvent malheureux, quelquefois suivis d'un quart de succès, d'un demi-succès et qui, ainsi guidés, ainsi perfectionnés, vinrent à se préciser dans une certaine direction».

¹⁰ Trad. de Marcelo Moreira e João Azenha, com a colaboração de Pierre Swiggers.

celta, ou do eslavo ao atabascano - quer dizer, ele pode trocar de cavalo, mas a sela permanece a mesma. (H. Schuchardt, *Aus dem Herzen eines Romanisten*, Graz, 1915, p. 11sv.).¹¹

Em 1885, em um panfleto intitulado *Über die Lautgesetze* [*Sobre as leis fonéticas*], Schuchardt critica a tese dos neogramáticos segundo a qual as leis fonéticas exercem seu império com uma necessidade cega, no interior de um mesmo dialeto, e no interior de um mesmo período. Schuchardt observa que a necessidade não pode ser absoluta, visto que os fatores fisiológicos e os fatores psicológicos se combinam (a analogia repousa precisamente sobre esta interação); além do mais, as leis fonéticas são circunscritas no tempo e no espaço, e na escala espacial se é confrontado com uma intersecção de fenômenos: o dialeto puro não existe¹², visto que em todo o falar há interferências. Qualquer dialeto é, pois, marcado pela heterogeneidade, por causa dos contatos entre dialetos e por causa das diferenças de idade, de sexo e de educação. Enfim, não há corte sincrônico puro: todo período é uma etapa de transição, e a divisão em pedaços não tem senão um valor muito relativo.

Todo estágio da língua é um estágio de transição, cada qual tão normal quanto qualquer outro. O que vale para o conjunto, vale também para o caso singular. Não posso conceber a língua como uma justaposição de leis fonéticas completas

¹¹ „Die romanische Sprachwissenschaft ist, ihrer Begrenzung nach, ein Universitätsfach, keine Einzelwissenschaft. Als solche kann nur die Sprachwissenschaft schlechthin gelten; wir haben keine Sprachwissenschaften, sonst hätten wir deren tausend und abertausend, vielfach ineinandergeschachtelte (...) Wir könnten sie der in zahllosen bestimmten Rechnungen sich verkörpernden Algebra vergleichen, wenn das Besondere sich vom Allgemeinen scharf abhobe; aber das Besonderste ist vielmehr durch eine stetige Folge mit dem Allgemeinen verbunden (...). Romanist ist nur ein äusseres Kennzeichen; dem innern Beruf nach ist man Sprachforscher — oder man ist es nicht. Einem Sprachforscher kann es nie fehlen; für eine oder die andere Ecke die ihm versperrt wird, eröffnen sich ihm hundert neue Durchgänge; äusserem oder innerem Drang folgend sattelt er um, vom Ägyptischen zum Keltischen oder vom Slawischen zum Athapaskischen, das heisst, er wechselt das Pferd, der Sattel bleibt derselbe”.

¹² Cf. também M. Bréal, *Des lois phoniques*: «Il n'y a pas de dialecte absolument pur. Toute population est mélangée, a des rapports avec ses voisins, reçoit des immigrations du dehors. Une nation n'est jamais isolée, une province non plus. Un village ne l'est pas davantage: au contraire, plus les limites se resserrent, plus les rapports extérieurs sont fréquents, les distances à franchir étant moindres et les moyens de se faire comprendre plus aisés. L'unité ne se trouve même pas dans la famille, dont les membres sont en contact avec le dehors, mais non pas tous au même degré. Enfin, arrivés à l'individu, nous constatons que l'unité de prononciation et de phonétique ne s'y trouve pas davantage, car nous ne parlons pas, nous ne prononçons pas de la même manière en parlant à un seul ou à plusieurs, quand nous sommes de sang-froid ou sous l'empire de quelque passion, dans la plénitude de nos forces ou au bout d'une journée de travail. Nous ne parlons, nous ne prononçons pas de la même manière en nous adressant à un supérieur ou à un égal, car le langage est essentiellement une oeuvre en collaboration, et notre interlocuteur y a toujours sa part. Ne dit-on pas de quelqu'un «qu'il sait parler à beaucoup de monde»? Toutes ces circonstances changent la prononciation. Il faut donc compter la pureté phonétique des dialectes parmi les chimères de la linguistique». [Não há dialeto absolutamente puro. Toda população é misturada, tem relações com seus vizinhos, recebe imigrações de fora. Uma nação não é jamais isolada, uma província muito menos. Uma aldeia tampouco: ao contrário, quanto mais os limites se fecham, mais as relações com o exterior são frequentes, as distâncias a percorrer são menores e os meios de se fazer compreender mais fáceis. A unidade não se encontra nem mesmo na família, cujos membros estão em contato com o mundo exterior, ainda que nem todos no mesmo grau. Enfim, chegando ao indivíduo, constatamos que a unidade de pronúncia e de fonética não é maior, porque nós não falamos, não pronunciamos da mesma maneira quando falamos com um [indivíduo] ou com vários, quando estamos com o sangue frio, ou sob o domínio de alguma paixão, na plenitude de nossas forças ou ao final de um dia de trabalho. Nós não falamos, não pronunciamos da mesma maneira quando nos dirigimos a um superior ou a um igual, porque a linguagem é essencialmente uma obra de colaboração, e nosso interlocutor sempre tem uma parte nisso. Não se diz de alguém “que ele sabe falar a muita gente?” Todas essas circunstâncias mudam a pronúncia. É necessário, pois, incluir a pureza fonética dos dialetos entre as quimeras da linguística.]

e incompletas; isso seria misturar concepções teleológicas à observação natural. (H. Schuchardt, *Über die Lautgesetze*, Berlin, 1885, p. 18).¹³

As críticas de Bréal e de Schuchardt mostram que, na virada do século XIX para o XX, a linguística histórico-comparativa não podia almejar um estatuto científico exclusivo; de fato, ela tinha necessidade de um ‘suplemento de alma’ teórico. Este suplemento, é a linguística geral que deveria lhe fornecer.

O projeto de linguística geral de Ferdinand de Saussure – projeto pessoal, que receberá uma base institucional, sob a forma de uma cadeira de linguística geral na Universidade de Genebra – se explica por uma situação de crise e de indigência teóricas: o objeto mesmo da linguística (a saber, a história das línguas, na ótica da época) e sua abordagem (a saber, a explicação em termos de princípios regulares que afetam entidades homogêneas) se encontram postos em causa no final do século XIX. A experiência dos *dialetos*, o fenômeno das línguas mistas, enfim, a importância de fatores não fisiológicos (‘intelectuais’ ou ‘culturais’) forçam os linguistas a se interrogar sobre *o que eles fazem*, e a estruturar – por um esforço de abstração – sua disciplina.

Ora, Saussure constata, já em 1894, que a maior parte dos linguistas não têm «la velléité de s’élever à ce degré d’abstraction qui est nécessaire pour dominer d’une part ce qu’on fait, d’autre part en quoi ce qu’on fait a une légitimité et une raison d’être dans l’ensemble des sciences» [a veleidade de atingir o grau de abstração necessário para dominar, de um lado, *o que se faz*, e de outro, o que isto que se faz tem de legitimidade e de razão de ser no conjunto das ciências]. Mas, aquele que tem coragem de se debruçar sobre essas questões encontra a dificuldade fundamental que se nos coloca quando o campo é definido em função de um tipo de trabalho, e não em função da correlação entre um *objeto* e uma *visada* analítica. Esta dificuldade é da ordem de exposição:

Há, pois, verdadeiramente, uma ausência necessária em todo o ponto de partida, e se algum leitor quiser seguir atentamente, do começo ao fim, nosso pensamento nesse volume, ele admitirá, estamos convencidos disso, que seria, por assim dizer, *impossível seguir uma ordem muito rigorosa*.

Nós nos permitimos colocar, até três ou quatro vezes, a mesma ideia sob os olhos do leitor, porque não existe realmente nenhum ponto de partida mais indicado que outro para aí fundamentar uma demonstração. (Bibliothèque de Genève, Ms. fr. 3951, nota de 1894, passagem citada em R. Godel, «Notes inédites de F. de Saussure», *CFS* 12 (1954), p. 56-57, itálicos de P.S.).¹⁴

Saussure fala aqui – em 1894 – de um livro sobre linguística geral que ele planejava escrever; este livro, ele não escreveu, mas, no decorrer nos anos 1890, amadureceu nele uma teoria sobre linguística geral, que encontraria sua expressão, remodelada através do ensino oral, no *Curso de linguística geral*.

¹³ „Jedes Stadium der Sprache ist ein Übergangsstadium, ein jedes ebenso normal wie irgend ein anderes; was vom Ganzen gilt, gilt auch vom Einzelnen. Ich darf mir nicht die Sprache als ein Nebeneinander von fertigen und unfertigen Lautgesetzen denken; das hiesse in die natürliche Betrachtung teleologische Vorstellungen einmischen.“

¹⁴ «Il y a donc véritablement absence nécessaire de tout point de départ, et si quelque lecteur veut bien suivre attentivement notre pensée d’un bout à l’autre de ce volume, il reconnaîtra, nous en sommes persuadé, qu’il était pour ainsi dire *impossible de suivre un ordre très rigoureux*. Nous nous permettons de remettre, jusqu’à trois et quatre fois, la même idée sous les yeux du lecteur, parce qu’il n’existe réellement aucun point de départ plus indiqué qu’un autre pour y fonder la démonstration».

Por três vezes, entre 1906 e 1911, Ferdinand de Saussure ministrou um *curso de linguística geral* na Universidade de Genebra.¹⁵ O título da obra publicada em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye reflete, pois, em primeiro lugar, o título de um curso universitário; mas ele corresponde, ao mesmo tempo, a um projeto que remonta dos anos 1890, que consistia em abordar os problemas fundamentais da linguística. Saussure aparece aqui tanto como um observador perspicaz da história da linguística, quanto como um pensador original e autêntico. O breve «Coup d'oeil sur l'histoire de la linguistique» [Vista d'olhos sobre a história da linguística] que abre o *Curso de Linguística Geral* tem por objetivo realçar a especificidade da linguística geral, enquanto estudo de princípios gerais. Nas notas manuscritas do *Curso*, trata-se muitas vezes de *generalização* e de *generalizar*.

Além do estudo de fatos particulares, a linguística tem por tarefa generalizar os fatos em cada uma das duas esferas sincrônica e diacrônica (fragmento inédito [n° 1657], citado em R. Engler, *Lexique de la terminologie saussurienne*, Utrecht – Anvers, 1968, s.v. *généralisation*, p. 26).¹⁶

Esses princípios gerais não foram tematizados no decurso da história da linguística, que Saussure dividia em três fases: a da gramática [normativa], a da filologia, a da gramática comparada: «La science qui s'est constituée autour des faits de langue a passé par trois phases successives avant de reconnaître quel est son véritable et unique objet» [A ciência que se constituiu em torno dos fatos de língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é seu verdadeiro e único objeto] (*CLG*, p. 13 = *CLG/E*, p. 1).

Esta frase abre o *Curso de Linguística Geral* de 1916; ela se deve em parte aos dois editores Bally e Sechehaye. A esta frase os mesmos editores fizeram corresponder a frase final do *Curso*, da qual não há o menor traço nas notas dos alunos:

Das incursões que acabamos de fazer pelos domínios limítrofes da nossa ciência, se retira um ensinamento negativo, mas especialmente interessante na medida em que reitera a ideia fundamental deste curso: *a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua tomada nela mesma e por ela mesma* (*CLG*, p. 324 = *CLG/E*, p. 515).¹⁷

Mas deve se reconhecer que o conteúdo da frase de abertura era plenamente assumido por Saussure: não somente pela continuação do primeiro capítulo que reflete o ensino do linguista genebrino, mas também por suas notas sobre Whitney e por outras notas manuscritas, ao longo dos anos 1891 até 1911, sabemos que Saussure queria erigir uma linguística geral que se distinguisse nitidamente do que seus predecessores haviam chamado de 'linguística' (ou *Sprachwissenschaft*).

¹⁵Lembremos aqui de que ele havia retomado o curso (facultativo) de linguística geral de Joseph Wertheimer, conhecido unicamente como autor de uma brochura intitulada "La linguistique", que se revelou ser um plágio do artigo *La forme et la fonction des mots* [A forma e a função das palavras] de M. Bréal. Sobre a história do curso de linguística geral na Universidade de Genebra, ver R. Godel, *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*, Genève, 1957, p. 29 nota 23.

¹⁶«À part l'étude des faits particuliers, la linguistique a pour tâche de généraliser les faits dans chacune des deux sphères synchronique et diachronique».

¹⁷«Des incursions que nous venons de faire dans les domaines limitrophes de notre science, il se dégage un enseignement tout négatif, mais d'autant plus intéressant qu'il concorde avec l'idée fondamentale de ce cours: *la linguistique a pour unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même et pour elle-même*».

O veredito que ele pronunciou, várias vezes, sobre a linguística histórico-comparativa do século XIX, era severo. No texto do *Curso*, leem-se críticas como a seguinte:

Mas esta escola [comparatista], que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a estabelecer uma verdadeira ciência linguística. Ela nunca se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de construir seu método (*CLG*, p. 16 = *CLG/E*, p. 9).

Este método exclusivamente comparativo desencadeia todo um conjunto de concepções errôneas que não correspondem em nada à realidade, e que são estranhas às verdadeiras condições de qualquer linguagem. Considerava-se a língua como uma esfera particular, um quarto reino da natureza; donde maneiras de raciocinar que teriam causado espanto em uma outra ciência (*CLG*, p. 17 = *CLG/E*, p. 11-12).¹⁸

Nas notas manuscritas, Saussure era muito menos indulgente, e criticava violentamente linguistas como August Schleicher (1821-1868) ou Abel Hovelacque (1843-1896).

Um segundo ponto que causa espanto <é ver que> quando finalmente essa ciência parece <vencer> seu torpor, ela desemboca no ensaio risível de Schleicher, que se afunda no seu próprio ridículo. O prestígio de Schleicher, por ter simplesmente *tentado* dizer alguma coisa de geral sobre a língua foi tal que ele parece ser uma figura incomparável <ainda hoje> na história dos estudos linguísticos, vemos linguistas assumirem ares comicamente graves, quando se trata desta grande figura (Bibliothèque de Genève, Ms. Fr. 3297 [N 10] ; cf. *CLG/E*, p. 8).¹⁹

Em reação a esta linguística *falsamente* geral, Saussure quis elaborar uma linguística *propriamente* geral, que mostra ao linguista o que ele faz e que define o estatuto científico do seu trabalho. Por esta reflexão, ele se insere na linhagem do linguista americano William Dwight Whitney (1827-1894), a propósito de quem escreveu:

Das diferentes tentativas que, entre os anos 1860 e 1870, procuraram pela primeira vez extrair dos resultados acumulados pela gramática comparada [...] alguma coisa de geral sobre a linguagem, todas foram abortadas, ou não tinham valor global, exceto a de Whitney, que desde o início estava na direção certa, e só necessita hoje ser pacientemente seguido. Em termos de data, ele foi o primeiro

¹⁸ «Mais cette école [comparatiste], qui a eu le mérite incontestable d'ouvrir un champ nouveau et fécond, n'est pas parvenue à constituer la véritable science linguistique. Elle ne s'est jamais préoccupée de dégager la nature de son objet d'étude. Or, sans cette opération élémentaire, une science est incapable de se faire une méthode».

«Cette méthode exclusivement comparative entraîne tout un ensemble de conceptions erronées qui ne correspondent à rien dans la réalité, et qui sont étrangères aux véritables conditions de tout langage. On considérait la langue comme une sphère particulière, un quatrième règne de la nature; de là des manières de raisonner qui auraient étonné dans une autre science».

¹⁹ «Un second sujet d'étonnement <sera de voir que> lorsqu'enfin cette science semble <triompher> de sa torpeur, elle aboutisse à l'essai risible de Schleicher, qui croule sous son propre ridicule. Tel a été le prestige de Schleicher pour avoir simplement *essayé* de dire quelque chose de général sur la langue, qu'il semble que ce soit une figure hors pair <encore aujourd'hui> dans l'histoire des études linguistiques, et qu'on voit des linguistes prendre des airs comiquement graves, lorsqu'il est question de cette grande figure».

que soube não tirar conclusões absurdas sobre a Linguagem do trabalho com a gramática (Bibliothèque de Genève, Ms. fr. 3297 [N 10]; cf. *CLG/E*, fasc. 4, p. 22).²⁰

A vida humana não escapa da fatalidade: *contra a própria vontade*, Ferdinand de Saussure se dedicou à linguística geral, quando, em dezembro de 1906, aceitou assumir o curso de Wertheimer sobre linguística geral. Foi assim que o eixo pessoal e o eixo dos problemas se cruzaram institucionalmente: fato que convém analisar agora.

3. Os cursos e o *Curso*

Estudar esse cruzamento é estudar a história e a estrutura do *Curso de Linguística Geral*. Falaremos primeiro dos cursos orais – o plural faz todo o sentido aqui – ministrados por Ferdinand de Saussure, e em seguida, do *Curso* publicado em 1916 e dos seus avatares.

Primeiro, os cursos orais. Saussure ministrou três, em Genebra, em 1906-1907, em 1908-1909, e em 1910-1911. Seu conteúdo não foi idêntico e a disposição das matérias mudou de um curso a outro. O primeiro curso, antes de mais nada, foi consagrado à linguística externa, isto é, à história das línguas e à mudança linguística. O segundo curso foi construído a partir de um plano *dedutivo*: passou-se da definição do objeto da linguística a uma divisão das abordagens linguísticas (interna/ externa; sincrônica/ diacrônica), para se chegar a um exame histórico da linguística e das línguas indo-europeias. O terceiro curso apresentou uma organização complexa: Saussure apresentou primeiro um histórico do estudo da linguagem. Esta retomada histórica foi seguida de um recuo tipológico e histórico em relação às línguas; está-se, pois, no domínio da ‘linguística externa’. Não foi senão na segunda parte deste curso que Saussure abordou os problemas de linguística interna: a definição da língua e das suas unidades, e o duplo estatuto da linguística em relação ao eixo do tempo.

Acabamos de falar de *linguística externa* e de *linguística interna*, mas o que querem dizer esses termos? Lê-se no texto do *Curso* que é interno somente aquilo que diz respeito ao sistema, e que a linguística externa se ocupa de tudo o que concerne à língua sem entrar no seu sistema, como, por exemplo, a história da expansão de uma língua, o nascimento de uma língua literária. Mas a diferença essencial, para Saussure, é que a linguística externa não tem uma ordem própria: ela pode se acomodar perfeitamente a uma simples enumeração. A linguística interna, por outro lado, é um «système qui ne connaît que son ordre propre» [‘sistema que não conhece senão sua ordem própria’]. Na linguística externa, pode-se acumular detalhes; na linguística interna, lida-se com sistemas de valores, que não admitem senão um único procedimento coerente.

Os três cursos orais mostram que Saussure hesitava, no exercício didático, entre uma apresentação que partisse da linguística interna (como no curso de 1908-1909), e uma organização orientada a partir da linguística externa (como no terceiro curso). Esta hesitação, Saussure a explicitou em uma conversa com Albert Riedlinger (1883-1978):

²⁰ «Des différentes tentatives qui pour la première fois tendaient entre les années 1860 et 1870 à dégager de la somme des résultats accumulés par la grammaire comparée [] quelque chose de général sur le langage, toutes étaient avortées ou sans valeur d'ensemble, sauf celle de Whitney, qui du premier coup était dans la direction juste, et n'a besoin aujourd'hui que d'être patiemment suivi. Il est en date le premier qui ait su ne pas tirer des conclusions absurdes sur le Langage de l'œuvre de la grammaire».

O que torna o assunto difícil é que se pode abordá-lo, como certos teoremas de geometria, de vários lados; todos são corolários uns dos outros em linguística estática: que se fale de unidades, de diferenças, de oposições, etc., tudo acaba no mesmo. A língua é um sistema fechado, e a teoria deve ser um sistema tão fechado quanto a língua. Este é um ponto difícil, porque não é suficiente colocar em sequência uma e outra das afirmações, das visões sobre a língua; o ponto é coordená-las em um sistema. Seria necessário começar pela linguística diacrônica; o sincrônico deve ser tratado por ele mesmo; mas sem a oposição perpétua com o diacrônico, não se chega a nada: os gramáticos antigos tentaram inutilmente fazer a linguística estática sem se arriscar a confundir os pontos de vista, mas a que eles chegaram! (conversa com A. Riedlinger, 19/1/1909, citado por R. Godel, *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*, 1957, p. 29-30).²¹

Os cursos orais de Saussure **não coincidem** com o *Curso* publicado em 1916: o *CLG*, cujo texto foi preparado por Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946), professores em Genebra, a partir de uma comparação das notas escritas pelos alunos.²² É preciso sublinhar aqui que Bally e Sechehaye não estavam entre os ouvintes dos cursos de linguística geral. O objetivo dos editores, auxiliados por Albert Riedlinger – presente nos dois primeiros cursos – era, nas suas próprias palavras:

Tentar uma reconstrução, uma síntese, tomando o terceiro curso como base, utilizando todos os materiais que tínhamos à disposição, aí inclusas as notas pessoais de F. de Saussure. Tratava-se, pois, de uma recriação, difícil porque deveria ser inteiramente objetiva; em cada ponto, penetrando até o fundo de cada pensamento particular, era necessário, à luz do sistema inteiro, tentar vê-la em sua forma definitiva, extraíndo as variações, as hesitações inerentes à aula falada, e depois encaixá-la no seu meio natural, todas as partes sendo apresentadas em uma ordem compatível com a intenção do autor, mesmo que essa intenção fosse mais adivinhada do que manifesta (*CLG*, p. 9).²³

Reconstrução objetiva? É preciso colocar a questão e tentar respondê-la. Notemos primeiro que, se Bally e Sechehaye consultaram frequentemente a versão das notas dos alunos presentes no terceiro curso, eles, contudo, alteraram a ordem de exposição: no curso oral de 1910-1911 *as línguas* foram tratadas antes da *língua*. No

²¹ «Ce qui fait la difficulté du sujet, c'est qu'on peut le prendre, comme certains théorèmes de géométrie, de plusieurs côtés; tout est corollaire l'un de l'autre en linguistique statique: qu'on parle d'unités, de différences, d'oppositions, etc., cela revient au même. La langue est un système serré, et la théorie doit être un système aussi serré que la langue. Là est le point difficile, car ce n'est rien de poser à la suite l'une de l'autre des affirmations, des vues sur la langue; le tout est de les coordonner en un système. Il faudrait commencer par la linguistique diachronique; le synchronique doit être traité pour lui-même; mais sans l'opposition perpétuelle avec le diachronique, on n'aboutit à rien: les grammairiens anciens ont eu beau jeu de faire de la linguistique statique et ne risquaient pas de confondre les points de vue, mais à quoi sont-ils arrivés!».

²² Ver a excelente edição, com introdução e notas, da transcrição preparada por Sechehaye (= Bibliothèque de Genève, Cours univ. 432-433): E. Sofia, *La «Collation Sechehaye» du 'Cours de linguistique générale' de Ferdinand de Saussure*, Leuven – Paris – Bristol, 2015.

²³ «tenter une reconstruction, une synthèse, sur la base du troisième cours, en utilisant tous les matériaux dont nous disposions, y compris les notes personnelles de F. de Saussure. Il s'agissait donc d'une récréation, d'autant plus malaisée qu'elle devait être entièrement objective; sur chaque point, en pénétrant jusqu'au fond de chaque pensée particulière, il fallait, à la lumière du système tout entier, essayer de la voir sous sa forme définitive en la dégageant des variations, des flottements inhérents à la leçon parlée, puis l'enchaîner dans son milieu naturel, toutes les parties étant présentées dans un ordre conforme à l'intention de l'auteur, même lorsque cette intention se devinait plutôt qu'elle n'apparaissait».

CLG, a *língua* foi tratada antes das *línguas*. Mas Bally e Sechehaye não somente alteraram a estrutura do *Curso*: eles também modificaram certas distinções conceituais. Assim, o texto editado do *CLG* nos apresenta a *langue* como a “parte social da linguagem” e a *parole* como “um ato individual de vontade e de inteligência”. Eis o que nos dizem as notas de Riedlinger, tomadas no segundo curso:

Dessas duas esferas, a esfera da *parole* é a mais social, a outra é a mais completamente individual. A *langue* é o reservatório individual; tudo o que entra na *langue*, ou seja, na cabeça, é individual (...) Dizer que tudo o que se produz de novo é criado no momento do discurso, é dizer ao mesmo tempo que é do lado social da linguagem que tudo se passa. Por outro lado, bastará tomar a soma dos tesouros individuais de língua para ter a *langue*. A rigor, tudo o que se considera na esfera interior do indivíduo é sempre social, porque não há nada que tenha aí penetrado que não tenha sido consagrado antes pelo uso de todos na esfera exterior da *parole* (notas de Riedlinger do segundo curso; cf. R. Engler, *Lexique de la terminologie saussurienne*, Utrecht – Anvers, 1968, s.v. *parole*, p. 38).²⁴

O texto do *CLG* publicado em 1916 é, pois, uma *reconstrução*, bem executada, mas que nem sempre reflete o ensino oral de Saussure. Isso se tornou muito claro em 1957, quando Robert Godel (1902-1984) publicou as *Sources manuscrites* do *Curso de linguística geral* [*Fontes manuscritas do Curso de linguística geral*], onde aproveitou as notas de Ferdinand de Saussure que datam dos anos 1890, outras notas de Saussure destinadas à preparação dos seus três cursos orais, enfim, de mais notas de estudantes, o que enriqueceu consideravelmente o *corpus* sobre Saussure. As *Sources manuscrites* de Godel oferecem uma descrição dos materiais inéditos disponíveis e desenvolvem uma reflexão sobre os problemas de interpretação. Mas, foi necessário esperar o trabalho monumental de Rudolf Engler (1930-2002) para dispormos de uma edição crítica do *Curso*. Esta edição, publicada entre 1968 e 1974 e designada pela sigla *CLG/E*, se apresenta em seis colunas (em página dupla, página da esquerda e página da direita). Coloquei uma amostra em anexo. A primeira coluna mostra o texto do *Curso* editado por Bally e Sechehaye em 1916, dividido em fragmentos enumerados em sequência; as colunas 2 a 6 mostram o texto das notas manuscritas: nas colunas 2 a 5 têm-se as notas dos alunos, a sexta coluna contém as notas do próprio Saussure. Estas estão identificadas pela sigla N seguida por uma remissão aos cadernos e papéis conservados na Biblioteca de Genebra. As notas dos alunos estão identificadas por números romanos, que reenviam aos respectivos cursos orais (o primeiro, o segundo ou o terceiro), e por siglas: R (para Riedlinger), Br (para Brüttsch), Ca (para Caille), G (para Gautier), B (para Boucharly), C (para Constantin), D (para Dégallier), S (para Madame Sechehaye, estudante na época) e, enfim, a sigla J (para Joseph).

Recapitulemos: falamos dos cursos orais ministrados por Saussure, do *Curso* – o texto do *CLG* (1916) – publicado por Bally e Sechehaye, e da *história* deste texto na sua confrontação com as notas manuscritas.

²⁴ «De ces deux sphères, la sphère parole est la plus sociale, l'autre est la plus complètement individuelle. La langue est le réservoir individuel; tout ce qui entre dans la langue, c'est-à-dire dans la tête, est individuel (...) Si tout ce qui se produit de nouveau s'est créé à l'occasion du discours, c'est dire en même temps que c'est du côté social du langage que tout se passe. D'autre part il suffira de prendre la somme des trésors de langue individuels pour avoir la langue. Tout ce qu'on considère en effet dans la sphère intérieure de l'individu est toujours social, parce que rien n'y a pénétré qui ne soit d'abord consacré par l'usage de tous dans la sphère extérieure de la parole».

Mas nossa narrativa – uma história que comporta uma estrutura complexa, porque reiterada com modulações – não está completa: ... há ainda um *outro* curso. É o que Saussure deixou amadurecer na sua cabeça, de 1890 a 1911. É lá que a **história** do *Curso* desemboca no problema da **estrutura**.

Este curso – ousaríamos dizer o curso *verdadeiro*? – é um trabalho de elaboração interna. Trabalho de estabelecimento de conceitos: em maio de 1911, em uma conversa com Lucien Gautier, Saussure confessou:

Estou sempre atormentado com o meu curso de linguística geral (...) Estou diante de um dilema: ou bem expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que pode não ser conveniente para um curso que deve ser matéria de exame. Ou bem fazer alguma coisa simplificada, melhor adaptada a uma audiência de alunos que não são linguistas. Mas a cada passo, escrúpulos me retêm. Para resolvê-los, eu precisaria de meses de meditação exclusiva.

Por enquanto, a linguística geral me parece como um sistema de geometria. Chega-se a teoremas que é preciso demonstrar. Ora, constata-se que o teorema 12 é, sob uma outra forma, o mesmo que o teorema 33 (conversa com L. Gautier, 6 mai 1911, citada em R. Godel, *Les Sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*, 1957, p. 30).²⁵

Esta conversa data de 6 de maio de 1911. Duas semanas mais tarde, em 19 de maio de 1911, Ferdinand de Saussure introduziu no seu curso oral (um mês, pois, antes do final do seu último curso linguística geral) uma nova distinção: aquela entre *signifi-cante* e *significado*, as duas faces do signo linguístico. Sabe-se que no *CLG* de 1916 os editores Bally e Sechehaye fizeram disso um elemento central – com razão aliás – mas observemos logo que a representação que fizeram desta distinção é uma desfiguração do pensamento saussuriano. Nas notas dos alunos há somente uma figura *sem* as flechas e isso está, aliás, bastante dentro da lógica do sistema de Saussure: para ele, o signo é uma entidade indissociável de duas faces, que são como o recto e o verso de uma folha de papel.

A distinção entre *signifi-cante* e *significado* data de maio de 1911; ela é, pois, bastante tardia e permite compreender porque Saussure não redigiu a obra de linguística geral que vislumbrava nos anos 1890: é que Saussure só chegou a axiomatizar a ciência da linguagem ao final da sua vida.²⁶

²⁵ «Je suis toujours tracassé par mon cours de linguistique générale (...) Je me trouve placé devant un dilemme: ou bien exposer le sujet dans toute sa complexité et avouer tous mes doutes, ce qui ne peut convenir pour un cours qui doit être matière à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifiée, mieux adapté à un auditoire d'étudiants qui ne sont pas linguistes. Mais à chaque pas, je me trouve arrêté par des scrupules. Pour aboutir, il me faudrait des mois de méditation exclusive.

Pour le moment, la linguistique générale m'apparaît comme un système de géométrie. On aboutit à des théorèmes qu'il faut démontrer. Or, on constate que le théorème 12 est, sous une autre forme, le même que le théorème 33».

²⁶ Na seção 4 retomamos as ideias expostas de maneira mais ampla em dois estudos recentes: P. Swiggers, «Le projet de linguistique générale de Ferdinand de Saussure: statut scientifique et axiomatique des concepts», in S. Grosse – A. Hennemann – K. Plötner – S. Wagner eds., *Linguistique appliquée. Entre théories, concepts et la description des expressions linguistiques*, Frankfurt am Main, 2013, p. 121-133; «Not waiting for Goblot: Saussure's sett(1)ing of linguistics». In: Bevidas, W., I. Lopes e S. Badir (orgs.), *100 anos com Saussure*, Vol 1. São Paulo: Annablume, 2016.

4. A axiomática dos conceitos

Aí está, acreditamos, a contribuição fundamental e inovadora da linguística saussuriana. Já vimos que em 1894, na sua carta a Antoine Meillet, Saussure falava de «la classification logique des faits de langage» [da classificação lógica dos fatos de linguagem]..” . Ora, como é preciso compreender *esta tarefa classificatória*? Cremos que Saussure quis colocar os princípios gerais da linguística, respondendo às três questões seguintes, hierarquicamente ordenadas:

- (1) *Que tipo de ciência é a linguística?*
- (2) *Qual é seu objeto?*
- (3) *Quais são as manifestações do seu objeto?*

A primeira questão (*que tipo de ciência é a linguística?*) deve ser recolocada no contexto filosófico da época e, mais particularmente, no contexto da discussão epistemológica sobre a classificação das ciências. Edmond Goblot (1858-1935), no seu *Essai de classification des sciences* [*Ensaio de classificação das ciências*], publicado em 1898, observava que as ciências morais, apesar de sua longa história, são pobres quanto aos resultados:

Elas não fixaram ainda seus objetos, nem seus princípios, nem seus métodos. Mas todas se esforçam para se tornar positivas, para se libertar das metafísicas e para ocupar um lugar entre as ciências da natureza (E. Goblot, *Essai de classification des sciences*, Paris, 1898, p. 13).²⁷

Goblot edificava um dualismo lógico, entre as ciências do raciocínio, que se ocupavam de idealizações, e as ciências da observação, que se ocupava de fatos.

Em 1901, é publicada a obra *Nouvelle classification des sciences* [*Nova classificação das ciências*] de Adrien Naville (1845-1930), decano da Faculdade de Filosofia de Genebra. O autor distingue três tipos de ciências: as ciências *teoremáticas*, as ciências *históricas* e as ciências *canônicas*. As primeiras respondem à questão “o que é possível?”, as segundas, à questão “o que é real?”, as terceiras, à questão “o que é bom?”. Nas ciências teoremáticas, Naville coloca a nomologia, as matemáticas, a física, a psicologia (esta última inclui a sociologia). Destas, a nomologia é a ciência primordial: ela se ocupa da **ideia de lei** (sendo a lei um limite que restringe o campo das possibilidades).

Seu desenvolvimento depende em um sentido daquele das ciências que vêm depois dela na série; elas nascem e se desenvolvem antes da nomologia e lhe fornecem os materiais de onde a ideia pura de lei deve ser depreendida. Mas nenhuma outra ciência de lei, nem mesmo as matemáticas, pode atingir sua plena realização e sua perfeição sistemática antes que a própria nomologia as tenha ela mesma atingido. As ciências mais complexas, como a biologia e a sociologia, não sairão do estado caótico em que se encontram ainda hoje senão por uma compreensão melhor da natureza do objeto das suas pesquisas, isto é, de uma definição melhor

²⁷ «Elles n'ont encore fixé ni leurs objets, ni leurs principes, ni leurs méthodes. Mais toutes s'efforcent de devenir positives, de s'affranchir des métaphysiques et de prendre rang parmi les sciences de la nature».

da ideia de lei. (A. Naville, *Nouvelle classification des sciences*, Paris, 1901, p. 40-41)²⁸

É significativo que Naville (um colega de Saussure!) fale também da *linguística*, ciência que ele coloca no interior da sociologia. Na primeira edição da sua obra, publicada em 1888 sob o título *De la classification des sciences* [*Da classificação das ciências*], ele nem mencionou a palavra *linguística*, mas, em 1901, ele consagrou uma longa passagem à disciplina:

A sociologia é a ciência das leis da vida dos seres conscientes – especialmente homens – em sociedade. Ela deve aceitar como dados todas as condições sem as quais nós não podemos representar nossa vida social. Quais são essas condições? Eu não sei se a ciência já as distinguiu e enumerou suficientemente.

Uma das mais aparentes é a existência de signos pelos quais os seres associados [na sociedade] fazem conhecer uns aos outros seus sentimentos, seus pensamentos, suas vontades. Sr. Ferdinand de Saussure insiste sobre a importância de uma ciência muito geral, que ele chama *semiologia*, e cujo objeto seriam as leis da criação e da transformação dos signos e de seus sentidos. A semiologia é uma parte essencial da sociologia. Como o mais importante dos sistemas de signos é a linguagem convencional dos homens, a ciência semiológica mais avançada é a *linguística*, ou ciência das leis da vida da linguagem (...) A linguística é, ou, ao menos, tende a tornar-se cada vez mais uma ciência de leis; ela se distingue sempre mais nitidamente da história da linguagem e da gramática. (A. Naville, *Nouvelle classification des sciences*, Paris, 1901, p. 103-104).²⁹

As palavras-chaves estão aqui: *ciência de leis* e *semiologia*. Aparentemente Naville teve informações de Saussure, seu colega linguista. O texto de Naville fornece o quadro no qual é preciso compreender o projeto de Saussure: este quis elaborar uma *nomologia* da linguística. E à primeira questão, a saber, *que tipo de ciência é a linguística?*, Saussure dá a seguinte resposta: a linguística é uma ciência semiológica, cuja especificidade reside na inserção temporal dos sistemas de signos. Um fragmento manuscrito, conservado na Biblioteca de Genebra, é explícito a este respeito:

Discutiu-se para decidir se a linguística pertenceria à ordem das ciências naturais ou das ciências históricas. Ela não pertence a nenhum dos dois, mas a um

²⁸ «Son développement dépend en un sens de celui des sciences qui viennent après elle dans la série; elles naissent et grandissent avant la nomologie et lui fournissent des matériaux dont l'idée pure de loi doit être dégagée. Mais aucune autre science de loi, pas même les mathématiques, ne peut atteindre son achèvement et sa perfection systématique aussi longtemps que la nomologie n'y sera pas elle-même parvenue. Les sciences plus complexes, comme la biologie et la sociologie, ne sortiront de l'état chaotique où elles sont encore aujourd'hui que par une compréhension meilleure de la nature de l'objet de leurs recherches, c'est-à-dire par une meilleure définition de l'idée de loi».

²⁹ «La sociologie est la science des lois de la vie des êtres conscients — spécialement des hommes — en société. Elle doit admettre comme données toutes les conditions sans lesquelles nous ne pouvons pas nous représenter la vie sociale. Quelles sont ces conditions? Je ne sais si la science les a déjà suffisamment distinguées et énumérées. Une des plus apparentes, c'est l'existence de signes par lesquels les êtres associés se font connaître les uns aux autres leurs sentiments, leurs pensées, leurs volontés. M. Ferdinand de Saussure insiste sur l'importance d'une science très générale, qu'il appelle *sémiologie* et dont l'objet serait les lois de la création et de la transformation des signes et de leurs sens. La sémiologie est une partie essentielle de la sociologie. Comme le plus important des systèmes de signes c'est le langage conventionnel des hommes, la science sémiologique la plus avancée c'est la *linguistique* ou science des lois de la vie du langage (...) La linguistique est, ou du moins tend à devenir de plus en plus une science de lois; elle se distingue toujours plus nettement de l'histoire du langage et de la grammaire».

compartimento de ciências <que, se não existe, deveria existir sob o> nome de *semiologia*, isto é, ciência dos signos, ou estudo do que se produz quando o homem tenta significar seu pensamento através de uma convenção necessária. <Entre todos os sistemas semiológicos> o sistema semiológico 'língua' é o único (ao lado da escritura) que teve que <enfrentar esta provação [de] se> estar em presença do *Tempo*, que não foi simplesmente <formado> de vizinho em vizinho por consentimento mútuo, mas também de pai para filho por tradição imperativa e *ao sabor do que acontecia nesta tradição*, coisa que fora disso não tem testemunha <nem conhecida, nem descrita>. Se quisermos, a linguística é, pois, uma ciência psicológica enquanto *semiológica*, mas os psicólogos jamais fizeram intervir o TEMPO na sua semiologia. Este fato, que é o primeiro que poderia despertar o interesse <do> filósofo, permanece ignorado pelos filósofos; nenhum deles ensina o que se passa na transmissão de uma semiologia. E este <mesmo> fato monopoliza, por outro lado, de tal maneira a atenção dos linguistas que estes são levados a crer <por isso> que sua ciência é histórica, ou eminentemente *histórica*, quando ela não é nada mais do que *semiológica*: é assim completamente incluída de antemão na psicologia, à condição que esta veja, do seu lado, que ela tem na língua um objeto que se estende através do tempo, e que a force sair de qualquer maneira de suas especulações sobre o signo momentâneo e a ideia momentânea (Bibliothèque de Genève, Ms. fr. 3951 [fr. 3342 = N 24a]; cf. *CLG/E*, fasc. 4, p. 47).³⁰

A linguística é, pois, em essência, uma ciência semiológica. A segunda questão – *qual é o objeto da linguística?* – também recebe uma resposta: é o *signo* que é o objeto central da linguística. Mas, é preciso mencionar imediatamente sua propriedade inerente: o signo linguístico é uma entidade de duas faces, o significante e o significado, unidos por uma relação *arbitrária*. O arbitrário do signo linguístico não é o da relação entre um nome e um objeto, mas o da relação (convencional!) entre um recorte no nível dos significados e um recorte no plano dos significantes, sendo cada um desses recortes convencionais.

Ora, para Saussure, o signo só existe em um ato criador. Novamente, as anotações dos alunos trazem um testemunho crucial:

O papel <característico> da linguagem face ao pensamento, não é <ser> um meio fônico, material, mas é criar um ambiente intermediário de tal <natureza>

³⁰ «On a discuté pour savoir si la linguistique appartenait à l'ordre des sciences naturelles ou des sciences historiques. Elle n'appartient à aucun des deux, mais à un compartiment des sciences <qui, s'il n'existe pas, devrait exister sous le> nom de *sémiologie*, c'est-à-dire science des signes ou étude de ce qui se produit lorsque l'homme essaie de signifier sa pensée au moyen d'une convention nécessaire. <Parmi tous les systèmes sémiologiques> le système sémiologique «langue» est le seul (avec l'écriture) qui ait eu à <affronter cette épreuve [de] se> trouver en présence du *Temps*, qui ne se soit pas simplement <fondé> de voisin à voisin par mutuel consentement, mais aussi de père en fils par impérative tradition et *au hasard de ce qui arriverait en cette tradition*, chose hors de cela inexpérimentée <non connue ni décrite>. Si l'on veut, la linguistique est donc une science psychologique en tant que *sémiologique*, mais les psychologues n'ont jamais fait intervenir le TEMPS dans leur sémiologie. Ce fait qui est le premier qui puisse exciter l'intérêt <du> philosophe reste ignoré des philosophes; aucun d'eux n'enseigne ce qui se passe dans la transmission d'une sémiologie. Et ce <même> fait accapare en revanche tellement l'attention des linguistes que ceux-ci en sont à croire <pour cela> que leur science est historique ou éminemment *historique*, n'étant rien d'autre que *sémiologique*: par là complètement comprise d'avance dans la psychologie, condition que celle-ci voie de son côté qu'elle a dans la langue un objet s'étendant à travers le temps, et la forçant de sortir absolument de ses spéculations sur le signe momentané et l'idée momentanée».

que a união entre o pensamento e o som chegue de uma maneira inevitável a unidades <particulares> (II R 37 = *CLG/E*, p. 250).³¹

A linguagem é, pois, *facultas signatrix*, uma faculdade significante que constitui signos. Não há, pois, significantes e significados pré-estabelecidos e a constituição destas unidades é arbitrária, no nível dos significantes e dos significados: o francês e o inglês não somente têm dois significantes diferentes para *arbre* [árvore] (a palavra inglesa é *tree*), ou para *fleuve* [rio] (*stream* em inglês), mas a distinção entre *fleuve* e *rivière* em francês está ligada ao lugar da embocadura do curso da água, enquanto que para *stream* e *river*, em inglês, trata-se de uma diferença de dimensão e de caráter natural ou artificial. Que as diferentes línguas não fazem o mesmo recorte da realidade e que se trata de um recorte feito sobre uma realidade que não se impõe na própria matéria é o que aparece aqui: o real da água que corre não condiciona nem a distinção *fleuve/ rivière* nem a distinção *stream/river*: está-se aqui no domínio do semiológico.

O domínio do semiológico é ainda marcado por uma outra propriedade: a da 'diferencialidade'. No interior de uma língua, os signos se definem pelas suas oposições: a língua é um sistema de *valores* diferenciais, e sobre este ponto se notará a perfeita continuidade entre a obra comparatista de F. De Saussure e sua reflexão em linguística geral; este fio é constituído pela concepção de um sistema definido pelas relações diferenciais entre os termos.

No centro da axiomatização da linguística elaborada por Saussure se encontra, pois, a ideia de que o objeto central da linguística é o *signo*, que constitui um fato linguístico, a entidade *signo* é resultante de um ato criador. Pode-se, então, demonstrar como as famosas dicotomias saussurianas se seguem logicamente.

A primeira que se deriva disso é aquela entre *langue* e *parole*. Vimos que Saussure insiste sobre a ideia de que o *fato semiológico* estudado pela linguística tem uma relação intrínseca com o *Tempo*. Não se trata aqui do *Tempo* como fator de mudança linguística, mas antes do *Tempo* através do qual o *fato semiológico* se torna uma herança: ele é transmitido de geração em geração. Esta concepção explica porque Saussure descarta o problema da origem da linguagem, e explica também a distinção entre *langue* e *parole*: a língua é uma herança, e é a herança de um bem, ou tesouro, de signos arbitrários. Neste nível, o signo linguístico tem a propriedade da imutabilidade.

De fato, nenhuma sociedade conhece, e não conheceu jamais, a língua senão como um produto herdado das gerações precedentes que deve ser tomado tal e qual (...)

Um estado de língua dado é sempre o produto de fatores históricos, e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável, isto é, resiste a toda substituição arbitrária. (*CLG*, p. 107 = *CLG/E*, p. 160).³²

Aliás, o estatuto arbitrário exclui a mudança voluntária: «Car pour qu'une chose soit mise en question, il faut qu'elle repose sur une norme raisonnable» [Porque para

³¹ «Le rôle <caractéristique> du langage vis-à-vis de la pensée, ce n'est pas <d'être> un moyen phonique, matériel, mais c'est de créer un milieu intermédiaire de telle <nature> que le compromis entre la pensée et le son aboutit d'une façon inévitable à des unités <particulières>».

³² «En fait, aucune société ne connaît et n'a jamais connu la langue autrement que comme un produit hérité des générations précédentes et à prendre tel quel (...) Un état de langue donné est toujours le produit de facteurs historiques, et ce sont ces facteurs qui expliquent pourquoi le signe est immuable, c'est-à-dire résiste à toute substitution arbitraire».

que uma coisa seja questionada, é necessário que ela repouse sobre uma norma razoável]” (CLG, p.106). Ora, se a língua é uma herança contínua, a fala é uma exploração utilização concreta e descontínua: uma pressupõe a outra, isto quer dizer que a língua pressupõe como antecedente histórico a fala, e a fala pressupõe a língua para produzir seus efeitos.

De lá se segue a segunda dicotomia: a entre *sincronia* e *diacronia*, ligada à de *langue* e *parole*. Aqui se trata do *tempo*, não como quadro cronológico de transmissão, mas como tempo interno: aquele das relações sucessivas entre estados de língua. A sincronia é um estado onde existem valores, quer dizer, onde as unidades do sistema são definidas por oposições, como em qualquer sistema econômico. É a fala que faz evoluir a língua para uma outra sincronia: evolução que pode mudar ou deslocar a relação entre um determinado significante e um determinado significado (aqui também a dualidade do signo sustenta a possibilidade de mudança). Mas a evolução mesma, a diacronia, não é um sistema: o fato diacrônico não tem valor em si, ele não se opõe a nenhum outro fato. Para Saussure, os fatos diacrônicos e os fatos sincrônicos (esses últimos sempre são significativos) são de uma ordem diferente. O uso linguístico não é recoberto pela etimologia.

Os fatos que pertencem à série diacrônica são ao menos da mesma ordem do que aqueles da série sincrônica? De nenhuma maneira, porque nós estabelecemos que as mudanças se produzem longe de qualquer intenção. Ao contrário, um fato de sincronia é sempre significativo; ele faz apelo sempre a dois termos simultâneos; não é *Gäste* que exprime o plural, mas a oposição *Gast*: *Gäste*. No fato diacrônico, é exatamente o inverso: ele só afeta um termo único, e para que uma nova forma apareça (*Gäste*), é necessário que a antiga (*gasti*) lhe ceda o lugar (CLG, p. 125 = CLG/E, p. 190).³³

Ao falar do tempo, tocamos em um aspecto que diz respeito à terceira questão: *quais são as manifestações do objeto da linguística*? O signo tem múltiplas relações com o tempo que afetam suas manifestações. De uma parte, a face significante – o ‘significante’ – se desenvolve no tempo: para pronunciar ou perceber a palavra *arbre*, é preciso tempo, aquele da articulação fonatória ou de sua recepção acústica. É o princípio da linearidade do significante:

O significante (...) se desenvolve somente no tempo e tem as características que empresta do tempo: a) ele representa uma extensão, e b) esta extensão é mensurável em uma única dimensão: é uma linha (CLG, p. 105 = CLG/E, p. 157).³⁴

Em seqüência, o signo na sua totalidade tem relações de manifestação com a distinção entre língua e fala: para Saussure, a língua é definida por relações fora do discurso, por relações formais e semânticas entre palavras. Essas relações **associativas** são rela-

³³ «Les faits appartenant à la série diachronique sont-ils au moins du même ordre que ceux de la série synchronique? En aucune façon, car nous avons établi que les changements se produisent en dehors de toute intention. Au contraire le fait de synchronie est toujours significatif; il fait toujours appel à deux termes simultanés; ce n'est pas *Gäste* qui exprime le pluriel, mais l'opposition *Gast* : *Gäste*. Dans le fait diachronique, c'est juste l'inverse: il n'intéresse qu'un seul terme, et pour qu'une forme nouvelle (*Gäste*) apparaisse, il faut que l'ancienne (*gasti*) lui cède la place».

³⁴ «Le signifiant (...) se déroule dans le temps seul et a les caractères qu'il emprunte au temps: a) il représente une étendue, et b) cette étendue est mesurable dans une seule dimension: c'est une ligne».

ções que ligam os signos segundo sua constituição (significante + significado): seu lugar é no cérebro, na língua interiorizada.

Assim, a palavra *ensinamento* fará surgir inconscientemente no espírito uma multidão de outras palavras (*ensinar, informar, etc.*, ou então, *armamento, deslocamento, etc.*, ou ainda, *educação, aprendizagem, etc.*) (CLG, p. 176 = CLG/E, p. 280)³⁵

Já na fala, se trata de ligações lineares de signos, donde alguns vão constituir grupos (como por ex. *reler; a vida humana; se fizer sol, sairemos*): seu lugar é na extensão do discurso, na *fala exteriorizada*.

A relação sintagmática se dá *in praesentia*; ela repousa sobre dois ou mais termos igualmente presentes em uma série efetiva. A relação associativa, ao contrário, une termos *in absentia*, em uma série mnemônica virtual. (CLG, p. 171 = CLG/E, p. 282).³⁶

O balanço de tudo isso é que há uma arquitetura extremamente lógica no pensamento saussuriano; infelizmente, ela não aparece desta forma no *CLG* publicado por Bally e Sechehaye. Somente uma confrontação atenta das três versões dos cursos orais – embora aí também a ordem didática difira da ordem lógica, porque Saussure preferia começar pelas manifestações da linguagem, antes de estudar a sua essência – com as notas do autor permitiram reconstruir a axiomática que Saussure moldou e remodelou, de 1890 a 1911; axiomática que corresponde ao encadeamento seguinte:

1. O signo como fato semiológico.
2. O signo como constituição arbitrária de uma entidade de duas faces.
3. O signo como unidade de um sistema, definida por valores opositivos.
4. O signo como fato semiológico em relação com o Tempo como quadro de transmissão: donde a distinção entre língua (signo imutável) e fala (signo mutável).
5. O signo como fato semiológico em relação com o tempo interno: donde a distinção entre sincronia (o signo como termo do sistema) e diacronia (o signo entre dois sistemas).
6. O signo como realização temporal: linearidade do significante.
7. O signo (total) nas suas relações de manifestação com a língua/fala: relações associativas/ relações sintagmáticas

Esta reconstrução foi possível pela exploração de documentos inéditos de Saussure, notas de aulas, cartas, e também por uma releitura de Saussure às luzes do contexto da época. A imagem que se obtém, assim, de Ferdinand de Saussure como linguista geral é mais fascinante do que aquela que se baseia unicamente no *CLG*

³⁵ «Ainsi le mot *enseignement* fera surgir inconsciemment devant l'esprit une foule d'autres mots (*enseigner, renseigner, etc.*, ou bien *armement, changement, etc.*, ou bien *éducation, apprentissage, etc.*)».

³⁶ «Le rapport syntagmatique est *in praesentia*; il repose sur deux ou plusieurs termes également présents dans une série effective. Au contraire le rapport associatif unit des termes *in absentia* dans une série mnémorique virtuelle».

de 1916, onde as reflexões tentativas de Saussure não aparecem na sua autenticidade plena. Esta reconstrução é, talvez, o *verdadeiro curso*, aquele que Saussure queria escrever ...

5. Conclusão

Saussure elaborou o projeto de uma linguística geral, para mostrar e explicar «quelle espèce est la langue en général» [de que espécie é a língua em geral]”, como escreveu na sua carta de 1894 a Meillet. Este projeto resultou no estabelecimento de uma axiomática linguística cuja unidade central é o signo linguístico. Saussure elaborou, assim, *uma linguística do signo* que teve uma dupla herança: de uma parte, a que consistiu em retocar o edifício construído por ele através de críticas às oposições *langue e parole*, ou *sincronia e diacronia*. Foi o caso das escolas ou círculos linguísticos de Praga, Copenhague e Genebra: atividade útil, mas que frequentemente visou somente o texto publicado em 1916, e não o pensamento mais nuançado de Saussure. A outra herança consistiu em construir e ocupar novas edificações: o modelo *Word-and-Paradigm*, implementado na tradição britânica, ou o estruturalismo americano, centrado em torno da distinção de níveis, cada um com técnicas de análise e meios de notação específicos, ou ainda, o edifício gerativista, que se construiu em torno da competência gramatical inata de um ‘locutor nativo ideal’, sem ligações sociais.

Seria inoportuno **judgar** essas opções: notemos simplesmente que a linguística saussuriana tem um caráter atraente por apresentar como unidade central alguma coisa que é ao mesmo tempo uma unidade de análise, uma unidade de funcionamento (da língua) e uma unidade psicossocial para os sujeitos falantes em sua interação.

Anexo

Página-amostra (= pág 14, lados esquerdo e direito) do *CLG/E* (edição crítica do *CLG* por R. Engler)

Introduction: Coup d'œil sur l'histoire de la linguistique

indo-européanistes; ⁷⁹ on connaissait le latin, prototype des langues romanes; ⁸⁰ puis l'abondance des documents permettait de suivre dans le détail l'évolution des idiomes. ⁸¹ Ces deux circonstances limitaient le champ des conjectures et donnaient à toute cette recherche une physionomie particulièrement concrète. ⁸² Les germanistes étaient dans une situation analogue; ⁸³ sans doute le protogermanique

⁷⁹ 1° Avec langues romanes, on avait constamment le prototype commun devant soi: le latin.

⁸⁰ 2° Avec langues romanes, possibilité de suivre la langue de près, par documents.

⁸¹ Ces deux circonstances, écartant sphère conjecturale, donn[èrent] autre physionomie à étude.

⁸² [> J]

[suite 92]

II R 120 [suite de 3349] SM II 84

⁸³ Whitney ne parle pas des langues romanes parce qu'elles ne sont que le développement d'une branche de l'indo-européen; l'étude des langues romanes équivaut à l'histoire du latin, elles ne /123/ sont pas un épilogue imprévu (venant s'ajouter à l'histoire du latin) mais la continuation pure et simple.

[79] Mais il y a bien cette (différence qui) caractérise (la famille romane et change l'aspect d'une foule de problèmes) que les langues romanes se rencontrent dans (un prototype) connu.

[83] Le point de rencontre est donné d'avance, tandis que (l')anglais, (l')allemand, etc. ont un protogermanique, (un point de rencontre) qui n'est pas connu.

[78] Il en (est) de (même pour) toutes les familles sauf celle des langues romanes. Cela crée une linguistique spéciale du côté du roman (et sa situation est) privilégiée;

[80/81] (elle) a un degré de certitude plus grand grâce à la double série des documents.

⁸¹ D donna

⁸³ même titre cf. 3055

G 2.35b [suite de 3349]

⁸³ La linguistique romane rentre dans le cadre indo-européen, puisque ce n'est que l'histoire du latin, une des langues de la famille.

La famille romane est caractéris[ée par] le fait que plusieurs langues se rencontrent dans un prototype connu: le point de rencontre est donné d'avance. (Le proto/germanique [36a] n'est pas connu.

Aucune autre langue n'a son point de rencontre dans un idiome connu.) Par ce fait la situation de la linguistique romane est bien exceptionnelle. Position privilégiée.

⁷⁹ Les romanistes avaient le prototype de chaque mot dans la langue-mère, le latin, ce qui n'existait [2] pas pour l'indo-européen.

⁸⁰ En second lieu, dans les langues romanes, on pouvait suivre la langue d'une étape à l'autre,

⁸¹ ce qui diminuait la sphère conjecturale.

⁸² Cette perspective historique s'imposa tout de suite aux germanistes.

⁷⁹ présence positive du prototype de chaque forme; grâce au latin, que nous connaissons, les romanistes ont devant eux depuis l'origine ce prototype, tandis que pour les langues indo-européennes nous devons reconstruire par hypothèse le prototype de chaque forme.

⁸⁰ En second lieu, avec les langues romanes il y a une grande possibilité au moins dans certaines périodes de suivre la langue de siècle en siècle par les documents, de voir de près par conséquent comment les choses se passaient.

⁸¹ Ces deux circonstances qui diminuent la sphère conjecturale donnent une autre physionomie à la linguistique romane qu'à la linguistique indo-européenne.

⁸² Il faut dire également que le domaine germanique aussi joua le même rôle dans une certaine mesure. Le prototype là n'existe pas,

[suite 92]

II C 85 [suite de 3288]

⁸³ Une chose pourrait surprendre. Whitney ne mentionne pas la linguistique des langues romanes. Cela s'explique par le fait que les langues romanes entrent dans l'indo-européen. Car cette étude équivaut à l'histoire du latin. Les langues romanes ne sont pas un épilogue imprévu venant s'ajouter à l'histoire du latin.

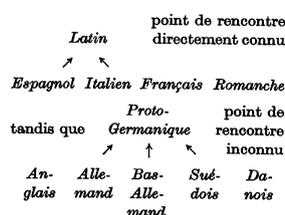
[79] Néanmoins il y a cette différence qui caractérise bien la famille romane — et change l'aspect d'une foule de problèmes — que le latin, l'espagnol, le français, etc., se rencontrent dans un prototype connu.

[83] Le point de rencontre est donné, il est le même. Tandis que pour l'allemand, le suédois, anglais, danois, le point de rencontre, le prototype german, n'est pas connu.

[78] On ne connaît [86] pas le prototype slave. La situation de la linguistique romane est donc exceptionnelle, privilégiée.

N 22.2, p. 6 [suite de 3332]

⁸³ Une chose pourrait surprendre, si l'on se reporte encore aux lignes de Whitney que j'ai citées, c'est qu'il ne mentionne pas la linguistique des langues romanes comme autre (circonscription) non moins désignée pour servir de base utile à la linguistique générale. Ceci peut s'expliquer d'abord sans explication, par le simple fait que le développement des langues romanes n'est qu'une branche de l'indo-européen, (car elle) équivaut (tout à fait) à l'histoire (du latin, à l'histoire d'une des langues de la famille, sans même que l'on ait à dire l'histoire ultérieure ou la sub-histoire). [7] Les langues romanes ne sont pas un épilogue imprévu du latin, mais sa pure et simple continuation, exactement comme l'allemand et le suédois ou l'anglais (moderne) sont la continuation du rameau germanique indo-européen. Néanmoins il y a cette différence qui caractérise uniquement la famille romane, et par contre-coup la linguistique romane, que espagnol, italien, français, romanche, etc., se rencontrent dans un prototype connu :



Il en est de même de toutes les sous-familles de l'indo-européen hors du roman. Aucune n'a son point de rencontre en un idiome connu; ainsi la famille slave (tchèque, polonais, russe, serbe, etc.): on ne connaît pas directement le prototype slave. Par ce fait, qui est un fait de pur hasard externe, la situation de la linguistique romane pour l'ensemble des questions qui la concernent est une situation exceptionnelle, non seulement différente de la situation du linguiste qui considère l'ensemble de la famille indo-européenne, mais tout aussi différente si l'on (se borne à) une autre sous-

O signo *arbre-tree*: Imagens e palavras em contraponto no *Curso de Linguística Geral*^{1,2}

John Joseph
(*University of Edinburgh*)

Resumo

Nas palestras dos seus três cursos sobre linguística geral proferidas entre 1907 e 1911, Ferdinand de Saussure (1857-1913) algumas vezes desenhou diagramas e figuras no quadro negro a fim de acrescentar uma dimensão visual aos conceitos teóricos novos e desafiadores que estava expondo. Aqueles que os editores redesenharam para serem incluídos no *Curso de Linguística Geral* (1916) – em alguns casos com alterações significativas – têm exercido um impacto surpreendentemente forte nos seus leitores desde então. Se Saussure esperava que os desenhos esclarecessem ambiguidades do seu texto oral, ele teria ficado desapontado; porque, ao mesmo tempo em que eles ofereciam uma mão a seus alunos e leitores que servisse de guia para seu mundo conceptual, através do semifamiliar, do acessível e do concreto, eles abriam todo um novo reino de ambiguidades, além de reforçarem aquelas já existentes no texto oral. Este artigo examina sete das ilustrações, ou conjuntos de ilustrações do *CLG* e as várias interpretações a que deram ou poderiam ter dado origem, tratando-as não como errôneas, mas como contraponto ao texto, quando os dois parecerem estar em contradição.

Abstract

In his three courses of lectures on general linguistics given between 1907 and 1911, Ferdinand de Saussure (1857-1913) sometimes drew diagrams and figures on the chalkboard to add a visual dimension to the novel and challenging theoretical concepts he was laying out. Those which the editors redrew for inclusion in the *Cours de linguistique générale* (1916) – in some cases with significant changes – have had a surprisingly strong impact on readers ever since. If Saussure hoped that the drawings would clear up ambiguities in his verbal text, he

¹Tradução de Cristina Altman do original inglês “The *arbre-tree* sign: Pictures and words in counterpoint in the *Cours de linguistique générale*”, a ser publicado em *Semiotica*, no prelo, 2017. A menos que expressamente indicado o nome de outro tradutor, a tradução de todas as citações, comentários e exemplos são de CA.

²Meu título principal é uma reverência a Levin (1989) que, como dito na primeira página, começou como um texto que ele proferiu em 1985 na Universidade de Califórnia, Davis, no qual ele propôs, de forma inesquecível, que a ideia de o signo linguístico ser arbitrário veio a Saussure quando, tendo desenhado uma árvore para ilustrar um ponto sobre a língua (ver abaixo seção 4), começou a pensar nas palavras francesa e inglesa para isso: *arbre*, *tree*, *arbre-tree*, *arbitree* ... *arbitrary* [arbitrário]. Apesar do texto publicado de Levin não mencionar isto, nem mesmo a palavra *arbre*, esse fantasma assombra desde então o título do seu texto – e, a partir de agora, também do meu.

might have been disappointed; for while they extend a hand to students and readers to guide them into his conceptual world via the stepping-stones of the semi-familiar, accessible and concrete, they have opened up whole new realms of ambiguity, and strengthened the ones already present in the verbal text. This article examines seven of the illustrations or sets of illustrations in the *CLG* and the various interpretations to which they have given or could give rise, treating these not as erroneous but as contrapuntal to the text when the two appear to be in contradiction.

1. Introdução

Para dizer a verdade, durante os primeiros vinte minutos de filme, eu, que estou há trinta anos no negócio de fazer filmes, não sabia do que se tratava. Posso ser burro, mas consultei pelo menos cinquenta pessoas que, formulando mais ou menos da mesma forma, descreveram a mesma experiência.

Erich von Stroheim, resenha de *Cidadão Kane*, 1941

Estamos em uma má posição para compreender quão difícil o livro deve ter parecido aos seus primeiros leitores. Mesmo se nos lembrarmos dos problemas que nós mesmos tivemos em nossa primeira leitura do livro –como um adolescente, no meu caso– mesmo assim, já vivíamos na atmosfera intelectual que deu forma ao livro após percorrido um longo caminho. Hoje, após releituras sem conta, ele parece a mim o próprio modelo de clareza de pensamento e de expressão, apresentando uma visão de linguagem tão óbvia que fico surpreso quando outros o acham difícil de seguir ou o leem diferentemente de mim. Mas acontece.

Meu primeiro instinto é corrigir os seus erros de interpretação recorrendo ao texto ou às suas fontes materiais. Mas linguistas não são advogados, nem têm inspiração divina, e os textos que escrevemos sempre darão origem a múltiplas leituras. Isso acontece particularmente com o *CLG*, dada a complexidade que envolve sua autoria. Em alguns casos, as interpolações de Bally e Sechehaye indiscutivelmente contrariam o que Saussure estava lutando para articular; entretanto, é difícil aceitar o julgamento de Bouquet (1997) de que os editores estragaram o trabalho. Só podemos admirar o sucesso que obtiveram ao realizar uma tarefa que qualquer prognóstico sóbrio teria julgado impossível.

A decisão deles de incluir ilustrações no texto é um caso em questão. Ilustrações são uma faca de dois gumes. Ao oferecer uma segunda modalidade aos leitores para compreender conceitos teóricos novos e desafiadores, Saussure, no quadro-negro, e Bally e Sechehaye, na mesa de edição, estenderam uma mão aos alunos e leitores para guiá-los no seu mundo intelectual pelos degraus do semifamiliar, acessível e ‘concreto’, desde que este termo seja usado para distinguir o que pode ser prontamente visualizado daquilo que resiste a tal representação (as ambiguidades de ‘concreto’ e ‘abstrato’ são examinadas no capítulo 9 de Joseph 2017).

Como os leitores de primeira viagem do *CLG* ainda o acham assustador (enquanto que as crianças, mesmo as mais pequenas, não têm mais problema com a estrutura do *Cidadão Kane*, tão completamente ele transformou a linguagem do cinema e, mais tarde, da televisão e dos videogames), eles agarram a mão estendida com alívio. Uma vez percorrido os degraus do semifamiliar, nem sempre eles dão o passo

seguinte de volta às complexidades do texto. E se o fazem, e acham que o texto sugere contradições em relação ao que entenderam das ilustrações, eles podem não reajustar sua compreensão das ilustrações, mas, em vez disso, interpretar o texto de acordo com aquele entendimento, acomodando de alguma maneira as aparentes contradições.

Mesmo se emergirem com um Saussure que funcione para eles, não vale como desconto. Eles leem o *CLG*, ou designam partes dele para seus alunos lerem, por alguma razão, geralmente envolvendo algum conceito, modelo ou técnica que estejam promovendo ou contestando, ou apenas se esforçando para compreender. O Saussure deles será sempre um Saussure parcial, nos dois sentidos da palavra. É inevitável. O trabalho daqueles de nós que fizemos do *CLG* uma das nossas especialidades é ajudar a guiá-los na direção do nosso melhor entendimento do ensinamento de Saussure, quando eles procurarem um Saussure 'textualmente' autêntico, se a autenticidade forem, para o *CLG*, suas fontes materiais (referidas neste texto pelos números que a elas foi dado por Engler na edição crítica do *CLG*, convencionalmente abreviadas como *CLG/E*), ou manuscritos anteriores abandonados. Ainda assim, nenhuma leitura, por mais bem documentada que seja, é a única legítima. Qualquer alegação de monopólio precisa ser contestada, tanto quanto as interpretações feitas sem base textual.

Partindo desta premissa, examinarei sete das ilustrações, ou conjuntos de ilustrações no *CLG* e as várias interpretações a que deram, ou poderiam ter dado origem, tratando-as não como errôneas, mas como contraponto ao texto, quando eles parecem estar em contradição. Essas não são de jeito nenhum todas as ilustrações do *CLG*; por questão de espaço deixei de fora aquelas da Parte III e IV (não há nenhuma na Parte V), e nas partes anteriores me limitei àquelas que exerceram maior impacto nas leituras do livro.³

2. As cabeças falantes e o circuito da fala

A primeira ilustração no *CLG* (Introdução, Capítulo 3, p. 27) é aquela famosa das duas cabeças, rotuladas A e B, uma em frente à outra, com linhas pontilhadas que conectam o centro de um crânio ao do outro. Uma linha passa da boca de A para a orelha de B, a outra através da boca de B e da orelha de A.



Este é um caso em que encontramos uma defasagem nítida entre os cadernos dos alunos de Saussure (*CLG/E* 196) e o que está no *CLG*, tanto no texto verbal quanto na ilustração. A mais cuidadosa das notas dos alunos, aquelas de Émile Constantin (IIC 266), diz simplesmente:

Consideremos, entre as diversas esferas nas quais a linguagem se move, a esfera especial que corresponde ao que para nós é linguagem.

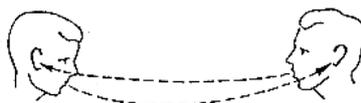
³Para perspectivas interessantes sobre uma gama completa de ilustrações no *CLG*, ver Kim (2008), Christensen (2016).

Essas esferas têm que ser observadas no *ato individual*. O ato individual no caso da linguagem supõe dois indivíduos. Teremos então em sua forma completa o que pode se chamar de um circuito da fala.⁴

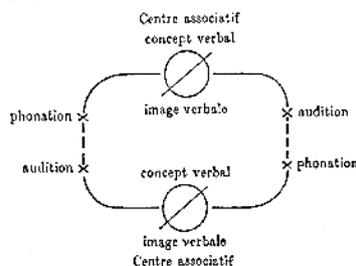
Mas o *CLG* (p. 280) diz muito mais:

O ponto de partida do circuito está no cérebro de um deles, por exemplo A, onde os fatos de consciência, que chamaremos conceitos, são associados às representações dos signos linguísticos ou das imagens acústicas que servem para expressá-los. [...] O cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlato à imagem; então as ondas sonoras se propagam da boca de A ao ouvido de B [...]. Em seguida o circuito continua em B em ordem inversa: do ouvido ao cérebro.⁵

Os cérebros dos falantes/ ouvintes não entram no que Saussure falou para seus alunos, seja em palavras, seja no desenho que ele fez, que seus alunos copiaram assim (*CLG/E* 198):



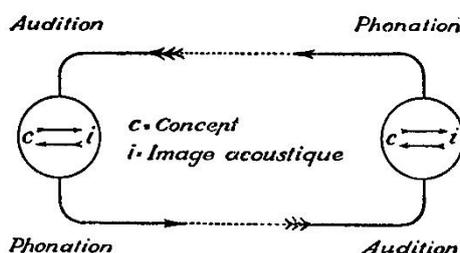
– e que Saussure imediatamente prosseguiu com este diagrama:



O texto que acompanha deixa claro que o ponto de Saussure é distinguir entre o que é fisiológico (fonação e audição) do que é 'psíquico' (conceito e imagem); e também o que é externo (ondas sonoras), de todo o resto que é interno. No *CLG* (p. 28) este diagrama gira 90 graus, os centros associativos são removidos e, mais significativamente, os dois círculos divididos, rotulados 'conceito verbal/imagem verbal', são condensados e modificados.

⁴ «Considérons dans les sphères diverses où se meut le langage la sphère spéciale qui correspond à ce qui est pour nous la langue./ Ces sphères ont à être observées dans l'acte individuel. L'acte individuel quand il s'agit de langage suppose deux individus. On aura ainsi au complet ce qu'on peut appeler le circuit de la parole». Fiz uma tradução [no original inglês] mais literal das passagens do *CLG* do que as traduções publicadas por Baskin e Harris. (N.a., JJ)

⁵ Traduzido da versão inglesa de J. Joseph (CA)



Tanto as notas dos alunos quanto a versão publicada do *CLG* assinalam que o diagrama está incompleto, já que, por exemplo, uma ‘imagem muscular’ precisa ser incluída para a fonação, como um [ponto] intermediário entre a imagem acústica e os sinais nervosos enviados para o aparato da fala, para produzir sons. Cada uma das mudanças introduzidas na versão publicada do diagrama é potencialmente significativa, tanto mais que esta é a primeira aparição da concepção de signo linguístico de Saussure (sem contar sua aparição em Odier 1905, sobre a qual ver Joseph 2005). Como se verá na seção 4 a seguir, o fato de o conceito e de a imagem acústica estarem dispostos lado a lado, em vez de um em cima do outro, deveria importar para os leitores lacanianos; e as setas entre eles indo em ambas as direções sugerem que sua relação é dinâmica, e não estática. O uso de abreviações com uma única letra *c* e *i* dentro dos círculos, acompanhadas por uma chave em que os termos *conceito* e *imagem acústica* estão no singular, não no plural, reforça a impressão de que os conteúdos dos dois círculos são idênticos no falante e no ouvinte; o fato que *imagem verbal* e *conceito verbal* aparecem duas vezes no diagrama de Saussure torna o observador menos inclinado a assumir que eles devem ser o mesmo.

A mudança mais consequente é talvez a queda de *verbal* depois de *conceito*. O texto do *CLG* não especifica o que se quer dizer por *conceitos* além de chamá-los *les faits de conscience* [fatos de consciência], o que quer que isso queira dizer. Para Saussure, este lado conceptual do signo linguístico, para o qual ele eventualmente usa o termo *signifié* [significado] (p. 99), não é especificamente verbal, mas é ligado a um significante particular em uma língua particular. Um conceito como fato de consciência que você ou eu possamos ter e para o qual não há palavra não é um significado, um conceito verbal; significante e significado só ocorrem juntos. Este é o ponto de rejeição no *CLG* (p. 97) de uma língua como ‘nomenclatura’, [ou seja] a ideia de que significados existem antes que palavras sejam ligadas a eles. Esta é uma maneira de compreender o funcionamento da linguagem tão poderosa que provavelmente, ainda hoje, até mesmo a maioria dos linguistas considera garantido que, contrariamente a Saussure, significados precedem a criação dos signos que os designam.

Roy Harris localizou a ‘aplicação clássica’ do que ele chamou de ‘modelo de comunicação emissor-receptor’ no *CLG* (pp. 27-29), contrastando seu ‘segregacionismo’ com seu próprio integracionismo. Em Joseph (1997: 24-28), eu coloquei em detalhes como, ao ler a passagem do circuito da fala, Harris inseriu afirmações suas sobre o que cada declaração desta passagem ‘implicava’, que são plausíveis (se tomadas fora do contexto), mas, de jeito nenhum, necessárias. Sem citar meu artigo, Harris (1998) explicitou que sua leitura desta passagem é, de fato, uma teia completa de implicações:

O modelo de Saussure é segregacionista por completo. Para ver isso, temos que compreender que o modelo tem certas implicações que não são imediatamente visíveis na apresentação inicial que Saussure faz dele. As mais importantes são as seguintes:

1. O modelo implica que a comunicação é ‘telementacional’, i.e. que a comunicação é um processo de transferência-de-pensamento da mente de uma pessoa para outra.
2. O modelo implica que a comunicação é bem sucedida somente se o conceito que originalmente serviu de gatilho ao processo no cérebro de A é o mesmo conceito que eventualmente serve de gatilho no cérebro de B. [...]
3. Esta exigência de correspondência por sua vez implica que, para uma comunicação bem sucedida, um código fixo deve estar em operação. [...] (Harris 1998: 21)

Fora de contexto, a interpretação de Harris da passagem do *CLG* não é impossível; mas, de jeito nenhum, é a única possível. A passagem do *CLG* está explicitamente investigando qual é o lugar da *langue* [língua] na esfera mais geral da *langage* [linguagem], e não diz nada sobre comunicação, em que consiste uma comunicação bem sucedida, ou, sobre o conceito do cérebro de A ser o mesmo do do cérebro de B. Os termos ‘telementacional’ e ‘código fixo’ não aparecem aqui nem em nenhum outro lugar em Saussure; eles são de Harris. A palavra ‘transmissão’ é usada no *CLG* (p. 28), mas somente em referência ao processo que acontece em cada indivíduo, por exemplo, como a imagem acústica é levada do cérebro do falante para os seus órgãos da fala. Entre o falante e o ouvinte, tudo o que ocorre é “processo puramente *físico*” (p. 28, ênfase no original) das ondas sonoras que se propagam da boca de A para os ouvidos de B. A ênfase nas palavras “puramente físico” – i.e., não mental – refutam a interpretação ‘telementacional’ de Harris. Tudo o que a passagem implica sobre comunicação é que, quando sou eu quem fala, começo com um conceito, que desencadeia um padrão sonoro igualmente psicológico, que se realiza, na sequência, como sons falados através de movimentos musculares; e que quando sou eu quem ouve, ouço os sons via os movimentos físicos transmitidos pelos sinais nervosos, que são, então, processados como padrões sonoros e associados aos conceitos. O ponto é explicar a ordem em que essas coisas ocorrem como preliminar para localizar exatamente o lugar que cabe à *langue* [língua] na figura. Isso mesmo antes de chegarmos ao fato que o próprio desenho de Saussure tem linhas pontilhadas que conectam a boca de uma cabeça à orelha da outra, em que o cérebro literalmente não está em absoluto na figura. Materiais relevantes dos manuscritos de Saussure da Biblioteca Houghton, de Harvard, publicados por Linda (2000) tornam mais aparente tudo sobre o que o circuito da fala é, não comunicação, mas o que se passa internamente a um indivíduo.

A crença de Harris de que Saussure tinha uma ‘teoria da comunicação’ pode ter derivado da decisão dos editores do *CLG* de estender até o cérebro as linhas que unem as cabeças falantes pela boca e pela orelha. Bally e Sechehaye provavelmente assumiram que o texto deixava suficientemente claro que o que acontece dentro e entre as cabeças é tão totalmente diferente em caráter, que não havia necessidade de marcar a distinção entre as linhas originais de Saussure e suas extensões. Se foi assim, eles subestimaram o poder da imagem visual.

3. O modelo coletivo da *langue* (mas não da *parole*)

A Introdução, capítulo 4 do *CLG* (p. 38) ilustra o ‘modelo coletivo’ da *langue* [língua] assim:

$$1 + 1 + 1 + 1 \dots = I$$

O ponto que Saussure estava tentando colocar parece ser que a *langue* de indivíduos se ‘soma’ a uma singularidade coletiva. O número romano I à direita do símbolo de igual é um desvio das notas dos estudantes (*CLG/E* 38), que têm um 1 árabe lá, embora em um conjunto de notas (as de Georges Dégallier D2080) este 1 seja maior do que aqueles colocados à esquerda do signo de igual. Nas notas de Constantin (IIC 308b), assim como nas de Marguerite Sechehaye (S2.17), todos os 1s se parecem.

O número romano I sugere que o coletivo *langue* é ao mesmo tempo o mesmo e ao mesmo tempo diferente da *langue* no cérebro de cada membro individual da comunidade. O I pode ser entendido, ou como a *langue* de um indivíduo ampliada em tamanho gigante, na linha do modelo de sociedade *upward conflation* [fusão ascendente] de Archer (1988), ou o 1 pode ser entendido como o coletivo I em microcosmo, na linha do modelo *downward conflation* [fusão descendente] de Archer.⁶ Leitores interpretam a ilustração no *CLG* de acordo com o que eles já imaginam que constitua a sociedade. Para muitos leitores, entretanto, deve parecer uma estranha matemática metafísica na qual séries sem fim de 1s se somam a um escrito diferente (ou de fato a 1, conforme o que Saussure escreveu no quadro negro). Pode também parecer um contraponto ao que o *CLG* diz a respeito da letra *t* (seção 8 abaixo), cuja escrita, entretanto, não lhe altera o valor, contanto que seja distinto de outras letras. No exemplo do *t* o ponto em questão é sobre a natureza dos significantes (assim como dos significados), enquanto que, no caso do I, o ponto é sobre a natureza da *langue* em oposição à *parole*, mas o potencial da inconsistência percebida está lá.

O *CLG* (p. 38) em seguida contrasta este modelo coletivo de *langue* com os diferentes status de *parole*, que parecem assim:

$$(1 + 1' + 1'' + 1''' \dots)$$

Neste caso, os editores alteraram o que está nas notas dos estudantes (*CLG/E* 361), que é:

$$1 + 1 + 1 + \dots = 1 + 1 + 1 + \dots$$

Enquanto a *langue* de indivíduos ‘se soma’ à singularidade coletiva, sua *parole* permanece individual e múltipla. A versão do *CLG* parece expressar a mesma ideia, usando os números 1s para mostrar que a *parole* de indivíduos varia de uma maneira que a sua *langue* não o faz. Os editores reforçam essa mensagem no texto, quando acrescentam a palavra ‘idêntico’ à *langue* no cérebro de cada falante, uma palavra que não aparece nas notas dos estudantes. Saussure usou a metáfora de um dicionário

⁶ Archer usa o termo ‘*upward conflation*’ [fusão ascendente] para se referir a estruturas – propriedades da sociedade – que são reduzidas a propriedades de indivíduos. A sociedade é tratada como um conjunto que toma a forma da figura em tamanho gigante de um indivíduo. Exemplos de ‘fusionistas ascendentes’ se encontram desde os racionalistas individualistas do Iluminismo, até Weber, Popper e os neo-marxistas da Escola de Frankfurt. Na ‘*downward conflation*’ [fusão descendente], por outro lado, considera-se que apenas o sistema de estruturas tem poderes causais, e as propriedades dos indivíduos são reduzidas a propriedades da sociedade. Gramsci, Althusser e Foucault são exemplos óbvios de ‘fusionistas descendentes’, mas Archer também inclui entre eles sociólogos como Durkheim e Parsons, e os sócio-construcionistas.

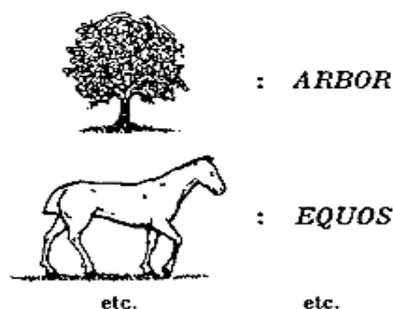
depositado no cérebro de cada falante, o que pareceria implicar identidade – mas metáforas são, por definição, somente parcialmente verdadeiras, não devem ser tomadas literalmente. O diagrama, entretanto, provê um contraponto do baixo tão alto e re-tumbante que torna difícil ouvir as sugestões do oboé de que, de fato, é literalmente impossível que a *langue* possuída por cada falante da comunidade seja idêntica. Ainda assim, este é um constructo teórico que a análise linguística sempre seguiu, e que Saussure e o *CLG* estão tentando clarificar, mais do que uma nova concepção declarada axiomáticamente.

O que os leitores podem deduzir do fato do diagrama da *parole* ser colocado entre parênteses, enquanto que o diagrama da *langue* não o é? Talvez que não haja realidade para a *parole* além das suas manifestações individuais – uma leitura que poderia ser reforçada pela falta de uma equação. Mas isso está em contraponto com o texto do *CLG*, que diz que “a fala [...] é a soma do que as pessoas dizem”, e novamente, logo antes do diagrama, que “não há nada de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e momentâneas. Aqui não há nada mais do que a soma dos casos particulares [...]” (p. 38, itálico JJ) – seguido pelo diagrama que mostra adições, mas não soma.

4. Representando o valor no signo linguístico

Valeur [o valor] é central para a concepção das línguas no *CLG*. A *langue* é uma coleção de signos, cada um, uma conjunção de um conceito mental, o significado, com um padrão mental de som, ou uma imagem de som, o significante. O termo ‘imagem de som’ é decepcionante, entretanto, porque um significante não é realmente uma imagem, mas um valor. Os valores em que significados e significantes consistem não são nada mais do que a sua diferença com todos os outros significantes e significados no sistema da língua. Como você desenha isso? A resposta é que o valor puro não pode ser desenhado diretamente; descrevê-lo verbalmente é difícil o suficiente, e já que não há dimensão visual, qualquer ilustração dele será necessariamente metafórica.

Parte um, capítulo 1 do *CLG* (p. 97) começa com uma exposição da visão ‘nomenclaturista’ da linguagem, que Saussure rejeita, e que ilustra assim:



O erro do nomenclaturista é achar que a ideia ou categoria de *árvore* ou *cavalo* exista antes de sua entrada na língua através da criação de um signo linguístico. O mundo dos fenômenos não se apresenta a nós como pré-categorizado; crianças pequenas não distinguem prontamente entre cachorrões e cavalinhos, e mesmo a maioria dos adultos não está certa sobre a linha divisória entre cavalos e pôneis, ou so-

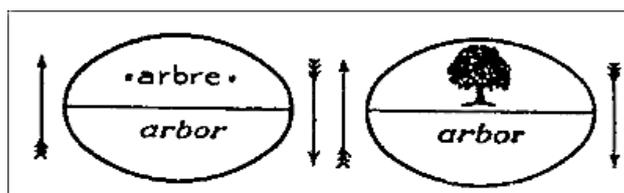
bre o estatuto científico das divisões categoriais entre os equinos, a categoria maior da qual cavalos são uma parte. Assim também com árvores, arbustos, cercas vivas e coisas parecidas.

O *CLG* dá uma palavra latina para árvore e cavalo, como fez Saussure no seu desenho, como copiado nas notas dos alunos (*CLG/E* 1085), embora as formas que ele deu foram a latina pré-clássica *arbos* e a nominativa singular *equus* que, por alguma razão, os editores mudaram para *equos*, ou um nominativo singular do Latim antigo (em todo o caso, por que eles mudaram *arbos* para a forma clássica *arbor*?), ou um acusativo plural do Latim clássico.⁷ Bally era um latinista, então a troca não foi por ignorância. A escolha do Latim em si não é explicada ou observada, seja nas notas dos alunos ou no *CLG*, e é misteriosa para os alunos, especialmente para aqueles que não sabem Latim e que podem nem mesmo reconhecer que essas são palavras latinas. Mas leitores que sabem o que as palavras querem dizer ainda imaginam por que o Latim foi escolhido; há uma implicação de que o Latim é, de alguma maneira, especial? Eles já viram algo do tipo sugerido pelo uso do I Romano na ilustração do modelo coletivo da *langue*, como discutido na Seção 3 acima. Aqui, talvez, o Latim tenha sido usado para simbolizar a universalidade do princípio que está sendo discutido.

A ilustração seguinte (p. 99) é o que Saussure considera o modelo correto para o signo linguístico – uma versão reconfigurada daquele que nós já encontramos na Seção 2 acima:



Este, por sua vez, é seguido no *CLG* (p. 99) por um par de exemplos específicos, colocados lado a lado:



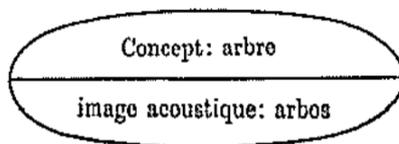
A imagem acústica é a mesma em ambos, *arbor*, enquanto que o conceito está desenhado de duas maneiras diferentes, pela palavra francesa *arbre*, entre aspas, e pelo desenho da árvore repetido da ilustração sobre o nomenclaturismo na página anterior. O leitor tem que fazer uma escolha interpretativa: “*arbre*” e o desenho são o mesmo significado representado de duas maneiras diferentes? Ou dois tipos diferentes de significado, um verbal e um visual? Se diferentes, como eles se relacionam um com o outro? Se iguais, por que então duas representações? Eis o que o texto diz (p. 99), já que, finalmente, se observa que o Latim é a língua que está sendo usada:

⁷ As anotações de Marguerite Sechehaye (S2.8) têm apenas o desenho da árvore e a palavra francesa *arbre*, sem o cavalo.

Se procurarmos o significado da palavra latina *arbor*, ou a palavra pela qual o Latim designa o conceito de “árvore”, fica claro que somente essas aproximações parecem se conformar à realidade, e deixaremos de lado qualquer outra que possa ser imaginada.⁸

São nos oferecidas duas opções para o que ‘procuramos’, depois de ter-nos sido mostradas duas representações diferentes. Poderíamos bem esperar que os leitores entendessem o texto dizendo algo como “a palavra pela qual o Latim designa o conceito “árvore” se refere ao diagrama da esquerda, que contém *arbre*, deixando “o sentido da palavra latina *arbor*” referir ao diagrama da direita – a implicação seria que o sentido de *arbor* é o desenho da árvore. Eu não acho que essa era a intenção dos editores, mas parece ser uma interpretação razoável. Algumas outras complexidades deste par de diagramas são exploradas por Jakobson (1959).

As notas dos alunos não têm este trio de diagramas, têm apenas um (*CLG/E 1094*)⁹



Crucialmente, Saussure não desenhou o signo linguístico contendo a figura da árvore: ele usou os desenhos da árvore e do cavalo somente para ilustrar o nomenclaturismo que ele rejeitava. Criando a ilustração do signo do lado direito, com o desenho representando o significado, os editores abriram a caixa de Pandora dos contrapon-tos, incluindo aquelas que ligam o signo de Saussure à ‘teoria pictórica do sentido’ de Wittgenstein no seu *Tractatus logico-philosophicus* (1922).

Mais do que isso: muitos leitores deixaram o *CLG* com a compreensão de que o significado deste signo não é um valor puro, não é um conceito, nem mesmo o desenho de uma árvore, mas é uma *árvore de verdade*. O texto do *CLG* (p. 98) é claro ao dizer que “O signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica”. Mas a visão nomenclaturista está fortemente enraizada, e não é preciso ir longe para encontrar leituras do *CLG* que, frequentemente usando o diagrama do signo que contém a árvore como ilustração, toma os significados pelo que Frege (1892) chamou referentes.

Provavelmente a leitura mais influente dos diagramas dos signos tenha sido a de Lacan, cujo débito a Saussure, tal e qual seu débito ainda maior a Freud, é complexo e ainda muito debatido. Por um lado, a visão amplamente conhecida de Lacan que o inconsciente é estruturado como uma língua está fundada na sua leitura do *CLG*, parcialmente mediada pelo modo como seus amigos próximos, Lévi-Strauss e Merleau

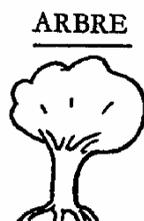
⁸Na versão brasileira do *Curso lê-se* à p. 107 (v. Saussure 1970[1916]): “Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, quer a palavra com a qual o latim designa o conceito “árvore”, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes com a realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que possa imaginar.” (CA)

⁹Dégallier pôs essa figura mais adiante nas suas anotações (*CLG/E 1107, D186*). Poucas passagens antes (*CLG/E 1096*), D185 e IIIC 278 registram uma figura semelhante legendada por *concept* e *image acoustique*, sem qualquer exemplo específico como *arbre*, mas com uma linha pontilhada que vai do *concept* para a palavra *spirituel* [mental], e outra que vai da *image acoustique* para *matérielle* (*au sens de sensorielle*) [material (no sentido de sensorial)].

Ponty o leram. Os três juntos foram os responsáveis por elevar o *CLG* ao status de texto máster do estruturalismo dos meados do século. Desde cedo, entretanto, Lacan se pôs a criticar, subverter e remodelar os principais axiomas de Saussure, começando pelo seu modelo de signo linguístico, que Lacan insistia que devia ser situado como um *sujeito*, um ser humano que o usa com propósito de simbolizar – os símbolos são o assunto central do projeto psicanalítico de Lacan. Em vez de tratar o signo como algo estático, como na figura do lado esquerdo, Lacan o reconfigurou como o ‘algoritmo’ para a produção do sentido simbólico, mostrado à direita:

$$\frac{S}{s} \quad f \left[\frac{S}{s} \right]$$

– onde *S* é o significante, *s* o significado, e *f* a função algorítmica, e com a importância psicanalítica atribuída à barra separando *S* de *s*. Lacan sustenta que a figura à direita, o algoritmo, é a base sobre a qual a linguística moderna está realmente fundada, e ele diz que “A temática desta ciência está doravante suspensa, de fato, à posição primordial do significante e o significado como sendo ordens distintas separadas inicialmente por uma barreira que resiste à significação” (2005[1966]: 114). Ele se refere ao significante e ao significado como *termes supérieur et inférieur* [termos superior e inferior] (1966: 254), e apresenta o seu diagrama deles:



Isto foi com certeza inspirado pelo diagrama do signo que contém a figura de uma árvore, introduzido pelos editores do *CLG*, e, mais geralmente, todos os diagramas de signos sugerem uma leitura do significante e do significado na vertical – donde uma hierarquia implícita –, com uma linha que divide o signo em dois agindo como uma barreira entre as suas partes componentes. Lacan deixou de fora a esfera ovalada que os contém, baseado no fato de que isso sugere uma limitação ao processo de gerar o sentido simbólico, que seria de fato um processo totalmente aberto. Significante-mente, dada a importância que ele coloca na sua posição relativamente um ao outro, ele *reverteu* a posição do significante e do significado. Como Lyotard (2011[1979]: 253) notaria mais tarde, ao criticar Lacan,

Saussure colocou o significado *sobre* o significante, e a linha que os separa nos esquemas, longe de representar repressão ou censura, tem tão pouca consistência que tenderá a desaparecer assim que a noção de valor substituir a de significação em leituras posteriores, o significado de um termo não é nada mais do que um

sumário do seu *valor*, isto é, do seu ambiente sintagmático e paradigmático. E esse ambiente não é escondido, mas transparente.¹⁰

O que não está claro e que continua a inspirar debate é se o reposicionamento de Lacan do significante e do significado foi para mostrar o que Saussure realmente queria dizer, ou se Lacan apenas se lembrou da ilustração do *CLG* incorretamente, ou se a sua mão que fez o desenho foi guiada por algum impulso inconsciente.

5. A massa falante, língua e tempo

Parte um, capítulo 2 do *CLG* (p. 112), contém um diagrama inicial da língua e da massa falante, do lado esquerdo abaixo, que é então completado por um segundo diagrama (p. 113) com a adição de um 'eixo do tempo'.



Se estes diagramas nunca atraíram tanta atenção quanto os precedentes (aparte o detalhado estudo que deles fez Robert 2012), pode ser devido ao fato de que o capítulo precedente afirmou em termos inequívocos que a arbitrariedade é o primeiro princípio do signo linguístico, e o que esses diagramas da língua e da massa falante mostram é apresentado como um dos *resultados* da arbitrariedade, e um limite sobre ela, mais do que uma ilustração do princípio em si mesmo. Ao mesmo tempo, embora seja suficientemente claro que a circunferência ovalada se liga ao retângulo para mostrar como o sistema linguístico está ancorado pela realidade social das pessoas falando umas com as outras, o status da chave e do eixo do tempo não está tão bem explicado.

A figura da esquerda aparece mais ou menos como aqui, com pequenas variações, em todas as notas dos alunos (*CLG/E* 1288), a maior diferença está naquela de Constantin (IIC 324) em que o retângulo de baixo está rotulado como *masse sociale* [massa social] e não como *masse parlante* [massa falante]. De qualquer maneira, é a resposta prévia de Saussure a Lacan: a língua como um sistema de signos está ancorada não em um Sujeito, mas na Sociedade. O texto que acompanha a figura da esquerda no *CLG* (p. 112) diz: “uma massa falante é necessária para que haja uma língua”. A chave significa a inseparabilidade. O ponto sobre a natureza social ser uma ‘característica interna’ da língua é dirigido contra uma distinção que os linguistas regularmente fazem, e continuam a fazer, sobre fatos e forças internas versus externas, em que externo quer dizer os aspectos da existência que impactam apenas

¹⁰Saussure placed the signified *above* the signifier, and the line which separates them in the schemas, far from representing repression or censorship, has so little consistency that it will tend to disappear as the notion of value will supersede that of signification in the later lectures, the signified of a term being nothing more than a summary of its *value*, that is, of its syntagmatic and paradigmatic entourage. And that entourage is not hidden, but transparent.

indiretamente no funcionamento interno do sistema linguístico. Saussure tinha sido ainda mais inflexível neste ponto no segundo curso (*CLG/E* 1286): “O sistema de signos merece consideração somente como uma coisa social. Características anteriores a esta entrada na coletividade não são importantes. Um sistema de signos é feito propriamente somente para a coletividade, e não para um indivíduo”.¹¹

O *CLG* (p. 113) então diz que o esquema da esquerda ainda não captura a realidade da língua porque ele abstrai “a marca do tempo”. Então a flecha Tempo é acrescentada ao esquema à direita, mas de maneira confusa. Por que ele está unido, por uma linha pontilhada, à ligação entre a língua e a massa falante?¹² Isso sugere que a flecha Tempo é ela mesma a ligação entre elas? Por que a flecha foi colocada de maneira tal que o Tempo parece estar se movendo da língua para a massa falante? Ou a linha pontilhada está aí para impedir que os leitores interpretem a flecha daquela maneira, e mostra, ao invés, que todo o conglomerado da língua mais a massa falante está se movendo através do tempo – neste caso, por que não ligar a flecha do tempo à chave?

Como lidar com o tempo foi um problema que perseguiu Saussure desde cedo na sua carreira, e às vezes parece tê-lo obcecado (ver Harris 1987: 199-200; Joseph 2012: 53). Na imaginação popular, a linguística de Saussure é sobre extrair a língua da passagem do tempo, focalizando mais o sistema sincrônico do que a mudança histórica, ou sobre como o sistema é usado na *parole*. Não é preciso ler o trabalho de Saussure muito profundamente para descobrir que seus interesses profissionais foram inteiramente centrados no ‘diacrônico’, sua versão reformada da investigação histórica baseada na comparação de sistemas sincrônicos de diferentes pontos no tempo. Nem a sua semiótica escapa do tempo: o segundo princípio do signo, depois da arbitrariedade, é a *linearidade*, que é uma maneira de imaginar o desdobramento dos signos no tempo como um aspecto ‘interno’ da sua natureza. Isto é diferente de – ainda impossível de separar de – o desdobramento no tempo que acontece na *parole*, quando indivíduos usam os signos em enunciados. Há duas concepções ou dimensões diferentes de tempo envolvidas na *langue* e na *parole*. Saussure estava ciente desde pelo menos o início de 1890 dos desenvolvimentos filosóficos e científicos na compreensão do tempo, através da leitura dos manuscritos do seu irmão René que tratava do assunto (ver Joseph 2012: 366-369, 390). Mas estes novos conceitos, tais como a distinção de *temps* [tempo] e *durée* [duração] de Bergson, não mapeavam nitidamente as diferentes dimensões de tempo tais como Saussure as percebia inerentes em *langue* e *parole*.¹³

Antes da adição da flecha Tempo, a figura da esquerda aparece para ilustrar o fato de que a língua não é “um sistema livre, organizável como se quer” (p. 112), como o princípio da arbitrariedade poderia levar alguém a acreditar, porque está ancorado

¹¹ Anotações de François Bouchardy, B15; no original: «Le système de signes ne mérite pas que l'on s'y arrête qu'en tant que chose sociale. Les caractères antérieurs à cette venue dans la collectivité sont inimportants. Un système de signes n'est proprement fait que pour la collectivité, et non pour un individu.»

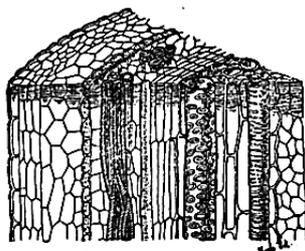
¹² A figura com a flecha que aponta para baixo aparece nas anotações de todos os estudantes em *CLG/E* 1298, mas sem legendas, só a figura oval e o retângulo ligados por uma linha, e outra linha ligando-os à flecha. Nas próprias anotações de Saussure para a aula (N23.6 [3339]), p. 9, a mesma figura aparece, e à sua direita está escrito *masse parlante* et *temps* [massa falante e tempo]. Veja também Robert (2012).

¹³ As palavras *temps* [tempo] e *durée* [duração] ocorrem no *CLG* pouco antes dos diagramas, mas interpoladas pelos editores, que parecem as estar usando mais como sinônimos do que seguindo a distinção de Bergson. O trabalho de Bergson nesta área remonta à sua tese doutoral (1889) mas, foi com o sucesso de Bergson (1907) que ele se tornou internacionalmente conhecido e que seus trabalhos anteriores foram amplamente traduzidos. Também de interesse neste contexto é como o linguista Gustave Guillaume, trabalhando manifestamente em uma tradição saussuriana, lidou com as dificuldades colocadas pelo tempo na língua.

na ‘força social’ (p. 113). As formas lembram um balão que voaria livre se não estivesse amarrado ao peso debaixo dele, que a ambígua palavra *masse* [massa] serve para sublinhar. Saussure, entretanto, insiste que isso seria uma mera idealização, a menos que o Tempo fosse adicionado – produzindo a figura da direita que desafia a interpretação visual. Está o Tempo de alguma maneira se somando à atração que a *masse parlante* exerce sobre a língua? Presumivelmente não; nada no texto sugere isso. Mais provavelmente, ocorreu a Saussure que ele tinha deixado o Tempo de lado em *todas* as suas ilustrações. Se ele tivesse escrito o *CLG*, ele poderia bem ter voltado atrás e acrescentado a flecha Tempo a cada uma das figuras.

6. O caule da planta

Parte um, capítulo 3 (p. 125), mostra um caule cortado transversalmente, para “mostrar simultaneamente a autonomia e a interdependência do sincrônico e do diacrônico” (p. 124):



Isso é marcadamente diferente do que está nas notas dos alunos (*CLG/E* 1458), que é um desenho muito simples de duas fatias, com nenhuma acuidade botânica da figura do *CLG*.



O que Saussure desenhou pareceria ilustrar claramente como “o ponto de vista cria o objeto” (*CLG*, p. 23). A fatia horizontal, correspondente à sincronia, e a fatia vertical, correspondente à diacronia, fornecem duas maneiras diferentes de estudar o mesmo caule.

Então por que os editores substituíram isso pela imagem mostrada acima muito menos direta? Godel (1957: 114) comenta que “A figura que representa a sincronia e a diacronia pelas secções horizontal e vertical de uma planta (D255-26) está acompanhada de um comentário que os alunos anotaram de forma incompleta, então, o raciocínio de Saussure não pode ser reconstruído com certeza”.¹⁴ É verdade que Saussure abusa da metáfora além do que ele pode utilmente sustentar, e fala confusamente da realidade diacrônica como um ‘corpo’ (pp. 124-125).

¹⁴ «La figure qui représente la synchronie et la diachronie par les deux sections, horizontale et verticale, d’un végétal (D255-256) est accompagnée d’un commentaire que les étudiants ont noté incomplètement, de sorte que le raisonnement de Saussure ne se laisse pas rétablir avec certitude».

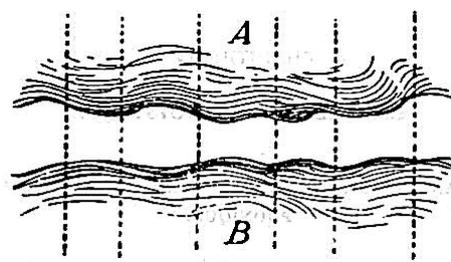
Mas, poderiam os editores estar tentando mascarar um problema adicional? Fatiar o caule da planta verticalmente não propicia realmente o equivalente ao estudo diacrônico de uma língua: este seria, ao invés, uma série de fatias horizontais feitas em alturas diferentes do caule. Ao que a fatia vertical corresponde é o que os linguistas históricos *imaginavam* estar estudando, mas que Saussure percebeu não ser de fato acessível ao estudo direto, da maneira como o caule de uma planta o é.

Mais geralmente, o caule de uma planta é uma metáfora arriscada para uma língua tal como concebida por Saussure. É uma metáfora muito melhor para a concepção contra a qual ele se colocou: que a língua como uma ‘coisa viva’, como sustentado pela linguística ‘naturalista’ (para a qual ver Desmet 1996; Joseph 2012: 377, 411). Para eles, uma língua, em qualquer momento dado, incorpora a história inteira da qual ela é uma projeção, assim como uma planta incorpora a história do seu crescimento. Para Saussure, entretanto, isto é não compreender a natureza de uma língua como um sistema signifiante, um sistema de valores gerados pela diferença – nada na planta é comparável a isso (ver também Saussure 2006[2002]: 146).

Mas se a intenção dos editores era, como estou sugerindo, evitar tal contradição, sua inclusão de um desenho bastante realista do caule de uma planta pode ter tido o efeito oposto, dar aos leitores a mensagem visual de que uma língua realmente é como uma planta, de modo tal que as metáforas frequentemente aplicadas a línguas – ‘vivas’, ‘mortas’, ‘morrendo’ e assim por diante – venham a ser entendidas literalmente.

7. Os reinos flutuantes

Outra ilustração frequentemente citada no *CLG* está na Parte dois, capítulo 4 (p. 156), que mostra como uma língua divide os ‘reinos flutuantes’ de (A), ‘ideias amorfas’ ou ‘pensamento’, e (B), sons:



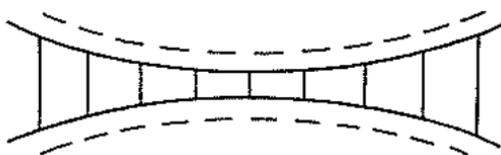
As linhas verticais pontilhadas representam como a *langue* é “uma série de subdivisões contíguas”, cujo papel é “servir como intermediário entre pensamento e som, com a condição de que sua união necessariamente resulte na delimitação recíproca de unidades” (pp. 155-156).

À primeira vista não está claro do que exatamente isto quer ser o desenho de – o que está sendo desenhado como o equivalente metafórico de som e pensamento. O *CLG* (p. 156) continua dizendo:

Imaginemos o ar em contato com um corpo de água: se a pressão atmosférica muda, a superfície da água se quebra em uma série de divisões, ou seja, ondas, e estas ondulações darão a ideia da união e, por assim dizer, do acoplamento do pensamento com a matéria fônica.

Parece que isso se refere diretamente à ilustração. Mas, se assim for, A destina-se a ser ar, e B, água? O que é então o espaço branco entre eles? O que corresponde à pressão atmosférica em mudança – as linhas pontilhadas, ou a forma de A quando o olho do leitor se move da esquerda para a direita? Mas as ondas da parte superior de B corresponde somente parcialmente àquelas na parte inferior de A. Estão ambos, A e B, sendo moldados simultaneamente por uma corrente de ar representada pelo espaço branco entre elas?

Buscando esclarecimentos nas fontes, não encontramos respostas prontas. A ilustração não aparece nas notas dos alunos desta forma, mas como abaixo, rotulada de ‘fato linguístico’ (CLG/E 1827):



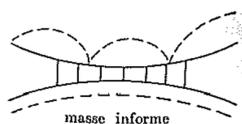
Uma das versões dos alunos (S2.42) tem, abaixo da linha pontilhada inferior, [a expressão] *masse informe* [massa amorfa].¹⁵ Isso parece uma representação mais clara da metáfora, na medida em que as duas linhas pontilhadas (aparentemente os reinos do som e do pensamento), vistos da esquerda para a direita, estão se movendo em paralelo uma à outra e com o que existe entre elas, que eu interpreto ser o fato linguístico; a partir dos desenhos somente poder-se-ia interpretar também as linhas pontilhadas como sendo parte do fato linguístico, embora neste caso não fique claro por que elas são pontilhadas. As linhas verticais que, presumivelmente, indicam o começo e o fim de um signo não foram desenhadas de modo a ultrapassar o limite de entrada dos reinos flutuantes, como acontece na versão do CLG. O que acontece no centro permanece no centro, apesar do comprimento dos paralelos verticais que ocorrem nos dois reinos geminados.

O CLG (p. 156) acrescenta este comentário, que reflete de perto o que está nas notas dos alunos do segundo curso (CLG/E 1829-30):

Embora, caótico por natureza, seja forçado a se tornar preciso ao se romper. Consequentemente não há nem materialização de pensamentos, nem espiritualização de sons, mas é uma questão deste fato algo misterioso de que o ‘pensamento-som’ implica divisões e a língua arranja suas unidades constituindo-as entre duas massas amorfas.

A palavra ‘divisões’ liga as ‘unidades da língua’ às linhas pontilhadas verticais na figura do CLG – novamente sem esclarecer o que a área branca entre A e B deve representar – e isso enfatiza o ponto que o pensamento é ‘caótico’, antes da criação

¹⁵S2.42 é também único na forma da linha superior pontilhada, que está inexplicada:



dos signos linguísticos. Que signos tragam articulação tanto para som quanto para pensamento é uma visão associada de perto a Condillac, especialmente na tradição linguística francesa. Nenhuma referência a Condillac é feita no *CLG*, ou em suas fontes, no entanto, é assim que ele está sendo veiculado nesta ilustração, particularmente na versão dos editores, o que também traz à mente a imagem do ‘fluxo de consciência’, termo criado por Bain (1872), a principal figura no associacionismo do século XIX, que deixou traços significativos no *CLG* (v. Joseph 2004; 2012: 304-412; 2017 e no prelo).¹⁶

8. Maneiras de escrever *t*

A Introdução, Capítulo 6 do *CLG*, é sobre escrita, “sua utilidade, seus defeitos e seus perigo” (p. 44), com ênfase nos dois últimos. O *CLG* enfatiza que a escrita *representa* a língua, mais do que *seja* realmente uma língua. Ainda na Parte dois, Capítulo 4 (p. 165), sobre o valor linguístico, dá como uma ilustração de como o valor é “puramente negativo e diferencial” uma figura de três diferentes maneiras pelas quais “uma única pessoa pode escrever o *t*”:



“A única coisa essencial”, o texto diz, “é que este traço distinga este signo daquele de *I*, *d*, etc”.. Não precisamos achar que Derrida estava certo em tudo que disse sobre Saussure (por ex. em Derrida 1997[1967]: 52-57) para concordar que é realmente estranho que, para ilustrar a noção mais fundamental da sua concepção de sistema linguístico, Saussure tenha justamente recorrido à escrita, logo ele que é tão inflexível em outras passagens sobre o erro de se fazer inferências da escrita para a língua propriamente dita. Os editores do *CLG* devem ter percebido isso, já que eles acrescentaram frases que esclarecem que o ponto sobre os *t*'s não é diretamente sobre a língua, mas sobre “aquele outro sistema de signos, a escrita”. Nas anotações dos alunos do segundo curso (*CLG/E* 1930), Saussure, em vez disso, está enfatizando que, com a escrita, *nous sommes dans le même ordre de choses* [estamos na mesma ordem das coisas] da língua. Para os leitores do *CLG*, a ilustração ajuda a torná-los cientes da variação que ocorre não apenas entre uma pessoa e outra, mas na própria prática do leitor, já que cada um tem a experiência frequente de escrever a letra *t* de forma diferente, no começo, no fim, ou no meio de uma palavra, em letra de mão ou letra de forma, em maiúscula ou minúscula, mas, continua sendo *t* enquanto tiver um traço vertical que é cruzado por outro traço. Em uma página, isto é mais fácil de demonstrar do que a variação que ocorre com sons falados. Mas o preço de usar as letras como exemplos é que a ilustração é assombrada pela primazia da escrita, o que contraria aquilo de que fomos advertidos em uma seção anterior do texto. Se a escrita é de fato tão primária e dominante em nosso pensamento como Saussure insiste, então a mensagem anterior contraria as expectativas de muitos leitores – ao passo que a ilustração das letras corresponde às suas expectativas, provendo a segurança reconfortante que, se você

¹⁶ *Stream of consciousness* [fluxo de consciência] é geralmente associado a James (1890), a quem a criação do termo é, com frequência, erroneamente atribuída.

realmente quiser entender a natureza essencial da linguagem, escrever é o lugar onde você deve procurá-la, afinal de contas.

9. Conclusão

Para nós, hoje, o texto do *CLG* não é apenas o livro publicado em 1916. Ele é inseparável das suas edições posteriores, fontes, traduções e comentários; dos outros escritos de Saussure, tanto os publicados, quanto os não publicados; dos usos que deles fizeram os últimos estruturalistas e os pós-estruturalistas; do vasto corpo de interpretação saussuriana, incluindo coisas que foram pensadas ou ditas publicamente, mas não publicadas (v. Nota 1 por exemplo). Tudo isso constituem arquivos do texto que estão inscritos no próprio texto.

Quanto às figuras, elas são tão centrais para o texto quanto as palavras o são, elas não são apenas um adjuvante secundário delas. Eu tentei aproximar as variantes de leitura das figuras, com o espírito de compreender o que as teria gerado, e que luzes as diferentes leituras poderiam lançar de volta ao texto. Nos vários casos onde os editores do *CLG* fizeram mudanças significativas nos desenhos, tal como registrados pelos alunos de Saussure – a figura da árvore usada para representar o significado é provavelmente a mais consequente de tais mudanças – o ponto não foi mostrar como eles fizeram a coisa errada, mas, novamente, inferir motivos possíveis para as mudanças, e apreciar a riqueza das leituras que elas levantaram.

Falar de riqueza nesse contexto não é antissaussuriano em um sentido teórico, já que a concepção da língua de Saussure não é sustentada por um comprometimento ingênuo com alguma uma teoria codificada ou ‘telementação’, como se lê na interpretação muito pouco generosa e monopolista de Harris. Ao contrário, o perfeccionismo que emerge do obituário de Saussure feito por Meillet (1913: 119-120) e que o impediu de publicar tantos dos seus manuscritos, incluindo aqueles que tratam de considerações gerais sobre a linguagem, se origina, na sua percepção, do fato de ele não poder controlar como os outros leriam suas sentenças lúcidas e elegantes, de modo que o sentido pretendido passasse através delas. Ele teve ampla evidência disso no início do seu trabalho, sendo Regnaud (1891) o exemplo mais gritante. Pela evidência biográfica, variedade de interpretação não era uma riqueza para ele, mas um problema que ele sentia cada vez mais insuperável. Se ele não construiu isso explicitamente no seu modelo de signo linguístico, de sistema linguístico ou de circuito da fala – deixando-os abertos a códigos pré-determinados e à interpretação ‘telementacional’ – ao menos ele não cometeu a autocontradição de Harris, que reivindica uma teoria na qual nenhum sentido pré-estabelecido é possível, ao mesmo tempo que em insiste que a sua leitura do *CLG* é a única possível.

Como mencionado na seção 7, a figura dos editores dos reinos flutuantes cria ligações aparentes com abordagens filosóficas e psicológicas anteriores sobre linguagem e pensamento. Também faz ligação a posteriores, incluindo a versão ‘forte’ da hipótese Sapir-Whorf. Alguns leitores interpretam o *CLG* como sustentando que a linguagem determina o pensamento; que à ‘massa amorfa’ é dada uma forma rígida, pela maneira pela qual as línguas particulares recortam o mundo do pensamento em significados, deixando espaço nenhum para pensamento sem significados. Saussure nunca disse nada do tipo; tampouco o fizeram Sapir ou Whorf. Seria difícil imaginar Saussure, de todas as pessoas, entretendo tal ideia, dado o quanto ele lutou ao longo de décadas para encontrar palavras para expressar sua visão sobre o sistema linguístico. Ele era relutante em introduzir neologismos, e recorria a eles somente quando as palavras de

todo o dia simplesmente frustravam todas suas tentativas de fazê-las expressar o que ele queria. ‘Significante’ e ‘significado’ apareceram somente nas suas últimas conferências sobre linguística geral, depois de anos de exasperação com os mal-entendidos causados por signo, sinal, imagem, conceito e outros termos.

Se algumas vezes ele recorreu a desenhos na esperança de que eles eliminariam as ambiguidades, ele deve ter aprendido, em vez disso, que eles abriam todo um universo de ambiguidades, ao mesmo tempo em que fortaleciam outras já presentes no texto escrito. Se ele tivesse conseguido escrever um livro comparável ao *CLG*, imagina-se se, finalmente, ele teria incluído qualquer ilustração. Poderia ter sido um livro muito maior, com mais discussão de coisas que evitassem ambiguidades, mais do que suas conferências permitiam, tornando-o formidável de se ler – um livro para peritos, mas não um livro capaz de atrair leitores, em parte pela liberdade que concede a eles de compreender seu sentido em vários níveis. Imagina-se se tal livro teria celebrado seu centenário, com todos os seus defeitos.

Referências

- ARCHER, Margaret S. 1988. *Culture and agency: The place of culture in social theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAIN, Alexander. 1872. *Mind and body: The theories of their relation*. New York: D. C. Appleton & Co.
- BERGSON, Henri. 1889. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: Félix Alcan. (Versão ingl., *Time and free will: Essay on the immediate data of consciousness*, trad. de F. L. Pogson, London: George Allen & Unwin, 1910.)
- BERGSON, Henri. 1907. *L'Évolution créatrice*. Paris: Félix Alcan. (Versão ingl., *Creative evolution*, trad. de Arthur Mitchell, London: Macmillan & Co., 1911.)
- BOUQUET, Simon. 1997. *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris: Payot.
- CHRISTENSEN, Hans Dam. 2016. “Plus de figures!: On Saussure’s use of images”. *Visual Communication*, no prelo.
- DERRIDA, Jacques. 1967. *De la grammatologie*. Paris: Minuit. (Versão ingl., *Of grammatology*, trad. de Gayatri Chakravorty Spivak, 2a ed., Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.)
- DESMET, Piet. 1996. *La linguistique naturaliste en France (1867-1922): Nature, origine et évolution du langage*. Leuven & Paris: Peeters.
- FREGE, Gottlob. 1892. Über Sinn und Bedeutung. *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik* 100: 25-50. (Versão ingl., “On sense and reference”, trad. de Max Black, in Peter Geach & Max Black (eds.), *Translations from the philosophical writings of Gottlob Frege*, Oxford: Blackwell, 3a ed., 1980.)
- HARRIS, Roy. 1987. *Reading Saussure: A critical commentary on the Cours de linguistique générale*. London: Duckworth; LaSalle, Ill.: Open Court.
- HARRIS, Roy. 1998. *Introduction to integrational linguistics*. Oxford: Pergamon.

- JAKOBSON, Roman. 1959. "Linguistic glosses to Goldstein's 'Wortbegriff' ". *Journal of Individual Psychology* 15.1: 62-65.
- JAMES, William. 1890. *The principles of psychology*. 2 vols. New York: Henry Holt.
- JOSEPH, John E. 1997. "The 'language myth' myth; or, Roy Harris's red herrings". In: Nigel Love & George Wolf (eds.), *Linguistics inside out: Roy Harris and his critics*, 9-41. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- JOSEPH, John E. 2004. "Les affinités psychologiques de Victor Henry". In: Christian Puech (ed.), *Linguistique et partages disciplinaires à la charnière des XIX^e et XX^e siècles: Victor Henry (1850-1907)*, p. 291-307. Louvain & Paris: Peeters.
- JOSEPH, John E. 2005. "The centenary of the first publication of Saussure's sign theory – Odier (1905)". *Historiographia Linguistica* 32: 309-324.
- JOSEPH, John E. 2012. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press.
- JOSEPH, John E. 2017. *Language, mind and body: A conceptual history*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JOSEPH, John E., no prelo. "The cerebral closet: Language as *valeur* and *trésor* in Saussure". *Swiss Papers in English Language and Literature*.
- KIM, Sung-Do. 2008. "La raison graphique de Saussure". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 61:23-42.
- LACAN, Jacques. 1966. *Écrits I*. Paris: Seuil. (Versão ingl., *Écrits: A selection*, trad. Alan Sheridan, London: Tavistock; New York: Norton, 1977, reimpr. London: Routledge, 2005.)
- LEVIN, Jules F. 1989. "Saussure and the *arbre* 'tree': A fundamental misunderstanding". In: Irmengard Rauch & Gerald F. Carr (eds.), *The semiotic bridge: Trends from California*, p. 355-362. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- LINDA, Markus. 2000. "Ferdinand de Saussures Ansatz einer Semiotologie des Sprechens und Hörens". In: Piet Desmet, Lieve Jooke, Peter Schmitter & Pierre Swiggers (eds.), *The history of linguistic and grammatical praxis: Proceedings of the XIth International Colloquium of the Studienkreis "Geschichte der Sprachwissenschaft" (Leuven, 2nd-4th July 1998)*, p. 477-490. Leuven: Peeters.
- LYOTARD, Jean-François. 1979. *Discours, figure*. Paris: Klincksieck. (Versão ingl., *Discourse figure*, trad. de Antony Hudek & Mary Lydon. Minneapolis & London: University of Minnesota Press, 2011.)
- MEILLET, Antoine. 1913. "Nécrologie: Ferdinand de Saussure". *École Pratique des Hautes Études, Section des sciences historiques et philologiques, Annuaire 1913-1914*, p. 115-123.
- ODIER, Henri. 1905. *Essai d'analyse psychologique du mécanisme du langage dans la compréhension*. Berne: Imprimerie Sheitlin Spring & Cie.
- REGNAUD, Paul. 1891. *Observations critiques sur le système de M. de Saussure*. Gray, Haute Saône: Bouffaut Frères.

- ROBERT, Thomas. 2012. "Le facteur temps dans la vie de la langue: Trois interprétations graphiques de la pensée saussurienne". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 65: 125-132.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1916. *Cours de linguistique générale*, ed. por Charles Bally & Albert Sechehaye, com a assistência de Albert Riedlinger. Lausanne & Paris: Payot. (2a ed. 1922, eds. subsequentes essencialmente inalteradas.) Ed. crítica de Rudolf Engler, *Ferdinand de Saussure, Cours de linguistique générale, édition critique*, tomo 1, 1968; tomo 2, fascículo 4, 1974. Wiesbaden: Otto Harrassowitz. (Versão ingl., *Course in general linguistics*, trad. de Wade Baskin, New York: Philosophical Library, 1959; outra de Roy Harris, London: Duckworth, LaSalle, Ill.: Open Court, 1983.)
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1970[1916]. *Curso de Linguística Geral*. (Versão brasileira de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein.) São Paulo: Cultrix.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2002. *Écrits de linguistique générale*, ed. por Rudolf Engler & Simon Bouquet, com a assistência de Antoinette Weil. Paris: Gallimard. (Versão ingl., *Writings in general linguistics*, trad. Carol Sanders & Matthew Pires, com a assistência de Peter Figueroa, Oxford: Oxford University Press, 2006.)
- STROHEIM, Erich von. 1941. Resenha de *Citizen Kane*. *Decision: A Review of Free Culture* 1(6):91-93. Online em <http://www.fredcamper.com/M/VonStroheim.html>
- WITTGENSTEIN, Ludwig. 1922. *Tractatus logico-philosophicus*. Trad. C. K. Ogden. London: Kegan Paul, Trench & Trubner. (Orig. publ. em alemão in *Annalen der Naturphilosophie*, 1921.)

Parte II
Estudios

A noção de ‘sistema’ no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* de F. de Saussure (1879)^{1,2}

Estanislao Sofia
(Katholieke Universiteit Leuven – FWO)

Resumo

O objetivo deste artigo é examinar a noção de ‘sistema’ e o alcance teórico do termo no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* de Saussure (1879). Através da análise sucinta do emprego que Saussure faz do termo, conclui-se que ele não tinha, ainda, nesta época – apesar de estar incluído no título da obra – um alcance teórico preciso, e não tinha, ainda, em particular, o alcance teórico que Saussure daria a ele nos seus escritos posteriores. Para demonstrá-lo, procedemos a uma comparação dos ‘sistemas’ dos contemporâneos invocados por Saussure, em contraponto com o sistema (não assim nomeado) subjacente à argumentação do *Mémoire*: enquanto os ‘sistemas’ dos contemporâneos de Saussure manipulam elementos foneticamente determináveis, cuja *transformação* (que intervém em diacronia) estaria na origem do vocalismo das línguas indo-europeias conhecidas, o sistema proposto por Saussure estabelece uma *ordem* (que só pode existir em sincronia) que reina entre elementos definidos uns em relação aos outros sobre a base de considerações funcionais e distribucionais.

¹ Tradução de Lygia Testa-Torelli do original francês “La notion de «système» dans le *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* de F. de Saussure (1879)”, capítulo inédito da Tese de Doutorado do autor, *Le problème de la définition des entités linguistiques chez Ferdinand de Saussure*. Univ. Paris-Ouest, Nanterre, 2009. A menos que expressamente indicado o tradutor, as citações e expressões em francês foram traduzidas por LT-T; aquelas em alemão, por Edgard Bikelis.

² A interpretação desse texto que, de acordo com a expressão de Havet (1879 [1978]: 107), «fai[sai]t suer sang et eau» [fa[zia] suarem frio] os leitores contemporâneos de Saussure – até mesmo aqueles que, como o próprio Havet, eram versados nos tecnicismos mais abstrusos da gramática comparada –, permanece, ainda hoje, praticamente inacessível sem o apoio de uma bibliografia secundária. Servimo-nos amplamente, no presente trabalho, da (pouco) conhecida tradução italiana do *Mémoire*, feita por Giuseppe Vincenzi (1978); das resenhas de Havet (1870) e Kruszewski (1880 [1978]); de um excelente estudo de Cristina Vallini (1969) sobre a analogia em Saussure; da introdução de Giorgio Derossi a seu livro de 1965 (cf. Derossi 1965); de um texto de Szemerényi (1973) sobre a teoria das laringais; da leitura do *Mémoire* efetuada por Kurylowicz (1978); de um trabalho de Koerner (1987), de dois textos de M.-J. Béguelin (2000 et 2003) e dos dois artigos admiravelmente claros de Gabriel Bergounioux, que teve a amabilidade de nos deixar a par de um de seus textos inéditos (cf. Bergounioux 2006 e *inédito*). Não nos limitamos a essas leituras, mas, os demais títulos consultados, certas vezes tão entenebrecidos quanto o próprio *Mémoire*, não contribuíram muito para nos tornar compreensível uma obra que permanece, nos termos de Bergounioux, « probablement l’ouvrage le plus ambitieux de la grammaire comparée » [provavelmente a obra mais ambiciosa da gramática comparada] (Bergounioux, *inédito*). Em uma perspectiva mais vasta, a obra de Pedersen (1931) nos foi tão preciosa quanto as de Morpurgo Davies (1998 e 2004).

Abstract

The purpose of this article is to examine the concept of ‘system’ and the theoretical scope of the term in the *Mémoire sur le système primitive des voyelles dans les langues indo-européennes* de Saussure (1879). Through a brief analysis of Saussure’s use of the term, it follows that it had not at this time – despite being included in the title of the work – a precise theoretical range, and had not, in particular, the theoretical range that Saussure would give to the term in his later writings. To demonstrate it, we proceeded to a comparison between the ‘systems’ invoked by Saussure’s contemporaries, as opposed to the system (not so named) underlying the argument of the *Mémoire*: while the ‘systems’ of Saussure’s contemporaries manipulate determinable elements phonetically, whose *transformation* (in diachrony) would be in the origin of the known Indo-European languages vocalism, the system proposed by Saussure establishes an *order* (which can only exist in synchrony) prevailing among elements defined in relation to each other on the basis of functional and distributional considerations.

1. Introdução

Com exceção do título, levantamos, salvo engano, pouco mais de vinte ocorrências do termo ‘sistema’ no *Mémoire* de 1879.³ Nenhuma delas revela uma conceptualização, uma problematização, ou uma reflexão sobre o alcance *teórico* daquela noção. Saussure o utiliza, com raras exceções, como simples sinônimo de ‘esquema’, ‘modelo’ ou ‘teoria’, para indicar o *ponto de vista* pessoal que tal ou tal autor adotava sobre tal ou tal fenômeno – neste texto, naturalmente, trata-se, a todo o momento, do vocalismo indo-europeu. Dez das vinte ocorrências acima mencionadas fazem alusão a ‘sistemas’ propostos por linguistas contemporâneos, ou pouco anteriores a Saussure, que deles faz uma breve revisão nas cinco primeiras páginas de sua obra. Ele apresenta, assim, após ter lembrado a concepção de Bopp (*Mémoire*: 4), o ‘sistema de M. Curtius’, retomado por ‘M. Fick’; o ‘sistema de Schleicher’, que ele menciona por quatro vezes nas páginas 5 e 6, que seria retomado por Amelung, e o de Karl Brugmann (*cf.* nota 2), etc. Entretanto, ainda que Saussure empregue a cada vez o termo ‘sistema’, é evidente que ele não entende que sua concepção constitua «ensembles d’éléments qui dépendent réciproquement les uns des autres de manière à former un tout organisé», [conjuntos de elementos que dependem reciprocamente uns dos outros de maneira a formar um todo organizado], conforme a segunda acepção de ‘sistema’ que se encontra, por exemplo, em Lalande (1926: 1096), nem conjuntos «toutes les parties sont plus ou moins solidaires» [cujas partes sejam todas mais ou menos solidárias], de acordo com uma das definições que o próprio Saussure enunciaria alguns anos mais

³ *Cf. Mémoire*: 3 (“sistema de vogais em seu conjunto”); p. 4 (“sistema de M. Curtius”); p. 4, (“sistema precedente” [*i.e.* de Curtius]); p. 5 (“sistema de Schleicher” [três menções]); p. 6, (“esse sistema” [*i.e.* de Schleicher, melhorado por Amelung e discutido por Meyer]; p. 60 (“seu sistema” [*i.e.* de Amelung]); p. 63 (“os partidários de todos os sistemas”); p. 110 (“sistema de Amelung”); p. 110 (“nosso próprio sistema”); p. 127 (“sistema completo das vogais primordiais”); p. 127 (“sistema das vogais tal como o compreendemos”); p. 153 (“as necessidades do sistema” [pej.]); p. 155 (“sistema das vogais”); p. 199 (“o sistema vocálico se acresce, então, de dois fonemas, o \bar{a}_1 e o \bar{a}_2 ”); p. 261 (“sistema morfológico”); p. 267, (“sistema de Schleicher” [correção da página 114]). Essas remissões, assim como a totalidade das remissões ao *Mémoire* neste artigo, respondem à paginação adotada no *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* (Saussure 1922: 1-268; um quadro de correspondências com a edição de 1879 é apresentado na página 637 do volume citado).

tarde (cf. CLG/E 1446 D). Muito ao contrário, Saussure considera suspeitos os procedimentos de seus contemporâneos: quando ele evoca seus 'sistemas', ele se refere às suas *hipóteses*, aos seus *pontos de vista*, às suas *posições* em relação a um problema que, da maneira como era apresentado, "levava", segundo Saussure, "a nada", pois sua base não passava de um «agrégat qui n'avait point d'unité organique» [agregado que não tinha qualquer unidade orgânica.]⁴

Que o conceito de 'sistema' não esteja teorizado no *Mémoire* não significa, com certeza, que a *noção* de 'sistema' esteja aí ausente. Sejam claros: a ideia de um certo «ensemble d'éléments [...] qui dépendent réciproquement les uns des autres de manière à former un tout organisé» [conjunto de elementos [...] que dependem reciprocamente uns dos outros de maneira a formar um todo organizado] (Lalande 1926: 1096) está bem representada, mas ela não se acompanha de um trabalho de reflexão consciente e explícita sobre o alcance teórico da noção; falta, como consequência, uma definição. A noção é *imane*nte à hipótese e à maneira de argumentar do *Mémoire*, de maneira tal que poderíamos até mesmo dizer, com Koerner (1987: 205), que ela constitui sua pedra angular,⁵ mas ela não é, ainda, teoricamente elaborada. Não há, estritamente falando, a conceptualização do termo.

A explicitação de algumas das divergências entre o 'sistema' e os modos de proceder saussurianos, assim como das *hipóteses* de seus contemporâneos, servirá de ilustração ao que acabamos de dizer, e constituirá o argumento principal deste artigo.

2. Os 'sistemas' dos contemporâneos de Saussure

A questão para a qual o *Mémoire* tenta trazer uma solução é evocada por Saussure na forma em que ela era adotada por Bopp e seus sucessores:

Bopp e aqueles que sucederam imediatamente o ilustre autor da *Gramática comparada* se limitaram a constatar que, quanto às três vogais *a*, *e*, *o* das línguas europeias, o *ário*⁶ apresentava uniformemente *a*. O *e* e o *o* passaram desde então por abrandamentos próprios aos idiomas do Ocidente e relativamente recentes do *a* indo-europeu. (*Mémoire*: 4)⁷

Os 'sistemas', cujo recenseamento Saussure empreende nas primeiras páginas de seu *Mémoire*, eram, nesse sentido, uma tentativa de solução àquela questão específica: por que, «en regard des trois voyelles *a e o* des langues européennes» [no que diz

⁴ «La dispute entre les partisans du scindement (*a* primitif affaibli partiellement en *e*) et ceux du double *a* originaire (*a*₁ et *a*₂ devenus *e* et *a*), cette dispute, il faut le dire, porte dans le vide, parce qu'on comprend sous le nom d'*a* des langues d'Europe un agrégat qui n'a point d'unité organique» (*Mémoire*: 7). [A disputa entre os partidários da cisão ([de um] *a* primitivo enfraquecido parcialmente em *e*) e aqueles [que defendem a existência de] um *a* duplo original (*a*₁ e *a*₂ que se tornaram *e* e *a*), esta disputa, é necessário dizê-lo, é vazia, porque se compreende sob o termo *a* nas línguas da Europa um agregado que não tem absolutamente unidade orgânica.]

⁵ «Com efeito, podemos dizer que, no *Mémoire*, 'sistema' é a *clé de voûte*, a pedra angular que sustenta o edifício inteiro» (Koerner 1987: 205).

⁶ Por 'ário', Saussure se refere ao grupo que compreende o iraniano (avéstico, persa antigo, persa moderno, curdo, etc.) e o indo-iraniano (sânscrito e línguas da Índia) (cf. Vicenzi 1978: 335) [cf. igualmente *Curso I*: 108].

⁷ «Bopp et ceux qui suivirent immédiatement l'illustre auteur de la *Grammaire comparée* se bornèrent à constater qu'en regard des trois voyelles *a, e, o* des langues européennes, l'arien montrait uniformément *a*. L'*e* et l'*o* passèrent dès lors pour des affaiblissements propres aux idiomes de l'Occident et relativement récents de l'*a* indo-européen.»

respeito às três vogais *a e o* das línguas indo-europeias], o sânscrito e o grupo indo-iraniano apresentavam “uniformément *a*” ? Confrontados com este problema, os primeiros praticantes da gramática comparada permaneceram ‘sânsritocêntricos’⁸. Eles atribuíram ao indo-europeu o estado das suas descobertas no sânscrito, considerado historicamente (*e*, portanto, pensavam eles, estrutural e morfológicamente) o *mais próximo* da ‘língua mãe’ *e*, nessa ilusão, estabeleceram que, para essas três vogais das línguas indo-europeias, havia existido, originariamente, apenas um elemento vocálico, o *a*⁹: «*l’e et l’o passerent dès lors pour des affaiblissements propres aux idiomes de l’Occident et relativement récents de l’a indo-européen*» [*e e o* passaram desde então por abrandamentos próprios aos idiomas do Ocidente e relativamente recentes do *a* indo-europeu] (*Mémoire*: 4).

Adotando essa hipótese de um *a* original, Curtius (1820-1885) formulou, em 1864,¹⁰ sua teoria da *Spaltung* [‘divisão, cisão’], que postulava precisamente uma cisão do *a* proto-indo-europeu inicialmente em *a/e*, depois em *a/e/o*, nas línguas da Europa:

[...] partindo da ideia aceita de que a língua-mãe não possuía senão as três vogais *a, i, u*, ele concluiu que todos os povos europeus tiveram que atravessar um período comum em que, falando ainda uma mesma língua, já estavam separados de seus irmãos da Ásia: que, durante aquele período, uma parte dos *a* havia se enfraquecido – sob uma influência desconhecida – em *e*, enquanto que o resto persistia como *a*. Mais tarde, as diferentes línguas permitiram que fosse concluída, separadamente umas das outras, uma segunda divisão do *a*, que produziu o *o*. (*Mémoire*: 4).¹¹

Esta explicação que Saussure chama de ‘o sistema de M. Curtius’, e que foi retomada por Fick, foi esquematizada no *Mémoire* como se segue:

Cremos representar extamente o sistema de Curtius pelo seguinte quadro:

Indo-europ.	<i>a</i>	<i>ā</i>
Europeu	<i>a; e</i>	<i>ā</i>
Mais tarde	<i>a o; e</i>	<i>ā</i>

⁸O termo parece ter sido introduzido por Mayrhofer (1983: 130-136 [citado por Koerner 1987: 207]). Ver também Derossi (1965: 9-13), Vincenzi (1978: 336, n. 9), Bergounioux (2006: § 1). Saussure se refere a esse *item* da história da Linguística em seu segundo curso (cf. *Cours II*, pp. 79 ss).

⁹O inventário do vocalismo indo-europeu, tal como Bopp e os primeiros comparatistas o concebiam, dispunha somente de três timbres vocálicos: uma vogal *a* (de que se conjecturava a existência de uma dupla duração: *ā* e *ā*) e duas semi-vogais, *i, u*. Eles também reconheciam, em geral, a existência de duas soantes: *r* e *l* (cf. Bergounioux 2006; cf. Morpurgo Davies 2004: 17).

¹⁰A obra em que Curtius apresentou sua teoria se intitula *Über die Spaltung des A-Lautes im Griechischen und Lateinischen mit Verleignung der übrigen europäischen Glieder des indogermanischen Sprachstammes* [Sobre a divisão dos sons de *A* em Grego e Latim com a comparação dos ramos europeus remanescentes do tronco indo-europeu], e foi publicada em Leipzig em 1864, nos *Sitzungsberichte der königlichen sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften* [Anais da Real Sociedade Saxã de Ciências].

¹¹«...partant de l’idée reçue que la langue-mère ne possédait que les trois voyelles *a, i, u*, il tira cette conclusion que tous les peuples européens avaient dû traverser une période commune, où, parlant encore une même langue, ils étaient déjà séparés de leurs frères d’Asie: que durant cette période une partie des *a* s’étaient – sous une influence inconnue – affaiblis en *e*, tandis que le reste persistait comme *a*. Plus tard les différentes langues ont laissé s’accomplir, séparément les unes des autres, un second scindement de l’*a* qui a produit l’*o*.»

A exposição de M. Fick (*Spracheinheit der Indogermanen Europas* [*A unidade linguística da Europa indo-europeia*]: 176 ss.)¹² reproduz em linhas gerais o sistema precedente. (*Mémoire*: 4)

Saussure faz menção, em seguida, ao ‘sistema de Schleicher’, apresentado por este último em seu *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* [*Compêndio de Gramática Comparada das línguas indo-europeias*] (Weimar 1861), frequentemente considerado como o fundador da problemática do vocalismo indo-europeu (cf. Vincenzi 1978: 335, n. 9). Esse ‘sistema’, que continua a repousar sobre a hipótese de um timbre originário único (*a*), estabelecia «dans chaque série vocalique deux degrés de renforcement produits par l’adjonction d’un ou de deux *a*» [em cada série vocálica dois graus de reforço produzidos pela adjunção de um ou de dois *a*] (*Mémoire*: 5),¹³ que Saussure representa da seguinte maneira:

Indo-europ.	<i>a</i>	<i>aa</i>	<i>āa</i>	
Europeu	<i>a e o</i>	<i>a o ā</i>	<i>ā</i>	(<i>Mémoire</i> : 5)

Tal ‘sistema’ foi aceito de maneira geral pelos comparatistas que seguiram a publicação do *Compendium* (quatro edições entre 1861 e 1876 testemunham o sucesso da obra) e foi ainda adotada, com algumas modificações, por Arthur Amelung (1840-1874), cujo esquema – sempre chamado de ‘sistema’ – é também reconstituído por Saussure:

Indo-europ.	<i>a</i>	<i>ā</i>	<i>â</i>	
(Ário	<i>a</i>	<i>a ā</i>	<i>ā</i>)	
Europeu	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>ā</i>	
Gótico	<i>i</i>	<i>a</i>	<i>ō</i>	
Grego	<i>α</i>	<i>αο</i>	<i>αω</i>	(<i>Mémoire</i> : 6)

A totalidade dos ‘sistemas’ assim recensados por Saussure postulava, como se vê, um estado primitivo mono-vocálico. Como o *i* e o *u* podiam funcionar ora como consoante, ora como vogal, eles eram considerados menos *estáveis* do que o *a*, que permanecia, assim, o único timbre *puramente* vocálico: é o que por vezes foi chamado de hipótese do ‘alfaísmo’ (cf. Bergounioux 2006; *Cours I*: 123; *Cours II*: 82).¹⁴ O objetivo desses autores era explicar, cada qual a sua maneira, uma *transformação*; eles relacionavam os elementos de um certo período com os elementos de períodos posteriores. O ‘sistema de Curtius’, o ‘sistema de Schleicher’ ou o ‘sistema de Amelung’ eram as *hipóteses* que esses autores haviam formulado, em outros termos, sobre as modalidades desta *evolução*. A utilização de termos como ‘degradação’, ‘gradação’, ‘enfraquecimento’ ou ‘reforço’ dos elementos vocálicos revela, ademais, que esses ‘sistemas’ estavam ainda centrados em critérios *substanciais*: os elementos vocálicos eram concebidos como entidades cujo substrato acústico era essencial determinar.

¹²Saussure faz alusão ao *Die ehemalige Spracheinheit der Indogermanen Europas* [*A antiga unidade linguística da Europa indo-europeia*], publicado por August Fick (1833-1916) em Göttingen em 1873.

¹³O ‘reforço’ resultante da adjunção de um *a* breve é o que os gramáticos indianos chamavam, desde Pāṇini, de *guna*; aquele operado pela adjunção de um *a* longo (ou ‘de dois *a*’) corresponde ao que eles chamavam de *vr̥ddhi* (cf. Bergounioux 2006: 4, n. 3).

¹⁴Não é muito difícil encontrar traços dessa concepção nos dicionários, ainda hoje. A edição 2005-2005 do *Dizionario Devoto-Oli della Lingua Italiana*, por exemplo, propõe a seguinte definição da letra ‘a’: “1. Primeira letra do alfabeto italiano e latino, derivada do *alfa* grego e, este, do fenício ‘*Ip*, que significa “touro”. É a *vogal fundamental*, que se pronuncia com a máxima abertura dos lábios e com a língua em posição de quase absoluto repouso”. (grifo nosso, ES).

O equilíbrio desse conjunto de hipóteses sofreu um primeiro choque com a chegada das teses de Brugmann (1849-1919), que questionou algumas daquelas *certezas* e contribuiu, antes que Saussure o revirasse completamente, para desestabilizar o consenso reinante. Segundo os termos de Saussure no *Mémoire*, Brugmann já havia «[...] fait remonter l'existence de l'*e*, en tant que voyelle distincte de toute autre, à la période indo-européenne, sans prétendre par là que sa prononciation ait été dès l'origine celle d'un *e*» [remontado a existência do *e*, enquanto vogal distinta de todas as outras, no período indo-europeu, sem pretender com isso que sua pronúncia fosse, desde a origem, aquela de um *e*] (*Mémoire*: 6). Ele [Brugmann] se contrapunha, assim, à hipótese do mono-vocalismo originário *e*, ao mesmo tempo, relegava a segundo plano, mesmo que de maneira transitória, a determinação dos valores fonéticos dos elementos vocálicos.¹⁵ É interessante notar a maneira pela qual Saussure captou seu gesto: o *e* identificado por Brugmann (e que ele anotava '*a*₁') foi definido, escreveu Saussure, como «une voyelle distincte de toute autre» [uma vogal distinta de todas as outras]: o aspecto diferencial foi, assim, ressaltado. Ao elemento '*a*₁' Brugmann opunha, então, um «phonème plus fort, qu'il appelle *a*₂» [fonema mais forte, que ele chamou *a*₂] (*Mémoire*: 6), que completava, dessa maneira, seu 'sistema':

		(<i>ā</i>)			
Indo-europ.	<i>a</i> ₁	<i>ā</i> ₂	<i>ā</i>		
Europeu	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>ā</i>	(<i>Mémoire</i> : 6 ; cf. nota 12)	

Este 'sistema', apresentado por Brugmann nos artigos publicados entre 1876 e 1878¹⁶ e adotado sucessivamente por Collitz (em 1878) e por Schmidt (em 1881) – um e outro tendo tirado partido, entretanto, dos argumentos saussurianos (cf. Marchese 2008: 223-225) – constituía, assim, o estado dos conhecimentos mais ou menos geralmente aceitos (ou em vias de sê-lo), quando Saussure desceu à arena.¹⁷

3. O sistema de Saussure: uma álgebra

Diante do conjunto das posições recenseadas (nada menos do que a soma dos conhecimentos acumulados, durante quase quarenta anos, por toda uma ciência), Saus-

¹⁵ Brugmann postulou a existência, em proto-indoeuropeu, de três tipos de *a*, que ele anotou utilizando uma nomenclatura algébrica: *a*₁, que permaneceu *a* em sânscrito e indo-iraniano, e se tornou *e* nas línguas europeias;

*a*₂, que se tornou *o* nas línguas itálicas e eslavas, *a* nas línguas germânicas e bálticas, e *a* no indo-iraniano (*skr. ā* em sílaba aberta); e *a*, que permaneceu *a* em toda parte. Esse sistema de notação foi criticado por Osthoff e por Collitz (cf. *Morphologische Untersuchungen [Investigações Morfológicas]* I: 208); este último argumentou que os caracteres fonéticos de certos elementos vocálicos eram perfeitamente determináveis e que, por isso, não deveriam ser ignorados. Na introdução ao segundo volume das *Morphologische Untersuchungen*, Brugmann reconheceu as razões de Collitz e aceitou abandonar sua nomenclatura algébrica em favor da notação tradicional, que comporta a informação substancial sobre os elementos vocálicos: '*a* e *o*' (cf. Vallini 1969: 13, n. 14).

¹⁶ A saber: «Zur Geschichte der stammabstufenden Declinationen. Erste Abhandlung: Die Nomina auf *-ar-* und *-tar-*», *Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik* [Sobre a história das declinações com gradação temática. Primeiro ensaio: os nomes em *-ar* e *-tar*, *Estudos sobre gramática grega e latina*] vol. 9, 1876: 361-406; et «Zur Geschichte der Nominalsuffixe *-as-*, *-jas-* und *-vas-*» [Sobre a história dos sufixos nominais *-as-*, *-jas-* und *-vas-*], *Kuhn's Zeitschrift* 24, 1878: 1-99. [a rigor, *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung [Revista de Linguística Comparada]*, nota de EB.]

¹⁷ Para um tratamento claro das diferenças entre os procedimentos de Brugmann e de Saussure, deve-se consultar as primeiras páginas do artigo de Cristina Vallini (1969), já citado, e a resenha do *Mémoire*, por Kruszewski (1880[1978]). Para um resumo do estado da arte dos pressupostos consensuais à época em que Saussure escreve seu *Mémoire*, v. Morpurgo Davies (2004: 17).

sure enunciou sua hipótese com segurança e desenvoltura tais que, quando lembramos de que ele tinha apenas vinte-e-um anos, nos surpreendemos:

Vemos que, em resumo, no que toca às línguas do Ocidente, os diferentes autores, quaisquer que sejam seus pontos de vista, operam com três grandezas: o *e*, o *a* e o *ā* das línguas europeias. Nossa tarefa consistirá em colocar luzes sobre o fato de que se trata, na verdade, de quatro termos diferentes, e não de três [...] (*Mémoire*: 6)¹⁸

O primeiro traço distintivo da demonstração de Saussure consiste, então, em mostrar que o número de elementos relativos a «ce qu'on appelle l'*a* indo-européen» [ao que se denomina o *a* indo-europeu] (*cf. Mémoire*: 3) não é três, mas quatro 'grandezas' nas línguas do ramo ítalo-grego: *a*, *ā*, *e*, *o* (*cf. Mémoire*: 114). A segunda particularidade importante em sua argumentação reside no fato de que Saussure não procura justificar suas quatro grandezas nas línguas europeias como uma forma de evolução, transformação ou bifurcação de um número menor de grandezas do estado primitivo; pelo contrário: os quatro elementos serão projetados em bloco 'na língua mãe':

Essas quatro espécies de *a* que tentaremos encontrar na base do vocalismo europeu, nós as perseguiremos mais remotamente ainda, e chegaremos à conclusão de que elas já pertenciam à língua-mãe de onde saíram as línguas do Oriente e do Ocidente. (*Mémoire*: 6-7)^{19 20}

Esta hipótese, na realidade, já havia sido apresentada no *Essai* de 1877 (*cf. Rec.*: 379-390) em que Saussure, adotando parcialmente a nomenclatura de Brugmann,²¹ havia simbolizado os quatro elementos fazendo abstração do timbre e de todo caráter substancial dos elementos vocálicos:

A	A ₂	a	a ₂
---	----------------	---	----------------

(*Rec.*: 382)

O fato desses elementos terem sido representados tipograficamente pelos '*a*' e '*A*', o que poderia sugerir parentesco *fônético* com a vogal '*a*', era, com efeito, acessório,

¹⁸ «On voit qu'en résumé, pour ce qui est des langues de l'Occident, les différents auteurs, quel que soit leur point de vue, opèrent avec trois grandeurs: l'*e*, l'*a* et l'*ā* des langues européennes. Notre tâche sera de mettre en lumière le fait qu'il s'agit en réalité de quatre termes différents, et non de trois [...]»

¹⁹ «Ces quatre espèces d'*a* que nous allons essayer de retrouver à la base du vocalisme européen, nous les poursuivrons plus haut encore, et nous arriverons à la conclusion qu'ils appartenaient déjà à la langue mère d'où sont sorties les langues de l'Orient et de l'Occident.»

²⁰ Saussure trata das razões que o levaram a estabelecer um sistema de quatro termos nas línguas da Europa nos capítulos II e III de seu *Mémoire*. A projeção desse sistema no estado primitivo será justificada no capítulo IV, em que Saussure, após ter recapitulado as contribuições das cem páginas precedentes, conclui: «il n'y a plus qu'une solution plausible au problème: transporter tel quel dans la langue mère le schéma obtenu pour l'européen, sauf, bien entendu, ce qui est de la détermination exacte du son que devaient avoir les différents phonèmes» [não há senão uma solução plausível para o problema: transportar tal e qual para a língua-mãe o esquema obtido para o europeu, salvo, claro, o que for a determinação exata do som que deviam ter os diferentes fonemas.] (*Mémoire*: 115 [sublinhado no texto, ES]).

²¹ «Nous appelons *a* et *a*₂ ce que M. Brugmann dans ses derniers travaux appelle *a*₁ et *a*₂. La suppression du chiffre 1 devenait possible du moment que nous faisons usage de la majuscule et non du chiffre 3 pour désigner notre nouvel *a*» [Nós chamamos de *a* e *a*₂ o que Brugmann nos seus últimos trabalhos chamou de *a*₁ e *a*₂. A supressão do número 1 se tornou possível a partir do momento em que fizemos uso da maiúscula e não do número 3 para designar nosso novo *a*] (*Rec.*: 382).

como o próprio Saussure esclarecerá no texto. Essa nomenclatura não faz referência ao 'som', mas à 'vogal indo-europeia' que Saussure entende por *a*:

Quando quisermos falar do *som* *a* ou do *a* em geral, e não da vogal indo-europeia que entendemos por *a*, empregaremos o caractere normal em lugar do itálico (*Rec.*: 382 [sublinhado no texto]).²²

O interesse de Saussure era, então, designar algebricamente quatro elementos *distintos* entre eles e "distincts de tous autres" [distintos de todos os outros] (*cf. Mémoire*: 114), sem levar em consideração o fato de serem suscetíveis de ser pronunciados, ouvidos ou escritos, de uma maneira ou de outra. Se ele utiliza esses quatro símbolos em lugar de, por exemplo, *w*, *x*, *y* e *z*, é com o objetivo de manter, em certa medida, continuidade com os trabalhos científicos da época, sobretudo com os de Karl Brugmann (*cf. note* 43). Já no *Mémoire*, Saussure se serviria, para designar esses mesmos elementos, de um sistema de notação ligeiramente diferente ('*a*₁', '*a*₂', '*A*' e '*A*') [*cf. Mémoire*: 113]), o que constitui uma prova complementar do caráter arbitrário de sua nomenclatura.²³

4. O sistema de Saussure: uma morfologia

Como então, se não é baseado em considerações substanciais, que Saussure justifica o fato desses quatro elementos serem distintos entre eles e «distincts de tous autres» [distintos de todos os outros] ? É na resposta a esta pergunta que reside a particularidade fundamental do procedimento saussuriano: essas quatro grandezas são estabelecidas por Saussure com base em suas propriedades funcionais e distributivas (*cf. Vallini* 1969: 9; 63 *et passim*). O critério pelo qual Saussure identificou um elemento '*x*' como sendo diferente de um elemento '*y*' é o seguinte: estes elementos têm funções e comportamentos distribucionais diferentes.²⁴ Esse tratamento supunha uma mudança heurística radical. Como as grandezas de uma estrutura distribucional se definem por seu comportamento complementar (implicando-se opositivamente umas sobre as outras), elas devem, necessariamente, ser contemporâneas. Este método supunha, assim, uma abordagem não *evolutiva*, mas *sincrônica* dos fenômenos em questão – o vocalismo primitivo –, mesmo que esse *estado* não passasse de uma reconstrução hipotética.²⁵ Por outro lado, o estabelecimento da *distribuição*

²² «Quand nous voudrions parler du *som* *a* ou de l'*a* en général, et non de la voyelle indo-européenne que nous entendons par *a*, nous emploierons le caractère ordinaire au lieu de l'italique.»

²³ O sistema de notação do *Mémoire* é tampouco uniforme: ele varia pelas páginas ao longo da obra.

²⁴ «Egli [Saussure, ES] cerca i *caratteri* delle diverse *a*, e li ritrova nelle proprietà («distributive, diremmo noi) che sono proprie alle *na* ma non alle altre» [Ele [Saussure] procura os *caracteres* dos diversos *a*, e os encontra nas propriedades (distributivas, diríamos) que são próprias a uns, mas não a outros] (Vallini 1969: 9).

²⁵ Esse estado hipotético, jamais atestado, recebe com frequência no *Mémoire* o nome de 'período proético' (*cf. Mémoire*: 23; 86, etc.): nenhuma língua europeia o exemplifica completamente; é apenas a soma dos testemunhos parciais coletados nas diferentes línguas que permite que ele seja estabelecido. "A explicação pelo *sistema*", considerava Bergonioux (*inedito*) a esse respeito, «représente une façon de suspendre la visée diachronique, historique, en stabilisant, en un point qui n'est jamais situé par une datation absolue (Saussure s'en tient à des repères relatifs), un état du vocalisme qu'on retrouve transformé dans toutes les langues attestées en sorte qu'aucune ne peut prétendre le figurer». [representa uma maneira de suspender a orientação diacrônica, histórica, ao estabilizar, em um ponto que jamais é situado por uma datação absoluta (Saussure se atém a referências relativas), um estado do vocalismo que encontramos transformado em todas as línguas atestadas, de modo tal que nenhuma possa pretender figurá-lo.]

dos elementos vocálicos implicava considerar os *papeis* que esses elementos desempenhavam no nível articulatorio (no sentido de Martinet 1957) *superior*: os elementos, definidos como diferentes uns dos outros com base em propriedades distributivas e funcionais, deviam necessariamente se realizar em uma unidade morfológica. É assim que vemos Saussure se engajar na determinação da função gramatical dos elementos vocálicos no seio, sobretudo, das raízes verbais.²⁶

Essa mudança heurística radical representa muito provavelmente aquilo que tanto chocou os contemporâneos de Saussure e que, uma vez aceito pela comunidade científica, mudaria para sempre o rumo da gramática comparada. Mikolaj Kruszewski (1851-1887) foi um dos primeiros a entrever a novidade:

O vocalismo de uma determinada palavra está em estreita dependência da forma dessa mesma palavra: por exemplo, os nomes com sufixo originário *-ti* apresentam um radical em forma fraca (ant. eslav. ecles. *sŭ-mrŭ-tŭ*), aqueles com sufixo originário *-a* têm um radical em forma forte (ant. eslav. *mo-rŭ*). Saussure usou esse princípio para fazer da morfologia o fio condutor das pesquisas fonológicas. (Kruszewski 1880[1978]: 444) [por nós traduzido pela tradução italiana de Vincenzi, ES]²⁷

É nesse sentido que podemos afirmar que o *Mémoire* constitui «le premier traité moderne de morpho(nologie) indo-européenne, voire de morphologie tout court» [o primeiro tratado moderno de morfo(fono)logia indo-europeia, talvez mesmo de morfologia *tout court*] (Reichler-Béguelin 2003: 161).²⁸

5. Conclusão

Assim, enquanto os 'sistemas' de Curtius ou Schleicher manipulavam elementos foneticamente determináveis, cuja *modificação* (a modificação *fonética*) estaria, segundo suas hipóteses, na origem do vocalismo das línguas indo-europeias conhecidas, o 'sistema' proposto por Saussure estabelecia uma *ordem* (sincrônica) reinante entre elementos, definidos uns em relação aos outros na base das suas propriedades funcionais e distribucionais (cf. Vallini 1969: 63; Vincenzi 1978: 323; Bergounioux 2006: 6). É, entretanto, quando faz alusão aos modelos propostos por seus contemporâneos, cuja falta de 'unidade orgânica' denuncia (cf. *Mémoire*: 7 [v. *supra*]), que Saussure emprega, na maior parte do tempo, o termo 'sistema'. Seu próprio modelo, cuja definição relativa dos elementos evoca tão claramente a definição proposta por Lalande (1926: 1096), «ensemble d'éléments qui dépendent réciproquement les uns des autres de manière à former un tout organisé», [conjunto de elementos que dependem

²⁶ Saussure consagra os capítulos V e VI a considerações morfológicas e gramaticais. O capítulo V, o mais longo e complexo do *Mémoire*, tem justamente como título «Rôle grammatical des différentes espèces d'*a*» [Papel gramatical dos diferentes tipos de *a*] (cf. *Mémoire*: 123-227).

²⁷ «Le vocalisme d'un mot donné est en étroite dépendance de la forme de ce mot : par exemple les noms à suffixe originnaire *-ti* présentent un radical sous une forme faible (ant. sl. *sŭ-mrŭ-tŭ*), ceux à suffixe originnaire *-a* ont un radical sous une forme forte (ant. sl. *mo-rŭ*). Saussure s'est servi de ce principe pour faire de la morphologie le fil conducteur des recherches phonétiques.» [Trad. ES]

²⁸ A ideia de que o *Mémoire* representaria um tratado 'de morfologia *tout court*' nos parece, entretanto, um pouco exagerada. A ambição de Saussure é reconstruir 'o sistema primitivo das vogais' e, dentro desse objetivo, ele não se atém somente às referências de ordem morfológica. A ideia segundo a qual o *Mémoire* seria um tratado 'morfo-fonológico' é mais ponderada, e foi assim reconhecida, à exceção de Kruszewski, por autores como Szemerényi (1973: 3), ou Kurylowicz (1978: 25).

reciprocamente uns dos outros de maneira a formar um todo organizado], é nomeado 'sistema' apenas raramente. Com exceção do título e de sua retomada no primeiro parágrafo (*cf. Mémoire: 3*), só vamos encontrá-lo assim nomeado apenas na página 110 ("nosso sistema"), e na página 127, em que Saussure apresenta o que ele havia anunciado no título de sua obra, a saber: «le système complet des voyelles tel que nous le comprenons» [o sistema completo das vogais tais como o compreendemos] (*cf. nota 2*). Esse emprego, ainda que restrito, permanece, entretanto, muito significativo, pois ele antecipa desenvolvimentos *posteriores*, em que a noção de 'língua' (entendida precisamente como 'sistema') será definida como um conjunto cujas «toutes les parties peuvent e doivent être considérées dans leur solidarité synchronique» [partes todas podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica] (*cf. CLG: 124*).²⁹ Mas essa noção não é ainda *teorizada* enquanto tal. Modelos que são a antítese exata dessa ideia são igualmente nomeados 'sistemas', mais frequentemente, de fato, do que o modelo algébrico, morfológico e sincrônico de Saussure.

Seria, pois, um erro – que se repita, para concluir – afirmar que a *noção* de 'sistema' está ausente do *Mémoire*, mas afirmar que o *conceito* está presente nele comportaria, igualmente, um erro de interpretação: não há, neste texto, nem uma delimitação consciente e refletida, nem uma definição do que seria um 'sistema'. É entre o *Mémoire* e os três cursos de 1907-1911 que essa conceptualização será operada por Saussure, como tentamos mostrar em nossa tese (Sofia 2009) e em um texto a ser brevemente publicado (Sofia 2017).

Abreviações

CLG = SAUSSURE F. de (1916 [1922]), *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bally et Albert Sechehaye, avec la collaboration d'Albert Riedlinger, Paris, Payot, 1980.

CLG/E = SAUSSURE F. de (1967-68), *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler, t.1, Wiesbaden, Harrassowitz.

SAUSSURE F. de (1974), *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler, t. 2, Wiesbaden, Harrassowitz.

Cours I = SAUSSURE F. de (1996), *Premier cours de linguistique générale (1907) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger*. Edited by Eisuke Komatsu & George Wolf, Oxford – New York – Tokyo, PergamonPress.

Cours II = SAUSSURE F. de (1997), *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*. Edited by Eisuke Komatsu & Georges Wolf, Oxford – New York – Tokyo, PergamonPress, pp. 1-108.

Mémoire = SAUSSURE F. de (1879 [paru en réalité en déc. 1878]), *Mémoire sur le système primitif de voyelles dans les langues indo-européennes*, in F. de Saussure,

²⁹Essa passagem, provavelmente uma das mais citadas do CLG, está calcada quase sem modificações nas anotações feitas pelos ouvintes da aula de 6 de junho de 1991, uma das últimas do terceiro curso de Linguística Geral. A versão de Joseph é a mais próxima do texto do CLG: «la langue est un système dont toutes ses parties sont plus ou moins solidaires.» [a língua é um sistema cujas partes são todas mais ou menos solidárias] (CLG/E 1446 D).

Recueil de publications scientifiques de Ferdinand de Saussure, Genève, Slatkine Reprints, 1922.

Rec. = SAUSSURE F. de (1922), *Recueil de publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, Genève, Slatkine Reprints, 1922.

Referências

- BERGOUNIOUX, Gabriel (*inédito*). “Le *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* de F. de Saussure : une critique des catégories du comparatisme”.
- BERGOUNIOUX, Gabriel. 2006. “Vers le *Mémoire*, ou comment le structuralisme vint à Saussure”. *Les dossiers de HEL* (suplemento eletrônico da revista *Histoire, Epistémologie, Langage*. Paris: SHESL, 2006, n°3). (Disponível *on line* em: <http://htl.linguist.jussieu.fr/num3.htm/bergou.pdf> [consultado em 29/01/2009])
- DEROSSI, Giorgio. 1965. *Segno e struttura linguistici nel pensiero di Ferdinand de Saussure*. Trieste: Del Bianco Editore.
- HAVET Louis. 1879[1978]. “Compte rendu de *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* par Ferdinand de Saussure”. *Journal de Genève*, mardi 25 février 1879 (reimpr. nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* 32: 103-122).
- KOERNER E. F. K. 1987. “The importance of Saussure’s *Mémoire* in the development of historical linguistics”. In: Cardona & Zide, *Festschrift for Henry Hoernigswald, on the occasion of his seventieth birthday*. Tübingen: Narr, p. 201-217.
- KRUSZEWSKI, Mikolaj. 1880. “Nuovissime scoperte nel campo del vocalismo indo-europeo”. [reimpr. em F. de Saussure, *Saggio sul vocalismo indoeuropeo*. Bologna: CLUEB, 1978, p. 441-449.]
- KURYLOWICZ, Jerzy. 1978. “Lecture du *Mémoire* en 1978: un commentaire”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 32: 7-26. Droz: Genève.
- LALANDE, André. 1926. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: PUF.
- MARCHESE, Maria Pia. 2008. “Tra biografia e teoria: due inediti di Saussure del 1893 (A de S 377/8 e 377/13)”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 60: 217-235.
- MARTINET, André. 1957. “Arbitraire linguistique et double articulation”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 15: 105-116.
- MORPURGO DAVIES, Anna. 1998. *History of Linguistics. Volume IV; Nineteenth-Century Linguistics*. London & New York: Longman.
- MORPURGO DAVIES, Anna. 2004. “Saussure and Indo-European linguistics”. In: C. Sanders (ed.), *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 9-29.

- PEDERSEN, Holger. 1931. *Linguistics Science in the Nineteenth Century. Methods and Results*. Cambridge: Harvard University Press.
- REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. 2003. "La méthode comparative et l'enseignement du *Mémoire*". In: S. Bouquet (ed.), *Cahiers L'Herne 76 : Ferdinand de Saussure*, p. 150-164.
- REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. 2000. "Des coefficients sonantiques à la théorie des laryngales". In: S. Auroux (ed.), *Histoire des idées linguistiques*, t. 3. Madraga: Sprimont, p. 173-182.
- SOFIA, Estanislao. 2009. *Le problème de la définition des entités linguistiques chez Ferdinand de Saussure*. Tese de Doutorado. U. Paris X – Nanterre – La Défense.
- SOFIA, Estanislao. 2017. "Système et systématisme chez Ferdinand de Saussure". *Linx* 74 (2017-1), no prelo.
- SZEMERÉNYI, Oswald. 1973. "La théorie des laryngales de Saussure à Kurylowicz et à Benveniste. Essai de réévaluation". *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, LXVIII. 1: 1-25.
- VALLINI, Cristina. 1969. "Problemi di método in Ferdinand de Saussure indoeuropeista". *Studi e sagginguistici* 9: 1-85.
- VINCENZI, Giuseppe Carlo. 1978. "Introduzione, traduzione et note". In: F. de Saussure, *Saggio sul vocalismo indoeuropeo*. Bologna: CLUEB.

O ensino da Linguística Geral: um estudo, uma placa de ferro e um cavalo

Lygia Testa-Torelli
(Universidade de São Paulo – CEDOCH)

Uma *identidade linguística* possui algo de absolutamente particular: ela implica a associação de dois elementos heterogêneos. Se nos convidassem a fixar a espécie química de uma placa de ferro [...], e, em seguida, a espécie zoológica de um cavalo, [...] teríamos duas tarefas fáceis; mas, se nos convidassem a fixar qual ‘espécie’ representa esse conjunto excêntrico de uma placa de ferro presa a um cavalo, [...] protestaríamos, declarando ser absurda a tarefa. É precisamente diante dessa tarefa absurda que o linguista deve compreender que está situado, de cara e desde o início.¹ (Saussure 2002: 18)²

Resumo

Neste artigo, proponho e discuto uma metodologia para o estudo da atividade de ensino da Linguística Geral. Dentro do quadro teórico da Historiografia Linguística (Auroux 1994, Koerner 1996, Swiggers 2004) e no âmbito do primeiro curso de Linguística Geral ministrado, em 1907, por Saussure, promovi a associação de dois elementos, talvez menos heterogêneos do que a placa de ferro e o cavalo: as definições (Swiggers 2009) e os exemplos de língua (Chevallard, Colombat, Fournier, Guillaume, Lallot 2007).³

Abstract

In this article, I propose and discuss a methodology for the study of the General Linguistics teaching. Within the theoretical framework of Linguistic Historiography (Auroux 1994, Koerner 1996, Swiggers 2004) and in the context of the

¹Tradução minha (LTT), mesmo caso das demais citações traduzidas para o português neste artigo.

²«Une *identité linguistique* a cela d'absolument particulier qu'elle implique l'association de deux éléments hétérogènes. Si l'on nous invitait à fixer l'espèce chimique d'une plaque de fer [...], et ensuite l'espèce zoologique d'un cheval, [...] ce seraient deux tâches faciles; mais si l'on nous invitait à fixer quelle « espèce » représente cet ensemble bizarre d'une plaque de fer attachée à un cheval, [...] nous nous récrierions en déclarant la tâche absurde. Cette tâche absurde est précisément celle devant laquelle il faut que le linguiste comprenne qu'il est d'emblée et dès l'abord placé.»

³O presente trabalho retoma e amplia a pesquisa concebida em nível de mestrado, orientada por Cristina Altman, financiada pelo CNPq e defendida em 2015 (V. Testa-Torelli 2015). A dissertação pode ser consultada em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15102015-140046/en.php>.

first General Linguistics course taught in 1907 by Saussure, I promoted the association of two elements, perhaps less heterogeneous than the iron plate and the horse: the definitions (Swiggers 2009) and the linguistic examples (Chevillard, Colombat, Fournier, Guillaume, Lallot 2007).

1. Construção do problema: o Saussure professor

A cada campo de estudo, seus objetos: para a Química, a placa de ferro; para a Zoologia, o cavalo. Datado dos anos 1890 (Rastier 2013: 3), o manuscrito autógrafo nos informa que o objeto de estudo da Linguística reúne dois elementos heterogêneos: a placa de ferro e o cavalo, a maior das estranhezas como metáfora do conceito de 'identidade' na Linguística. Se a metáfora permaneceu ou não na reflexão de Saussure, não importa: o importante é que se registre o desconforto provocado, naquele momento, pela "...associação de dois elementos heterogêneos".

O ensino foi uma das situações profissionais mais recorrentes na vida de Saussure. Durante trinta anos, entre a Escola Prática de Altos Estudos (EPHE, Paris, 1881-1891) e a então Faculdade de Letras e Ciências Sociais (Universidade de Genebra, 1891-1912), o linguista ministrou diversas disciplinas (Fehr 2000: 237-238), tendo sido o sânscrito o mais constante de sua carreira (D'Ottavi 2012: 125); suas qualidades no ensino foram reconhecidas tanto em Paris como em Genebra (Joseph 2012: 295; 318); dispomos de testemunhos em que o professor justifica suas escolhas relativas ao ensino de idiomas germânicos (Joseph 2012: 292), assim como documentos outros em que opina sobre a reforma curricular de Linguística Geral (Vincent 2013: 129-130). Em 1908, o discurso da cerimônia de homenagem⁴ a Saussure contemplou sua atividade de ensino:

[...] impossível dar uma ideia de seu modo de exposição, porque ele é único; é uma imaginação científica, a mais fecunda que se poderia sonhar, a partir da qual ideias criativas explodem; é um método ao mesmo tempo leve e severo [...], um não sei quê que revela uma natureza de artista e que consegue colocar uma nota de beleza e de sóbria elegância à discussão dos mais árduos problemas. (Bally, citado e traduzido para o inglês por Joseph 2012: 527)⁵

Os numerosos elogios endereçados a Saussure condizem com a celebração, mas são extremamente vagos para nos informar sobre o trabalho do professor. Em que consistiria ser dotado de um 'modo de exposição único', 'leve e severo', 'indefinível', artístico, criativo ?

O interesse pela dimensão do ensino em Saussure pode ser ilustrado pela presença de um eixo temático sobre a didática do *Curso de Linguística Geral*, em colóquio que celebrou o centenário da obra.⁶ No que diz respeito ao presente trabalho, interessou-

⁴A carreira e os cinquenta anos de idade de Saussure foram celebrados com um *Festschrift*, organizado pelo então colega Charles Bally (1865-1947) [cf. Joseph 2012: 527].

⁵"[...] To give an idea of your mode of exposition is something impossible because it is something unique; it is a scientific imagination, the most fecund that would be dreamed of, from which creative ideas explode; it is a method at once supple and severe [...] a *je ne sais quoi* which reveals an artist's nature and which manages to add a note of beauty and of sober elegance to the discussion of the most arduous problems". (Joseph 2012: 527).

⁶Colóquio *Le Cours de Linguistique Générale 1916-2016: l'émergence*. Genebra, de 9 a 14 de janeiro de 2017, sessão 12, "Didactique du CLG". Fonte: <http://www.clg2016.org/geneve/programme/>. Consulta em 30/9/2016.

me particularmente investigar algumas estratégias didáticas dos cursos ministrados por Saussure, de modo a fazer daí emergir, não o hábil indoeuropeísta do final do século XIX, nem o consagrado mentor, *avant la lettre*, da linguística estrutural do século XX, mas sim, o celebrado professor dos cursos de *Linguística Geral*. Para tal, dentro do quadro teórico da Historiografia Linguística (Auroux 1994, Koerner 1996, Swiggers 2004) e, nos limites do primeiro curso de Linguística Geral ministrado, em 1907, por Saussure (doravante *Curso I*), promovi, como estratégia central de investigação, o exame de dois dos elementos constitutivos, em princípio, de qualquer prática didática, menos heterogêneos do que a placa de ferro e o cavalo, mas nem por isso mais afeitos a uma associação automática: são eles, as definições e os exemplos de língua utilizados por Saussure, no que denominei domínios da Fonética, da Fonologia e da Analogia.

1.1 Definições e exemplos como parâmetros de análise

Tome-se como exemplo ilustrativo da nossa estratégia, o trecho que Saussure dedica ao exame das causas das *évolutions phonétiques* [evoluções fonéticas], i.e., das modificações que a matéria fônica de todas as línguas sofre com o tempo (Saussure 1996: 28). No decurso da exposição, Saussure relaciona seis causas – todas refutadas – das evoluções fonéticas (Saussure 1996: 37-41). Eis a primeira delas, a *loi du moindre effort* [lei do menor esforço]:

1ª causa. O fenômeno fonético foi provocado pela lei do menor esforço: no lugar de duas articulações se fez apenas uma, no lugar de uma articulação difícil, ela foi substituída por uma mais cômoda. (Saussure 1996: 37).⁷

Saussure define ‘lei do menor esforço através de exemplos linguisticamente pertinentes: a ‘lei’ exerceria sua força sobre o número de vogais articuladas – de duas para apenas uma –; e sobre grau de dificuldade na articulação dessas vogais: da mais difícil para a mais fácil. Os dados de que Saussure se vale para exemplificar essa primeira causa da evolução, entretanto, não confirmam automaticamente a definição sugerida, ao contrário, colocam em xeque a própria existência da ‘lei’. Observe-se:

O princípio do menor esforço parece, de fato, ser a causa das mudanças fonéticas em certo número de casos: [...] assim o é para a monotongação dos ditongos [...]: *ai* em francês antigo > *ē* (*maison*, *maison*). Mas seria talvez igualmente fácil propor certo número de casos em que se dá exatamente o contrário. Assim o é para a monotongação nos casos em que *ī ū ü* se modificaram <em alemão antigo> [...] em *ei au eu* [...]. (Saussure 1996: 38)⁸

O trecho mostra os sentidos contrários das transformações fonéticas nos dois idiomas: em francês, de ditongos para monotongos; em alemão, de monotongos para

⁷ «1ère cause. Le phénomène phonétique a été provoqué par la loi du moindre effort: à la place de deux articulations on n'en a fait qu'une seule, à la place d'une articulation difficile on en a substitué une plus commode.»

⁸ «Le principe du moindre effort semble bien être la cause des changements phonétiques dans un certain nombre de cas: [...] ainsi la monophthongaison des diphtongues [...]: *ai* en vieux français > *ē* (*maison*, *maison*). Mais ils serait peu-être aussi facile de poser un certain nombre de cas où il se passe exactement le contraire. Ainsi pour la monophthongaison nos cas em que *ī ū ü* se sont changés <en vieil allemand> [...] en *ei au eu* [...].»

ditongos. O primeiro idioma confirma, pois, a lei do menor esforço; não é o caso do segundo. A argumentação de Saussure prossegue trazendo mais exemplos e contra-exemplos em diferentes idiomas, sem que qualquer um deles prevaleça sobre outro: «Par ces exemples toutefois nous n'avons pas voulu opposer une réfutation au pied levé à la solution proposée. En effet il est très délicat de déterminer dans chaque langue ce qui <était> plus facile et plus difficile.» [Com esses exemplos, entretanto, não quisemos opor uma refutação improvisada à solução proposta. É, de fato, muito delicado determinar em cada língua aquilo que é mais fácil e mais difícil.] (Saussure 1996: 38).

A observação das definições e exemplos utilizados por Saussure, de que a 'lei do menor esforço' aqui apresentada é apenas uma pequena amostra, nos oferece elementos mais objetivos para avaliar o trabalho de Saussure como professor do que as elogiosas palavras dos ex-alunos: ele teria clareza, porque mostra exemplos em diferentes idiomas; ele teria complexidade, porque os exemplos que seleciona colocam a lei estudada em cheque. Mesmo assim, ainda resta o problema de como abordar a 'didática' de Saussure com menos interferência de minha própria concepção do que seria 'ter clareza', 'ter complexidade', ou mesmo 'ensinar'. Para isso, busquei na literatura historiográfica autores que me ajudassem a construir um conjunto de procedimentos que me permitisse descrever os tipos de definições utilizados por Saussure, de um lado e, de outro, os exemplos de que se valeu e as relações entre ambos.

1.2 Incidência *rei* ou *nominis*

Swiggers (2009) propõe que as definições tenham sua análise repartida em três níveis não hierarquizados (Swiggers 2009: 27-28), quais sejam, o nível da incidência (*rei* ou *nominis*), o nível do conteúdo (essencial, formal, funcional) e o nível da forma linguística (copulativa, final, inclusiva, estipulativa).

Neste artigo, concentro-me no nível da incidência, que avalia se a definição realça ou apaga o processo de nomeação do conceito. No trecho a seguir, a título de exemplo, observe-se o uso do próprio termo 'termo': «Ce terme <d'analogie> est emprunté à la grammaire grecque (opposé à anomalie).» [Esse termo <analogia> foi emprestado da gramática grega (faz oposição com anomalia).] (Saussure 1996: 55-56). Em contraposição, o apagamento da informação relativa ao nome do conceito, uma *definitio rei*, aparece em trechos como: «Tou<tes> les <modifications normales de la langue qui ne viennent pas du changement>phonétique <sont des effets de> l'analogie.» [To<das> as <modificações normais da língua que não vêm da mudança> fonética <são efeitos da> analogia.] (Saussure 1996: 55). Minha expectativa em relação à classificação do corpus de definições com o critério da incidência era que Saussure usasse *nominis* para os termos que demandavam uma discussão terminológica em sala, e usasse *rei* para os demais conceitos.

1.3 A tipologia dos exemplos

Para a análise dos exemplos de língua, me vali das proposições de Chevillard, Colombat, Fournier, Guillaume, Lallot (2007), trabalho em que os autores propõem uma tipologia dos exemplos, os fragmentos de língua-objeto inseridos no discurso gramatical. O estudo analisou gramáticas das tradições árabe, francesa, grega, latina e tâmil, com os critérios da demarcação (tipográfica ou robusta), da representação (por extensão ou por compreensão) e dos tipos (listas, paradigmas, citações, etc.). O critério da demarcação se concentra na apresentação gráfico-discursiva dos exemplos,

percebida pela tipografia (pontuação, parênteses, mudança de fonte e de linha, etc.) ou de maneira ‘robusta’, em sintagmas metalinguísticos que designam o exemplo (‘por exemplo’, ‘como’, ‘diz-se’, etc.). O segundo critério nos informa se a língua que o exemplo ilustra é representada por extensão, isto é, de maneira exaustiva (lista fechada de grafemas do alfabeto, por exemplo) ou, de outra forma, por compreensão, quando a unidade do exemplo é válida para além de si mesma, matriz geradora de novos exemplos (uso de variáveis como o pronome em ‘*Ele* saiu’, de listas abertas, de partículas – ‘etc.’ – e de marcadores – ‘como’, etc.). O critério dos tipos, por fim, retoma e expande os dois critérios anteriores. Quanto à disposição gráfica, os exemplos podem se apresentar em listas (abertas ou fechadas), paradigmas (conjugações e declinações) ou séries. Os tipos investigam, ainda, suas relações (exemplo e contraexemplo) e sua proveniência (herdados, inventados).

Os trabalhos de Swiggers (2009) e de Chevillard et al. (2007), severamente resumidos nesta seção, apresentaram os exemplos e as definições como categorias passíveis de estudo. Na transposição desse quadro teórico para um corpus saussuriano, fiz perguntas do gênero: será que quando a prioridade é a discussão terminológica, caso da definição *nominis*, uma definição vai apresentar tantos exemplos quanto um termo definido em *rei*? Concentrei-me, assim, em observar se existia alguma regularidade entre, por um lado, o tipo de definição e, por outro lado, a demarcação, a representação e os tipos de exemplo. A metodologia que construí para o presente estudo sobre o ensino da Linguística Geral deu origem a um *corpus* de 2484 (dois mil, quatrocentos e oitenta e quatro) dados, além de uma animadora profusão de dados outros não previstos pelo recorte inicial da pesquisa.

2. O ensino de Saussure nos domínios da Fonologia, Fonética e Analogia: definições e exemplos

A principal razão para a escolha do curso de 1907 foi o fato de que ministrar um curso de Linguística Geral representou atividade nova para um experiente professor. Parti de uma periodização externa e cronológica, referente ao intervalo entre janeiro e julho de 1907, momento em que o *Curso I* efetivamente ocorreu na Universidade de Genebra (cf. Komatsu 1996: VIII e Joseph 2012: 492-529). Adotei como fonte primária os três cadernos manuscritos de Riedlinger, tal como estabelecidos por Komatsu. O *Curso de Linguística Geral* de 1916 é composto por pouco mais de vinte por cento daquelas anotações, no cálculo de Joseph (2012: 722).

As anotações referentes ao *Curso I* mostram que o professor começou as aulas pela delimitação de fronteiras entre algumas disciplinas – Antropologia, Filologia, dentre outras – e a Linguística, assim como pelo exame de *erreurs* [erros] presentes nos estudos da linguagem (Saussure 1996: 3). São apresentados, em seguida, os *principes de phonologie* [princípios de fonologia], conteúdo externo ao campo da Linguística propriamente dita, no curso de 1907. Passa-se aos dois ‘capítulos’ (Komatsu 1996: V) que ocuparam a maior extensão do curso, o das chamadas *évolutions* [evoluções], *phonétiques* [fonéticas] e *analogiques* [analógicas]. Por fim, faz-se um apanhado das famílias de línguas indo-europeias e dos métodos reconstrutivo e comparativo.

Para efeitos de organização dos dados, dentro desta fonte primária (Komatsu 1996), estabeleci três unidades de ensino do curso ministrado por Saussure em 1907, que denominei simplesmente de *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*. Minha análise se organizou correspondentemente: examinei as definições e os exemplos de língua discu-

tidos por Saussure em cada um dos domínios, procurando, em cada um, caracterizar as estratégias didáticas de Saussure e as relações entre elas.

2.1 Idiomas utilizados nos domínios da Fonética, Fonologia e Analogia

Procurei criar contrastes entre conteúdos, a fim de observar, por exemplo, se a presença de exemplos em determinado idioma se alterava em função do assunto abordado. Com base no uso do termo ‘domínio’ por Caussat (1978: 32), delimito três porções contíguas dos conteúdos ministrados no *Curso I*: Fonologia, Fonética e Analogia. O *corpus* produzido pelos parâmetros de análise se repartiu entre 60 (sessenta) definições e 2424 (dois mil, quatrocentos e vinte e quatro) exemplos de língua, como vemos no Quadro 1:

Quadro 1: *Corpus* do estudo sobre o ensino de Linguística Geral

Domínio ‘Fonologia’ (Saussure 1996: 12-27)	Domínio ‘Fonética’ (Saussure 1996: 27-55)	Domínio ‘Analogia’ (Saussure 1996: 55-104)	Fonologia, Fonética e Analogia (Saussure 1996: 12-104)
11.2% do Curso I	21.6% do Curso I	39.6% do Curso I	72.4% do Curso I
22 termos com definições	17 termos com definições	21 termos com definições	60 termos com definições
302 exemplos de língua	826 exemplos de língua	1296 exemplos de língua	2424 exemplos de língua

Quatro foram os idiomas mais presentes em Fonologia, Fonética e Analogia: francês (25%), alemão (24%), latim (23%) e grego (12%). O francês atuou, sobretudo, como glosa para os outros idiomas e como fonte de criações analógicas; o alemão, o latim e o grego ilustraram aspectos do tema desenvolvido para o qual a língua francesa era considerada *voilée* [encoberta] (Saussure 1996: 31), como no caso da facilidade de percepção de determinadas raízes e certos prefixos, em que o grego e o alemão se sobressaem em relação ao francês (Saussure, 1996: 73; 76).

O francês ocupa o 4º lugar em Fonologia (5.9%), o terceiro lugar em Fonética (17.7%) e o primeiro lugar em Analogia (35.1%). No primeiro domínio, a língua ilustra fonemas considerados menos evidentes para a audiência (Saussure 1996: 18). Em Fonética, o idioma se apresenta em transformações que vão do latim ao francês (Saussure 1996: 45), enquanto que, em Analogia, o francês oferece tanto criações analógicas historicamente atestadas como analogias possíveis, o que aponta para o repertório da audiência que, fluente em francês, podia compreender o teor de criação dos exemplos (Saussure 1996: 62).

Em todos os domínios, o latim ocupa o segundo lugar dos exemplos de língua (11.9% em Fonologia, 28.9% em Fonética e 24.38% em Analogia). Em Fonologia e Fonética, a justificativa para o uso do latim é uma maior nitidez para ilustrar certas questões do que o francês, como a percepção da duração das sílabas pelos falantes, na oposição entre sílabas breves e longas (Saussure 1996: 23) ou a composição de certas palavras (Saussure 1996: 45). Em Analogia, diferentemente, Saussure aponta, desde o início do tópico, que não são necessários ‘exemplos históricos’ (Saussure 1996: 56) para compreender o fenômeno da analogia, mas o latim fornece ao menos um caso para a explicação: a criação analógica *honos* (Saussure 1996: 56-57; 61).

O alemão tem baixa presença em Fonologia (1.6%), domínio para o qual fornece exemplos de variedades regionais de fonemas (Saussure 1996: 17). Já em Fonética e Analogia o idioma se reveza com o francês: onde este ocupa o terceiro lugar, aquele

ocupa o primeiro, e vice-versa. Em Fonética (36.3%), o alemão é a língua que mais fornece exemplos ao domínio e ela é apontada como mais vantajosa do que a francesa para apresentar certos tópicos (Saussure 1996: 31). Além disso, o alemão fornece à Fonética terminologia própria, forjada em alemão para o estudo da mesma língua. Nesse sentido, quando Saussure apresenta o que chama de vasto campo das *Lautverschiebungen* alemãs (Saussure 1996: 33), ele expõe o aluno ao ‘banco de dados’ daquele tema. Em Analogia, o alemão ocupa o terceiro lugar (20.3%) e atua onde o francês é considerado mais opaco, como na percepção de raízes e prefixos (Saussure 1996: 76).

O grego, por fim, é mais frequente em Fonologia (4.3%) do que o alemão. Em Fonética (11.1%) e Analogia (14.4%), o idioma ocupa o quarto lugar e exerce a função de acompanhamento de idiomas cujas argumentações reforça. Em Fonologia e Fonética, ele acompanhou o latim, ao passo que, em Analogia, ele acompanhou mais frequentemente o alemão, pela alegada facilidade de percepção de subunidades das palavras. De acordo com o plano de ensino da Linguística Geral apresentado por Saussure, em 1906, latim e grego eram pré-requisitos de Linguística Geral, devendo, a disciplina, despertar uma ‘nova percepção’ desses idiomas nos alunos (Vincent 2013: 129).

Em resumo, as línguas preferidas para a exemplificação, no *Curso I*, variam em função do conteúdo ministrado: em Fonologia, preferiu-se latim; em Fonética, o alemão; em Analogia, o francês. Uma análise mais detalhada das definições é apresentada no item seguinte; os exemplos linguísticos, quanto à demarcação, representação e tipos, são comentados na última parte desta seção.

2.2 Os termos definidos em Fonética, Fonologia e Analogia

‘Fonologia’, no *Curso I*, é área do saber que não pertence à Linguística, mas que em muito auxilia o estudo da linguagem, por mostrar as variedades de sons e explicar com precisão as transformações dos sons no tempo (Saussure 1996: 23). A definição de ‘fonologia’, abaixo, prefere a terminologia alemã em detrimento da inglesa:

É, logo, de absoluta necessidade fazer o que os alemães **chamam de “Laut-(Sprach-)physiologie”**, a que **nós chamaremos ‘fonologia’**. < A fonologia deve ser fundada sobre o que se produz em nossos órgãos quando se pronuncia um som; ela possui, assim, uma base fisiológica (*Lautphysiologie*). **Sievers chama** essa fisiologia da fala de *fonética* (os ingleses: *phonetics*), **mas essa palavra, fonética, deve ser reservada para** o estudo puramente histórico e linguístico. > (Saussure 1996: 12)⁹ [grifo meu]

A definição de ‘fonologia’ incide, como mostram os trechos grifados, sobre o nome do conceito, logo, em *nominis*. O mesmo tipo de definição ocorre no momento em que os outros dois temas do curso, ‘fonética’ e ‘analogia’, são apresentados:

Reservamos <expressamente> a palavra fonética para designar as mudanças dos sons *no tempo* e excluímos a fisiologia fonológica da fonética. Mesmo em Linguística **não empregamos essa palavra** quando se trata de estados de língua

⁹ «Il est donc de toute nécessité de faire ce que les Allemands appellent « *Laut-(Sprach-) physiologie* », de ce que nous appellerons de la « *phonologie* ». <La phonologie sera fondée sur ce qui se produit dans nos organes lorsqu'on prononce un son; elle a donc une base physiologique (*Lautphysiologie*). *Sievers* appelle cette physiologie de la parole *phonétique* (les Anglais : *phonetics*), mais ce mot de phonétique doit être réservé pour l'étude purement historique et linguistique.> »

(assim, diremos que uma escrita é fonológica, e não fonética). (Saussure 1996: 28)¹⁰ [grifo meu]

Como mostram os trechos destacados, o professor chama a atenção para a estipulação de termos adequados ao estudo das mudanças de sons no tempo. Mais ainda, observamos que o primeiro assunto, Fonologia, imediatamente anterior a Fonética, aparece dentro da definição desta última, marcando uma diferença entre os conceitos e encadeando os conteúdos temáticos – “...excluimos a fisiologia fonológica da fonética”.

Como fonologia e fonética, o termo ‘analogia’ apresenta *definitio nominis*. Diferentemente deles, entretanto, também apresenta *definitio rei*:

To<das> as <modificações normais da língua que não vêm da mudança> fonética <são efeitos da> analogia [...] Esse termo <analogia> foi emprestado da gramática grega (faz oposição com anomalia). (Saussure 1996: 55, 56).¹¹

A primeira ocorrência de ‘analogia’ nos informa, por exclusão, que as modificações da língua que não decorrem da fonética são explicadas por analogia, informação esta que ocorre em *definitio rei*, logo seguida de *definitio nominis*, que nos informa sobre o uso do termo que nomeia o processo – “...esse termo..”, em *definitio nominis*.

Assim como a definição de ‘fonética’ continha informações, por exclusão, sobre fonologia, a definição de ‘analogia’ mostra informações, também por exclusão, sobre fonética. Este encadeamento entre as definições sugere o encadeamento do programa ministrado.

O único termo de definições que se repetiu entre os domínios foi ‘fórmula’, que tem diferentes acepções nos três domínios. Em Fonologia, o termo ocorre uma vez (Saussure, 1996: 20), não recebe definição explícita e é ilustrado por uma tabela que descreve alguns fonemas através dos fatores ‘articulação’, ‘vozeamento’ e ‘ressonância nasal’, todos esses inseridos na referida tabela por meio de símbolos. Em Fonética, o termo equivale à descrição que se faz de uma mudança fonética (Saussure 1996: 34), e o professor apresenta quatro imprecisões que devem ser evitadas na redação de tal ‘fórmula’, quais sejam deixar de anotar símbolos na descrição de uma mudança fonética, enunciar a mudança no presente em lugar do pretérito perfeito do indicativo, deixar de apresentar as fases intermediárias da mudança e colocar os elementos da mudança em ordem incorreta (Saussure 1996: 34-46). Em Analogia, ‘fórmula’ ocorre dentro do sintagma ‘fórmula da quarta proporcional’ (Saussure 1996: 56) e nomeia o funcionamento da analogia, servindo como matriz explicativa desse processo, acolhendo exemplos em línguas antigas e modernas. Em resumo, o termo ‘fórmula’, recorrência formal nos três domínios, começou como um mecanismo de descrição de fonemas em Fonologia, passou a descrever, em Fonética, uma mudança linguística e terminou, em Analogia, como descrição mecanismo da dimensão criadora da atividade de linguagem.

¹⁰ «Nous réservons <expressément> le mot phonétique pour désigner les changements des sons *dans le temps* et nous excluons la physiologie phonologique de la phonétique. Même en linguistique nous n’employons pas ce mot où il s’agit d’états de langue (ainsi nous dirons d’une écriture qu’elle est phonologique et non pas phonétique).»

¹¹ «Tou<tes> les <modifications normales de la langue qui ne viennent pas du changement> phonétique <sont des effets de> l’analogie. Ce terme <“d’analogie”> est emprunté à la grammaire grecque (opposé à anomalie).»

O trabalho sobre as definições presentes nos três domínios demandou nova atividade de seleção: se era evidente que as definições de ‘fonética’, ‘fonologia’ e ‘analogia’ eram prioritárias, como acabamos de examinar, acima, em nome de que manter, por outro lado, o termo ‘líquida’ e descartar o de ‘sonante’? Criei um filtro para a seleção de definições nessa etapa do trabalho, estipulando a seguinte situação de ensino-aprendizagem: o professor viveu a experiência de agir, em maior ou menor grau, sobre o repertório de seus alunos. No *Curso I*, por exemplo, ‘ato fonatório’ é definido como o uso dos sons linguísticos em cadeias de fala (Saussure 1996: 12), enquanto que ‘fonologia’ aparece como o campo de estudos da classificação individualizada dos sons linguísticos (Saussure 1996: 12). O contraste, nos sons linguísticos, entre seu uso em cadeias de fala e, por outro lado, sua classificação individualizada permite que eu classifique ‘ato fonatório’ como conhecimento *epilinguístico*, próximo da experiência ordinária dos falantes, ao passo que ‘fonologia’ é conceito *metalinguístico*, que diz respeito à teorização daquela experiência ordinária, à sua representação (Auroux 2009: 17). Na situação de ensino-aprendizagem, as definições e os exemplos de língua participaram dos processos de trânsito entre conhecimentos epilinguísticos e metalinguísticos.

A partir daí, cheguei a uma tabela por domínio, de duas colunas de termos: à esquerda, aqueles mais próximos dos saberes epilinguísticos e, à direita, os termos mais próximos dos saberes metalinguísticos. Uma glosa, abaixo da tabela, retoma a argumentação do texto e procura lembrar a relação de continuidade entre os termos classificados como epilinguísticos ou metalinguísticos. Os termos selecionados em Fonologia são os apresentados no Quadro 2.

Quadro 2: Termos para as definições no domínio Fonologia

Saberes epilinguísticos	Saberes metalinguísticos
ato fonatório (1)	fonologia (2) classificar (3) espécies fonológicas (4) oclusivas (5) fricativas (6) líquidas (7) fórmula (8)
cadeia falada (9)	cadeia fônica (10) fonema (11)
abertura (12) fechamento (13)	explosão (14) implosão (15) sílabas (16) sonante (17) consonante (18)
cavidade bucal (19) cavidade nasal (20) glote (21)	aparelho vocal (22)

Glosa: O ato fonatório (1) é alvo de estudo da fonologia (2), que classifica (3) os sons linguísticos em espécies fonológicas (4), como as oclusivas (5), as fricativas (6) e as líquidas (7), espécies que podem ser descritas em fórmulas (8). A cadeia falada (9), modo pelo qual os sons linguísticos nos chegam à compreensão, é analiticamente decomposta em cadeia fônica (10), desmembrada, por sua vez, em fonemas (11). Os lábios realizam, com maior ou menor sutileza, movimentos de abertura (12) e de fechamento (13) quando pronunciamos sons. Na tarefa de análise da consecução dos sons na cadeia falada, nuances desses movimentos recebem, em fonologia, nomenclaturas como explosão (14), implosão (15), sílaba (16), sonante (17) e consoante (18). Por fim, cavidade bucal (19) e cavidade nasal (20), assim como a glote (21), são porções do corpo humano que a fonologia converteu no aparelho vocal (22).

A glosa mostra, ainda, um pormenor de minha tarefa de seleção empregada nesta etapa: os termos podem se repetir. ‘Oclusivas’ (5), ‘fricativas’ (6) e ‘líquidas’ (7) estão contidas no hiperônimo ‘espécies fonológicas’ (4). Em meu entender, essa redundância é justamente constitutiva do discurso professoral e, portanto, não pode ser eliminada em prol de uma contagem de termos exclusivos.

Do total de sessenta termos cujas definições analisei,¹² prevaleceu, em Fonologia, Fonética e Analogia, *definitio rei* (53%) em relação à *nominis* (35%), mas a análise apontou para a preferência pela *definitio nominis* quando se tratava de apresentar definições ‘prioritárias’ ao assunto, como vimos para ‘fonologia’, ‘fonética’ e ‘analogia’ no início desta seção. Em geral, a *definitio rei* retoma e expande informações a respeito do termo.

2.3 Os exemplos de língua no domínio da Fonologia, Fonética e Analogia

O levantamento dos exemplos de língua pode ser ilustrado em trecho encontrado no domínio Fonologia:

Distinguem-se dois tipos de longas: *māter*, longa por natureza, *factus*, longa por posição. Por que *factus* é medido como longa? Isso se deve à palavra conso<n>antal em que *a* é seguido de duas consoantes. Mas, se isso basta, em qualquer palavra começando por duas consoantes, a vogal será longa.> Por que em *cliens* o *i* é breve? Esta é a razão: a explosão é tão rápida que ela é, para a orelha, um dado irracional; apenas a implosão pode ser apreciada [...] (Saussure 1996: 22-23)¹³ [grifo meu]

Os exemplos se apresentam em demarcação tipográfica, com itálicos, a cargo do editor, e com dois pontos, a cargo do aluno e/ou do professor. O latim é representado por compreensão, na medida em que *māter*, *factus* e *cliens* são válidos como *um caso* em que se coloca o problema da percepção de sílabas longas e breves. Embora outros casos semelhantes não sejam enumerados nem precisados numericamente, o caso

¹²*Definitio rei*: 13/22 termos em Fonologia (59,09%); 9/17 termos em Fonética (52,94%); 10/21 termos em Analogia (47,61%). *Definitio nominis*: 9/22 termos em Fonologia (40,9%); 6/17 termos em Fonética (35,29%); 6/21 termos em Analogia (28,57%). *Definitio rei* e *definitio nominis*: nenhum termo em Fonologia; 2/17 termos em Fonética (11,76%); 5/21 termos em Analogia (23,8%).

¹³ «On distingue deux sortes de longues: *māter*, longue de nature, *factus*, longue par position. Pourquoi *factus* est-il mesuré comme longue? Cela tient au mot conso<n>antique dans lequel *a* est suivi de deux consonnes. Mais si cela suffit, dans n'importe quel mot commençant par deux consonnes, la voyelle sera longue.> Pourquoi dans *cliens* l'*i* est-il bref? La raison est celle-ci: l'explosion est si rapide qu'elle est, pour l'oreille, une donnée irrationnelle; seule l'implosion peut être appréciée [...].»

apresentado é generalizável, como nos sugerem alguns termos genéricos: ‘dois tipos’, ‘palavra consonantal’, ‘qualquer palavra começando por duas consoantes’. Quanto aos tipos, os exemplos se apresentam em uma unidade a que chamamos ‘palavra’, assim nomeada no próprio curso (Saussure 1996: 62). *Māter* e *factus* são exemplos de uma mesma questão, as sílabas longas, e *cliens* atua como possível contraexemplo para a generalização dos casos de tais sílabas. Pelo critério dos tipos, trata-se, ainda, de exemplos herdados, provavelmente recolhidos na fonte enunciativa anotada por Riedlinger ao final do parágrafo citado: ‘<Vide M. Niedermann, *Phonétique historique du latin*, Paris, 1902, p.145 sv.>’ (Saussure 1996: 23). No total, para o trecho, foram contabilizados seis exemplos em Latim (1 *māter*, 2 *factus*, 1 *a*, 1 *cliens*, 1 *i*). Insisto que a repetição de *factus*, assim como todas as outras encontradas no *corpus*, não pode ser vista apenas como marca da oralidade do curso nem de eventual ‘informalidade’ das anotações, mas como traço da atividade docente.

Nos três domínios a demarcação é homogênea. Os exemplos de língua aparecem demarcados tipograficamente – dois pontos, aspas, mudança de linha, sublinhados –, o que mostra a atividade do professor e dos alunos, mas também em itálicos, o que mostra a atividade dos editores. Os marcadores robustos estão presentes em todos os domínios e se apresentam em sintagmas nominais ou preposicionais sem fonte enunciativa, como em «Par exemple nous voyons qu’un groupe comme *alda a donné alla*.» [Por exemplo, vemos que um grupo como *alda* resultou em *alla*. – *grifo meu*] (Saussure 1996: 23). Encontram-se, também, sintagmas com fontes enunciativas, como em «Un Grec <eût> décomposé *zeugnū-mi*.» [um Grego teria decomposto *zeugnū-mi* – *grifo meu*] (Saussure 1996: 85) ou em «Les enfants disent [...]» [As crianças dizem [...] – *grifo meu*] (Saussure 1996: 56).

A representação por compreensão é, de longe, a mais frequente em Fonologia, Fonética e Analogia. Os exemplos de língua ilustram casos que podem ser generalizados dentro dos temas abordados, como em Fonologia, quando as oclusivas são descritas como sendo «[...] toutes espèces de phonèmes obtenues par la fermeture complète [...] mais momentanée de la cavité buccale.» [todas as espécies de fonemas obtidas pelo fechamento completo [...] mas momentâneo da cavidade bucal, - *grifo meu*] (Saussure 1996: 15). Mais adiante, entretanto, as oclusivas são subdivididas em três ‘famílias articulatórias’ (Saussure 1996: 16) e, assim, vemos que a representação passa de compreensão (“toda e qualquer espécie de...” “) para extensão (são enumerados os elementos de cada uma das três famílias). Mesmo os elementos que são apresentados exhaustivamente – as famílias das oclusivas, das fricativas e as líquidas (Saussure 1996: 36-37) – não deixam de conter representação por compreensão, pelo fato de serem fonemas, isto é, de pretenderem representar, como unidades, todas as línguas, embora alguns deles possam ser exhaustivamente enumerados em subgrupos.

Diferentemente de Fonologia, em Fonética, a representação por compreensão funciona dentro dos limites de um mesmo idioma, o alemão, no caso abaixo:

Se nós pegarmos exemplos [...] em alemão [...] em um período vizinho ao nosso, vemos que tudo o que era *î* se tornou, hoje, *ei*:

<i>wîn</i>	<i>trîben</i>	<i>lîhen</i>	<i>zît</i>		<i>î</i>
<i>wein</i>	<i>treiben</i>	<i>leihen</i>	<i>zeit</i>		<i>ei</i> .

Do mesmo modo, *û* resultou, nos mesmos limites de tempo, geralmente em *au*:

<i>hûs</i>	<i>zû</i>	<i>rûch</i>		<i>û</i>
<i>haus</i>	<i>zaun</i>	<i>rauch</i>		<i>au</i>

Do mesmo modo, se pegássemos o *ü* nós veríamos que ele se tornou *eu*. (Saussure 1996: 31)¹⁴

De início, os exemplos mostram um processo que atingiu o elemento *î*, de modo que o agrupamento das quatro ‘palavras’ pode gerar novos exemplos (‘tudo o que’). Por outro lado, o ‘terreno’ sobre o qual se pode estender a referida transformação – ‘do mesmo modo’, ‘geralmente’ – é o da língua alemã, não o de **todas** as línguas. A redução da generalidade também se constrói nas delimitações espaciotemporais que acompanham os exemplos (‘em um período vizinho ao nosso’, ‘hoje’, ‘nos mesmos limites de tempo’), bem como com o passado perfeito do indicativo (‘se tornou’, ‘resultou’), tempo verbal que não permite prever se as mudanças continuariam em vigor apenas por já terem sido constatadas na língua alemã (Saussure 1996: 35).

A representação por compreensão comporta, assim, momentos em que a generalidade é reduzida, como em Fonética, e ampliada, como em Fonologia. Também em Analogia encontrei ampliação de generalidade, em marcadores como ‘etc.’ (Saussure 1996: 75; 80), ou sintagmas como «La totalité des cas qui peuvent être englobés dans le phénomène analogique n’est pas fixée [...]» [A totalidade dos casos que podem ser englobados no fenômeno analógico não está estabelecida] (Saussure 1996: 58); «Ce perpétuel changement de point de vue peut être illustré par des exemples sans fin.» [Essa perpétua mudança de ponto de vista pode ser ilustrada por exemplos sem fim.] (Saussure 1996: 92).

O último critério da tipologia de Chevillard et al. (2007) para os exemplos são os tipos. Em Fonologia, os tipos mais frequentes são grafemas, fórmulas que descrevem os fonemas em tabelas, palavras, paradigmas de latim e grego. Em Fonética também encontrei paradigmas de latim e de grego, mas predominam as séries que dispõem exemplos de estados de língua, como vemos abaixo:

<i>p<u>ou</u>vons</i>	:	<i>p<u>eu</u>vent</i>	
<i>v<u>ou</u>lons</i>	:	<i>v<u>eu</u>lent</i>	
<i>n<u>ou</u>veau</i>	:	<i>n<u>eu</u>ve, n<u>eu</u>f</i>	
<i>doul<u>ou</u>reux</i>	:	<i>doul<u>eu</u>r</i>	(Saussure 1996: 51)

Em Analogia, também encontrei declinações (Saussure 1996: 58; 86), exemplos inventados (Saussure 1996: 56), mas o que destaco é a presença da fórmula da quarta proporcional como tipo predominante de apresentação dos exemplos:

¹⁴ «Si nous prenions des exemples [...] en allemand [...] dans une période voisine de nous, nous voyons que tout ce qui était *î* est devenu aujourd’hui *ei* : [...] De même, *û* a donné dans les mêmes limites de temps généralement *au* : [...] De même, si nous prenions l’*ü* nous verrions qu’il est devenu *eu*».

Pour trouver la nouvelle forme crééé par analogie avec d'autres ou pour exprimer cette analogie on se sert de la formule de la quatrième proportionnelle: [...]

plaire : plaisait = traire : x

d'où

x = traisait [...]

(Saussure 1996: 56)¹⁵

Como vimos, o parâmetro de análise dos exemplos de língua abrangeu a tipologia de Chevallard et. al. (2007) – representação, demarcação, tipos – e a contagem por idioma, acréscimo meu. Para futuros trabalhos, pode haver aprofundamento em quesitos como o próprio tratamento da contagem dos exemplos, a ‘origem’ dos exemplos herdados, a repetição dos exemplos, e as relações de exemplo e contraexemplo. Com o parâmetro das definições – *definitio rei* e *definitio nominis* –, é possível investigar a evolução dos tipos de definições nos três cursos de Linguística Geral, por exemplo, assim como as relações mais detalhadas entre os exemplos e as definições.

Avançando para a dimensão externa à fonte primária, trago um testemunho de Saussure em duas situações, a primeira em uma reunião administrativa, a segunda na sala de aula. No primeiro caso, o professor, convidado, em dezembro de 1906, a opinar sobre os conteúdos que a disciplina Linguística Geral deveria conter (Vincent 2013: 130), evoca o repertório presumido dos alunos para justificar que o tema das mudanças linguísticas seja ministrado antes do capítulo sobre os estados de língua:

[...] a língua, uma coisa que evolui, não é, para mim, a [coisa] mais importante, mas é a mais importante no sentido de que é a mais nova para os estudantes que saem da aprendizagem pura e simples de uma língua como o grego ou o latim e a mais apropriada para neles inspirar o interesse por essas línguas sob um ponto de vista que eles não tinham percebido. (Saussure, citado por Vincent 2013: 129)¹⁶

O primeiro testemunho mostra que um conteúdo considerado de menor familiaridade para os estudantes mereceu a primeira atenção. Já no *Curso I*, encontramos a seguinte ‘explicação’ do docente, próxima ao início do capítulo sobre as mudanças fonéticas:

Precisamente por essa razão será bom começar o estudo da língua pelo ponto de vista histórico, não que ele seja mais importante do que o estático, com o qual tem um tipo de antinomia, mas porque ele nos escapa à primeira vista, parece necessário completar por aí nosso conceito de língua. (Saussure 1996: 27)¹⁷

¹⁵“Para encontrar a nova forma criada por analogia a outras ou para exprimir essa analogia nos servimos da fórmula da quarta proporcional : agradar : agradava = ordenhar : x, donde x = ordenhava [...]”

¹⁶«[...] la langue, une chose qui évolue, n'est pas dans mon idée la plus importante, mais est la plus importante en ce sens que c'est la plus neuve pour les étudiants qui sortent de l'apprentissage pur et simple d'une langue comme le grec ou le latin et la plus propre à leur inspirer de l'intérêt pour ces langues sous un point de vue qu'ils n'avaient pas aperçu».

¹⁷«Précisément pour cette raison, il sera bon de commencer l'étude de la langue par le point de vue historique, non pas qu'il soit plus important que <le statique avec lequel il a une sorte d'antinomie> mais parce qu'il <nous échappe à première vue, il> paraît nécessaire de compléter par là notre concept de la langue».

Na atividade prevista, Saussure explicita a preocupação com os conteúdos supostamente novos para os alunos. Na atividade realizada, o professor justifica a ordem do programa pela complexidade do próprio assunto ('com o qual ele tem um tipo de antinomia [...] porque ele nos escapa à primeira vista'), frisando, entretanto, que a precedência do tema não implica que ele seja mais importante do que outro. Nos limites deste trabalho, uma análise eminentemente interna do *Curso I*, acredito ter mostrado a fertilidade e a pertinência do estudo sobre a rica dimensão do ensino em Saussure.

3. A título de conclusão: Historiografia e outras surpresas

À medida que realizava os levantamentos das definições e dos exemplos, acabei por organizar ocorrências outras que pareciam ser informativas de uma didática. Foi assim que reuni aquilo a que chamei de 'mecanismos de organização dos conteúdos temáticos' (numerais, grafemas alfabéticos) e de 'esquematisação' (tabelas, símbolos e outras rupturas com a linearidade da exposição oral e da anotação escrita). Por toda parte, observei, ainda, negações em todos os mecanismos investigados: definições que apresentavam aquilo 'que não é' antes 'daquilo que é', exemplos de língua que *não* ilustravam determinado assunto, perguntas retóricas com respostas frequentemente negativas e oposições entre conceitos.

Comparando-se, por exemplo, as definições de 'fonologia', 'fonética' e 'analogia', todas elas são acompanhadas de menção àquilo que o termo *não é*. 'Fonologia' foi definido em discussão sobre terminologias alemãs e inglesas e excluiu a fonética de seu alcance. Do mesmo modo, 'fonética' excluiu a fonologia e, 'analogia', se não excluiu 'anomalia', foi a ela contraposta (Saussure 1996: 12; 28; 55-56). Nesse sentido, as relações a que chamei 'de oposição' estão presentes na argumentação do *Curso I* antes da formulação do conceito de signo linguístico, tal como exposto no curso de 1910-1911. Eis mais uma surpresa que a empreitada de estudo do ensino da Linguística Geral me proporcionou.

O amálgama metodológico composto pelas definições e pelos exemplos de língua produziu volumosas frentes de trabalho para seu objeto de estudo, a atividade docente de Ferdinand de Saussure. Para a pesquisadora, na verdade, a associação daqueles dois elementos não tão heterogêneos – e condizentes com a situação de ensino –, mostrou, ostensivamente, o quanto a atividade de seleção faz parte do ofício de historiógrafo:

A atividade historiográfica que ambiciona compreender os movimentos de história da ciência **presume**, inevitavelmente, **uma atividade de seleção**, ordenação, reconstrução e interpretação **dos fatos relevantes** [...] **para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo**. Não se trata, pois, de incluir quaisquer fatos passados, só por serem passados. [...] Deste ponto de vista, **a arbitrariedade do investigador** que seleciona nomes, fatos e datas **encontra seu limite na consistência e coerência da rede de relações estabelecidas entre eles**. (Altman 2004: 28-29) [grifo meu]

A síntese de Altman sobre a prática historiográfica coloca a seleção como atividade constitutiva da Historiografia e, posso afirmar, também da atividade de ensino, como vimos em Saussure. Tendo sido expostos os principais resultados a que cheguei e as novas frentes de trabalho que Saussure me ofereceu, convém explicitar outro de meus pressupostos: a valorização da atividade docente como espaço de complexa e esmerada transmissão.

Referências

- ALTMAN, Cristina. 2004. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas.
- AUROUX, Sylvain. 2009. *A revolução tecnológica da gramatização*. trad. de Eni P. Orlandi. 2ªed. Campinas: Editora da Unicamp.
- AUROUX, Sylvain (ed.). 1994. "Introduction" In: *Histoire des idées linguistiques*, p. 13-36. Liège: Mardaga.
- CAUSSAT, Pierre. 1978. "La querelle et les enjeux des lois phonétiques. Une visite aux néo-grammairiens". *Langages* 49: 24-45.
- CHEVILLARD, Jean-Luc, COLOMBAT, Bernard, FOURNIER, Jean-Marie, GUILLAUME, Jean-Patrick, LALLOT, Jean. 2007. "L'exemple dans quelques traditions grammaticales (formes, fonctionnement, types)" *Langages* 166: 5-31.
- D'OTTAVI, Giuseppe. 2012. "Genèse d'un écrit saussurien: de la « théosophie » à une approche de la subjectivité". *Genesis* 35, disponível em linha em 15 de novembro de 2014: < [http:// genesis.revues.org/1065](http://genesis.revues.org/1065)>.
- FEHR, Johannes. 2000. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. trad. de Pierre Causat. Paris: Presses Universitaires de France.
- JOSEPH, John E. 2012. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press.
- KOERNER, Konrad E. 1996. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- KOMATSU, Eisuke. 1996. *F. de Saussure Premier Cours de Linguistique Générale (1907), d'après les cahiers d'Albert Riedlinger/ Saussure's First Course of Lectures on General Linguistics (1907), from the notebooks of Albert Riedlinger*. E. Komatsu (ed.) & G. Wolf (trad.). Oxford/New York/Seoul/Tokyo: Pergamon Press.
- RASTIER, François. 2013. "De l'essence double du langage, un projet révélateur". Volume XVIII. n° 3. S. Loiseau (coord.) Disponível em:< <http://www.revue-texto.net/index.php?id=3283>>
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2002. *Ecrits de linguistique générale*. Editado por Rudolf Engler e Simon Bouquet. Paris: Gallimard.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1996. *F. de Saussure Premier Cours de Linguistique Générale (1907), d'après les cahiers d'Albert Riedlinger/ Saussure's First Course of Lectures on General Linguistics (1907), from the notebooks of Albert Riedlinger*. E. Komatsu (ed.) & G. Wolf (trad.). Oxford/New York/Seoul/Tokyo: Pergamon Press.

- SWIGGERS, Pierre. 2009. “Terminología gramatical y Lingüística: elementos de análisis historiográfico y metodológico”. *Res Diachronicae* 7: 11-35.
- SWIGGERS, Pierre. 2004. “Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística”. C. Corrales Zumbado, J. Dorta Luis et al. (eds.). *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística*, p. 113–146. Madrid: Arco.
- TESTA-TORELLI, Lygia, 2015. *Definir e exemplificar: estratégias didáticas no Curso de Linguística Geral (1907)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- VINCENT, François. 2013. *Le premier cours de Linguistique Générale professé par Ferdinand de Saussure à Genève (C1Ca/FV-Volume I)*. 268f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université Paris-Est Créteil Val de Marne. École Doctorale: Cultures et Sociétés, França.

Ferdinand de Saussure: Sobre a Elaboração do Primeiro Curso¹

François Vincent
(*Université Paris-Est-Créteil*)

Resumo

Neste texto, procuramos tornar mais precisas as condições de elaboração do *CLG*, mais especificamente aquelas do primeiro curso de linguística geral professado por Ferdinand de Saussure, em 1907, através de dois documentos recentemente descobertos (distinguindo, assim, em todos os detalhes, o primeiro curso do segundo). A tese, de que se origina o presente texto, (*cf.* Vincent 2013), e em fase de edição para publicação, retoma a totalidade das transcrições destes três textos. Nela procuramos demonstrar que, em conjunto, eles constituem as únicas fontes dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure em Genebra. Dessa maneira, os detalhes das expressões empregadas nos três cursos, bem como as modificações que sofreram na elaboração do *CLG* por Bally e Secheyay, podem ser avaliados, assim como aqueles que foram levados em conta e resultaram da colaboração de Riedlinger.

Abstract

In this text, we try to make more precise the conditions for the *CLG* elaboration, more specifically those related to the first course of general linguistics professed by Ferdinand de Saussure in 1907, through two recently discovered documents (thus distinguishing in every detail the first course of the second). The thesis, from which the present text originates, (see Vincent 2013), and in the process of being published, reproduces these three texts transcriptions in their entirety. In it, we seek to demonstrate that, taken together, they are the only sources of the three courses in general linguistics taught by Saussure in Geneva. In this way, the details of the expressions used in the three courses, as well as the modifications that they underwent in the *CLG* elaboration by Bally and Secheyay can be evaluated, as well as those that have been taken into account and have resulted in Riedlinger's collaboration.

1. Observações introdutórias

Lembremo-nos de que Ferdinand de Saussure professou, em Genebra, três cursos de Linguística Geral, cujas formas de apresentação foram sendo progressivamente ela-

¹Tradução de Lygia Testa-Torelli e de Cristina Altman do original francês «Ferdinand de Saussure: de l'élaboration du premier cours».

boradas ao longo dos anos em que os ministrou, em 1907; 1908-1909; e 1910-1911. Os três cursos foram objeto de síntese e foram publicados, como se sabe, em 1916, como o *Curso de Linguística Geral (CLG)*. O volume foi redigido principalmente a partir de notas autógrafas do professor e de cadernos de estudantes. Diversas dessas fontes foram retomadas (notadamente na tese de Robert Godel (1957) e na edição crítica de Rudolf Engler (Harrassowitz, 1968[1967]-1974)), no que tange o *segundo* e o *terceiro* cursos, além de certas notas autógrafas preparatórias. No que diz respeito ao *primeiro curso*, a edição de Engler, monumental, mas inacabada, contém apenas o início da transcrição do documento estenografado pelo estudante Louis Caille. Mais recentemente, outras notas (intituladas «De l'essence double du langage» [Da essência dupla da linguagem] (Transcrição diplomática, Engler, Bibliothèque de Genève, 1996) foram publicadas. Lembremo-nos, por fim, de que a edição crítica de Engler retoma, em seis colunas principais, as notas dos três cursos feitas por alunos, por meio de parágrafos numerados que permitem a comparação das diversas versões e da evolução da expressão de que foram testemunho (Cf. Swiggers, anexo, neste volume).

No presente artigo, retomamos alguns elementos de nossa tese recentemente defendida (cf. Vincent 2013), e também alguns co-textos do *primeiro curso*, (como, por exemplo, a carta de Louis Caille de 1931, ou ainda, uma anotação de aula, não datada, de F. De Saussure, BGE – Genève, Arch de Saussure 374-F38); mesmo assim, assinalemos desde já, que não se deve jamais tomar o *primeiro curso*, por mais inédito que ele tenha sido, como isolado da totalidade da obra do mestre genebrino. Enquanto exposição oral de uma tentativa de teorização destinada a estudantes, ou enquanto um resumo pedagógico, o primeiro dos três cursos faz parte do conjunto da obra saussuriana. Considerá-lo como um resumo do pensamento que Saussure julgou poder expor aos estudantes é, por outro lado, uma simplificação aceitável. Com efeito, as noções, tanto aquelas mais gerais sobre a linguagem, quanto aquelas que concernem à descrição das línguas que aparecem no *CLG*, foram previamente analisadas e trabalhadas por Saussure em numerosos outros cursos específicos (Fonologia, Alto-alemão antigo, Sânscrito, Versificação, Línguas Germânicas, Gramática Comparada do Grego e do Latim, Lituano). Focalizar um documento não deve nos fazer esquecer da totalidade da obra em que ele se inscreve. Considerar que as concepções de Linguística Geral apresentadas no *CLG* transparecem nos cursos de especialidade oferecidos por Saussure, tanto em Paris, quanto em Genebra, deve ficar presente, pois, no espírito do leitor.

Em carta extraída dos arquivos de Engler (Biblioteca de Genebra),² lê-se que :

[...] Uma publicação integral dos três cursos em sua ordem natural (na medida em que eles concernem à Linguística Geral) foi prevista em uma coleção de trabalhos e de documentos que o Sr. René Amacker e o abaixo assinado [R. Engler] esperam elaborar. A colação do primeiro curso (cadernos de Albert Riedlinger e material estenografado de Louis Caille) está em curso.³

²Citada por extenso em: VINCENT, François. 2010. "Le premier cours de Linguistique générale : les notes des étudiants dans l'édition et le fonds Rudolf Engler." *Cahiers Ferdinand de Saussure* 63 : 229-237; 234; 235. (Consultar, na bibliografia, 'Engler'(fonds)/ Fichário 03.098.).

³«(...) Une publication intégrale des trois cours dans leur ordre naturel (et pour autant qu'ils concernent la linguistique générale) est prévue dans une collection de travaux et de documents que M. René Amacker et le soussigné [R. Engler] espèrent mettre sur pied. La collation du premier cours (cahiers d'Albert Riedlinger et sténogramme de Louis Caille) est en cours».

O projeto inicial da minha tese consistia justamente na transcrição do material estenografado de Louis Caille, em continuidade ao projeto original de Engler, pré-anunciado, como se vê, mas não concluído.⁴ O resultado do trabalho, entretanto, superou as expectativas iniciais: acabei por realizar uma tripla transcrição, indexada e alinhada. Os dois estados muito diferentes do estudo, entre a genética do texto e a comparação de versões, seguiram a mesma linha do projeto de Engler. Os novos rumos por que a pesquisa acabou por tomar se deveram a três fatores principais:

1. o seu próprio desenvolvimento: a situação epistemológica das noções e das classificações envolvidas; a redescoberta da extensão do trabalho de Engler; o estudo complementar de outros textos, arquivos ou notas de leitura;
2. a descoberta de um manuscrito trazido a público por Daniele Gambarara⁵, em agosto de 2011. A descoberta do manuscrito intermediário⁶ ocasionou a mudança dos meus objetivos iniciais: de *uma* para *três* transcrições, como veremos, que estão ligadas cronológica e logicamente. Pesquisas e verificações complementares nos permitiram privilegiar uma linha de interpretação;
3. a escolha da forma de apresentação: por evidentes razões práticas, era necessário apresentar as três transcrições em paralelo e indexá-las em conformidade com a edição Engler. Isso nos levou a renunciar a exposição dos detalhes técnicos da transcrição do material estenografado; como consequência, apenas os resultados transcritos se tornaram importantes.

As investigações sobre a natureza e as ligações destes dois textos mostraram que eles constituíam não apenas uma fonte entre outras do *primeiro curso*, mas, muito provavelmente, – se não certamente – a única fonte possível. Sendo assim, restava-nos, pois, esclarecer os traços do *primeiro curso*, para poder separá-lo dos dois outros e, dessa maneira, reconstituir, analisar e criticar com precisão o trabalho dos editores do *CLG*. A questão foi compreender efetivamente a evolução da exposição e as etapas da pesquisa terminológica de Ferdinand de Saussure. As formulações do *CLG* ensejam discussões desde sua publicação, em 1916. De fato, as notas remetem a um pensamento que ultrapassa a exposição pedagógica. Essa diferença se constata em todas as partes: as noções transmitidas, a exposição de um sistema coesivo e complexo, os princípios formulados em um pequeno número de dualidades, a natureza do objeto da disciplina, como também as visões sobre a Linguística e suas divisões, o posicionamento da Linguística como divisão *princeps* de uma Semiologia (ciência a ser construída), a estrutura dos capítulos, etc.

2. As duas carreiras de Ferdinand de Saussure

A obra saussuriana é vasta. Todos os documentos conhecidos devem ser avaliados uns em relação aos outros, contextualizados em relação ao seu ambiente intelectual,

⁴Louis Caille foi um dos alunos de Saussure que seguiu o primeiro curso e dele realizou os exames. O interesse por ele advém do fato de ter estenografado suas anotações de aula.

⁵Agradeço a D. Gambarara que me deixou imediatamente a par desse documento em um dia de verão de 2011, presentindo sua importância filológica.

⁶Verificou-se que esse texto é um texto intermediário entre o texto estenografado e o texto proposto por Riedlinger aos editores do *CLG*, se se pensa nos três textos como etapas por que passaram até sua proposição 'final'. Pode demonstrar que este texto é o resultado de um trabalho comum de Caille (aluno presente no *Curso I*) e Riedlinger (aluno presente no *Curso II*).

no seio dos quadros universitários, situados em relação a um momento epistemológico acabado. O objetivo final deste retorno às fontes é poder retrazar, tanto quanto possível e a partir do conjunto da obra, o pensamento saussuriano para além do que foi exposto. Trata-se de examinar esse pensamento em todos os seus aspectos: gênese, evolução, escopo, recepção, consequências nos domínios conexos, a fim de capturá-lo completamente, precisamente, e de rever, renovar, ou atualizar sua interpretação.⁷

Embora tenha sido em Genebra, durante sua segunda carreira, que Saussure expôs suas ideias sobre Linguística Geral, ele as vinha elaborando desde sua tese em Leipzig (sem dúvida antes ainda, já que foi intelectualmente bastante precoce) e mesmo até o último dia de sua primeira carreira, a parisiense. Com efeito, em Paris, ele ensinou na *École pratique des hautes études (EPHE)* de 1881 à 1889, e proferiu comunicações nas reuniões da *Sociedade Linguística de Paris*, de que não tardou a ser nomeado secretário. Admite-se que sua aula magistral de 1885-1886 já estivesse burilada por suas visões generalizantes. Na efervescente Paris da virada do século XX, numerosas sociedades científicas foram fundadas, um filósofo (V. Egger 1904[1881]) lançou a Psicologia Experimental – elaborando o conceito de *parole intérieure [fala interior]*; um cirurgião (Broca) definiu a afasia, fazendo-a corresponder a uma lesão cerebral determinada e caracterizou-a em relação à *fala interior*; Proust assistiu às apresentações dos enfermos histéricos feitas por Charcot, no Hospital da Salpêtrière; Freud traduziu, em 1886, um volume das *Leçons de Charcot*; nessa mesma Paris, por fim, Alfred Binet – que não havia ainda inventado uma medida para avaliar a inteligência – criou, em 1889, o *Laboratório de Psicologia da Sorbonne*, vinculado à EPHE.

Em Genebra, onde começou a dar aula no começo do semestre do inverno de 1891, Saussure foi o patrono da criação de um laboratório equivalente;⁸ ele propôs um curso de Linguística Geral, cujos contornos revolucionariam os programas de ensino da Universidade. A conferência inaugural de Saussure (em novembro de 1891) mostrou a originalidade da sua visão. Bally e Sechehaye rapidamente tomaram consciência da importância das proposições feitas e compartilharam do desejo de poder captar esse pensamento, como testemunha – dentre outros – um documento estenografado por um dos editores, mas jamais publicado, e as entrevistas relatadas mais tarde por Riedlinger, sobre uma monografia que permaneceu inacabada. A menos que se qualifique essa síntese dos seus pensamentos sobre linguística geral como um eventual ‘esboço’ de um projeto, deles nos restam apenas notas esparsas.

A dificuldade de Saussure em escrever verdades incompletas resulta de uma exigência escrupulosa: essa exigência pode ser lida no refinamento dos conhecimentos das línguas que ele ensinou, mas igualmente na contínua busca por uma terminologia a menos imprecisa possível. Como exemplo, suas notas⁹ revelam uma reflexão sobre

⁷Essa linha de pesquisa inclui vários pesquisadores chamados ‘saussurianos’ e se iniciou com a descoberta dos manuscritos encontrados em 1996 e, em seguida, em 2011, de que trato aqui. Alguns identificaram este movimento e o denominaram como «le retour à Saussure» [a volta a Saussure].

⁸Durante a sessão da Comissão da Universidade, de 12 de dezembro de 1906, M. Bouvier o felicita – acompanhado pelo reitor, M. Duproix – pela ‘extensão alcançada por seu ensino’ e comunica propostas relativas à ‘organização de um laboratório de fonética experimental de que o Sr. Saussure teria o patronato’. Agradecendo-lhe, em retorno, ele indica que vê a Fonologia como ‘uma ciência auxiliar da Linguística, cujo concurso pode ser muito precioso. Ele desejava, entretanto, insistir nas diferenças profundas que separam as questões de Fonética das questões linguísticas. Ele pensa que é preciso encontrar (...) a pessoa competente (...) antes de ser (...) criada a instituição’. Conforme : *Historique des Facultés 1896-1914*, Genève, Georg & C°, Libraires de l’université, 1914, p.86-124 (consultável na BGE). Citado em mais detalhes em nossa tese: C1Ca/FV, Vol I, p.131.

⁹BGE, Ms fr. 1599/7, GAUTIER Léopold. *Notes prises au cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*, (sem datas), f1 (son désaccord avec A. Naville) et f2 (« distribution » entre : loi, règles, tendances, élégances).

o que é e o que não é uma 'lei' em linguística, distinguindo os imperativos e as leis descritivas, as regras ou, ainda, as escolhas estéticas. Saussure mostra que, além do caráter imprevisível da evolução de uma língua, a 'lei' – uma 'lei' –, como critério de classificação da Linguística, é inadequado. O critério é simples demais para as línguas que são sistemas particulares de um tipo dinâmico muito complexo que implica unidades especiais. Adrien Naville¹⁰ propôs classificar as ciências segundo o tipo de lei que parece caracterizar cada uma delas e, pela primeira vez em uma classificação das ciências, 'Linguística' e 'Semiologia' apareceram juntas, na segunda edição daquela obra. Essa inadequação do critério de classificação teve como consequência o desaparecimento dos dois domínios na terceira edição.

3. As fontes do primeiro curso

Os cadernos de Louis Caille (Ca) são uma das fontes declaradas (de maneira imprecisa) dos dois primeiros cursos, no prefácio do *CLG*¹¹. Materialmente, trata-se de sete cadernos que contêm, além de símbolos estenográficos, diversas anotações diferentes em sua margem.

A estenografia é uma técnica que tem por objetivo anotar a fala tão rapidamente quanto é pronunciada; é um código baseado nos sons de uma língua. O método usado por Caille foi o Duployé. Os símbolos do alfabeto Duployé (correspondências entre sons e traços) são simples e se interligam de modo a evitar ângulos inúteis.

As regras de interligação do método visam a dar à escrita, desde o início, um caráter cursivo que responda ao objetivo da arte abreviativa, qual seja, a rapidez. O método de base, dito 'integral', pode ser utilizado com velocidade sem que seja indispensável reduzir ainda mais os traçados. As 'metagrafias', ou regras abreviativas suplementares com fins comerciais ou administrativos, reduzem de modo ainda mais considerável e metódico o desenho que representa a palavra. Por fim, as palavras ou os grupos de palavras mais frequentes nos discursos comerciais ou parlamentares são abreviados e traçados por meio de siglas que decorrem naturalmente da lógica do método e de suas regras abreviativas. Quanto mais o método é conhecido, mais ortodoxo é o traço e mais confortável, a leitura.

Apesar do aspecto não ortodoxo do traço dos símbolos estenográficos de Louis Caille, realizamos sua transcrição completa (cerca de 55000 símbolos), cujas ambiguidades eliminamos. A comparação de nossa transcrição com a que foi, inicialmente, feita por Engler, permitiu uma identificação apenas parcial (diferindo apenas em alguns símbolos, dado que a transcrição de Engler não foi concluída). Notemos que os cadernos de Louis Caille não configuram um estenograma em sentido estrito e que, ao contrário, em alguns parágrafos, é possível apreciar o estilo oral, professoral, de Ferdinand de Saussure. Trata-se da única 'verdadeira' fonte, sobre uma anotação de aula tomada no momento da exposição oral.

O segundo texto, trazido a público muito recentemente, em agosto de 2011, por Daniele Gambarara, se apresentava, de início, em folhetos misturados sem formatos e sem marcas homogêneas. Dentre os diferentes formatos, se distinguiam grupos ou blocos de folhetos, sugerindo um trabalho descontínuo, realizado em diversas sessões. Esses folhetos levavam duas escrituras a lápis, que identificamos ser, com segurança,

¹⁰ Reitor da Faculdade de Letras da Universidade de Genebra no momento em que Saussure aí ensina. Conforme: *Historique des Facultés 1896-1914*, Genève, Georg & C°, Libraires de l'université, 1914, p. 86-124 (consultável na BGE). Citado em mais detalhes em nossa tese: C1Ca/FV, Vol I, p.131.

¹¹ P. 8, *Préface de la première édition* (Edition Payot & Rivages, 1996).

de Louis Caille e Albert Riedlinger. Uma vez que se colocaram em ordem os folhetos, o texto pareceu contínuo, com exceção de uma lacuna em relação aos dois outros textos, quais sejam, a própria estenografia e o trabalho de recomposição de A. Riedlinger fornecido a seus professores, sua colaboração para o *CLG*. O texto é um trabalho comum entre Riedlinger e Caille, posterior às aulas do curso.

O terceiro texto conhecido, considerado outra fonte do *primeiro curso* são os cadernos pretos, ditos ‘cadernos Riedlinger’. Esses cadernos carregam numerosas rasuras, parecem não conter lacunas e, inversamente, contêm ‘notas adicionais’, assim intituladas. Uma última versão desses cadernos, passada a limpo sem mudanças significativas, é muito provavelmente aquela que foi dada aos editores e constitui a contribuição de Riedlinger ao *CLG* (contribuição posteriormente revisada e integrada à colação preparada pelos editores).¹²

A bem da exaustividade, evidentemente, uma tarefa prévia consistiu em pesquisar, pelos métodos da genealogia, se, entre os descendentes dos inscritos no *primeiro curso*, alguns tinham conservado outras anotações. Não há, até o momento, outras fontes conhecidas do primeiro curso.

Estamos, assim, diante de três e somente três textos. Deles temos, na tese que desenvolvi, uma apresentação em três colunas (e uma coluna a mais, que adota a numeração dos parágrafos da edição crítica de Engler – aproximadamente 7200 parágrafos, ou frases, ou semi-frases). Essa apresentação facilita a comparação e faz ver, claramente, que estamos diante de três versões de um mesmo texto.

O exame detalhado dos três textos requereu identificar os autores das diferentes escritas presentes na margem do material estenografado. Para tanto, levantamos informações que permitissem identificar quem estava *matriculado* na Universidade, quem estava *inscrito no curso* e quem tinha *feito a prova* como estudos optativos. O conjunto desses dados permitiu a formulação de conjecturas, uma delas mais verossímil e mais explicativa do que as outras: a de um *Caille que cumpria a função de secretário da sessão*, enquanto três outros estudantes envolvidos, H. Ziegler, M. Wittman et T. Ford (não foi o caso de Riedlinger), faziam anotações na margem do documento durante as sessões coletivas de revisão.

Além disso, a nova ordem das versões mostra que Riedlinger elaborou os ‘cadernos pretos’ – tal como nos chegaram – em dois tempos, que chamarei de ‘os cenários T1 e T2’, sem prejudicar sua ordem cronológica. O tempo T1 corresponde a um período durante o qual Riedlinger tomou notas. Em seguida, durante um segundo período, T2, ele consultou o material estenografado, completou suas próprias notas, não sem acrescentar outras. Entre a primeira aula do primeiro curso e 1914 (quando, já como professor, entrou em licença) e, mesmo que T1 e T2 tenham sido provavelmente dois períodos sucessivos, é difícil determinar com segurança seu início e o seu final. Com efeito, Riedlinger pode até mesmo ter retomado suas notas muito depois de ter terminado de assistir ao curso de Saussure. Em novembro de 1913, Riedlinger foi novamente inquirido por Bally sobre o *CLG*. Foi somente antes da Páscoa de 1914 que Riedlinger requereu um mês de licença para a *mise au point* [o ajuste] da colação¹³

¹²Consultar, para mais detalhes, nossas transcrições, em que registramos: (Ca) para o texto estenografado de Louis CAILLE (número de chamada BGE Ms Cours Uni 762); (RCa) para o manuscrito a quatro mãos, intermediário (número de chamada BGE Ms fr:9168/4, anteriormente em 21/12/2012 : BGE 2010/34.3.); (IR) para os cadernos pretos de Albert Riedlinger (número de chamada) BGE Ms Cours Uni 761 et 435). A versão passada a limpo (número de chamada Ms Cours Uni 435) é uma cópia da 761, aumentada na última parte sobre as línguas indoeuropeias (parte não retomada no *CLG*). ‘BGE’ por ‘Biblioteca de Genebra’.

¹³No sentido filológico do termo. Concerne à *crítica textual* – ou *crítica de restituição* (Edótica). Diz-se do trabalho que prepara a edição de um texto quando há diversos manuscritos ou versões. Em um pará-

do *primeiro* e do *segundo curso* a que assistiu. A colação do *segundo* e do *terceiro curso* foi feita, pois, principalmente durante o verão de 1913. O *CLG* é, assim, uma dupla reconstrução: uma reconstituição em dois tempos do primeiro e do segundo cursos colacionados por Riedlinger, e uma colação do segundo e do terceiro cursos, seguida de uma síntese final, por Bally et Secheyave.

Ao responder a quatro questões aparentemente menores, acabamos por colocar em questão certas similaridades:

1. Por que um estudante faria, aparentemente, duas vezes seguidas o mesmo curso? Não apenas por uma suposta curiosidade pessoal.
2. Por que – a despeito de uma contínua interrogação sobre as fontes do *CLG* – o material estenografado não foi transcrito ?
3. Por que consideramos os cadernos de Riedlinger como sendo anotações de aulas? Essa terceira questão resulta das duas precedentes.
4. Por que as anotações marginais do material estenografado de Caille não foram levadas em consideração?

Os textos de que doravante dispomos para o primeiro curso podem ser interpretados de duas maneiras distintas:

1. Uma, que se pode qualificar de ‘histórica’, que abrange: o material estenografado de Caille (com as anotações de outros estudantes), as notas tomadas por Riedlinger e um rascunho indeterminado, recentemente trazido a público.
2. A outra, ‘filológica’ e, em nossa opinião, mais conforme à verdade, que mostra a tomada de notas em forma estenografada de Caille, uma primeira retomada dessas notas por Caille e Riedlinger e, uma segunda retomada, finalizada e expandida por Riedlinger.

Disso decorre que, de fato, a única fonte propriamente dita do *primeiro curso* é o material estenografado de Louis Caille; é bastante provável que ela assim permaneça, visto que se pode imaginar que os três outros estudantes envolvidos haviam organizado sessões de revisão com base naquele documento de Louis Caille, a partir do qual eles podiam estudar como desejassem. Contrariamente ao que se pensa, os ditos ‘cadernos Riedlinger’ não foram compostos em uma simples tomada e notas.

Os elementos utilizados para a redação do *CLG* se encontram, assim, identificados e distinguidos uns dos outros; sua elaboração, a partir de agora, é completamente analisável e está consoante com o detalhe das cerca de 7200 entradas da tripla transcrição.

Para estabelecer uma cronologia precisa, falta-nos:

grafo intitulado *Comment se prépare une édition* de seu *Manuel de philologie classique* (Librairie Hachette et Cie, 1880). Salomon Reinach escreve, p. 49-50: “A tarefa do editor, diz Tournier, compreende três partes : a classificação dos manuscritos, a escolha de lições, a restituição conjectural das passagens alteradas. A determinação do parentesco dos manuscritos é o fundamento do método edótico moderno. Colacionar todos os manuscritos de um autor, acumular uma enorme quantidade de variantes retiradas indiferentemente de todas as fontes, em seguida escolher aquela que parecia mais bem se adaptar ao contexto era o método dos séculos precedentes; ele ainda reinou no começo do nosso. Hoje, começa-se por classificar os manuscritos por famílias, por determinar (por meio das lacunas ou dos erros comuns que eles podem apresentar) quais daqueles são cópias de originais ainda existentes; e levamos em conta manuscritos arquetipos ou que derivem de arquetipos perdidos”.

1. Ter documentos para estabelecer, na escala do cotidiano, os horários dos estudantes. Tal déficit não é, entretanto, uma carência: os elementos encontrados nos permitiram concluir pelo respeito da ordem e da natureza dos textos e dos autores, mas não nos permitiram concluir sobre os detalhes da cronologia (T1 e T2) dos dois períodos durante os quais A. Riedlinger retomou o material estenografado de Caille.
2. Validar ‘períodos de trabalho T1T2’ mais do que outra coisa. Seja um documento, ou a reunião de todos os detalhes das três versões, ou, mais provavelmente, as duas coisas ao mesmo tempo, será possível, assim, validar ‘períodos de trabalho T1T2’ específicos.
3. Datar os documentos: não encontramos datas nem sobre o material estenografado nem sobre a primeira revisão. Os cadernos pretos sendo uma reconstituição, as datas que neles figuram são datas reconstituídas: mesmo sem declará-las falsas, elas não podem servir como confirmação, mas requerem, agora, ser confirmadas por um outro documento.
4. Aguardar a emergência de outra fonte do primeiro curso: ainda que improvável, ela não é completamente impossível. O estudo detalhado dos documentos nada diz sobre a presença de um eventual auditor não inscrito na avaliação, que teria tomado notas ou assistido às revisões durante o semestre, nem às revisões para o exame em que ele não se inscreveu.

Não temos documentos que deem provas positivas do período e das datas dos encontros entre Caille e Riedlinger. O suporte material do manuscrito intermediário não é um bloco homogêneo. Trata-se de blocos compostos de alguns folhetos arrancados de cadernos ou, ainda, de folhas dobradas em si mesmas, por vezes impressas, por vezes sem margens nem linhas impressas. Essa configuração heterogênea sugere fortemente – como já o dissemos – diversos encontros, tantos quantos os blocos de folhetos, caso esse número possa ser avaliado. Em 215 fólios, contando-os de dez em dez, pode-se estimar, ao menos, uma dezena de encontros.

Podemos fornecer, tanto quanto possível, algumas precisões suplementares, mostrando que a licença que Riedlinger tira (pouco antes da Páscoa de 1914) corresponde, provavelmente, ao final de sua colaboração: em uma carta¹⁴ de 13 de janeiro de 1914, Riedlinger apresenta ao Departamento da Instrução Pública seu pedido de licença ‘de um mês, a contar de 6 ou 7 de janeiro’, como um ‘pedido sobre o desejo da Sr^a. Ferdinand de Saussure’. O gênero da publicação, i.e. a obra de Ferdinand de Saussure, justifica a brevidade do prazo de preparação: ‘ainda mais porque as ideias saussurianas sobre a linguística estavam no ar’, que Bally e Sechehaye ‘percebem bem a situação e deseja[va]m, se possível, começar na Páscoa a impressão’. Ele justifica seu pedido pelo interesse ‘geral e quase nacional da publicação’, propondo, ao mesmo tempo, como substituto, ‘seu amigo Georges Dégallier’. Ele acrescenta, por fim, que seu afastamento de um mês, a contar de 6 de fevereiro, prejudicaria o mínimo possível o ensino de seus alunos do colégio.

Não encontramos documento que confirme aquela licença nos arquivos da *Direction de l’Instruction Publique* (DIP), nem as datas exatas concedidas ao professor – então recentemente admitido no Colégio de Genebra – mas a licença parece ter sido concedida. Com efeito, de acordo com uma carta¹⁵ de 15 de janeiro de 1914 a

¹⁴ Arquivos DIP, 1985va 5-3-59, T2 61-6. Direction de l’Instruction publique, Genebra.

¹⁵ BGE, Ms fr. 5003, f. 132-137. Biblioteca de Genebra.

Marie de Saussure, Bally afirma ter se ‘certificado da colaboração de Riedlinger, que solicitou e obteve uma licença.’ Se, desse modo, o pedido de Riedlinger foi concedido, pode-se supor que esse período, com pouca diferença entre os dias, se situa entre 7 de fevereiro de 1914 e 7 de março de 1914. O jovem professor do Colégio dedicou um mês ao aperfeiçoamento do texto do *CLG* e reduziu, assim, sua ausência para duas semanas. A carta de 14 de março de 1914, de Bally a Marie de Saussure (BGE, Arch. de Saussure 391, f1), indica que Riedlinger estava de licença para, segundo a expressão de Bally, *faire le point* [aperfeiçoar o] sobre o texto do *CLG*.

Desse modo, sem traço explícito mais preciso, é possível situar, de modo amplo, o período comum de trabalho entre Caille e Riedlinger como estando entre o final do primeiro curso e a Páscoa de 1914 (logo, após o terceiro curso, a que Riedlinger não assistiu) e, mais exatamente, durante o verão de 1913, verão em que o essencial da redação foi feito por Secheyay e Bally, mais ou menos em alternância, e paralelamente, talvez, ao trabalho de Riedlinger e Caille. A presença incerta de Riedlinger no primeiro curso e suas anotações do segundo curso não o teriam, talvez, incitado a revisar o material estenografado por Caille antes do pedido expresso de Bally (1914). Pelo contrário: talvez Riedlinger tenha aproveitado o ano intermediário entre o primeiro e o segundo cursos para trabalhar com Caille (1908). O período de trabalho comum ente Caille e Riedlinger não pode ser determinado com mais precisão, na ausência de documentos datados ou que permitam certa datação. Quaisquer que sejam os detalhes históricos, sempre interessantes, parece que, em última instância, o início de 1914 marca o final da colaboração de Riedlinger.

Pode-se constatar, no que concerne a Riedlinger, nas duas fichas do registro da universidade (vistas nos arquivos), que a primeira não tem indicação do estatuto de aluno (estudante ou ouvinte); a segunda não tem indicação do curso seguido. Pode-se mostrar que, cruzando-se a tabela de matriculados e os boletins de notas dos exames (consultados em detalhes em nossa pesquisa), a inscrição anotada como ‘sup’, ouvinte ou estudante (a ficha jamais dá essa precisão), pode não desejar, ou não poder, por todas as espécies de razões, fazer a prova. Uma primeira constatação havia sido feita ao serem comparadas as versões dos cadernos ‘pretos’ e a de Caille; o exame do cálculo administrativo dos trimestres validados mostra que Riedlinger não tinha o direito, em princípio, de assistir ao curso 1.

4. Conclusão

Esta apresentação não resume a totalidade de nossa tese, mas insiste em seus resultados filológicos. Com efeito, outras questões epistemológicas ou filosóficas foram abordadas, outros documentos foram transcritos. Em nosso trabalho, elementos puderam ser distinguidos uns dos outros: como o primeiro curso foi estabelecido e trazido a público, os limites do segundo curso foram, em consequência, esclarecidos. Mais ainda, a elaboração do *CLG* pode, agora, ser analisada em detalhe, com toda a precisão desejada, visto que retomamos, em três colunas, a apresentação, o alinhamento (correspondências com as entradas da edição crítica de Engler) e a indexação dos artigos suplementares. Os elementos disponíveis são apresentados ao leitor para que haja uma renovação da reflexão sobre o nominalismo saussuriano; temas tantos quantos que são, ao mesmo tempo, princípios epistemológicos ou filosóficos, meio/obstáculo da teorização, tal entendida por Ferdinand de Saussure.

Além de uma versão em papel do material estenografado, de sua transcrição, de suas versões e do plano analítico completo do primeiro curso, uma versão eletrônica

que fizesse a integração do conjunto das versões – versão eletrônica que a comunidade científica tem boas razões para desejar – permitiria uma análise completa e detalhada sem perda de tempo, dada a potência do suporte eletrônico associada a um formato adaptado de documento.

Arquivos consultados

- Archives de l'Université de Genève : *REGISTRES des immatriculations* de l'Université de Genève (Volumes 17 à 27).
- Historique des Facultés 1896-1914, Genève, Georg & C°, Libraires de l'université, 1914, pp 86-124 ; (visible à la BGE).
- Archives de l'Université de Genève : *REGISTRE des diplômés licenciés* (414A/2).

Referências

- AMACKER, René. 2011. *De la double essence du langage, édition des écrits de linguistiques générale établie par R. Amacker*. Publicação do Cercle Ferdinand de Saussure. Genebra: DROZ.
- BALLY, Charles e SECHEHAYE, Albert, com a colaboração de Albert Riedlinger, 1996[1913]. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot. Introdução, notas e comentários de Tullio De Mauro, trad. por Louis-Jean Calvet.
- BERGOUNIOUX, Gabriel. 2001. “Esquisse d’une histoire négative de l’endophasie”. *Langue française* 123. 4: 3-25.
- BERGOUNIOUX, Gabriel. 1995. “Saussure ou la pensée comme représentation”. *Linx*. Hors-série : 173-186.
- BIZUB, Edward. 2006. *Proust et le moi divisé, La Recherche : creuset de la psychologie expérimentale (1874-1914)*. Genebra: DROZ.
- Bibliothèque universitaire de Genève BGE 2010/34.3. Fonds Albert Riedlinger. Le don de M. Jean-Gabriel Riedlinger contient: Notes de cours de linguistique, notes diverses, quelques lettres dont une de Ferdinand de Saussure, 1907-1957.
- BROCHARD, Victor. 1882. *Compte-rendu de: la Parole intérieure, V. Egger*, dans la *Revue philosophique de la France et de l'étranger*. T13. Dir. / Ribot. septième année. Librairie Germer Baillière et Cie. Paris, p. 409-426.
- CAILLE Louis. *Sténographie manuscrite des notes du Cours I*, BGE, Ms. Cours Univ. 762 (Ca). Récentement catalogué BGE Ms. fr. 9168/4 (Antérieurement au 21/12/2012 : BGE 2010/34/3).
- EGGER, Victor. 1904[1881]. *La Parole intérieure, Essai de psychologie descriptive*. Paris: Germer Baillière.
- ENGLER, Rudolf. 1967. *Ferdinand de Saussure, Cours de linguistique générale*. Wiesbaden: Harrassowitz.

- ENGLER, (Fonds): *Classeurs numérotés 09.181, 17.294, 17.290, 03.098* (BGE / nomenclature temporaire, définie par Daniele Gambarara).
- FLEURY, Michel. 1964-1965. "Notes et documents sur Ferdinand de Saussure (1880-1891)". In: *Ecole Pratique des Hautes Etudes. 4^{ème} section. Sciences historiques et philosophiques. Anuário 1964-1965*, p. 35-36.
- GODEL, Robert. 1957. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Tese editada pela Société de Publications Romanes et Française. Genebra: Librairie E. Droz. p. 25-34.
- HAVET, Louis. 1978. "Compte-rendu du Mémoire". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 32.
- JAKOBSON, Roman. 1966. "A la recherche de l'essence du langage". In: *Problèmes de langage*. Collection Diogène. Paris: Gallimard. p. 22-38.
- JOSEPH, John E. 2010. "Saussure's Notes of 1881-1885 on Inner Speech, Linguistic Signs and Language Change". *Historiographia Linguistica* 37: 1/2: 105-132.
- LANGUE FRANÇAISE. 2001. *La parole intérieure*. (Collectif).
- LANGAGES. 2012. *L'apport des manuscrits de Ferdinand de Saussure*. Larousse.
- NAVILLE, Adrien. 1901. *Nouvelle classification des sciences: étude philosophique*. 2^a ed. inteiramente reformulada. Paris: F. Alcan.
- POUZOLET, Christine. 2012. A propos de l'essai de Victor Egger (1881): «parole intérieure» et formes littéraires du monologue intérieur, L'anatomie du cœur humain n'est pas encore faite: Littérature, psychologie, psychanalyse. Disponível em <http://www.fabula.org/colloques/document1641.php> (19 de fevereiro de 2012).
- PUECH, Christian. 2001. "Langage intérieur et ontologie linguistique à la fin du XIXe siècle". *Langue Française* 123: 29-47.
- SALOMON, Reinach, 1880. *Manuel de philologie classique*. Paris: Hachette.
- REDARD, Georges. 1978. "Deux Saussure ?" *Cahiers Ferdinand de Saussure* 32.
- RIEDLINGER, Albert. *Manuscrit des notes du Cours I (1906-1907)*. BGE. Ms. Cours Univ. 761 e 345 (Anotado IR).
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1879. *Mémoire sur système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1881. *De l'emploi du génitif absolu en sanskrit*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia da universidade de Leipzig. Genebra.
- VINCENT, François. 2013. *Le premier cours de linguistique générale professé par Ferdinand de Saussure à Genève (C1Ca/FV-Vol. I, 256 p. et vol. II, 355p.) Cours I et Sténographie CAILLE – Transcriptions et commentaires*. Tese de Doutorado em Ciências da Linguagem, apresentada na Universidade Paris-Est Créteil, em outubro 2013 (Arquivo Central das Teses n° V0048336).

A Linearidade Saussuriana em Retrospecto¹

Pierre-Yves Testenoire

(*Université Paris-Sorbonne, UMR 7597 Histoire des Théories Linguistiques*)

Resumo

O estudo dos manuscritos de Ferdinand de Saussure modifica consideravelmente os contornos da linguística saussuriana, tal como desenhada no *Curso de Linguística Geral (CLG)*, publicado em caráter póstumo. Essa constatação vale particularmente para o conceito de ‘linearidade’. Seu tratamento no *CLG* é dos mais sucintos. O adjetivo *linear* ocorre apenas duas vezes e se aplica ora ao signo, ora à língua. O objeto deste artigo consiste em exumar as variações e a produtividade de uma reflexão acerca da linearidade de que não dá conta a publicação póstuma de 1916. Aplicamo-nos a observar, a partir dos escritos manuscritos do linguista e dos cadernos de seus estudantes, a gênese, o desenvolvimento e as variações terminológicas – ‘consecutividade’, ‘uniespacialidade’ – que o conceito conhece no pensamento saussuriano. Esse percurso nos levará a isolar, nos cadernos consagrados à pesquisa dos anagramas, a passagem em que Saussure faz da sucessão linear inerente aos fatos de língua “o princípio central de toda reflexão útil sobre as palavras.”

Abstract

The study of Ferdinand de Saussure’s manuscripts considerably modifies the contours of Saussurian linguistics, as it is drawn in the *Course of General Linguistics (CLG)*, published posthumously. This statement holds particularly true for the concept of ‘linearity’. His treatment in the *CLG* is of the most succinct. The adjective ‘linear’ occurs only twice and it applies sometimes to the sign, sometimes to the tongue. The object of this article is to exhume the variations and the productivity of a reflection about the linearity that the posthumous publication of 1916 does not account for. We dedicate ourselves to observe, from the linguist’s manuscripts and from his students’ notebooks, the genesis, the development and the terminological variations – ‘consecutiveness’, ‘uniespaciality’ – that the concept knows in Saussurian thought. This path will lead us to isolate, in the notebooks devoted to the research of anagrams, the passage in which Saussure makes the linear succession, inherent in the facts of language, “the central principle of all useful reflection on words.”

¹Tradução de Lygia Testa-Torelli do original francês «La linéarité saussurienne en rétrospection», Agradecemos ao autor a permissão para publicar a presente versão em português. Publicado originalmente inicialmente em francês noem *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* 22: 149-170 (2012). A menos que expressamente indicado o nome de outro tradutor, a tradução de todas as citações, comentários e exemplos são de LT-T.

1. Introdução

O conceito de linearidade ocupa um lugar ambivalente na recepção do pensamento saussuriano. De acordo com o *Curso de Linguística Geral* editado em caráter póstumo, em 1916, por Charles Bally e Albert Sechehaye (doravante abreviado *CLG*), a linearidade, juntamente com a arbitrariedade do signo, é uma das duas características primordiais do signo linguístico. A centralidade do conceito não se manteve no destino do saussurismo, no século XX. A disparidade do tratamento reservado àqueles dois princípios fundamentais é patente: a linearidade não conheceu a fortuna da arbitrariedade, nem suscitou tantas controvérsias. A reivindicação de uma Linguística saussuriana no século XX repousa, de fato, sobre um pequeno número de axiomas – além da arbitrariedade do signo, as distinções língua/fala, sincronia/diacronia, as noções de sistema e de valor – de que a linearidade parece não fazer parte. A parca fortuna do conceito não é imputável à transmissão caótica dos textos saussurianos. Em momento algum de sua recepção ele é apreendido como um princípio estruturador da linguística saussuriana. Nas resenhas que seguem às primeiras edições do *CLG*, a linearidade mal é evocada.² No período estrutural, é a questão do signo e do sistema que está no centro das preocupações. A chegada, na segunda metade do século XX, dos manuscritos autógrafos do linguista³ não muda a sorte reservada pela crítica àquele princípio. A substituição progressiva do *CLG* de Bally e Sechehaye pelos manuscritos, como texto de referência da linguística saussuriana, mantém a linearidade à margem da recepção do edifício teórico. É que o conceito é pouco trabalhado nas notas autógrafas do erudito genebrino. Os termos ‘linear’ ou ‘linearidade’ não aparecem como tais nas notas manuscritas de Linguística Geral editadas até o momento.⁴ Do mesmo modo, os recentes estudos saussurianos fundamentados unicamente naqueles documentos conferem um lugar residual ao segundo princípio do signo, longe da centralidade que lhe conferia o *CLG*.⁵ Nessa indiferença um tanto relativa,⁶ a linearidade foi objeto de duas críticas sucessivas que testemunham dois momentos da recepção de Saussure. A primeira emana da fonologia estrutural; a segunda, da descoberta dos manuscritos de anagramas. Um dos artesãos dessa dupla crítica é Roman Jakobson.

A refutação do segundo princípio do signo saussuriano é recorrente em seus escritos de fonologia. Ela se apoia na acepção ultrapassada de fonema, que o autor identifica em Saussure, por não reconhecer a simultaneidade dos traços distintivos (Jakobson 1962: 304-308, 419-420, 636; 1971: 336, 357, 718; 1976: 104-113 e Jakobson/Waugh 1980: 27-28). O raciocínio que sustenta o princípio da linearidade do significante é, por várias vezes, qualificado de ‘círculo vicioso’ (Jakobson 1962: 419, 636; 1976: 106 e Jakobson/Waugh 1980:27). Jakobson enxerga na ‘crença tradici-

²Caso das resenhas de Meillet, Vendryes, Schuchardt, Sechehaye e Bloomfield, publicadas entre 1916 e 1924, reunidas em Normand (1978), em que a linearidade não é mencionada. É a definição de língua, distinta da fala, que é principalmente discutida.

³A publicação, em 1957, das *Sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*, de Robert Godel, promove uma guinada na abordagem da obra saussuriana. A publicação da edição crítica do *Curso de Linguística Geral* de Rudolf Engler (1968-1974) e a descoberta, em 1996, de novos manuscritos constituem duas outras etapas importantes.

⁴Será em vão procurar a entrada ‘linearidade’ no índice dos *Escritos de Linguística Geral*.

⁵A título de exemplo, na recente síntese de Loïc Depecker, que se propõe a *Compreender Saussure segundo os manuscritos*, apenas algumas linhas são dedicadas à linearidade, e o termo está ausente do glossário das principais noções saussurianas que figura no final da obra.

⁶Numerosos estudos existem que tratam do problema da linearidade em Saussure: indicados na bibliografia.

onal' da linearidade a remanescência, em Saussure, do empirismo ingênuo que ele imputa aos neogramáticos (Jakobson 1962: 419-420, 636; 1971: 243).

A descoberta nos anos 60 dos manuscritos relativos aos anagramas fornece ao linguista outro ângulo de ataque. Sobre a questão, Jakobson aponta uma contradição interna do pensamento saussuriano: a prática anagramática do erudito genebrino se libertaria do princípio da linearidade exposto no *CLG*. Baseando-se nas primeiras publicações relativas aos anagramas de Jean Starobinski, ele escreve:

O anagrama poético viola as duas 'leis fundamentais da palavra humana' proclamadas por Saussure: a da ligação codificada entre significante e significado, e a da linearidade dos significantes. Os meios da linguagem poética têm condições de nos colocar 'para fora da ordem linear' (MF, p. 255) ou, como resume Starobinski, "saímos do tempo da 'consecutividade' próprio à linguagem habitual." (MF, p. 254) (Jakobson 1973: 200).^{7 8}

As duas críticas, frequentemente retomadas e compartilhadas, ilustram as ambiguidades induzidas pelo tratamento demasiado sucinto do segundo caráter primordial do signo, no *CLG*. Discutir sobre essa dupla objeção demanda um retorno aos textos originais em que se encontra desenvolvido o princípio saussuriano da linearidade. Nessa empreitada, a leitura crítica de Saussure por Jakobson, a quem o título deste estudo homenageia,⁹ servirá de fio condutor. Para determinar a pertinência das duas críticas formuladas, concentrar-nos-emos em definir o lugar da linearidade no ensino da Linguística Geral e na reflexão linguística, semiológica e poética, tal como a encontramos consignadas nos textos autógrafos do linguista.

2. A linearidade nos cadernos de estudantes

As ocorrências do conceito de linearidade no *CLG* são duas. A primeira figura no célebre capítulo sobre a 'natureza do signo linguístico', signo no qual Saussure reconhece duas características principais: a arbitrariedade da relação significante/significado e 'o caráter linear do significante' (Saussure 2006: 84).¹⁰ A segunda menção aparece na segunda parte, dedicada à Linguística sincrônica, em que, para introduzir as noções de relações sintagmáticas e associativas, faz-se menção desse segundo princípio com a remissão ao trecho referido (Saussure 2006: 142).

Uma primeira dificuldade se apresenta de imediato, pois se trata, no primeiro trecho, do caráter linear do significante e, no segundo, do caráter linear da língua. A dificuldade cresce quando nos interessamos pelos cadernos dos estudantes que serviram de fonte aos editores do *CLG*. Com efeito, de acordo com os cadernos de estudantes que assistiram aos três cursos, Saussure atribuiu sucessivamente, entre 1907 e 1911, um 'caráter linear' à língua, à cadeia da fala, ao signo linguístico e ao significante. Nesse

⁷ «L'anagramme poétique franchit les deux 'lois fondamentales du mot humain' proclamées par Saussure, celle du lien codifié entre le signifiant et son signifié, et celle de la linéarité des signifiants. Les moyens du langage poétique sont à même de nous faire sortir "hors de l'ordre linéaire" (MF, p. 255) ou, comme le résume Starobinski, "l'on sort du temps de la 'consecutivité' propre au langage habituel" (MF, p. 254)»

⁸ A sigla MF designa o *Mercur de France*, onde aparece a primeira publicação relativa aos anagramas: Starobinski (1964). A ideia de uma contradição interna é retomada em Jakobson/Waugh (1980: 268-270).

⁹ O título faz referência, evidentemente, ao artigo 'A teoria saussuriana em retrospecto', escrito em 1942 e publicado em caráter póstumo, em que Jakobson redefine a distinção saussuriana língua/fala.

¹⁰ Para a tradução em português, fiz referência à edição do *CLG* publicada pela Editora Cultrix (27ª ed., São Paulo, 2006) [LTT]

sentido, o *CLG* conserva um traço, não explicitado, das variações que a linearidade conhece no ensino saussuriano. Convém, assim, reexaminar as diferentes aplicações do conceito, cuja síntese operada por Charles Bally e Albert Sechehaye resolve apenas imperfeitamente.

Em outra ocasião, estudamos o desenvolvimento cronológico dos cursos de Linguística Geral e levantamos, a partir dos cadernos de estudantes, as ocorrências do conceito de linearidade (Testenoire 2010). Se o substantivo 'linearidade' que a posteridade reteve não é atestado, o adjetivo 'linear' aparece mais de uma vez nas anotações realizadas nos três cursos. A partir desse levantamento, a presente questão consistirá em examinar as implicações teóricas dessa pluralidade de usos no ensino saussuriano.¹¹

No primeiro curso de Linguística Geral (1907), as únicas ocorrências do adjetivo 'linear' aparecem em uma passagem dedicada às unidades linguísticas:

Toda syntaxe remonta a um princípio tão elementar que parece pueril evocá-lo: <é> o caráter linear d <a> língua. É aquilo que faz com que, em toda forma, haja um antes e um depois. Esse princípio é dado pela própria natureza das coisas: não posso representar a palavra a não ser <por uma só linha formada de partes sucessivas: >

|—|—|—|—|—|—|

<Tanto> no interior <no cérebro quanto na esfera da fala >. <Vejo que nas duas esferas há > dois ordenamentos correspondentes a dois tipos de relações: por um lado, há uma ordem discursiva, que é <forçosamente> aquela de cada unidade <na frase ou na palavra (*signi-fer*)>, em seguida uma outra, <a> ordem intuitiva <que é aquela das associações (como *signifer, fero*, etc.) que não estão no sistema linear, mas que a mente abraça de uma única vez.> (Saussure 1996: 70-71)¹²

A linearidade, aqui mencionada pela primeira vez, é uma propriedade da língua. Saussure a define nos seguintes termos: «l'impossibilité de prononcer à la fois deux éléments de <la> langue» [a impossibilidade de pronunciar ao mesmo tempo dois elementos d <a> língua]. Essa propriedade da língua é, assim, deduzida a partir de um fenômeno articulatorio. Mais ainda, como observou Robert Godel, o esquema

¹¹ Por razões de clareza e eficácia, um único testemunho será considerado para cada curso: os cadernos de Albert Riedlinger, nas edições de Komatsu (Saussure 1996 e 1997), para os dois primeiros cursos; os de Emile Constantin, na edição de Mejia Quijano (Constantin 2005), para o terceiro.

¹² «Toute syntaxe remonte à un principe tellement élémentaire qu'il semble puéril de l'évoquer: <c'est> le caractère linéaire de la langue, c'est-à-dire l'impossibilité de prononcer à la fois deux éléments de <la> langue. C'est ce qui fait que dans toute forme, il y a un avant et un arrière. Ce principe est donné par la nature même des choses: je ne puis me représenter le mot que <par une seule ligne formée de parties successives:>

|—|—|—|—|—|—|

<Aussi bien à> l'intérieur <dans le cerveau que dans la sphère de la parole>. <Je vois que dans les deux sphères il y a > deux ordonnances correspondant à deux sortes de relations: d'une part il y a un ordre discursif, qui est <forcément> celui de chaque unité <dans la phrase ou dans le mot (*signi-fer*)>, puis un autre, <l'>ordre intuitif <qui est celui des associations (comme *signifer, fero*, etc.) qui ne sont pas dans le système linéaire, mais que l'esprit embrasse d'un seul coup.>»

da linha fragmentada aqui proposto não deixa de lembrar a representação da cadeia acústica no início do mesmo curso (Godel 1957: 203). Por mais paradoxal que possa parecer, o caráter linear da língua se manifesta, em um primeiro momento, sobre o plano acústico-articulatório. Pode-se entender, mesmo se isso não é explicitamente dito, que a linearidade observada no plano fonatório seria uma consequência da linearidade da língua. Saussure insiste sobretudo nas consequências gramaticais do caráter linear da língua. O princípio estaria na base das relações sintagmáticas – relações das unidades no signo – e das relações sintáticas – relações dos signos na frase.¹³ Ele seria perceptível nas duas esferas da língua e da fala que a sintaxe mistura, inextrincavelmente.

Em resumo, haveria, segundo o texto, duas manifestações do caráter linear da língua: uma manifestação acústico-articulatória – a impossibilidade de pronunciar ou de ouvir simultaneamente dois elementos da língua – implicitamente evocada, e uma manifestação sintagmática – a impossibilidade de combinar as unidades da língua de outro modo a não ser pela sucessividade. Se a segunda se verifica tanto na língua como na fala, a primeira só é observada na segunda esfera. O ‘caráter linear da língua’ é, em parte, deduzido de um fato de fala.

As duas manifestações do princípio da linearidade, a menos que seja necessário falar em duas linearidades, foram abordadas de maneira distinta no segundo curso. Novamente, a questão das unidades da língua introduz, na aula de 1908, a primeira menção do adjetivo ‘linear’. «Il y a un caractère capital de la matière phonique non mis suffisamment en <relief>» [Existe um caráter capital da matéria fônica não colocado suficientemente em <destaque>], observa Saussure, «c’est de se présenter à nous comme une chaîne acoustique, ce qui entraîne immédiatement le caractère temporel qui est de n’avoir qu’une dimension.» [que é de se apresentar a nós como uma cadeia acústica, o que provoca imediatamente o caráter temporal, que consiste em ter apenas uma dimensão]. Ele acrescenta: «On pourrait dire que c’est un caractère linéaire : la <chaîne de la parole forcément> se présente à nous comme une ligne et <cela> a une immense portée <pour tous les rapports postérieurs qui s’établiront>.» [Poderíamos dizer que é um caráter linear: a <cadeia da fala necessariamente> se apresenta a nós como uma linha e <isso> tem uma imensa repercussão <para todas as relações posteriores que se estabelecerão>]. (Saussure 1997: 20). Se, como no primeiro curso, a linearidade se encontra negativamente definida como a impossibilidade de toda simultaneidade – «La matière phonique sera toujours dans le même sens et n’admet pas <la> simultanété de deux signes» [A matéria fônica apontará sempre para o mesmo sentido e não admite <a> simultaneidade de dois signos] (Saussure 1997: 21) –, ela não se aplica, nos dois trechos, à mesma entidade linguística. Em 1907, é a língua que se reveste do caráter linear, enquanto que aqui, o caráter linear é próprio da cadeia acústica da fala. A linearidade evocada no primeiro curso, que se manifestava «aussi bien <à> l’intérieur <dans le cerveau que dans la sphère de la parole>», [tanto <no> interior <no cérebro quanto na esfera da fala>], é colocada em evidência apenas na segunda esfera.

A linearidade gramatical, por sua vez, é tratada em outra parte: no capítulo em que é abordada a questão das relações associativas e sintagmáticas. As primeiras se efetuam no cérebro dos falantes. Nesse «trésor intérieur qui équivaut au casier de la mémoire» [tesouro interior que equivale ao compartimento da memória] (Saussure 1997: 52), elas se interligam fora de uma ordem qualquer. Inversamente, as relações

¹³Sabemos que, para Saussure, a fronteira entre sintagma e sintaxe é porosa. No primeiro curso, ele fala da ‘sintaxe interior da palavra’ (Saussure 1996: 96), enquanto que ele indica, no segundo curso, que ‘os fatos de sintaxe recaem n<a> sintagmática’ (Saussure 1997: 57).

sintagmáticas, que se efetuam «dans le discours, dans la chaîne de la parole» [no discurso, na cadeia da fala], são submetidas a uma ordem linear:

<Não há duas maneiras de fazer um sintagma;> só podemos fazer sintagmas por uma sequência linear. O que é espacial deve ser traduzido, evidentemente, para uma ideia de tempo, mas a imagem do espaço, sendo perfeitamente clara, pode ser substituída pela noção de tempo. (Saussure 1997: 53-54)¹⁴

Indiferentes a toda sucessividade temporal, as relações associativas são representadas, nos cadernos de estudantes, na forma vertical de listas de lexemas. As relações sintagmáticas recebem, a seu turno, a representação horizontal, característica da linearidade.

No segundo curso, Saussure não define relação alguma entre as duas linhas evocadas, uma, dos sons da fala, a outra, das unidades da língua. Acaso uma resulta de outra? Não sabemos. Menos ainda sabemos se a linearidade da cadeia da fala encontra algum equivalente na língua. Podemos supor, em suma, que o caráter linear da língua que se observa entre as unidades é igualmente observado no interior das unidades? Esse é o ponto que Saussure parece ter tratado pela formulação, tão problemática, no terceiro curso, do caráter linear do significante.

Em 1910-1911, o professor não utiliza o adjetivo ‘linear’ para qualificar a cadeia da fala. Entretanto, numerosos esquemas em que a cadeia acústica é representada por uma linha ilustram suficientemente a impossibilidade de toda simultaneidade sobre o plano acústico-articulatório. A segunda linearidade dos cursos anteriores, quanto a ela – a linearidade sintagmática – é reafirmada em vários momentos.¹⁵ Mas foi sobre a formulação de uma terceira linearidade que, após o *CLG*, a posteridade insistiu. Ela foi colocada, pelo professor, na posição central de sua exposição, no capítulo intitulado “Natureza do signo linguístico.” “Dois princípios fundamentais” do signo linguístico são distinguidos. Ao primeiro princípio – “O signo linguístico é arbitrário” (Constantin 2005: 221) – Saussure concedeu primazia teórica: «la place hiérarchique de cette vérité-là est tout au sommet. Ce n’est que peu à peu que l’on finit par reconnaître combien des faits différents ne sont que des ramifications, des conséquences voilées de cette vérité-là» [o lugar hierárquico daquela verdade é completamente no topo. Pouco a pouco é que acabamos por reconhecer quantos fatos diferentes são apenas ramificações, consequências veladas daquela verdade]. (*Ibidem*).

O segundo princípio, tratado com mais rapidez, concerne o caráter linear do signo linguístico:

¹⁴ «Il n’y a pas deux moyens de faire un syntagme;> on ne peut faire des syntagmes que par une suite linéaire. Ce qui est spatial doit être traduit bien entendu avec une idée de temps, mais l’image de l’espace, étant parfaitement claire, peut être substituée à la notion de temps.»

¹⁵ Caso do capítulo IV sobre ‘as entidades abstratas da língua’: «Dans désireux (en admettant qu’il y a deux unités: désir et eux) on ne peut pas dire eux-désir.- Donc il y a un ordre qui est employé ici comme moyen. D’un côté nous constatons bien que cela rentre dans la condition fondamentale que la langue est linéaire.» [Em desejoso (admitindo-se que haja duas unidades: *desejo e oso*) não se pode dizer *oso-desejo*. Há, então, uma ordem que é aqui empregada como meio. Por um lado, constatamos com facilidade que isso recai na condição fundamental de que a língua é linear.] (Constantin 2005: 227-228). O princípio é reafirmado quando se abordam as relações sintagmáticas no âmbito da Linguística estática: «Les rapports qui appartiennent au syntagme <par opposition à l’autre genre de rapports qui viendra ensuite> se déroulent dans l’étendue, ont pour support l’étendue. - et la suite des unités dans l’étendue laquelle n’a qu’une seule dimension et une seule direction» [As relações que pertencem ao sintagma <por oposição ao outro gênero de relações que virá em seguida> se desenvolvem na extensão, tem como suporte a extensão – e a sequência das unidades na extensão, a qual não tem senão uma dimensão e uma única dimensão.] (Constantin 2005: 278).

Segundo princípio ou segunda verdade primeira. O signo linguístico (imagem que serve o signo) possui uma duração e essa duração se desenvolve em uma só dimensão. Desse princípio decorrem numerosas aplicações. Ele salta aos olhos. Que possamos recortar as palavras nas frases é uma consequência desse princípio. Ele exprime uma das condições às quais estão submetidos todos os meios de que dispõe a Linguística. Isso decorre de ser acústico (ele se desenvolve no tempo, que tem apenas uma dimensão linear, uma única dimensão). (Constantin 2005: 222)¹⁶

Cerca de quinze dias depois, Saussure retomou o capítulo e introduziu nova terminologia. As noções de ‘imagem acústica’ e de ‘conceito’ foram substituídas pelas de ‘significante’ e ‘significado’. Esse ajuste terminológico foi a oportunidade de precisar os dois princípios fundamentais do signo. O que é arbitrário, assim observou Saussure, é «le lien unissant le signifiant au signifié» [o elo que une o significante ao significado]. Quanto ao princípio de linearidade, seu alcance foi redefinido: ele se aplica apenas ao significante que, “sendo de natureza auditiva”, tem «une étendue qui n’est figurable que dans une seule dimension» [uma extensão figurável apenas em uma dimensão] (Constantin 2005: 238). Essa importante correção é fonte de ambiguidades na recepção da linearidade saussuriana. As anotações de Constantin indicam que Saussure admitiu “uma confusão” na atribuição do caráter linear ao signo (*ibidem*). Parece ter havido um atalho que o professor desejava corrigir: a linearidade é uma propriedade do significante que ele estendeu, por metonímia, ao conjunto do signo linguístico. A visível hesitação do capítulo sobre a “Natureza do signo linguístico” quanto à aceção exata a ser dada ao termo ‘signo’ explica, sem dúvida, em parte, o atalho:

<É uma questão que admitimos não poder resolver em definitivo> Precisamos saber se desejamos chamar signo o total <(combinação do conceito com a imagem)>, ou então se imagem acústica em si mesma pode ser chamada signo. <(a metade mais material)> (Constantin 2005: 221)¹⁷

A introdução, alguns dias mais tarde, da terminologia ‘signo – significante – significado’ dissipará a confusão. Por mais problemático que seja, o caráter linear do significante aparece em madura reflexão. Ele intervém, no lugar hierárquico crucial que lhe é reservado, e de que faz eco o capítulo “Natureza do signo linguístico” do *CLG*, apenas nos últimos meses do ensino de Saussure. A linearidade do significante, na formulação de 1911, é encarada como estando em relação de causalidade com as linearidades identificadas nos cursos anteriores. Ela é a causa da linearidade sintagmática – «Si nous pouvions découper les mots dans les phrases, c’est une conséquence de ce principe» [Que possamos recortar as palavras nas frases é uma consequência

¹⁶ «Second principe ou seconde vérité première. Le signe linguistique (image servant au signe) possède une étendue et cette étendue se déroule dans une seule dimension. De ce principe-là découlent nombre d’applications. Il saute aux yeux. Si nous pouvions découper les mots dans les phrases, c’est une conséquence de ce principe. Il exprime une des conditions auxquelles sont assujettis tous les moyens dont dispose la linguistique.

Cela découle de ce qu’il est acoustique (il se déroule dans le temps qui n’a qu’une dimension linéaire, une seule dimension).»

¹⁷ «<C’est une question que nous avouons ne pouvoir trancher> Il faut savoir si l’on veut appeler signe le total <(combinaison du concept avec l’image)>, ou bien si l’image acoustique elle-même peut être appelée signe. <(la moitié plus matérielle)>»

desse princípio] (Constantin 2005: 222) – e a consequência da linearidade acústico-articulatória – «Cela découle de ce qu'il est acoustique» [Isso decorre do fato de ele ser acústico] (*Ibidem*).

Em suma, de acordo com os cadernos de estudantes do curso de Linguística Geral, a linearidade se mostra em três planos:

Na esfera da fala,

- uma linearidade devida à natureza acústica da substância da linguagem.

Na esfera da língua,

- uma linearidade que se manifesta no nível do significante;
- uma linearidade que se manifesta no nível das relações sintagmáticas.

Entre as três manifestações, a segunda foi alvo de debate. Roman Jakobson não contestou, nem a temporalidade inerente à substância acústica da linguagem, nem a linearidade sintagmática que não exclui, evidentemente, as relações associativas da língua (eixo da sucessividade e da simultaneidade no idioleto jakobsoniano). Ele reafirmou, entretanto, o princípio da linearidade do significante que, por um lado, substancializaria o significante e, por outro lado, obliteraria o eixo da simultaneidade. A objeção substancialista chama atenção para uma ambiguidade dos cursos de Linguística Geral na definição do significante.¹⁸ O significante se reveste de um caráter linear em decorrência de sua 'natureza auditiva'; ora, ele é, em outra ocasião, definido como sendo imaterial, 'psíquico'. A ambiguidade do terceiro curso tocou, em realidade, na própria natureza do significante, que foi dita «aussi psychique que le concept qui lui est attaché» [tão psíquica quanto o conceito que a ele se liga] (Constantin 2005: 216), enquanto que, mais adiante, Saussure distinguiu, no seio do signo, o significante como "o termo mais material" e o significado como "o termo mais psíquico" (2005: 221). Ora, como uma realidade psíquica estaria submetida ao tempo? A contradição pode ser explicada se imaginarmos que, para Saussure, «langue et parole se supposent l'un l'autre, ne peuvent exister l'un sans l'autre» [língua e fala se supõem uma e outra, não podem existir uma sem outra] (2005: 237). É por ser a «l'empreinte psychique du son» [impressão psíquica do som] (2005: 220) que o significante é linear.

A segunda objeção de Jakobson contra a linearidade do significante, por sua vez, supõe haver um deslocamento determinante. Em sua argumentação, a afirmação da «l'impossibilité de prononcer à la fois deux éléments de <la> langue» [a impossibilidade de pronunciar ao mesmo tempo dois elementos de <a> língua,], que sustenta a demonstração da linearidade em Saussure, torna-se «l'impossibilité de prononcer à la fois deux phonèmes» [a impossibilidade de pronunciar ao mesmo tempo dois fonemas] (Jakobson 1962: 419). Jakobson introduziu, na exposição da linearidade, a noção de 'fonema', atribuindo ao termo a definição funcional dos pragueus, que não existe em Saussure. Desse modo, a objeção à simultaneidade dos traços distintivos deslocou o plano do debate, uma vez que ela se resumiu em contestar, não a linearidade do significante, mas a linearidade das unidades de segunda articulação, articulação segunda que, aliás, Saussure jamais captou. Fica claro desde já que a objeção dos fonólogos contra a linearidade saussuriana repousa sobre um mal-entendido, uma vez que eles recusaram uma linearização de fonemas segundo a acepção da fonologia estrutural, que Saussure não formulou.

¹⁸Essa ambiguidade foi notada por Michel Arrivé (2007: 56-61).

3. A linearidade nos textos de Saussure

Na senda da descoberta dos manuscritos autógrafos do erudito genebrino, desenvolveu-se a ideia de uma suposta contradição interna ao pensamento saussuriano concernente à linearidade. Dois aspectos da obra manuscrita de Ferdinand de Saussure pareceram colocar em xeque o segundo princípio do signo exposto no *CLG*: a metáfora da lanterna mágica, desenvolvida nas anotações ditas ‘*Item*’ e os princípios da longa pesquisa dos anagramas. Abordaremos os dois aspectos, um a um.

3.1 ‘A uniespacialidade’ das Notas Item

O conceito de linearidade não é tratado diretamente nos manuscritos preparatórios das aulas do linguista. A reflexão sobre a temporalidade própria à língua toma corpo, em sua pluma, em um conjunto de anotações, possivelmente anteriores em mais de dez anos aos cursos de Linguística Geral. Em tais anotações, geralmente chamadas de *Notas Item*, pelo fato de cada parágrafo ser precedido pelo advérbio latino, a representação espacial da temporalidade linguística é trabalhada com grande meticulosidade. Saussure se perguntou, sobretudo, sobre a morfologia do signo linguístico, então chamado ‘sema’, e sobre seu caráter duplo: seu caráter divisível, que implica o tempo, e seu caráter sintético, que implica a relação semiótica. É nesse âmbito que ele desenvolveu a metáfora da lanterna mágica.

Item. Da psicologização dos signos vocais. — A) Suponhamos que sobre o mesmo disco de lanterna mágica se mostrem sucessivamente

Disco verde

„ amarelo

„ preto

„ azul

„ azul (novamente)

„ vermelho

„ roxo.

Resultaria do conjunto desses signos a quase-impossibilidade de representá-los em sua sequência, ou ‘como uma sequência apreensível, fazendo um todo.’ <Depois disso: Ora toda a particularidade da palavra consiste em ser um sema apreensível, mas repousando na sucessão das sílabas.> — B) Suponhamos, em segundo lugar, que não coloquemos esses contornos em sucessão, mas que os justaponhamos sobre o disco. (<Colocar aqui claramente /verde/amarelo/preto/>, à esquerda verde, em seguida amarelo, etc ... até a direita). Teremos n[esse c]aso uma figura, senão apreensível para todo o mundo, ao menos começando a se tornar apreensível e a ser uma figura — C) Foi, então, necessário, para <que> a figura visual se tornasse figura, abandonar o princípio da sucessão temporal e recorrer à []. (Saussure 1974: 38)¹⁹

¹⁹ «*Item.* De la psychologisation des signes vocaux. — A) Supposons que sur le même disque de lanterne magique on donne successivement

Disque vert

„ jaune

„ noir

„ bleu

„ bleu (de nouveau)

A experiência conduzida com a lanterna mágica visava a confrontar as impressões auditivas e as impressões visuais, um signo auditivo (o sema) e um signo visual (uma imagem projetada pela lanterna). A experiência se conduzia em três tempos: A) a prova da sucessividade; B) a da justaposição, C) a conclusão, infelizmente, lacunar. A experiência não ficou tão clara, pois, na prova da justaposição, um modo de sucessividade foi incluído: «<Mettre ici carrément /vert/jaune/noir/>, à gauche vert, ensuite jaune, etc.... jusqu'à la droite» [«Colocar diretamente aqui /verde/amarelo/preto/>, à esquerda verde, em seguida amarelo, etc ... até a direita. É somente a justaposição dos elementos que a constituem que torna a figura visual *recolligible* [apreensível], isto é, passível de síntese pelo olho e pelo cérebro humanos. A memória visual difere da memória auditiva. Ademais, a metáfora das cores sucessivas da lanterna mágica mostrava não se adaptar ao signo linguístico, esse «*sème colligible*, mais reposant sur la succession des syllabes» [sema componível, mas repousado na sucessão das sílabas]. A fórmula evocava uma submissão conflitual do signo linguístico ao tempo: por sua natureza acústica ele não é senão sucessividade; por sua natureza semiótica, ele é '*colligible*' [apreensível]. Saussure nomeou essa propriedade de 'uniespacialidade' do signo linguístico (Saussure 1974: 38). A 'uni-espacialidade' tem uma consequência maior: a «*divisibilité par tranches* (toujours dans le même sens et par coupures identiques» [“divisibilidade em fatias (sempre no mesmo sentido e em cortes idênticos)”] (1974: 38). O signo da língua se opõe, por esta característica, à «*la simultanété possible* (ou non-unispacialité) du signe visuel» [“simultaneidade possível (ou não-uniespacialidade) do signo visual”] (1974: 39). Essa definição pela negativa faz eco àquela da linearidade proposta no primeiro curso: «*l'impossibilité de prononcer à la fois deux éléments de <la> langue*» [“a impossibilidade de pronunciar ao mesmo tempo dois elementos de <a> língua.”] A 'uniespacialidade', assim como a linearidade, consiste na representação espacial de um fenômeno temporal. Partindo desse princípio, Saussure retomou a imagem da lanterna mágica, para revogá-la, definitivamente:

Se desejássemos verdadeiramente representar os elementos fônicos sucessivos de uma palavra, seria necessário uma tela em que seriam pintadas <por lanterna mágica> as cores sucessivas, e ainda assim isso não seria exato porque nos seria impossível apreender essas cores sucessivas em uma única impressão; por isso é que a palavra escrita <por inteiro> sobre a tela da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita é espacialmente uma representação melhor, para nós, da palavra, <que é entretanto temporal>. O sema acústico se fundamenta em grande parte na <cem vezes> mais fácil memorização das formas acústicas do que das formas visuais. (Saussure 1974: 39)²⁰

„ rouge
„ violet.

Il résulterait de l'ensemble de ces signes la quasi-impossibilité de se les représenter dans leur suite, ou 'comme une suite recolligible, faisant un tout'. <Après cela : Or toute la particularité du mot est d'être un sème colligible, mais reposant sur la succession des syllabes.> — B) Supposons en second lieu qu'on ne fasse pas succéder ces contours, mais qu'on les juxtapose sur le disque. (<Mettre ici carrément /vert/jaune/noir/>, à gauche vert, ensuite jaune, etc.... jusqu'à la droite). On aura dans [ce c]as une figure, sinon recolligible à tout le monde, du moins commençant à devenir colligible et à être une figure. — C) Il a donc fallu pour <que> la figure visuelle devint figure, abandonner le principe de la succession temporelle et recourir à [].»

²⁰ «Si l'on voulait représenter vraiment les éléments phoniques successifs d'un mot, il faudrait un écran où viendraient se peindre <par lanterne magique> des couleurs successives, et cependant ce serait faux en ce qu'il nous serait impossible de recolliger ces couleurs successives en une seule impression, et c'est pourquoi le mot écrit <tout entier> sur l'écran de droite à gauche ou de gauche à droite spatialement est

Saussure se pôs a procurar uma imagem para pensar o signo linguístico. Às representações costumeiras do signo em seus escritos – a bola, o corpo ou átomo, que punham em evidência o caráter associativo, apreensível do signo –, ele procurou substituir por uma comparação que desse conta da ‘uniespacialidade’. Ele desenvolveu, em suas anotações fragmentárias, a da linha (linha de escrita, de exército, de montanha) como transposição visual adequada dessa sucessividade dos signos acústicos compatível com sua natureza apreensível. Longe de levar a contradição ao segundo princípio do signo saussuriano, a noção de ‘uniespacialidade’, criada com a hipótese da lanterna mágica, prefigurava aquela da linearidade, exposta diante dos estudantes. A experiência infrutífera da lanterna mágica não foi, com efeito, totalmente perdida para Saussure. Ele bem se lembraria da confrontação com outros sistemas semiológicos. Desse modo, a inserção dos sistemas de signos visuais que, estes sim, admitem a simultaneidade, interviria regularmente, em contraponto, ao longo dos desenvolvimentos sobre o princípio de linearidade dos cursos de Linguística Geral.²¹

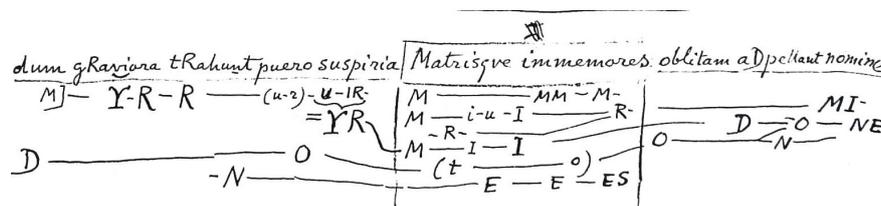
3.2 ‘Consecutividade’ ou ‘não-consecutividade’ dos anagramas

O problema da linearidade é igualmente levantado pela pesquisa em anagramas que Saussure empreendeu nas poesias grega, sânscrita, germânica e latina, entre 1906 e 1909, ou seja, contemporaneamente aos dois primeiros cursos de Linguística Geral.²² Ao revelar seus anagramas, o linguista não levou em conta a sucessão dos elementos fônicos na cadeia falada. A ordem dos elementos não precisava ser necessariamente idêntica entre o verso e a ‘palavra-tema’, isto é, a palavra anagramatizada. É testemunho o seguinte trecho dos manuscritos, em que o linguista descobriu o anagrama ‘Mirmidões’, em um verso latino de um contemporâneo seu, o poeta italiano Giovanni Pascoli:

une meilleure représentation pour nous du mot, <lequel est cependant temporal>. Le sème acoustique est fondé en grande partie sur la <cent fois> plus facile mémorisation des formes acoustiques que des formes visuelles.»

²¹Na exposição do segundo princípio do signo linguístico, Saussure insiste, desse modo, sobre aquilo em que essa unidade linguística difere de outros sistemas semiológicos: «Par opposition à telle espèce de signes (signes visuels par exemple) qui peuvent offrir une complication en plusieurs dimensions, le signe acoustique ne peut offrir de complications que dans l’espace qui serait figurable dans une ligne.» [Por oposição a uma tal espécie de signos (signos visuais, por exemplo) que podem oferecer uma complicação em várias dimensões, o signo acústico só consegue oferecer complicações no espaço que seria figurável em uma linha]. (Constantin 2005: 223). Uma lembrança mais precisa ainda da lanterna mágica se revela no segundo curso, quando a linearidade acústica da fala é abordada: «Si nous sortons de la langue il peut ne pas en être de même pour d’autres signes: ce qui s’adresse à l’organe visuel peut comporter une multiplicité de signes simultanés; je puis même superposer un signe plus général qui serait le fond et d’autres projetés sur celui-ci. Toutes les directions et combinaisons <sont possibles. Toutes les ressources qui peuvent résulter de la simultanéité seront à ma disposition dans ce système de signes.> » [Se saímos da língua não podemos fazer o mesmo para outros signos: aquilo que se dirige ao órgão visual pode comportar uma multiplicidade de signos simultâneos; posso até mesmo superpor um signo mais geral, que seria o fundo, e outros projetados sobre esse signo. Todas as direções e combinações <são possíveis. Todos os recursos que podem resultar da simultaneidade ficarão à minha disposição nesse sistema de signos.> (Saussure 1997: 21).

²²Para uma apresentação mais aprofundada dos anagramas, recomendamos consulta a Starobinski (1971), Wunderli (1972a), Gandon (2002) e Testenoire (2013).



(Biblioteca de Genebra (BGE), Ms. fr. 3969, fol. 19)

Saussure anotou: «Ces unités qui recomposent le mot peuvent être données en dehors d'un ordre quelconque» [Essas unidades que recompõem a palavra podem ser apresentadas fora de uma certa ordem] (BGE, Ms.fr.3963/1, fol.2). Os elementos constitutivos do anagrama são os 'dissecta membra' (*ibidem*) que Saussure utilizou independentemente da sucessão fônica do verso. Desse ponto de vista, o anagrama, sem respeitar a ordem dos versos, não põe em xeque a 'uni-espacialidade' das *Notas Item*, ou a linearidade das s correntesursos entendidas como «l'impossibilité de prononcer à la fois deux éléments de <la> langue» [“a impossibilidade de pronunciar ao mesmo tempo dois elementos d<a> língua.”] O trabalho repetitivo sobre os versos chegou mesmo a contribuir para forjar essa representação do tempo com a linha – sempre horizontal, nas anotações dos estudantes – do tempo que toma o ato da fala. O anagrama 'Mirmidões' ilustra essa tensão em direção à linearização da abordagem poética de Saussure. A espacialização da análise anagramática é perceptível no vocabulário empregado nos manuscritos. Os versos são um território a explorar: trata-se de determinar os 'limites' de um 'espaço', de um 'lugar' ou, ainda, de uma 'área' (BGE, Ms. fr. 3963) especialmente reservada para o anagrama. O jogo sobre o ordenamento da palavra poética para o qual Saussure convoca passa, de início e em seu entender, pela vista.²³ A desordem da execução anagramática não põe de forma alguma em xeque a natureza unidimensional da linguagem, posta em evidência pela linearidade.

A relação do anagrama com o princípio de linearidade se torna, entretanto, nitidamente mais problemática se considerarmos os procedimentos combinatórios aos quais o linguista recorreu. Eles consistem não na simples justaposição de elementos fônicos não contíguos do verso, mas em sua fusão modificadora. Nesse sentido, para obter a sílaba PRO de uma 'palavra-tema', Saussure procedia, por vezes, pela fusão de uma sílaba PO e de outra RO. Esses procedimentos combinatórios recebem, nos cadernos, justificativas problemáticas: trata-se de um 'princípio de *confusão* pelo ouvido', sobre o que Saussure se vê compelido a precisar: «ce principe est plus ou moins clair dans ses limites, puisque [...] en général une confusion n'est pas claire» [esse princípio é mais ou menos claro em seus limites pois, [...] em geral, uma confusão não é alguma coisa clara] (Saussure 2013: 267). Por esse tipo de procedimento combinatório, o anagrama repousa na simultaneidade de várias impressões acústicas, em contradição evidente com o princípio de não-simultaneidade dos signos acústicos posto em evidência nas *Notas Item* e nos cursos de Linguística Geral. A dificuldade não escapou, entretanto, a Saussure: ele dedicou um caderno ao problema teórico levantado por esse jogo dos anagramas sobre a 'consecutividade' e a 'uni-espacialidade' da língua.²⁴ Naquele caderno encontramos, justamente, esse texto, um dos mais frequentemente citados dentre aqueles relativos aos anagramas, em que Saussure se questionou sobre

²³Nesse quesito, os manuscritos de anagramas confirmam o óculocentrismo de Saussure, perceptível no ensino da Linguística Geral, cf. Kim 2008.

²⁴Para uma descrição genética mais desenvolvida do caderno, cf. Testenoire 2010.

a noção de 'CONSECUTIVIDADE'. A noção, valorizada pelo uso das maiúsculas, foi introduzida com as mesmas precauções oratórias que acompanhavam o princípio da linearidade nos cursos de Linguística Geral: é um princípio 'evidente' e «central de toute réflexion utile sur les mots» [central de toda reflexão útil sobre as palavras].

☞ ~~~ O princípio do difono (<considerado de modo diferente do que em sua oposição ao monófono>) significa dizer que representamos as sílabas *em sua* <na> CONSECUTIVIDADE <de seus elementos>. Não me intimida essa palavra nova, visto que, se ela existisse, não é somente, é para a própria Linguística que ela teria os efeitos <faria sentir> dos *mais* <efeitos> benéficos.

<A imagem vocal >

. . Que os elementos que formam uma palavra *seguem-se uns após os outros*, <e não podem > eis aí uma verdade que seria melhor não considerar, em Linguística, como uma coisa <sem interesse> por ser evidente, mas que dá de antemão <pelo contrário> o princípio de central de toda reflexão que tornaremos <útil> sobre as palavras. Em um domínio infinitamente especial como este de que nos cabe tratar, é sempre em virtude da lei fundamental da palavra <humana> em geral que pode ser colocada uma questão como a da consecutividade ou não-consecutividade, e desde a primeira

<O abstrato e o concreto>

Pode-se chegar a *cla - tra* por TAE por *ta + te* () ou seja convidar o leitor não mais a uma justaposição na consecutividade, mas a uma média das impressões acústicas fora do Tempo? fora da ordem no tempo que têm os elementos? fora da ordem linear que é observada se chego a TAE por TA - AE ou TA - E, mas que não o é se chego por *ta + te* a amalgamar *ando* fora do tempo como eu poderia fazê-lo para 2 cores simultâneas» (BGE, Ms.fr.3963/1, fol.2v, cf. Anexo 1)^{25 26}

A afinidade do texto com a especulação das *Notas Item* em torno da lanterna mágica salta aos olhos. A menção às '2 cores simultâneas' não deixa de nos lembrar a

²⁵ A transcrição dos textos manuscritos adota as seguintes convenções: os parênteses angulares < > designam um acréscimo interlinear ou marginal; os colchetes [], um texto ilegível; os itálicos mostram os sublinhados; as abreviações são desenvolvidas e os textos rasurados são conservados. Podem ser consultados, igualmente, os fac-símiles dos manuscritos, reproduzidos com a gentil autorização da Biblioteca de Genebra, nos Anexos.

²⁶ «~~~ Le principe du diphone (<considéré autrement que dans son opposition au monophone>) revient à dire qu'on représente les syllabes *dans leur* <la> CONSÉCUTIVITÉ <de leurs éléments>. Je ne crains pas ce mot nouveau, vu que s'il existait, ce n'est pas seulement, c'est pour la linguistique elle-même, qu'il aurait les effets <ferait sentir> des plus <effets> bienfaisants.

<L'image vocale>

- . . Que les éléments qui forment un mot *se suivent*, <et ne peuvent> c'est là une vérité qu'il vaudrait mieux ne pas considérer, en linguistique, comme une chose <sans intérêt> parce qu'évident, mais qui donne d'avance <au contraire> le principe de central de toute réflexion qu'on fera <utile> sur les mots. Dans un domaine infiniment spécial comme celui que nous avons à traiter, c'est toujours en vertu de la loi fondamentale du mot <humain> en général que peut se poser une question comme celle de la consécuitivité ou non-consécuitivité, et dès la première

<L'abstrait et le concret>

Peut-on donner *cla - tra* par TAE par *ta + te* () c'est à dire inviter le lecteur non plus à une juxtaposition dans la consécuitivité, mais à une moyenne des impressions acoustiques hors du Temps ? hors de l'ordre dans le temps qu'ont les éléments ? hors de l'ordre linéaire qui est observé si je donne TAE par TA - AE ou TA - E, mais ne l'est pas si je le donne par *ta + te* à amalgamer ent hors du temps comme je pourrais le faire pour 2 couleurs simultanées»

hipótese dos discos justapostos. A alternativa das *Notas Item* entre sucessão e justaposição não é mais considerada em uma comparação entre signos auditivos e visuais, mas sim conforme o tratamento do fator tempo: os elementos fônicos devem ser apreciados ‘na consecutividade’ ou ‘fora do tempo’.

Na leitura do texto, numerosos comentadores consideraram que Saussure aí teorizava uma exceção ao princípio de linearidade exposto em seus cursos.²⁷ A exceção, segundo eles, seria explicada pelo ‘domínio infinitamente especial’ – outros mais dirão pela especificidade da linguagem poética – que o linguista reconhece no anagrama.²⁸ É assim que se pôde distinguir, em Saussure, dois tratamentos temporais do signo acústico: tratamento ‘normal’ da linearidade e tratamento ‘pela média,’ segundo a metáfora da lanterna mágica, própria aos anagramas.²⁹ Ora, Saussure formulou aqui não uma exceção teórica, mas uma hipótese. O tom permaneceu interrogativo. Aos questionamentos levantados pelos anagramas, acerca da possibilidade de substituir a consecutividade por “uma média das impressões acústicas fora do tempo”, resposta alguma foi dada.

O mesmo texto, ademais, não deve ser lido sozinho: ele tem seu par. Algumas páginas adiante, o problema da consecutividade foi retomado. Os dois textos se respondem, sem sombra de dúvida. Como se sinalizasse a relação entre eles, Saussure começou pelas mesmas palavras; ‘o princípio do dífono’, princípio que introduzia a questão da consecutividade. Os textos fazem eco, ainda, pelo uso das maiúsculas: à CONSECUTIVIDADE do primeiro texto responde o adjetivo LINEAR. A mudança terminológica acompanha a resposta ao enigma posto no primeiro texto: “TAE = ta + te?”

O princípio do dífono, por uma primeiro lado <efeito> <ou em 1 primeiro sentido>, equivale a afastar o princípio do monófono como elemento capaz de exprimir uma porção qualquer

Mas ele <esse princípio> possui uma segunda significação. Um dífono estabelece, entre outros, que, por sua única existência <presença> diante de nossos olhos, consagra uma ordem. Dados [] <separadamente> P + I, não se pode nada está determinado quanto à sequência IP ou PI. Dado *PI*, possuímos fora do dado de composição, um elemento que sera absolutamente errado não tomar como banal ou simplesmente

É de fato

É verdade que não encontraríamos em nenhum manu livro sobre os que a condição fundamental de toda palavra é correr sobre uma LINEAR

²⁷Sobre a transgressão do princípio de linearidade pelo anagrama, cf. além do já citado julgamento de Jakobson (1973: 200), os de Starobinski (1971: 46), de Wunderli (1972a: 78-84), de Lacan (1966: 503), de Adam (1976: 56), de Choi (2002: 119 seq.), de Arrivé (2007: 142-143) ... Poucas pessoas além de Rudolf Engler consideram que o anagrama não traz um verdadeiro problema para a linearidade: “O que dizer dos procedimentos retóricos, dos jogos de palavras, dos anagramas? Estendendo-se a teoria da *recollection* [memorização] aos signos e levando em conta o eixo associativo, não será difícil propor uma explicação” (Engler 1974: 120).

²⁸Comentando esse texto, Jean Starobinski nota que a leitura anagramática de Saussure “se desenvolve em outro andamento (e em outro tempo): em última instância, saímos do tempo da ‘consecutividade’ própria à linguagem habitual.” (1971: 46). São os “meios da linguagem poética [que] têm condição de nos fazer sair ‘fora da ordem linear’”, acrescenta Jakobson (1973: 200). Peter Wunderli parece ser da mesma opinião: “Seria preciso considerar o abandono do princípio da linearidade para os anagramas como uma liberdade – ou uma lei – particular, própria à língua e ao discurso poético; ele não abole os dados da língua normal; muito pelo contrário, ele os completa” (Wunderli 1972b: 44).

²⁹Foi Francis Gandon (2002: 150-161) quem levou mais longe essa hipótese.

<De início: O 2º sentido <do []>, é o que não podemos constituir>

<Cronismo das formas>

PAE por *pa + pe*

TRA por *ta + ra*

CLO por *co + lo*

ou: PAE por *pa + e pe*

Caso que se resume a fazer uma combinação antecronológica<ógica> das ou acró-nica das formas. Não é por um “amalgama” como poderia sê-lo o de uma figura pintada.

Insisto nesse fato, não somente porque ele é de 1^{eira} importância para os anagramas, mas porque isso corresponde de uma maneira admissível àquilo que (BGE, Ms.fr.3963/1, fol.19v, cf. Anexo 2)³⁰

O segundo texto traz uma resposta explicitamente negativa à questão deixada em suspenso no texto anterior: “não se pode constituir [...] TRA por ta + ra.” Foi retomando termo a termo os elementos das interrogativas do primeiro texto que Saussure os recusou. A hipótese de um ‘amalgama’ foi refutada, do mesmo modo como o foi a analogia com a ‘figura pintada’ do texto anterior, ou da lanterna mágica. Aqui, o linguista não justificou, portanto, no plano teórico, as combinações fora do tempo que ele evocou em seus deciframentos anagramáticos.

O texto em questão não apresenta apenas um desmentido categórico à hipótese de um tratamento linguístico ‘fora do tempo’ legitimado por Saussure. Ele traz, também, inovações terminológicas capitais. Além de ‘cronismo’, visivelmente equivalente a ‘sucessividade’ ou ‘consecutividade’, o adjetivo ‘linear’ aparece. O termo – cuja ocorrência, ao que sabemos, é única em um escrito de Saussure – foi introduzido no final de uma frase marcada por aqueles espaços brancos tão característicos dos manuscritos saussurianos:³¹ «Il est vrai que l'on ne trouverait dans aucun manu livre sur les que la condition fondamentale de tout mot est de courir sur une» [É verdade que não se encontraria em nenhum manu livro sobre as que a condição fundamental de toda palavra é correr sobre uma]. Em lugar da ‘linha’ que esperaríamos encontrar, Saussure suspendeu sua pluma e, depois de um espaço, optou pelo adjetivo. A palavra LINEAR, escrita em maiúscula, faz eco à CONSECUTIVIDADE do texto anterior,

³⁰ «Le principe du *diphone*, par une premier côté <effet> <ou dans 1 premier sens>, équivaut à écarter le principe du monophone comme élément capable d'exprimer une portion quelconque

Mais il <ce principe> a une seconde signification. Un diphone établit, entre autres, que, par sa seule existence <présence> devant nos yeux, consacre un ordre. Etant donnés [] <séparément> P + I, on ne peut rien n'est déterminé quant à la suite IP ou PI. Etant donné PI, on possède hors de la donnée de composition, un élément qu'il serait absolument faux de ne pas croire banal ou simplement

C'est en effet

Il est vrai que l'on ne trouverait dans aucun manu livre sur les que la condition fondamentale de tout mot est de courir sur une LINÉAIRE

<D'abord : Le 2d sens <du []>, c'est que l'on ne peut pas constituer>

<Chronisme des formes>

PAE par *pa + pe*

TRA par *ta + ra*

CLO par *co + lo*

ou : PAE par *pa + e pe*

Cas qui reviennent à faire une combinaison anti-chronologique<ique> des ou achronique des formes. Ce n'est pas par une “amalgame” comme pourrait l'être celle d'une figure peinte

J'insiste sur ce fait, non-seulement parce qu'il est de 1ère importance pour les anagrammes, mais parce que cela correspond d'une manière admissible à ce que>

³¹ Cf. sobre esse ponto, o estudo de Claudine Normand (2006: 79-112).

que ela parece querer substituir. O gesto de escritura agitado, de que os espaços em branco guardam vestígio, traduziria esse momento da descoberta lexical adequada para o “princípio de central de toda reflexão que faremos <útil> sobre as palavras,” evocado no primeiro texto.

Dessa escritura tateante de um pensamento que está em busca, o termo ‘linear’ parece emergir como uma resposta à alternativa anterior: no tempo ou fora do tempo. A ‘palavra-tema’, por mais estranha que seja, conhece a ‘condição fundamental de toda palavra: ela é temporal. O jogo das impressões acústicas que funda a palavra não admite uma simultaneidade de tipo cromático. Assim como nas *Notas Item*, a analogia dos signos acústicos e visuais foi rejeitada. O anagrama não é uma lanterna mágica.

4. Conclusão

Ao termo deste percurso, o conceito de linearidade aparece de modo mais coerente no âmbito do pensamento saussuriano do que puderam imaginar seus detratores. As duas objeções formuladas por Roman Jakobson – a objeção fonológica e a contradição entre os anagramas e o *CLG* – repousam em mal-entendidos, devidos, em parte, às vicissitudes da transmissão dos textos saussurianos e, em outra parte, ao programa de leitura jakobsoniano.

O princípio da linearidade conhece, certamente, aplicações variadas no decorrer dos três cursos de Linguística Geral para os estudantes. Língua, cadeia da fala, signo, significante se revestem sucessivamente de um ‘caráter linear’. A observação dos cadernos de estudantes revela que, desde o primeiro curso, Saussure percebeu uma linearidade na fala, que explica o porquê de não se poder pronunciar simultaneamente dois elementos, e na língua, que condiciona as relações sintáticas e sintagmáticas. Foi, entretanto, apenas no último curso que ele formulou o princípio da linearidade do significante como o elo entre esses dois fenômenos: ao mesmo tempo causa da linearidade sintagmática (“Que possamos recortar as palavras nas frases é uma consequência desse princípio”) e consequência da linearidade acústico-articulatória da fala (“Isso decorre de que ele é acústico”).

Os textos manuscritos, por sua vez, confirmam a centralidade do conceito de linearidade no pensamento de Ferdinand de Saussure. Todo funcionamento linguístico liberto de uma temporalidade linear é, em seus escritos, explicitamente rejeitado. O mesmo se dá no caso da comparação com a lanterna mágica, desenvolvida nas *Notas Item*, bem como da hipótese de uma “média das impressões acústicas fora do tempo,” examinada nos cadernos de anagramas. É significativo, nesse aspecto, que as únicas ocorrências conhecidas do adjetivo ‘linear’, em Saussure, figurem em um manuscrito dedicado àquela pesquisa. O trabalho dos anagramas acompanha a tomada de consciência da importância da linearidade como “condição fundamental de toda palavra.” Os cadernos de anagramas não apenas deixam de recusar a linearidade do *CLG*, como é em seu seio que o princípio parece tomar, em Saussure, o lugar teórico que ele terá no terceiro curso de Linguística Geral.

Referências

ADAM, Jean-Michel. 1976. *Linguistique et discours littéraire*. Paris: Larousse.

- ALBANO Leoni, Federico. 2007. "Saussure, la syllabe et le phonème." *Histoire Epistémologie Langage* 29.1: 115-136.
- ARRIVÉ, Michel. 2007. *A la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CHOI, Yong-Ho. 2002. *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan.
- CONSTANTIN, Emile. 2005. "Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910-1911." Ed. por Claudia Mejia Quijano. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 58: 83-290.
- DEPECKER, Loïc. 2009. *Comprendre Saussure d'après les manuscrits*. Paris: Armand Collin.
- ENGLER, Rudolf. 1968. *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht-Anvers: Spectrum.
- ENGLER, Rudolf. 1974. "La linéarité du Signifiant". *Studi saussuriani per Robert Godel*. Ed. por René Amacker, Tullio de Mauro, Luigi Prieto. Bologna: Il Mulino, p. 111-120.
- ENGLER, Rudolf & VILKOU-POUSTOVAÏA, Irina. 2003. "À propos de la réflexion phonologique de F. de Saussure". *Historiographia Linguistica* 30. 1/2: 99-128.
- GADET, Françoise. 1995. "Jakobson sous le pavillon saussurien". *Saussure aujourd'hui*. Ed. por Michel Arrivé, Claudine Normand. Paris: numéro especial de LINX: 449-459.
- GANDON, Francis. 2002. *De dangereux édifices. Saussure lecteur de Lucrèce. Les cahiers d'anagrammes consacrés au De Rerum Natura*. Louvain/ Paris: Peeters.
- GODEL, Robert. 1957. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genève: Droz.
- JAKOBSON, Roman. 1962. *Selected Writings I. Phonological Studies*. The Hague: Mouton.
- JAKOBSON, Roman. 1971. *Selected Writings II. Word and Language*. The Hague: Mouton.
- JAKOBSON, Roman. 1973. *Questions de Poétique*. Paris: Seuil.
- JAKOBSON, Roman. 1976. *Six leçons sur le son et le sens*. Paris: Minuit.
- JAKOBSON, Roman. 1984. "La théorie saussurienne en rétrospection". *Linguistics* 22: 161-196.
- JAKOBSON, Roman & WAUGH, Linda. 1980. *La charpente phonique du langage*. Paris: Minuit.
- JOSEPH, John E. 2008. "Undangerous Fair-Mindedness: The Culmination of Two Men's Search for Saussure". *Historiographia Linguistica* 35. 1/2: 163-176.
- KIM, Sung-Do. 2008. "La raison graphique de Saussure". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 61: 23-42.

- LACAN, Jacques. 1966. *Ecrits*. Paris: Seuil.
- LEPSCHY, Giulio. 1965. "Sintagmatica e linearità". *Studi e saggi linguistici* 5: 21-36.
- LEPSCHY, Giulio. 2007. "Variazioni saussuriane. Linearità e sintassi prima e doppio Saussure". *La lezione di Saussure. Saggi di epistemologia linguistica*. Ed. por Anibale Elia, Marina De Palo. Roma: Carocci, p. 33-45.
- MARTINET, André. 1960. *Eléments de Linguistique générale*. Paris: Armand Collin.
- NORMAND, Claudine. 1978. *Avant Saussure. Choix de textes (1875-1924)*. Ed. por Claudine Normand. Bruxelles: Complexe.
- NORMAND, Claudine. 2006. "Les blancs dans les manuscrits de Saussure". *Allegro ma non troppo. Invitation à la linguistique*. Paris: Orphys, p. 79-112.
- PÉTROFF, André-Jean. 2004. *Saussure: la langue, l'ordre et le désordre*. Paris: L'Harmattan.
- ROSSI, Aldo. 1968. "Gli anagrammi di Saussure: Poliziano, Bach e Pascoli". *Paragone* 218: 113-127.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1967. *Cours de linguistique générale*. Publ. por Charles Bally et Albert Sechehaye, Ed. crítica de Tullio De Mauro. Paris: Payot.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1968. *Cours de linguistique générale. Tome 1*. Ed. por Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1974. *Cours de linguistique générale. Tome 2: Appendice. Notes de F. de Saussure sur la linguistique générale*. Ed. por Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1995. *Phonétique. Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8)*. Ed. por Maria Pia Marchese. Padova: Unipress.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1996. *Premier cours de linguistique générale (1907). D'après les cahiers d'Albert Riedlinger*. Ed. por Eisuke Komatsu. Oxford/ New-York/ Seoul/ Tokyo: Pergamon.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1997. *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909). D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*. Ed. por Eisuke Komatsu. Oxford/ New-York/ Seoul/ Tokyo: Pergamon.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2002. *Ecrits de linguistique générale*. Ed. por Rudolf Engler et Simon Bouquet. Paris: Gallimard.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2013. *Anagrammes homériques*. Ed. por Pierre-Yves Testenoire. Limoges: Lambert-Lucas.
- STAROBINSKI, Jean. 1964. "Les anagrammes de Ferdinand de Saussure". *Mercure de France*: 243-262.
- STAROBINSKI, Jean. 1971. *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard.
- TESTENOIRE, Pierre-Yves. 2010. "Genèse manuscrite d'un principe saussurien. L'exemple de la linéarité". *Recto/Verso* 6:

- TESTENOIRE, Pierre-Yves. 2013. *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes*. Limoges: Lambert-Lucas.
- UTAKER, Arild. 2002. *La philosophie du langage: Une archéologie saussurienne*. Paris: Presses Universitaires de France.
- WUNDERLI, Peter. 1972a. *Ferdinand de Saussure und die Anagramme. Linguistik und Literatur*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- WUNDERLI, Peter. 1972b. "Saussure et les anagrammes". *Travaux de linguistique et de littérature* 10: 35-53.
- WUNDERLI, Peter. 1972c. "Zur Geltung des Linearitätsprinzips bei Saussure". *Vox Romanica*. 31/2: 225-252.
- ZINNA, Alessandro. 1995. "Linéarité et devenir". *Le devenir*. Ed. por Jacques Fontanille. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, p. 243-264.

Anexo 1: BGE, Ms. fr. 3963/1, fol. 2v

T
L
L
L

(de leurs éléments)
 L'Image vocale
 et ~~l'écriture~~
 sans intérêt pour l'écrit, mais qui donne d'avance le principe
 central de toute réflexion ~~utile~~ utile ^{au contraire} sur les mots. Dans un domaine
 infini spécial comme celui que nous avons à
 traiter, c'est toujours en vertu de la loi
 fondamentale du mot / en général que
 peut se poser une question comme celle de
 la consécutive ou non-consécutive,
 et dès le premier

(humain)
 L'abstrait
 et le
 concret

(considère autrement que de son oppos. au monosyllabe)
 Le principe du diphthongisme revient à dire
 qu'on représente les syllabes dans la
CONSECUTIVITÉ. Je ne crains pas ce
 mot nouveau, vu que s'il existait, ce n'est
 pas seulement elle-même, qu'il ~~aurait~~ ^{serait} ~~les effets de~~ ^{c'est pour la linguistique.} effets bienfaitants.
 Que les éléments qui forment un mot se suivent,
 c'est la vérité qu'il vaudrait mieux ne
 pas considérer, en linguistique, comme une chose
 sans intérêt pour l'écrit, mais qui donne d'avance le principe
 central de toute réflexion ~~utile~~ utile ^{au contraire} sur les mots. Dans un domaine
 infini spécial comme celui que nous avons à
 traiter, c'est toujours en vertu de la loi
 fondamentale du mot / en général que
 peut se poser une question comme celle de
 la consécutive ou non-consécutive,
 et dès le premier

Peut-on donner ~~cha~~ tra
 pas TAE
 par ta + te ()
 c'est à dire inviter le lecteur non
 plus à une juxtaposition dans la
 consécutive, mais à une moyenne
 des impressions acoustiques hors du temps?
 hors de l'ordre d'écrit qui ont les
 éléments? hors de l'ordre linéaire
 qui est observé si je donne TAE
 par TA-AE ou TA-E,
 mais ne l'est pas si je le
 donne par ta + te à
 amalgamer ~~entre~~
 hors du temps
 Comme je pourrais le faire
 pour 2 couleurs simultanées

Anexo 2: BGE, Ms. fr. 3963/1, fol. 19v

ou 2^d pris sens
 Le principe du diphone, par un premier effet ~~est~~, équivaut à écarter le principe du monophone, comme élément capable d'exprimer une position quelconque

Mais ~~il~~ a une seconde signification. Un diphone ~~est~~ ^{est} établi, entre autres, par sa seule existence devant nos yeux, consacrer un ordre.

[separément]

Etant donné $[P + I]$, ~~comme point~~ rien n'est déterminé quant à la suite IP ou PI . Etant donné PI , on possède hors de la donnée de composition, un élément qu'il serait absolument faux de ~~ne pas~~ croire banal ou simple.

D'abord: le 2^d sens, ^{du diphone} c'est que l'on ne peut pas continuer

Chronisme des sons

Il est vrai que l'on ne trouverait dans aucun manuel livre sur les ~~sons~~ que la condition fondamentale de tout mot est de couvrir sur une **LINÉAIRE**

PAE par pa + pe
 TRA par ta + ra
 CLO par co + lo
 ou: PAE par pa + #pe



Cas qui revient à faire une combinaison anti-chronologique ~~des~~ ou à chronologie des

formes. Ce n'est pas par un amalgame "comme" pourrait l'être d'un figure peinte

J'insiste sur ce fait, non-seulement parce qu'il est de ^{la nature} des anagr., mais parce que cela correspond d'une manière admirable à ce qu'

A Linearidade entre Estrutura e Manifestação

Carolina Lindenberg Lemos
(Universidade de São Paulo – CEDOCH)

Resumo

A linearidade tem uma função que vai além da simples possibilidade de exteriorizar a língua numa fiada de significantes. Ela é também organizadora do fluxo textual e, assim, imprime certas distinções de sentido. A partir do texto do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, defendeu-se a ideia de que essa característica do significante linguístico é função das qualidades da materialidade acústica e da produção fisiológica do som verbal. Neste artigo, argumentamos inversamente que a linearidade é antes a manifestação de uma estrutura subjacente: a sintagmática. Para tanto, investigamos as implicações epistemológicas dessa visada, os problemas que isso traz para a noção alargada de sintagmática, enquanto arranjo dos elementos semióticos (e não apenas linguísticos), e suas relações com a noção de tempo, mencionada no *CLG*. Por fim, a possibilidade de tomar a sintagmática como uma arquitetura subjacente, passível de diferentes manifestações, encontrará seu fundamento na própria perspectiva da análise – necessária à definição tanto de texto como de língua para Hjelmslev. É assim a segmentação adequada que determina a natureza da manifestação de cada texto. As noções de representação e medida que estão contidas na própria necessidade da análise vão, então, permitir a reinterpretação do princípio da linearidade no *CLG* não em termos materiais, mas em soluções formais.

Abstract

The function of linearity goes beyond the mere possibility of externalizing language in a series of signifiers. It also organizes the textual flow and thus imposes certain meaningful distinctions. Based on Saussure's *Course in General Linguistics*, researchers have defended that this characteristic of the linguistic signifier arises from the acoustic materiality and the physiological constraints of verbal sound production. In this paper, we argue conversely that linearity is rather a manifestation of an underlying structure: syntagmatic. In order to do that, we investigate the epistemological implications of that viewpoint, the problems brought by a broader notion of syntagmatic, as an arrangement of semiotic elements (and not only linguistic ones), and its relations to time, as mentioned in the *CGL*. Ultimately, the possibility of understanding syntagmatic as an underlying architecture liable to different manifestations will find its bases in the perspective of the analysis itself – a necessary principle to the definition of both text and language for Hjelmslev. It is then the adequate segmentation that determines the nature of the manifestation in each text. The ideas of representation and measurement

contained in the very notion of analysis will allow for the reinterpretation of the linearity principle in the *CGL* not in material terms, but in formal solutions.

1. Introdução

Do encadeamento sonoro que compõe morfemas e palavras à sintagmática das frases, a linearidade é central para a linguística saussuriana, ainda que sua fortuna crítica tenha se mostrado menos frutuosa que a de outros axiomas, (v. Testenoire 2014: 3). Testenoire (2014: 6-7) organiza a presença da linearidade nos cadernos dos alunos dos cursos de linguística geral de Ferdinand de Saussure em três planos: (i) na esfera da fala, ela se deve à natureza acústica da substância¹ da linguagem; (ii) na esfera da língua, ela se manifesta no significante e (iii) nas relações sintagmáticas. No nível sintático, a linearidade garante a interpretação distinta de pares de sentenças como:

- (a) O menino mordeu o cachorro.
- (b) O cachorro mordeu o menino.

Poderíamos alegar que a linearidade nesses casos ainda não é propriamente essencial – ou ao menos não o suficiente para alçá-la ao estatuto de princípio. Por um lado, podemos alterar a ordem das palavras em alguns casos, sem prejuízo da interpretação dos papéis temáticos em jogo:

- (b') O cachorro, o menino mordeu.
- (b'') O cachorro, foi o menino que mordeu.
- (c) A porta abriu.
- (c') Abriu a porta.

Por outro, encontramos línguas de morfologia rica que contam com uma ordem de palavras ainda mais livre. Num caso como no outro, poderíamos alegar que a linearidade é fruto da simples necessidade de manifestação, uma mera decorrência das qualidades de nosso aparelho fonador.

Entretanto, a questão do encadeamento se coloca também em situações em que a interpretação da oração não poderá ser reduzida a uma marcação subjacente das relações, como nas relações exemplificadas de casos e papéis temáticos, mas depende diretamente da ordem de apresentação dos elementos:

- (d) Ela é inteligente, ainda que arrogante.
- (d') Ainda que arrogante, ela é inteligente.

Nos exemplos em (d) e (d'), apesar de as relações sintáticas estarem inalteradas (compare-se com a mudança de papel temático dos argumentos em (a) e (b)), resta

¹Em termos hjelmslevianos, diríamos mais precisamente que a natureza acústica diz respeito à *materi- alidade* da linguagem.

uma diferença de interpretação se tomadas num sentido mais amplo. A inferência da frase em (d) põe em foco a arrogância, enquanto a frase em (d') escolhe a inteligência. À medida que subimos do nível das frases para o nível do discurso, a linearidade continua a estar presente como um fator central para a interpretação dos conteúdos, mas também se torna parte integral da estruturação do texto e da construção de um fluxo textual.

Em trabalhos anteriores (Lindenberg Lemos 2012: 2015), discutimos o papel do encadeamento sintagmático (i) na construção de expectativa, como em *The Hollow Men*, de T.S. Eliot (2004: 86):

(e)
 This is the way the world ends
 This is the way the world ends
 This is the way the world ends
 Not with a bang but a whimper.

(ii) na construção de circularidade, como em *The Raven*, de E. Allan Poe (1996: 98):

(f)
 And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
 On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
 And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,
 And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor
 And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
 Shall be lifted — nevermore!

(iii) na construção de uma direção, como em *One Art*, de Elizabeth Bishop (1984: 178):

(g)
 The art of losing isn't hard to master;
 so many things seem filled with the intent
 to be lost that their loss is no disaster,
 [...]
 — Even losing you (the joking voice, a gesture
 I love) I shan't have lied. It's evident
 the art of losing's not too hard to master
 though it may look like (*Write it!*) like disaster.

Em todos esses exemplos, os efeitos discutidos estão ligados à repetição de sons, frases, semas. Se estamos lidando com a repetição de elementos sem a concorrência

de sua função gramatical, é preciso reconhecer que é o seu encadeamento repetido que gera valor, e, portanto, os efeitos depreendidos não são redutíveis a relações gramaticais de outra ordem que seu encadeamento linear. A pertinência da linearidade alargada a todos os níveis da produção verbal traz à ordem do dia a questão do sentido, ou seja, a interpretação dos conteúdos é em grande medida dependente da ordem dos elementos. Significantes e significados estão em jogo na linearidade, fazendo com que essa não seja redutível à substância acústica ou psíquica do significante. O que nos interessa aqui é não mais tratar da linearidade em blocos distintos como apontado por Testenoire, mas discutir a possibilidade de integração ou de continuidade entre as 'linearidades' saussurianas.

2. Sintagma e Texto

Dizer que o efeito de organização do fluxo textual está atrelado à noção de linearidade não é uma afirmação banal, pois vimos que o percurso textual determina em parte a interpretação dos conteúdos e certamente age sobre as possibilidades de estruturação do texto. Ao mesmo tempo, Saussure (1997[1916]: 84) define no *Curso de Linguística Geral (CLG)* a linearidade em função da materialidade do significante, ou seja, porque é de natureza auditiva, o significante é “mensurável numa só dimensão: é uma linha”. Em poucas palavras, se a linearidade é estruturante dos conteúdos do texto, mas, ao mesmo tempo, é determinada pela manifestação, tudo se passa como se a matéria – ou, na melhor das hipóteses, a substância – determinasse a forma. É de fato assim que interpretam alguns dos estudiosos das anotações que embasaram a escritura do *CLG*:

é apenas no último curso que ele [Saussure] formula o princípio da linearidade do significante como laço entre esses dois fenômenos: ao mesmo tempo causa da linearidade sintagmática (“Se nós podemos recortar as palavras nas frases, isso é consequência desse princípio”) e consequência da linearidade acústico-articulatória da fala (“Isso decorre do fato de que é acústico”). (Testenoire 2014: 13)²

Ora, numa teoria que se pretende imanente, é a forma que deve determinar a substância. A constatação que fizemos acerca do papel da linearidade parece entrar em conflito com a teoria da linguagem adotada e uma melhor definição do fenômeno se faz necessária.

Na sequência do *CLG*, vemos que, além de definir o signo, o princípio da linearidade afeta também o sintagma:

no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua [...] Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas. [...] Colocado num *sintagma*, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. (Saussure 1997[1916]: 142)

²Tradução nossa (CLL) para: «ce n'est que dans le dernier cours qu'il [Saussure] formule le principe de la linéarité du signifiant comme lien entre ces deux phénomènes: à la fois cause de la linéarité syntagmatique ('Si nous pouvons découper les mots dans les phrases, c'est une conséquence de ce principe') et conséquence de la linéarité acoustico-articulatoire de la parole ('Cela découle de ce qu'il est acoustique')»

É essa segunda menção ao conceito que faz com que Testenoire (2014: 3) reconheça dois aspectos da linearidade: de um lado, ela define um caráter do significante, de outro, responde por uma característica da língua.

Encontramos na linearidade pensada em termos sintagmáticos ressonância do caráter estruturante discutido acima:

Como suas grandezas [as da gramática] são formais e a forma vem dada pelas dependências que adquirem essas grandezas, a grandeza isolada só é definível por suas possibilidades de relação. Isto é, uma unidade pleremática de um paradigma (aproximadamente uma “palavra” na “morfologia”) é definida por suas funções na cadeia (aproximadamente por suas funções “sintáticas”). (Llorach 1972: 51)³

Se, como Llorach, reconhecemos também nos estudos do discurso o papel estruturante da organização em cadeia, somos levados a concluir o inverso do apresentado por Testenoire. A linearidade do significante não pode ser “a causa da linearidade sintagmática e a consequência da linearidade acústico-articulatória”. Esse tipo de construção de causa e efeito busca a origem da língua no ato fundador inatingível, nas restrições materiais que estariam na raiz da constituição da língua como a vemos hoje. Dizer que a nossa língua se tornou linear porque o nosso aparelho fonatório não é capaz de produzir sons simultâneos é uma especulação relativamente plausível, mas só subsiste no mundo das suposições e, principalmente, não revela muito sobre como se organiza a língua que temos hoje.

O que importa de fato é que, uma vez estabelecidas as restrições formais que são próprias à língua, elas se tornarão necessárias e determinarão o uso. Elas são, portanto, estruturantes: a regra convencionalizada – qualquer que seja a sua origem última – deve ser seguida por todos os falantes da língua. É assim que aquilo que era visto como causa (a linearidade acústico-articulatória) será na verdade a manifestação de uma estrutura subjacente: a sintagmática. Num percurso diferente, Hjelmslev (*apud* Zinna 1995: 256-257) discute o papel da linearidade não apenas para o significante, mas também para o significado. Ao mostrar que ambos estão submetidos a esse princípio, o linguista dinamarquês conclui que o princípio da linearidade é mais abrangente que o significado e o significante tomados isoladamente. A linearidade é, portanto, um princípio da língua e não da fala.

Essa conclusão é pertinente dentro da teoria saussuriana, na qual língua e fala perfazem uma das oposições consagradas do *CLG*. Entretanto, na teoria hjelmsleviana, a língua não recobre exatamente o mesmo campo que abarcava para Saussure. Ao eleger, com Hjelmslev, como central para a concepção de língua a afirmação de que língua é forma e não substância (Saussure 1997[1916]: 131; Hjelmslev 2003[1961]: 55), somos levados a estender os limites dessa discussão incorporando a noção hjelmsleviana de texto.

Estabelecer correspondências entre teorias é de grande risco, mas a passagem da oposição língua *vs.* fala para língua *vs.* texto nos convida a comentar sobre a abrangência desses dois termos. Se Hjelmslev considera que o caráter sintagmático da linearidade determina sua posição como um fenômeno da língua (e não da fala), isso nos leva a concluir que a língua saussuriana, para os efeitos da discussão empreendida

³Tradução nossa (CLL) para: “Como sus magnitudes son formales y la forma viene dada por las dependencias que adquiren esas magnitudes, la magnitud aislada sólo es definible por sus posibilidades de relación. Esto es, una unidad pleremática de un paradigma (aproximadamente una ‘palabra’ en ‘morfología’) es definida por sus funciones en la cadena (aproximadamente por sus funciones ‘sintáticas’). »

aqui, abarca as noções hjelmslevianas de língua e texto. Em outros termos, a língua saussuriana inclui relações sintagmáticas e relações associativas (*grosso modo*, a paradigmática), enquanto essas duas derivações se configuram exatamente no elemento diferenciador para Hjelmslev: o texto é uma sintagmática e a língua é uma paradigmática. À fala saussuriana pode-se fazer corresponder um terceiro conceito hjelmsleviano: a manifestação. Sendo assim, no interior da epistemologia de Hjelmslev, a oposição relevante será língua e texto.⁴

Essa virada de perspectiva, não se trata apenas de um movimento eletivo, mas sim da escolha de uma maior granularidade: onde víamos apenas um elemento homogêneo na teoria saussuriana – a língua –, encontraremos uma divisão e, portanto, dois elementos distintos – a língua e o texto. Essa divisão garantirá uma definição mais precisa do lugar teórico e do estatuto da linearidade. De fato, para explicar a noção de linearidade, Hjelmslev propõe voltarmos para a observação do texto manifestado:

Em se tratando de um texto impresso ou escrito, vemos que ele é composto de signos, e que estes são compostos, por sua vez, de elementos que se desenrolam numa direção determinada [...] e quando ouvimos um texto falado, ele se compõe de signos, e esses signos são compostos, por sua vez, de elementos que se desenrolam no tempo: alguns vêm antes, outros depois. (Hjelmslev 1991[1963]: 55-56)⁵

A constatação é perfeitamente plausível e encontra ressonância em nossa experiência cotidiana com textos verbais. Ainda que o exercício perceptivo proposto por Hjelmslev ajude a enxergar o fenômeno, é preciso frisar que o texto semiótico não se limita à empiria, mas deve ser sobretudo um objeto analisado para que possa ser verdadeiramente apreendido como tal. Ora, o texto analisado não é outro senão o resultado do recorte do sintagma em elementos sintagmáticos cada vez menores, revelando, assim, o encadeamento sucessivo dos elementos textuais (Lindenberg Lemos 2015: 61-64). Também nesse sentido, o princípio da linearidade parece estar ligado à noção de texto, e não da língua, uma vez que já aparece formulado por Saussure como uma propriedade da cadeia sintagmática, que é a própria definição de texto para Hjelmslev.⁶

A questão que resta resolver é que nem toda sintagmática é linear. As semióticas planares, como a fotografia e a pintura, parecem criar um arranjo simultâneo de suas partes e manifestam seus significados em duas dimensões, no lugar da dimensão única da semiótica verbal (Fiorin 2014: 30-31). Para o *Dicionário de Semiótica* (Greimas & Courtés 2011[1979]: 288), linearização implica tanto as contiguidades temporais quanto espaciais, sendo assim uma tarefa da textualização em geral. Essa definição é por demais ampla para o escopo deste estudo, uma vez que apontamos textos (ver exemplos e-g acima) nos quais a sucessão e a ordem unidimensional trazem consequências específicas para a construção de efeitos como a espera, a direção

⁴Para uma discussão mais detida acerca das noções de língua e texto em Hjelmslev, ver Lindenberg Lemos (2015: 50-66) e Badir (2014: 77-184).

⁵Tradução nossa (CLL) para: «En regardant un texte imprimé ou écrit, nous voyons qu'il se compose de signes, et que ceux-ci se composent à leur tour d'éléments qui se déroulent dans une direction déterminée [...] et lorsque nous les entendons un texte parlé, il se compose pour nous de signes, et ces signes se composent à leur tour d'éléments qui se déroulent dans le temps: certains viennent avant, d'autres après.»

⁶Lembramos que 'texto' é uma sintagmática de uma semiótica denotativa (Hjelmslev 2003[1961]: 140; 2014[1975]: Def. 39)

e a circularidade. Sendo assim, é importante distinguir essas duas formas de manifestação sintagmática. Fiaremos-nos, então, na etimologia da palavra 'linearidade' para considerar essa manifestação numa única dimensão e adotaremos, sem nos aprofundar no assunto, o nome de 'simultaneização', proposto por Fiorin (2014: 31), para a textualização de semióticas planares. Não cabe, portanto, dizer que a linearidade é *a* manifestação da função sintagmática, mas ela é *uma* manifestação possível – outra sendo o arranjo espacial, por exemplo.⁷ As consequências dessa oposição ainda não estão claras e um estudo mais aprofundado acerca da linearidade levaria mais longe suas condições e suas consequências. No entanto, não podemos aqui perder de vista o nosso foco no caráter estruturante da sintagmática manifestada em sua linearidade.

3. Tempo e Leitura

Uma questão relacionada é a associação da linearidade com o tempo. A problemática que pode resultar dessa aproximação não é imediatamente perceptível, uma vez que o próprio Saussure apresenta as duas noções conjuntamente, definindo uma pela outra: “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo” (Saussure 1997[1916]: 84). De fato, comentaristas como Arrivé (1995) e Choi (1996) consideram a linearidade como uma das formas de incursão do tempo na língua. Todavia, como discutido acima, a linearidade deve ser entendida como uma das manifestações possíveis da sintagmática e, portanto, suas características temporais também são a manifestação de um mecanismo mais profundo.

Testenoire (2014: 8) aponta que a unidimensionalidade do signo linguístico é, na verdade, a representação espacial de um fenômeno temporal. Ora, se estamos trabalhando na perspectiva semiótica em que se entende a manifestação de maneira mais larga a ponto de englobar o texto escrito, o filme, a história em quadrinhos, para citar alguns, podemos nos perguntar onde está o tempo no livro fechado ou no filme que permanece na bobina.⁸ Na realidade, visto que a linearidade é manifestação do mecanismo sintagmático subjacente, é preciso supor que, como o espaço para Testenoire, o tempo é a representação que fazemos dele, ou seja, é um tempo enunciativo presumido. Em termos mais corriqueiros, a linearidade temporal corresponde a um suposto tempo de leitura ou tempo de assistência de um texto fílmico.

Nesses termos, não podemos falar de um tempo *de fato* ou *real*, pois ele pode não vir a se realizar. Ao mesmo tempo, precisamos considerá-lo como elemento pertinente para a estruturação do texto. Se falamos então de tempo de leitura ou de assistência, estamos pendendo para o lado interpretativo da noção globalizante de enunciação (Badir 2009). Não ignoramos com isso o caráter necessariamente complexo dessa noção – que acolhe tanto o enunciador quanto o enunciatário, ambas figuras pressupostas pela manifestação de um discurso em texto –, apenas que o tempo visto nesses termos parece exigir a consideração do caráter interpretativo, ou seja, do papel do enunciatário.

⁷ Apesar de clássica, a oposição entre planar e linear, tempo e espaço, não estamos em condições de afirmar aqui que esses sejam os únicos modos de textualização possível. É possível observar minimamente semióticas de manifestação híbrida, como as histórias em quadrinhos, que se servem tanto de estratégias espaciais como temporais para a construção de seus sentidos.

⁸ Os exemplos do livro fechado e do filme na bobina não ignoram o papel da atualização do texto. Sugerem tão somente a necessidade de dar conta do fenômeno em discussão também em seu caráter virtual e, com isso, garantir sua independência em relação à manifestação.

Se adotamos o tempo de leitura como parâmetro, voltamos à indiferenciação entre textos que “se desenvolvem” no tempo (tipicamente verbais e fílmicos) e textos que “se organizam” no espaço (tipicamente pinturas e fotografias), pois também é preciso considerar um tempo de apreensão destes últimos: um percurso interpretativo. Ainda assim, intuitivamente, reconhecemos a diferença. Tudo se passa como se o percurso no primeiro caso fosse imposto pelo objeto e, no segundo, o percurso fosse de livre escolha do intérprete (Lindenberg Lemos 2013[ms.]).

Nossa discussão está deslizando na direção de uma explicação que transcende o texto. Para preservar a imanência, poderíamos passar a um nível superior de pertinência e dizer que, sendo uma questão de leitura, sua relevância está na cena predicativa, que insere o sujeito numa prática de leitura (Fontanille 2006). Essa não nos parece uma solução possível, já que, nesse caso, deixaríamos o nível do texto enunciado, no qual as restrições sintagmáticas determinam a expressão dos signos e as propriedades sensíveis e materiais das figuras, e passaríamos a analisar a prática de leitura, a ida ao cinema ou as maratonas de séries no domingo à tarde, por exemplo. Note-se, na tabela abaixo, reproduzida de Fontanille (2006: 238), que, se estivéssemos no nível das cenas, seriam consideradas as propriedades sensíveis do objeto e não mais as qualidades do texto enunciado. Tratar de cenas predicativas seria confundir níveis descritivos e, em última instância, evitar a questão.

TIPO DE EXPERIÊNCIA	INSTÂNCIAS FORMAIS	INSTÂNCIAS MATERIAIS
Figuratividade	<i>Signos</i>	Prop. sensíveis e mat. das figuras
↓	↙	
Interpretação	<i>Textos-enunciados</i>	Prop. sensíveis e mat. dos textos
↓	↙	
Corporeidade	<i>Objetos</i>	Prop. sensíveis e mat. dos objetos
↓	↙	
Prática	<i>Cenas predicativas</i>	Prop. sensíveis e mat. das práticas
↓	↙	
Conjuntura	<i>Estratégia</i>	Prop. sensíveis e mat. das estratégias
↓	↙	
<i>Ethos e</i> Comportamento	<i>Forma de vida</i>	Prop. sensíveis e mat. das formas de vida

Figura 8.1: Percurso gerativo do plano da expressão

Para explorar uma outra via, tomemos contraexemplos, ou seja, um texto verbal que busque subverter a linearidade e um texto visual que requeira uma leitura consecutiva.⁹ Assim, propomos considerar o caso de *O Jogo da Amarelinha*, de Julio Cortázar. O autor anuncia na abertura do livro: “À sua maneira, este livro é muitos livros” (Cortázar 1999[1963]: 5), dizendo, com isso, que os capítulos não seguem um encadeamento necessário e o leitor é livre para escolher a ordem que lhe convém. Poderíamos, então, supor que está aí um caso de texto verbal em que foi possível se desvencilhar da

⁹Não vamos utilizar aqui exemplos como a poesia visual ou as histórias em quadrinhos. Por serem textos sincréticos, sua manifestação é híbrida. Não se pode decidir se operam primariamente com o modo linear e são modificados pelo modo planar ou vice-versa.

ordem linear. Entretanto, os limites dessa proposta se revelam prontamente: “mas é, sobretudo, dois livros. O leitor fica convidado a escolher uma das seguintes possibilidades”. Cortázar propõe duas ordens de leitura: (a) do Capítulo 1 ao 56, onde o leitor encontrará uma marca de fim; ou ainda (b) começando pelo Capítulo 73, saltando para frente e para trás segundo uma lista traçada pelo autor e lendo, assim, todos os 155 capítulos do livro. Ora, há dois trajetos possíveis e dois trajetos não são a ausência de ordem, mas apenas duas ordens. Como sugere o autor, temos dois livros com alguns capítulos que coincidem.

Se formos mais longe e insistirmos na proposta inicial de todas as ordens possíveis, como sugeria o prefácio do livro, teríamos então a ausência de organização? Talvez pudéssemos chegar a dizer isso. Ainda assim, só sustentariamos essa desorganização presumida num único nível da descrição: o dos capítulos. No interior dos capítulos, a ordem linear se mantém. Livros de poesia gozam de independência semelhante, já que os desmantelamos para fazer antologias. Também nesse caso a desordem só vai até o nível do poema, visto que as antologias, em geral, transcrevem poemas inteiros. Numa última tentativa de romper com a linearidade num nível inferior, abrimos um livro a esmo, desrespeitando a sua divisão em capítulos ou arrancamos um pedaço de frase para fazer uma citação. O imperativo da linearidade é tal que, ainda assim, seremos inseridos imediatamente na sequência da frase, do sintagma, da palavra em busca do sentido.¹⁰

No outro polo, podemos supor estratégias de linearização da semiótica planar. Vejamos a imagem *The Gossips* de Norman Rockwell:



Figura 8.2: Norman Rockwell – *The Gossips*, 1948

¹⁰Para o estudo da poesia, o Grupo Mu (1980: 57-58) propôs uma leitura tabular para os textos poéticos. Apesar de o discurso poético poder ser lido em múltiplas camadas que se sobrepõem, a leitura tabular pressupõe uma leitura linear logicamente anterior.

Não há dúvida de que o pintor inseriu uma ordem linear que afeta o sentido da imagem. Ao mesmo tempo, como no exemplo do livro, essa subversão só se sustenta num dos níveis descritivos. Num plano inferior, onde recortamos cada uma das duplas de fofoqueiros, o arranjo é eminentemente planar; num plano superior, observamos uma totalidade que pode ser apreendida como tal. Sua sintaxe espacial não está suplantada, mas apenas problematizada.

Os exemplos nos mostram que é possível inserir elementos de outra ordem sintagmática num texto, mas essas inserções serão *ad hoc*. São adições que podem gerar um certo hibridismo, como a imagem de Rockwell, que lembra histórias em quadrinhos, mas os textos não deixam de ser geridos por suas ordens planar ou linear, segundo o caso.

Retomando a argumentação apresentada antes dos exemplos, vimos que podemos supor um percurso de leitura para todo tipo de texto, mesmo os de organização planar, e que isso traz um problema à diferenciação entre as duas formas de arranjo sintagmático, porque insere ambos os textos no tempo. Corremos novamente o risco de esbarrar na materialidade do significante para manter a diferença entre texto linear e texto planar. Na discussão dos contraexemplos, a resposta, tanto para a organização sintagmática corrente, como para sua alteração, está ligada a uma segmentação do texto e estamos a todo tempo realizando leituras que abarcam o texto de forma mais global ou mais segmentada. Assim, o caráter linear ou planar da semiótica em questão é revelado pelo recorte na cadeia.

4. Considerações Finais

Dizer que a sintagmática se manifesta linearmente é uma afirmação bastante intuitiva. Ainda assim, vimos que a tradição saussuriana tendeu a interpretar inversamente essa relação em favor de uma materialidade geratriz, na qual a sintagmática era uma consequência do caráter linear do significante, ou mesmo da qualidade acústica dos sons da fala.

Se a re-estruturação da hierarquia numa forma regente de uma substância regida já justifica esse estudo, vimos que há mais elementos que promovem a passagem da sintagmática à linearidade. Em especial, reforçamos a ideia de que a linearidade é *uma* manifestação possível de um princípio de organização sintagmático subjacente. Em termos semióticos, pudemos dizer que outras manifestações textuais, como a fotografia e a pintura, também se fundam numa organização sintagmática – condição necessária de todo objeto semiótico –, mas sua segmentação leva a uma manifestação em termos de simultaneidades, e não de linearidade. Por outro lado, as semióticas verbais também lançam mão de simultaneidades, tanto na cadeia sonora, com elementos segmentais e suprasegmentais, quanto em construções de paralelismos, como nas repetições mencionadas nos exemplos em (e-g).¹¹

Sendo assim, o modo de expressão da manifestação sintagmática é diretamente dependente de uma segmentação adequada,¹² uma vez que o surgimento (ou o acesso) ao sentido é eminentemente dependente dessa adequação. Isso pode ser facilmente constatado em exemplos, mais ou menos improváveis, de segmentações inadequadas. Se, ao invés de segmentar um livro em capítulos, parágrafos, frases, palavras, morfemas, fonemas, dividirmos as páginas em altos e baixos, pretos e brancos, círculos e

¹¹Para uma discussão extensa acerca da linearidade e da simultaneidade em textos poéticos, ver Grupo Mu (1980[1977]: 29-73; 169-198).

¹²Para o papel teórico da adequação ao objeto, ver Hjelmslev (2003[1961]: 15-17).

quadrados, transformaremos o livro talvez em quadros, mas não conheceremos o seu conteúdo verbal. Por outro lado, também dentro da sintagmática verbal podemos segmentar um texto de forma inadequada, se entendermos mal as fronteiras ou as categorias de palavras de uma língua que não conhecemos bem,¹³ ou se interpretarmos erroneamente como variações de intonação interrogativa ou afirmativa manifestações de línguas tonais. Em todos esses exemplos, a inadequação da segmentação faz com que o objeto não se constitua como texto. Nesse caso, uma sintagmática não se constrói e nada podemos dizer da natureza de sua manifestação, pois, de fato, não somos capazes de definir sequer se estamos frente a um texto. Um objeto qualquer só é propriamente texto se submetido à análise.

Se, antes da análise, não podemos sequer tomar um texto como tal, certamente não podemos dizer nada de sua linearidade, de sua temporalidade ou de sua espacialidade. Assim, do ponto de vista semiótico, é a segmentação adequada que define (ou revela) a natureza de sua sintagmatização. O indício desse caminho está na própria formulação de Saussure. Se, por um lado, começa sua definição de forma a atribuir à linearidade uma natureza concreta (“O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo”), o linguista genebrino a desenvolve em termos de representação e medida (“O significante [...] a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*”). Sendo assim, apesar de encontrar expressão na materialidade que se desenvolve no tempo, a linearidade é antes o resultado da análise que estabelece sua forma e gradação. Numa semiótica planar, a segmentação adequada mostrará a influência da sintaxe espacial nos traços elencados. Já numa semiótica linear, a análise desvelará o papel da consecução no arranjo dos elementos. As noções de representação e medida que estão contidas na própria necessidade da análise permitiram então a reinterpretação do princípio da linearidade no *CLG* não em termos materiais, mas em soluções formais.

Referências

- ARRIVÉ, Michel. 1995. “Diachronie et linéarité”. *Linx*, n. 7. Disponível em: <<http://linx.revues.org/1133>>.
- BADIR, Sémir. 2009. “La production de la sémiotique: Une mise au point théorique”. In: A. Beyaert-Gerlin; J. Fontanille & M. G. Dondero (orgs.), *Actes du Colloque “Arts du faire: production et expertise”*. *Actes Sémiotiques* (paginação irregular). Disponível em: <<http://epublications.unilim.fr/revues/as/3335>>.
- BADIR, Sémir. 2014. *Épistémologie sémiotique. La théorie du langage de Louis Hjelmslev*. Paris: Honoré Champion.
- CHOI, Yong-Ho. 1996. *Le temps chez Saussure*. Tese de Doutorado, Université Paris X, Nanterre.
- FIORIN, José Luiz. 2014. *Figuras de Retórica*. São Paulo: Contexto.

¹³A título anedótico, podemos mencionar as mensagens no interior dos trens belgas que avisam: *we komen aan in Leuven* [estamos chegando em Leuven]. Se não estivermos familiarizados com a gramática neerlandesa, podemos acreditar que essa língua se constrói com duas preposições justapostas *aan* e *in*, e teremos dificuldade de interpretar o papel que cada uma desempenha na frase. Trata-se, no entanto, de uma língua de verbos separáveis. *Aan* é, na verdade, uma partícula do verbo *aankomen*, que quer dizer ‘chegar’. O verbo *komen* significa ‘vir’. Apenas *in* é uma preposição nesse contexto.

- FONTANILLE, Jacques. 2006. "Textes, objets, situations et formes de vie: Les niveaux de pertinence du plan de l'expression dans une sémiotique des cultures". In: J. Alonso et al. (orgs.) *La transversalité du sens: Parcours sémiotiques*, p. 213-240. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes,
- GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. 2011 [1979]. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto.
- GRUPO MU. 1980 [1977]. *Retórica da Poesia: Leitura Linear, Leitura Tabular*. São Paulo: Cultrix / Edusp.
- HJELMSLEV, Louis. 1991 [1963]. *Le Langage. Une introduction augmenté de Degrés Linguistiques*. Tradução de Michel Olsen. Paris: Gallimard.
- HJELMSLEV, Louis. 2003 [1961]. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva.
- HJELMSLEV, Louis. 2014 [1975]. *Résumé d'une théorie du langage*. Tradução e edição on-line de Alain Herreman. Université de Rennes. Disponível em: <<http://resume.univ-rennes1.fr/>>.
- LINDENBERG LEMOS, Carolina. 2012. "Répétition, isotopie et tensivité". *Actes Sémiotiques* 115. Disponível em: <<http://epublications.unilim.fr/revues/as/1455>>.
- LINDENBERG LEMOS, Carolina. 2013 [ms.]. "La temporalité et la négation dans le parcours interprétatif d'une installation de Dany Danino".
- LINDENBERG LEMOS, Carolina. 2015. *Condições Semióticas da Repetição*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09062015-111352/publico/2015_CarolinaLindenbergLemos_Vcorr.pdf>.
- LLORACH, Emilio A. 1972. *Gramática Estructural*. Madrid: Gredos.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1997 [1916]. *Curso de Linguística Geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- TESTENOIRE, Pierre-Yves. 2014. "La linéarité saussurienne en rétrospection". *Texto! Textes et Cultures* 19.2: 1-18. Disponível em: <<http://www.revue-texto.net/index.php?id=3503>>.
- ZINNA, Alessandro. 1995. "Linéarité et devenir". In: J. Fontanille (org.) *Le Devenir. Actes du colloque Linguistique et Sémiotique* III, p. 243-264. Limoges: Pulim.

Referências literárias e ilustrações

- BISHOP, Elizabeth. 1984. *The Complete Poems: 1927-1979*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux.
- CORTÁZAR, Julio. 1999 [1963]. *O Jogo da Amarelinha*. 6 ed. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- ELIOT, T. S. 2004. *Complete Poems & Plays*. Londres: Farber & Farber.
- POE, Edgard Allan. 1996. *Complete Poems*. New York: Penguin.

ROCKWELL, Norman. 1948. "The Gossips". Pintura para a capa de *The Saturday Evening Post*, 6 março 1948. Óleo sobre tela, color., 83x79cm. Coleção particular.

O sentimento do sujeito falante saussuriano

Karen Alves da Silva¹
(Universidade Estadual de Campinas)

Resumo

Neste artigo, o nosso objetivo é verificar como Saussure delinea, e se delinea, em seus manuscritos, a noção de *sentimento* do sujeito falante, noção essa que está presente especialmente quando o foco da teorização recai sobre as operações morfológicas. Nossa hipótese é que o sentimento linguístico se constitui como um efeito da relação do sujeito com a língua. Esse sentimento se revela, em textos de Saussure, como uma forma de saber linguístico, não um saber pleno, mas uma “consciência fraca” das relações linguísticas (Fadda 2013). De acordo com Saussure (Saussure/ Constantin 1909-1910: 05v), como anota seu aluno Constantin, as análises morfológicas, para serem legítimas, devem coincidir com o sentimento dos sujeitos falantes: «Dans la mesure où (je ne dis pas consciemment, instinctivement) les sujets parlants ressentiront des unités de la langue, nous aurons une raison pour les établir» [Na medida em que (eu não digo conscientemente, instintivamente) os sujeitos falantes sentirão as unidades da língua, nós teremos uma razão para as estabelecer]. Nesse contexto, para investigar nossa hipótese, partimos da análise crítica do verbete de Engler (1968: 45), o qual contém três dimensões do sentimento do falante: **sentiment** du sujet parlant → concret, conscience, réalité [**sentimento** do sujeito falante → concretude, consciência, realidade], bem como do aprofundamento das considerações feitas por Chidichimo (2009) e por Fadda (2013).

Abstract

In this article, our aim is to verify how Saussure delineates, and how it delineates itself, in his manuscripts, the notion of *sentiment* of the *sujet parlant*, a notion that presents itself especially when the focus of theorization falls on morphological operations. Our hypothesis is that linguistic sentiment constitutes itself as an effect of the subject's relation with language. The *sentiment* reveals itself a form of linguistic knowledge, that is not a full knowledge, but a “weak conscience” of linguistic relations (Fadda 2013). According to Saussure (Saussure; Constantin 1909-1910: 05v), as his pupil Constantin notes down, morphological analyses, in order to be legitimate, must coincide with the *sujets parlants'* sentiment: “Dans la mesure où (je ne dis pas consciemment, instinctivement) les sujets parlants ressentiront des unités de la langue, nous aurons une raison

¹Este trabalho é parte da pesquisa feita para a tese de doutorado da autora (em andamento). Essa tese foi abrigada pela Unicamp e apoiada pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Brasil).

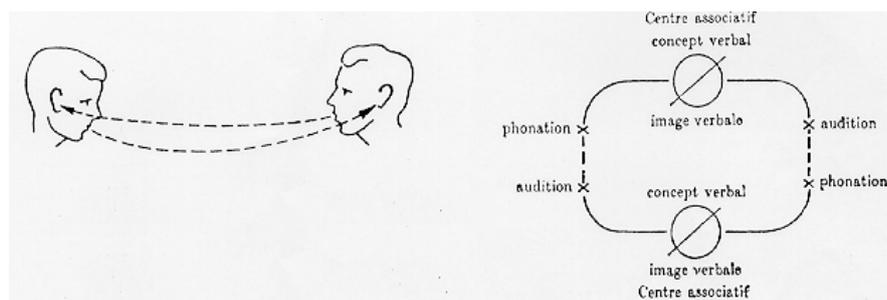
pour les établir”. In this context, to investigate our hypothesis, we start off from a critical analysis of Engler’s entry (1968: 45), which contains three dimensions of the speaker’s sentiment: “*sentiment du sujet parlant* → *concret, conscience, réel*”, as well as from a deep study of considerations made by Chidichimo (2009) and by Fadda (2013).

1. Introdução: uma primeira aproximação do sujeito falante por meio do circuito de fala

Nosso primeiro passo, neste trabalho, é acompanhar a descrição do circuito de fala apresentada na Introdução do *Curso de Linguística Geral* (1916), obra póstuma de Ferdinand de Saussure. Essa descrição foi feita com base nas anotações de alunos que frequentaram o terceiro curso de Saussure na Universidade de Genebra entre 1910 e 1911, as quais foram reunidas por Engler na sua edição crítica do *Curso* (Saussure 1989: 37); no presente trabalho, utilizamos especialmente as anotações de Émile Constantin. Nosso plano é não apenas retomar o funcionamento desse circuito, mas, a partir dele, analisamos algumas dificuldades teóricas enfrentadas (ou não) por Saussure no que concerne à delimitação das unidades e ao sentimento do sujeito falante. Começemos pela análise do circuito de fala.

Na aula de 24 de abril de 1911, Saussure descreve o funcionamento do circuito de fala: os signos linguísticos, contidos no universo psíquico de um sujeito falante, seriam externados para o meio social por intermédio da fonação; esta os propagaria por meio de ondas sonoras a serem recebidas pela orelha de outro sujeito falante. Portanto, ao esmiuçar o circuito da fala, Saussure destaca um funcionamento que permitiria a circulação da língua do meio psíquico do sujeito para o meio social, num processo circular de produção e de recepção de signos linguísticos.

Imagem 1. Circuito de fala – anotação de E. Constantin (25/04/1911)



Fonte: Saussure 1989: 37.

À luz desse esquema, deve-se considerar que, em uma primeira aproximação, o circuito da fala assume um aspecto eminentemente físico e fisiológico; a fonação garante a movimentação da língua entre a boca do *Senhor A* e a orelha do *Senhor B*. Como anota Constantin (Saussure 1989: 38, trad. KAS): «<Nous avons sur cette figure les éléments fondamentaux.> Il y a : 1° une partie purement physique : les ondes sonores. 2° des parties physiologiques : la phonation et l’audition» [«Nós temos nessa

figura os elementos fundamentais.> Há: 1º) uma parte puramente psíquica: as ondas sonoras. 2º) as partes fisiológicas: a fonação e a audição].² Aqui está em questão a execução e a recepção do ato fonatório. O sujeito falante coloca a língua em circulação ao executar o ato fonatório, que é representativo do funcionamento dos órgãos físicos necessários à produção da fala – é o aspecto articulatório do circuito de fala.

Saussure dedicou-se à análise desse aspecto em um texto mais antigo, provavelmente escrito em 1897,³ nomeado pelo genebrino de *Observações sobre i-j, u-w e sobre a teoria natural da sílaba*, o qual é parte de um conjunto de outros textos sobre a teoria da sílaba (Ms. fr. 3951;⁴ Saussure 1990: 30-35); nesse período, Saussure se dedicou amplamente à análise do ponto de vista físico-fisiológico:

c'est que la langue comporte un côté volontaire, et non passif, par lequel nous faisons jouer nos organes <à tout moment en vue de la langue>. Autant que nous entendons, nous *parlons*. Oui, <Messieurs, sans doute,> mais jamais autrement que d'après l'impression acoustique <non seulement reçue, mais> reçue <dans notre esprit et qui est souveraine seule pour décider de ce que nous exécutons>. C'est elle qui dirige tout, <c'est elle qu'il suffit de considérer pour savoir qu'elle sera exécutée, mais je le répète qu'il est nécessaire pour qu'il y ait même une unité déterminée à exécuter>. (Bien entendu cela <correspond au fait> avant tout social de la langue.) (Saussure 1990: 31)⁵.

Como nos alerta Silveira (2013), no século XIX, embora não houvesse consenso entre os praticantes da Gramática Comparada e os Neogramáticos para o estabelecimento de um conceito de fala, havia caracterizações da fala similares àquela feita por Saussure (supra), as quais consideravam os aspectos físico-fisiológico e psicológico: “A fala era, por um lado, fisiológica e mecânica e, por outro, psicológica; tanto em um caso quanto em outro era considerada individual”. (Silveira 2013: 49). Para Saussure, o aspecto físico-fisiológico do ato fonatório – o aspecto inclusive muscular –, não é independente do funcionamento da língua. Há, da parte do sujeito falante, uma vontade de emissão, mas esta é submetida ao funcionamento do sistema, uma vez que é, segundo Saussure, a partir do funcionamento da língua em nosso espírito que podemos executá-la. Portanto, não é apenas uma execução acústica, é a execução de unidades dirigidas pelas relações linguísticas. Ainda em 1897[?], por meio de um esboço do circuito de fala contido nos manuscritos de Harvard, Saussure pontua esse fato:

Enchaînements dont nous pouvons avoir conscience :

Deux manières d'envisager :

²Os trechos entre os símbolos < >, no original, aparecem à margem ou acima da linha – usamos esse critério em todas as citações presentes neste artigo.

³Datação proposta por Bouquet e Engler (Saussure 2004).

⁴Ms. Fr. = manuscritos franceses. Essa numeração diz respeito à organização utilizada pela Biblioteca de Genebra para o assentamento dos manuscritos de Saussure.

⁵“a língua comporta um lado voluntário, e não passivo, pelo qual nós fazemos funcionar nossos órgãos <a todo momento em função da língua>. Na mesma medida em que nós entendemos, nós falamos. Sim, <senhores, sem dúvida,> mas sempre depois da impressão acústica, <não apenas recebida, mas> recebida <no nosso espírito e que sozinha é soberana para decidir o que executamos. É ela que dirige tudo e basta considerá-la para saber que será executada, mas eu repito que isso é necessário para que haja mesmo uma unidade determinada a executar>. (Bem entendido, isso <corresponde ao fato acima de tudo social da língua.>” (trad. KAS).

Possibilités et nécessités (spéculativement)

et Facultés et contraintes (d'après la conscience)

Le premier quand on prend le circuit contre le sens naturel, ainsi en allant de la sensation au phénomène physique, ou de la sensation au fait physiologique, sans passer par la volonté du prononçeur

De même si tout en allant dans le sens réel on ne part pas du pôle voulu : ainsi si on suppose un fait physiologique non commandée [sic.] préalablement par une sensation auditive connue afin de chercher son effet à l'ouïe. (Saussure 1995[1891-1894]: 96-97).⁶

Não só a fonação seria guiada pelo funcionamento da língua como sistema, mas também a recepção empreendida pela orelha. Esta aparece tanto no *Curso de Linguística Geral (CLG)*, quanto em alguns dos manuscritos, como ocorre em uma parte dos textos saussurianos assentados na biblioteca de Harvard e descritos por Maria Pia Marchese (bMS. Fr. 266-8)⁷; nesses textos, constatamos o esforço teórico empreendido por Saussure para delimitar a função da orelha como aquela que julga a cadeia sonora: «*Chainon*: espace de son ayant pour limite initiale et pour limite finale, ou un silence, ou un son que l'oreille ne juge pas identique avec lui» [*Cadeia*: espaço de som que tem por limite inicial e por limite final ou um silêncio ou um som que a orelha não julga como idêntico a esse]. (Saussure 1995[1891-1894]: 90, trad. KAS). Sobre a função da orelha nesses manuscritos, Parret pontua:

[L'Oreille] c'est la 'faculté' en nous qui saisit le physico-acoustique et sa temporalité. Ainsi l'oreille est-elle l'*analyste contextualisateur* sans imposer ses idiosyncrasies individuelles à l'univers sonore, elle n'est ni subjective ni objective. Elle détecte les ressemblances et les différences acoustiques contre cet horizon physique ambiant qu'est la *donation sonore*. (Parret 1994-1995: 105).⁸

Este funcionamento do circuito estaria diretamente ligado ao fato de que a linguagem é articulada, como ensina Saussure no terceiro curso de linguística geral, em Genebra, (1910-1911) – anotação de Émile Constantin: «*Langage articulé* [...] : <1°> On peut y voir les subdivisions dans les syllabes qui se succèdent. <2°> On peut faire

⁶Encadeamento do qual podemos ter consciência:

Duas possibilidades de considerar:

Possibilidades e necessidades (especulativamente)
e Faculdades e coerções (segundo a consciência)

O primeiro quando se toma o circuito contra o sentido natural, partindo assim da sensação para o fenómeno físico, ou da sensação ao fato fisiológico, sem passar pela vontade do emissor.

Da mesma forma, se ao caminhar no sentido real não se parte do polo desejado; do mesmo modo se se supõe um fato fisiológico não comandado antecipadamente por uma sensação auditiva conhecida para buscar seu efeito para a orelha” (trad. KAS).

⁷Nesses manuscritos, datados por Marchese entre os anos de 1891 até 1894, Saussure dedicou-se, sobretudo entre 1893-1894, ao trabalho com a fonética articulatória, às análises sobre a sílaba e sobre a cadeia sonora, dentre outros fenómenos concernentes à cadeia da fala. Ainda segundo Marchese, como descreve a autora na Introdução do *Phonétique – Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMs Fr 266 (8)*, Jakobson (1969:10 *apud* Saussure 1995 [1891-1894]: XVII) propõe outra datação para esse conjunto de textos, a saber: o ano de 1891.

⁸«[A orelha] é a 'faculdade' em nós que captura o físico-acústico e a sua temporalidade. Assim a orelha é o *analista contextualizador* que não impõe suas idiosincrasias individuais ao universo sonoro, ela não é subjetiva nem objetiva. Ela detecta as semelhanças e as diferenças acústicas contra esse horizonte que é a *doação sonora (donation sonore)*” (trad. KAS).

allusion aussi à la division de la chaîne <parlée> en unités significatives <(gegliederte Sprache ou Rede)>» [*Linguagem articulada* [...]: <1º)> Podem-se ver nela as subdivisões nas sílabas que se sucedem. <2º)> Pode-se fazer alusão à divisão da cadeia <falada> em unidades significativas <(Linguagem estruturada ou Rede)>]. (Saussure 1993[1910-1911]: 67, trad. KAS). Mesmo que a detecção empreendida pela orelha ocorra em relação à cadeia sonora, para Saussure, essa detecção não é apenas do ‘som puro’, mas de unidades significativas. A orelha receberia as massas amorfas de impressões acústicas e de conceitos, cuja precipitação resultaria em signo (fato linguístico), que é composto por duas faces: *signifiantes* (imagens acústicas), que remetem às impressões psíquicas dos sons, e *significados*, os quais representam as ideias (conceitos).

Devido à natureza psíquica dos signos, ao receber o impacto acústico, a orelha poderia julgar as semelhanças e as diferenças entre as unidades linguísticas. Tratar-se-ia, portanto, de um julgamento que, embora passe pelo campo acústico, ancora-se no plano do signo; mais precisamente, no plano do valor. Se o *CLG*, em sua introdução e primeira parte, demonstrou a primazia do linguístico em detrimento do fisiológico, ainda em 1891-1894, mesmo ao trabalhar com a faceta acústica, Saussure revela que o julgamento feito pela orelha seria mais do que uma delimitação acústica:

La connaissance des deux valeurs est donnée directement par l'oreille, avant qu'il soit besoin de []. Le fait des deux valeurs est un fait donné ; nous en avons la connaissance directe par l'oreille, sans qu'il y ait à fait appel à aucune autre notion. (Saussure 1995[1891-1894]: 165-166)⁹.

Se Saussure destaca o trabalho da orelha na recepção, no âmbito dessa discussão, ele também recorre à figura do sujeito falante quando o envolve na delimitação das unidades, como anota Constantin num caderno sobre Morfologia, cujas notas pertencem, segundo Béguelin (2012), ao *Curso de gramática comparada do grego e do latim* de 1909-1910 (Ms. fr. 3972-26). Escreve Constantin sobre a segmentação da cadeia de fala:

Il faut se demander dans quels cas cette division est légitime. On le reconnaîtra à ce qu'elle coïncide ou pas avec le sentiment des sujets parlants eux-mêmes. Dans la mesure où l'on peut affirmer non pas consciemment mais instinctivement dans les autres faits de langue dans la même mesure on aura une justification. (Saussure; Constantin 1909-1910: 05v)¹⁰.

Trata-se de uma anotação provavelmente feita entre o segundo e o terceiro cursos de linguística geral ministrados por Saussure em Genebra. Tanto no primeiro quanto no segundo cursos, aparece a ideia de *sentimento do sujeito falante*, especialmente nos contextos em que está em discussão a morfologia e, conseqüentemente, a delimitação de unidades. Nossa hipótese é que o *sentimento*, considerada a citação acima, opera no sujeito falante como um efeito da relação deste com a língua: a língua tece as suas

⁹“O conhecimento dos dois valores é dado diretamente pela orelha, antes que se tenha necessidade de [...]. O fato de dois valores é um fato dado; nós temos dele o conhecimento direto pela orelha, sem que tenha sido feito apelo a alguma outra noção” (trad. KAS).

¹⁰“É necessário se questionar em quais casos essa divisão é legítima. Nós reconhecemos pelo fato de ela coincidir ou não com o sentimento dos próprios sujeitos falantes. Na medida em que se pode afirmar não consciente mas instintivamente nos outros fatos de língua, na mesma medida em que haverá uma justificação”. (tradução KAS).

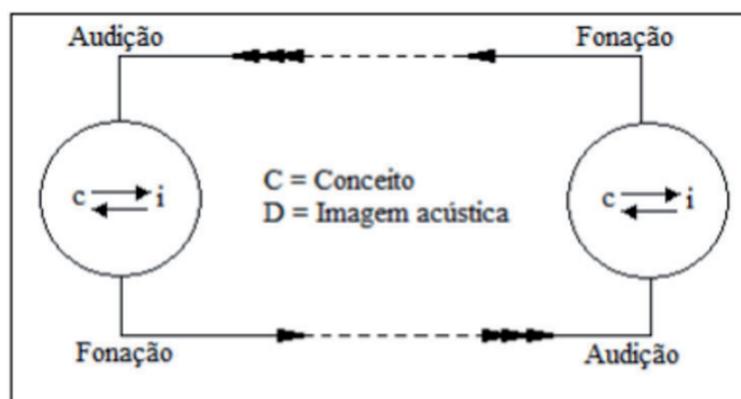
relações e isto impacta o sujeito falante. A divisão das unidades seria uma operação da língua sentida pelo falante “não consciente mais instintivamente,” porque o falante está na posição daquele que sofre os efeitos da língua, não na de um sujeito que “se propõe a conhecer um objeto; um sujeito estabelecendo uma relação de conhecimento com um objeto” (Milán-Ramos 2009: 2).

Essa hipótese se revela intimamente ligada à questão da consciência, que também aparece nos textos saussurianos, tanto mais antigos, como a Primeira Conferência de Saussure na Universidade de Genebra (1891), quanto em mais recentes, como os dois primeiros cursos de Saussure em Genebra (1907-1909). À luz desse contexto, afinal, qual seria o estatuto do *sentimento* e da *consciência* na teorização de Saussure?

2. A consciência e o sentimento do sujeito falante no léxico saussuriano

Como um segundo passo em nosso trabalho, antes de iniciarmos uma reflexão mais detida a respeito do *sentimento* e da *consciência*, à luz da hipótese anteriormente traçada, é preciso examinarmos, um pouco mais de perto, a terminologia utilizada por Saussure. Não é possível fazer neste texto uma ampla varredura do léxico saussuriano. Todavia, considerado o recorte escolhido por nós – a relação do sujeito falante com a delimitação das unidades à luz do circuito da fala –, retomemos o esquema do circuito da fala anotado por Constantin, alocado no início de nosso texto (Imagem 1), em conjunto com este esquema que aparece no começo do *CLG*:

Imagem 2. Circuito de fala – *Curso de Linguística Geral* (1916)



Fonte: Saussure 2001[1916]: 20.

Se tomarmos a anotação de Constantin do circuito de fala (Imagem 1) e o circuito presente no Curso (Imagem 2), a terminologia utilizada por Saussure está ligada diretamente ao universo mental – seria no “centro associativo” em que ocorre o contato entre o “conceito verbal” e a “imagem verbal”. Os termos “centro”, “córtex”, “área” foram utilizados pela fisiologia do século XIX e XX para descrever as regiões cerebrais. O *centro de Broca*, representativo da terceira circunvolução frontal do cérebro, é um exemplo, o qual foi utilizado inclusive por Saussure ao comentar o trabalho de M. Sechehaye (*Programa e métodos da linguística teórica de Albert Sechehaye*, Ms. Fr. 3951, 1908; Saussure 1990).

Fato é que Saussure não abandona a terminologia utilizada em sua época e recorre a palavras que circulam nos estudos da Psicologia, da Neurologia e nos próprios estudos sobre a linguagem. Vislumbramos, portanto, um traço importante a respeito da terminologia utilizada pelo genebrino: as palavras nem sempre recebem, nos textos de Saussure, uma nova definição, mas circulam simplesmente como palavras comuns. De acordo com Fadda (2013), às vezes há palavras que são utilizadas de forma mais livre, às vezes há termos que são trabalhados de modo a constituírem conceitos na teorização de Saussure; logo, ‘termo’ remete a conceito e ‘palavra’, ao léxico que não alcança o estatuto de conceito:

1. Il y a des termes « purs », qui naissent comme tels et sont employés seulement comme des termes. Ils peuvent avoir, dans la réflexion saussurienne, une vie longue ou bien brève :
 - a. Dans le premier cas, leur valeur peut être incontestée pendant des années – comme ‘sonante’ – ou plutôt, bien qu’ils restent des termes, leur valeur (et même leur emploi) peut être le sujet d’une discussion prolongée – comme ‘phonème’.
 - b. Dans le deuxième, ils peuvent être peu connus, excepté par les spécialistes (comme les lemmes grecs des Notes Item: aposème, parasème, etc.) ou jouir d’un incroyable fortune posthume (comme le couple signifiant/signifié)
2. Il y a des lemmes qui naissent mots et deviennent des termes. L’exemple le plus évident est celui de ‘langue’, qui trouve finalement sa collocation terminologique dans les cours de linguistique générale, par la définition de ses rapports avec ‘langage’ et avec ‘parole’ (qui trouvent eux aussi, par là même, leur collocation).
3. On peut avoir des lemmes qui jouissent (tout même pendant une certaine période), d’une double vie, l’une en tant que mots et l’autre en tant que termes. L’exemple de ‘sentiment’ m’apparaît justement l’un des plus frappants.
4. Enfin, il y a des mots qui ne peuvent arriver à devenir des termes. C’est le cas de la majeure partie du lexique psychologique de Saussure (‘conscience’, ‘volonté’, etc.). (Fadda 2013: 52).¹¹

Observamos a existência dessa problemática envolvendo a terminologia, se considerado o circuito de fala: nele são empregadas palavras ou sintagmas como ‘psíquico’, ‘fisiológico’, ‘fonação’, ‘audição’, ‘ondas sonoras’, ‘imagem verbal’, ‘conceito verbal’, ‘fala’, dentre as quais algumas já eram ou tornar-se-iam termos na teoria saussuriana, como é o caso da própria ideia de *fala* (*parole*), presente desde momentos iniciais

¹¹ 1. Há os termos ‘puros’, que nascem como tais e são empregados somente como termos. Eles podem ter, na reflexão saussuriana, uma vida longa ou muito breve:

a. no primeiro caso, seu valor pode ser incontestável durante os anos – como ‘sonante’ – ou sobretudo, embora eles permaneçam termos, seu valor (e mesmo seu emprego) possa ser tema de uma discussão prolongada – como ‘fenômeno’

b. no segundo caso, eles podem ser conhecidos, salvo pelos especialistas (como os lemas gregos dos *Notes Item*: apossema, parassema etc.) ou provir de uma inacreditável fortuna póstuma (como a dupla significado/ significante).

2. Há os lemas que nascem palavras e se tornam termos. O exemplo mais evidente é ‘língua’, o qual encontra finalmente a sua posição terminológica nos cursos de linguística geral, por meio da definição de suas ligações com ‘linguagem’ e com ‘fala’ (que encontram entre si, do mesmo modo, sua posição).

3. Pode-se ter lemas que gozam (ao longo de um mesmo período) de uma vida dupla, quer como palavras, quer como termos. O exemplo de “sentimento” me parece justamente um dos mais impressionantes.

4. Enfim, há palavras que podem chegar a se tornarem termos. É o caso da maior parte do léxico psicológico de Saussure (‘consciência’, ‘vontade’ etc.)” (trad. KAS).

do trabalho de Saussure e que receberia os acabamentos de conceito durante o terceiro curso de linguística geral, entre 1910-1911.¹² Algumas palavras, como ‘psíquico’, não receberiam esse lugar de conceito tal como o dado à fala; já ‘imagem verbal’ e ‘conceito verbal’ seriam substituídas por ‘significado’ (‘conceito’) e ‘significante’ (‘imagem acústica’), em razão de um intenso trabalho de Saussure para dar àqueles sintagmas contornos teóricos mais precisos.

Como indica o circuito de fala, a epistemologia saussuriana é uma teorização que recorre à ideia da existência de um ‘funcionamento psíquico’, lido hoje, por algumas vertentes da Linguística, a partir de pressupostos cognitivistas. Vemos sim, em muitos textos saussurianos, ressoar um eco relativo ao ‘mental’, mas isso não abre caminho para que o trabalho de Saussure seja enquadrado como cognitivista, pois Saussure não atribuía a esses termos o caráter teórico que eles adquiriram durante o século XX. A nosso ver, é uma circulação livre de algumas palavras em textos nos quais os conceitos são outros.

Ressalvado esse fato, interessa-nos tratar do uso das palavras relativas ao funcionamento psíquico, especialmente *consciência* e *inconsciente*, pois, a nosso ver, elas revelam questões importantes sobre a construção da epistemologia saussuriana, inclusive no que concerne à questão do *sentimento* do sujeito falante. Partiremos de um texto de Saussure redigido para ser apresentado durante a sua Primeira Conferência na Universidade de Genebra em 1891.

3. A consciência e o sentimento do sujeito falante na delimitação das unidades

Como terceiro passo neste trabalho, consideradas as discussões sobre os papéis que assumem o sujeito falante e a orelha no circuito de fala, bem como ressalvado o fato de a terminologia saussuriana não alçar nem o *sentimento* do sujeito falante nem a *consciência* à posição de conceitos, comecemos uma análise mais detida sobre o sentimento do sujeito falante e sobre a consciência na teorização de Saussure.

Em 1891, Saussure profere uma série de três conferências na Universidade de Genebra. Na primeira delas, ele introduz uma questão que problematiza uma discussão presente em sua época: o sujeito falante agiria de modo a produzir *intencionalmente* o ato linguístico? Ou seja, a produção do ato linguístico seria um ato *consciente*?

Les faits linguistiques peuvent-ils passer pour être le résultat d’actes de notre volonté ? Telle est donc la question. La science du langage, actuelle, y répond affirmativement. Seulement il faut ajouter aussitôt <qu’il y a beaucoup de degrés connus dans la volonté consciente ou inconsciente> ; or de tous les actes qu’on pourrait mettre en parallèle, l’acte linguistique, si je puis le nommer ainsi, <a ce caractère d’être> le moins réfléchi, le moins prémédité, en même temps que le plus impersonnel de tous. Il y a là une différence de degré, qui va si loin qu’elle a longtemps donné l’illusion d’une différence essentielle, mais qui n’est en réalité qu’une différence de degrés. (Saussure 1891: 18)¹³.

¹²Como anota Constantin durante o terceiro curso de Saussure na Universidade de Genebra (1910-1911): “[Fala] Ativa e individual. É necessário distinguir duas coisas: 1º O uso das faculdades em geral em vista da linguagem (fonação etc.) 2º Também: uso individual do código da língua segundo o pensamento individual”. (Saussure 1989: 42, trad. KAS).

¹³“Os fatos linguísticos podem ser tidos como o resultado de atos de nossa vontade? Tal é, portanto, a questão. A ciência da linguagem, atual, lhe dá uma resposta afirmativa. Só que é preciso acrescentar,

A resposta de Saussure ressignifica a posição de seus contemporâneos, ao caracterizar o ato linguístico como o ‘menos refletido’, ‘menos premeditado’, ‘o mais impessoal’ de todos os atos. Nesse contexto, Saussure introduz, a nosso ver, uma diferença entre o ato fonatório e o ato linguístico. O primeiro, como vimos, é um ato fisiológico relativo à articulação; já o segundo diz respeito à combinação de signos para a formação de sintagmas; seria, portanto, um ato de ‘sintaxe’ (Normand 2009: 47); na perspectiva de Saussure, o ato linguístico seria resultante do funcionamento do mecanismo psíquico da língua¹⁴.

Como um ato oriundo do funcionamento da língua, o ato linguístico, portanto, seria um ato que se impõe ao sujeito falante. À luz dessa interpretação, a ideia de ato linguístico como “o mais impessoal de todos os atos” pode ganhar contornos mais claros: considerados os “graus de vontade entre consciente e inconsciente”, o ato linguístico seria *inconsciente* (*impessoal, não premeditado*) por ser aparentemente inacessível ao sujeito falante. Aqui é preciso considerar que o inconsciente, conforme Arrivé (2012), seria adjetivo na teorização saussuriana, não substantivo, pois, diferentemente de teorias ligadas à Psicanálise, posteriores ao genebrino, em Saussure, o inconsciente não assumiria o caráter de instância; na esteira da lição de Fadda (2013), o inconsciente seria palavra, não termo. Se existisse alguma intencionalidade, ela estaria ligada à vontade de emissão do sujeito falante implicada no ato fonatório, como demonstrado na primeira parte deste trabalho.

Todavia, há de se considerar que Saussure aparentemente enfrentou dificuldades ao determinar a gênese da combinação sintagmática, o que impactaria, a nosso ver, essa discussão sobre o ato linguístico ser inconsciente. Em uma nota cuja datação provável é 1908-1909[?]¹⁵, esse autor coloca a combinação no âmbito da fala: «La langue est consacrée socialement et ne dépend pas de l’individu. Est de l’Individu, ou de la Parole : a) Tout ce qui est Phonation, b) tout ce qui est combinaison – Tout ce qui est Volonté –» [A língua é consagrada socialmente e não depende do indivíduo. É do indivíduo ou da Fala: a) tudo o que é Fonação, b) tudo o que é combinação – tudo o que é Vontade –] (Saussure 1908-1909[?]: 02, trad. KAS). Como operação de fala, a combinação estaria suscetível à vontade do sujeito falante assim como o ato fonatório? Na ‘zona turva’ (Godel 1969) entre língua e fala, essa questão retorna à reflexão de Saussure em 1911:

Les syntagmes, quoiqu’à constater dans des combinaisons qui ne sont pas des phrases, ont pour types assez évidents les phrases elles-mêmes. Toute phrase sera un syntagme. Or la phrase appartient à la parole et non à la langue.

Objection : est-ce que le syntagme n’appartient pas à la parole et ne mélangeons-nous pas les deux sphères (langue - parole) pour distinguer les deux sphères (syntagmatique – associative) [?]

imediatamente, que há muitos graus conhecidos, como sabemos, na vontade consciente ou inconsciente: ora, de todos os atos que se poderia pôr em paralelo, o ato linguístico, se posso chamá-lo assim, tem a característica [de ser] o menos refletido, o menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal de todos. Há uma diferença de grau que, de tão longe que vai, dá, há muito tempo, a ilusão de ser uma diferença essencial, mas não passa, na realidade, de uma diferença de graus” (trad. KAS).

¹⁴Ou seja, como resultado do funcionamento entre o eixo associativo e sintagmático (ver *CLG*, capítulo IV da segunda parte, *O mecanismo da língua*).

¹⁵Ms.fr. 3951-22. Trata-se de uma nota preparatória para o segundo curso de linguística geral na Universidade de Genebra. Ela foi chamada por Engler e Bouquet, nos *Escritos de Linguística Geral*, de *Dualidades*. A hipótese de datação é de Engler, em sua edição crítica do Curso, tomo II (Saussure 1990: 43).

<C'est en effet ici qu'il y a quelque chose de délicat dans la frontière des domaines.> Question difficile à trancher.

En tous cas même dans les faits qui appartiennent à la langue, il y a des syntagmes. Ainsi les mots composés. <Un mot comme *magnanimus* appartient aussi bien au dépôt de la langue que *animus*.>

Il y a entre autres toute une série de phrases qui sont toutes faites pour la langue et que l'individu n'a pas à combiner <lui-même>.

Dans le syntagme point délicat : la séparation entre parole et langue (Saussure 1993[1910-1911]: 131-132).¹⁶

Não apenas neste texto observamos a dificuldade que Saussure enfrenta ao tentar determinar os campos da língua e da fala quando está em questão o sintagma. Se retomarmos o texto de 1891, o ato linguístico é caracterizado como o “mais impessoal de todos”; em 1908-1909[?], a combinação é colocada no campo da fala; neste texto de 1911, Saussure titubeia: considerado o sintagma, qual o limite entre língua e fala? A nosso ver, esse limite não é claro para o genebrino.

Na argumentação de Saussure em 1911, parece-nos que haveria ainda espaço para alguma ‘consciência’: se existiria uma série de frases que são feitas pela língua (mas aparentemente não todas), quais seriam aquelas que o sujeito falante poderia combinar ele mesmo? Seria uma combinação consciente? Essas questões, a nosso ver, ficaram abertas na teorização de Saussure, porque os limites entre língua e fala, embora traçados, não são tão firmes assim. A dicotomia língua e fala era necessária, do ponto de vista epistemológico, pois foi por meio dela que Saussure determinou a língua como objeto da Linguística. Todavia, a separação desses campos, na teorização de Saussure, não nos parece tão radical.

Se Saussure oscilou quanto à gênese do sintagma, ele também enfrentou dificuldades ao tratar da delimitação das unidades. Há de se considerar que a ideia de unidade linguística é problemática para Saussure. O que é, afinal, uma unidade? Esta é uma questão que Saussure procura enfrentar em alguns de seus textos. Ao longo do terceiro curso (1910-1911), por exemplo, o genebrino discute tal problema e não reduz a noção de unidade à de palavra, em razão da existência de sufixos, prefixos, ou seja, como anota Constantin, de «unité subordonnée à celle du mot» [unidade subordinada àquela da palavra] (Saussure 1989: 239, trad. KAS). A discussão, portanto, envolve o âmbito morfológico e, segundo Saussure, ela interessa aos gramáticos.

Mesmo que diga respeito ao trabalho do gramático ou daqueles que se interessam pelo estudo da língua, a delimitação das unidades envolve os sujeitos falantes do ponto de vista, como indica Saussure, do *sentimento* que os falantes têm da língua. De acordo com Chidichimo (2009: 112), “Naquilo que concerne ao sentimento do sujeito falante é o conhecimento da língua pelos sujeitos falantes que está em jogo e ao mesmo tempo é o trabalho dos pesquisadores que olham a *língua*”. Contudo, a nosso

¹⁶“Os sintagmas, embora sejam notados em combinações que não são frases, têm por tipo muito evidente as frases. Toda frase será um sintagma. Ou a frase pertence à fala e não à língua.

Objecção: o sintagma não pertence à fala e não misturamos as duas esferas (língua – fala) para distinguir as duas esferas (sintagmática – associativa)[?]

<Há com efeito aqui qualquer coisa de delicada na fronteira dos dois domínios.> Questão difícil de resolver.

Em todo o caso, mesmo nos fatos que pertencem à língua, há os sintagmas. Assim as palavras compostas. <Uma palavra como *magnanimus* pertence tanto ao depósito da língua como *animus*.>

Há, entre outras, toda uma série de frases que são feitas pela língua e que o indivíduo não tem que combinar ele mesmo” (trad. KAS).

ver, é preciso ter cuidado com o uso da palavra ‘conhecimento’, pois ela não revela a essência da relação do sujeito com a língua – para nós, o sentimento é representativo de um saber em funcionamento no falante, não da língua como objeto de conhecimento. A fim de aprofundar essa ideia, acompanhemos a discussão feita por Saussure em 1908-1909, anotada por Riedlinger:

Remarques incidentes : l'idée d'unité serait peut-être plus claire pour quelques-uns si on parlait d'unités significatives. Mais il faut insister sur le terme unité : autrement on est exposé à se faire une idée fautive <et croire qu'il y a des mots existant comme unités et auxquels s'ajoute une signification. C'est au contraire la signification qui délimite les mots dans la pensée. Critère de ce qui est abstraction pure <et de ce qui est concret : À tout moment, il est parlé du danger des abstractions. Pour se rendre compte de ce que c'est, il faut un critère. Ce critère est dans la conscience de chacun.> Ce qui est dans le *sentiment* des sujets parlants, ce qui est ressenti à un degré quelconque, c'est la signification, et on pourra dire alors que le concret réel, pas du tout si facile à saisir dans la langue = ce qui est ressenti, ce qui à son tour = ce qui est significatif à un degré quelconque. Ce qui est significatif se traduit par une délimitation d'unité, c'est la signification qui la crée, elle n'existe pas avant : <ce ne sont pas les unités qui sont là pour recevoir une signification> (Saussure 1997[1908-1909]: 24)¹⁷.

Essa passagem parece-nos de difícil compreensão. A despeito do funcionamento psíquico da língua, o qual, na perspectiva de Saussure, se desprende de significações fixas, para o sujeito falante, as unidades se apresentariam como elementos significativos, ou seja, elementos *sentidos* em um grau qualquer. Numa primeira leitura, a ideia de ‘unidade significativa’ poderia dizer respeito a uma positividade que é *sentida* pelo sujeito falante. Todavia, concomitantemente, a ideia de positividade da unidade se esvaziaria porque a delimitação da unidade seria ‘criada’ pela significação; portanto, a unidade não existiria previamente, o que está na essência da ausência de positividade, como ensina o Curso: “Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema” (Saussure 2001[1916]: 136).

Se considerarmos a teorização saussuriana como um todo, mesmo que um signo isoladamente seja uma positividade, no sistema, ele não o é. O signo, no sistema linguístico saussuriano, é resultante das relações entre os signos – “[...] uma forma não significa, mas vale” (Saussure 2004[1891]: 30). Ao interpretarmos a anotação de Riedlinger (supra), parece-nos que Saussure pretende demonstrar que, embora a língua se apresente ao sujeito por meio de unidades significativas, não ocorreria a detecção de positividades pré-estabelecidas, mas de relações entre as formas, relações sentidas

¹⁷“*Observações incidentais*: a ideia de unidade seria talvez mais clara para alguns se falar-se de unidades significativas. Mas é preciso insistir no termo unidade: caso contrário estar-se-ia exposto a se fazer uma ideia falsa <e acreditar que> há palavras que existem como unidades às quais se junta uma significação. É o contrário: a significação que determina as palavras no pensamento. Critério disso que é abstração pura <e disso que é concreto>: a todo momento, fala-se do perigo das abstrações. Para se dar conta disso que é, é necessário um critério. Esse critério está na consciência de cada um>. O que está no sentimento dos sujeitos falantes, isso que é sentido em um grau qualquer, é a significação, e poder-se-ia dizer, portanto, que o concreto real, não tão fácil de apreender na língua = é isso que é sentido, isso que por sua vez = isso que é significativo em um grau qualquer. Isso que é significativo se traduz por uma delimitação de unidade, é a significação que a cria, ela não existe previamente>: <não são as unidades que estão lá para receber uma significação” (trad. KAS).

pelo sujeito falante. As unidades seriam delimitadas, no plano do falante, pelo sentimento deste quanto às relações existentes entre elas: “tudo o que é significativo se traduz por unidade” (supra). Na argumentação de Saussure, parece-nos que esse sentimento estaria alinhado à ideia de consciência como sinônimo de uma “consciência fraca” (Fadda 2013), ou seja, de um sentimento a respeito das relações. Logo, dizer que o sujeito falante é ‘consciente’ não significaria, a nosso ver, dizer que ele tem domínio das relações, mas que ele as sente como um efeito de sua relação com a língua.

Afirmar que o sujeito falante não toma a língua como objeto de conhecimento, mas tem um ‘saber da língua’ funcionando em si, na esteira da lição de Saussure, permite posicionar o sujeito falante como aquele que é incapaz, individual e conscientemente de alterar o funcionamento da língua, mas a este se submete, apesar de ter o *sentimento* quanto às relações linguísticas. É nessa linha de raciocínio que, a nosso ver, em 1891, Saussure propõe que o sujeito é incapaz de submeter a língua, que repousa em seu espírito, a uma revisão.

Item. Toutes les modifications, soit phonétiques, soit grammaticales (analogiques) se font exclusivement dans le discursif. Il n’y a aucun moment où le sujet soumette à une révision le trésor mental de la langue qu’il a en lui, et crée à tête reposée des formes nouvelles (par exemple *calmement* []) qu’il se propose {/promet} de «placer» dans son prochain discours. Toute innovation arrive par improvisation, en parlant, et pénètre de là soit dans le trésor intime de l’auditeur ou celui de l’orateur, mais se produit donc à propos du langage discursif. (Saussure 2011: 60)¹⁸.

Postas essas considerações, podemos melhor analisar o verbete proposto por Engler (1968: 45, trad. KAS): «*sentiment* du sujet parlant → concret, conscience, réalité» [*sentimento* do sujeito falante → concretude, consciência, realidade]. O sentimento seria um critério concreto para a delimitação das unidades; o sentimento seria sinônimo de uma *consciência fraca* das relações linguísticas; o sentimento seria uma realidade para os falantes e, por isso, seria critério concreto para os gramáticos. Nesse cenário, a ideia de sentimento linguístico do sujeito falante permite-nos melhor traçar a posição desse falante na teorização saussuriana: mesmo que a língua independa da ação do sujeito,¹⁹ este é constituído como falante por meio da ação da língua e sente os efeitos dessa relação; segundo Saussure: «La *langue*, chose en soi sans rapport avec la masse humaine existante, et liée indissolublement à la masse humaine» [A língua, coisa em si sem relação com a massa humana existente, é indissolivelmente ligada à massa humana] (Saussure 1908-1909[?]: 02, trad. KAS).

Por fim, ainda resta uma questão epistemológica se considerada a teorização de Saussure sobre delimitação das unidades: a figura da orelha e do sujeito falante estariam sobrepostas nessa atividade? Na recepção, parece ser da orelha a responsabilidade de filtrar a massa linguístico-acústica. Se a orelha seria uma, como requer Parret (1994-1995), *instância neutra*, que julga semelhanças e diferenças como filtro, sem

¹⁸ *Item.* Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo. Não há momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que há nele e crie, de espírito descansado, formas novas (por exemplo, *calmamente* [..]) que ele se proponha {/prometa} a ‘colocar’ em seu próximo discurso. Toda a inovação chega de improviso, ao falar, e penetra daí no tesouro íntimo do ouvinte ou no orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva” (trad. KAS).

¹⁹ «La langue est consacrée socialement et ne dépend pas de l’individu» [A língua é consagrada socialmente e não depende do indivíduo] (Saussure 1989[1916]: 42).

que haja consciência envolvida nessa atividade, o sujeito falante estaria numa posição que transcende a de simples filtro. Seria por meio da relação do sujeito com a língua que surgiria o sentimento do sujeito falante, sentimento que seria, como Saussure aponta, critério concreto para a delimitação das unidades.

A orelha e o sujeito falante são convocados a reconstruírem perpetuamente o sistema, a partir de diferentes posições e, a cada ato linguístico, é estabelecida a significação, que, embora nova, tem um compromisso com a significação constituída no dia anterior – «chaque individu <emploi> le lendemain le même <idiome> qu'il parlait la veille <et cela s'est toujours passé ainsi>» [cada indivíduo <emprega> no dia seguinte o mesmo <idioma> que ele falava na véspera <e isso sempre ocorreu assim>] (Saussure 1990: 6, trad. KAS). Nesse contexto, todavia, há de se considerar que o destino perpétuo da orelha é integrar o corpo do falante e o deste, na epistemologia saussuriana, é submeter-se ao funcionamento da língua.

4. Considerações Finais

Ao longo desse trabalho, procuramos acompanhar as descrições de Saussure a respeito da atividade da orelha e do sujeito falante saussuriano quanto à recepção e à delimitação das unidades, bem como destacar o papel do sentimento linguístico e da consciência nesse cenário. Nosso intuito foi percorrer alguns textos de Saussure a fim de demonstrar questões que estes textos deixaram e hipóteses a respeito dessas questões.

No que concerne ao circuito de fala, ele demonstra a língua em circulação. Como um esquema hipotético, há a descrição do funcionamento homogêneo e perfeito da língua. Num esquema perfeito, ganha relevo o papel da orelha como filtro, nem subjetivo, nem objetivo, capaz de filtrar a massa acústico-linguística. A orelha se constitui como um recurso amplamente utilizado na teorização saussuriana, uma vez que aquela, como filtro neutro, sobreleva a autonomia da língua. Todavia, há de se considerar que a orelha, mesmo que funcione, de acordo com Parret (1994-1995), como *analista contextualizador*, não se separa do corpo do sujeito falante.

Este último, muitas vezes desprezado pela *doxa* que se constituiu após o surgimento do *CLG*, ganha relevo nos textos saussurianos, especialmente quanto está em foco a morfologia e a delimitação das unidades. Diferente da orelha, o sujeito falante não é um filtro neutro; ele está submetido ao funcionamento da língua e, a nosso ver, limitado a sentir os efeitos desse funcionamento. Segundo a nossa hipótese, o efeito da relação do sujeito com a língua é expressa, na teorização de Saussure, por meio do *sentimento* que esse sujeito tem de sua língua, sentimento alinhado à ideia de consciência, esta, segundo Saussure, jamais plena, mas oscilante entre graus.

Referências

- ARRIVÉ, Michel. 2012. “« Consciente de la langue » et inconscient chez Ferdinand de Saussure”. *La Célibataire* 24: 107-124. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00723355/document>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

- BÉGUELIN, Marie-José. 2012. “La place de la grammaire comparée”. *Langages* 1. 185: 75-90. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langages-2012-1-page-75.htm>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- CHIDICHIMO, Alessandro. 2009. “Saussure e o Sentimento: A Forma do Sentimento Lingüístico”. *RUA* [online] 1. 15: 108-122. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/pdf/15-1/8-15-1.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2016.
- ENGLER, Rudolf. 1968. *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht/Anvers: Spectrum.
- FADDA, Emanuelle. 2013. “‘Sentiment’: entre mot et terme – quelques notes sur le travail et la langue de Ferdinand de Saussure”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 66: 49-65.
- GODEL, Robert. 1969. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. 2 ed. Genève: Droz.
- MILÁN-RAMOS, Guillermo. 2009. “Algumas anotações sobre ciência, sujeito e objeto nas ciências da linguagem (2ª parte)”. *Revista Recorte* 6. 1: 1-7. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2046/1738>>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- NORMAND, Claudine. 2009. *Convite à Linguística*. (Trad. de Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan.) São Paulo: Contexto.
- PARRET, Herman. 1994-1995. “Réflexions saussuriennes sur le temps et le moi”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 49 : 85-119.
- SAUSSURE, Ferdinand de; CONSTANTIN, Émile. 1909-1910. Morphologie. *Cours de grammaire comparée du Grec et du Latin*. Notes d'É. Constantin, Ms. Fr. 3972-26. Genebra: Bibliothèque de Genève (inédito).
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1891. Trois premières conférences à l'Université. *Papiers Ferdinand de Saussure*, Ms. Fr. 3951-1. Genebra: Bibliothèque de Genève.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1908-1909[?]. “Notes pour le deuxième cours de linguistique générale. *Papiers Ferdinand de Saussure*, Ms. Fr. 3951-22. Genebra: Bibliothèque de Genève. Manuscritos consultados e reproduzidos pela professora Karen Alves da Silva durante a sua estada na Biblioteca de Genebra em janeiro de 2013 [financiamento do CNPq].
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1989. *Cours de Linguistique Générale*. Éd. critique par Rudolf Engler, tomo 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1990. *Cours de Linguistique Générale*. Éd. critique par Rudolf Engler, tomo 2. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1993 [1910-1911]. *Troisième cours de linguistique générale (1910-1911) – d'après les cahiers d'Émile Constantin*. Éd. par Eisuke Komatsu e Roy Harris. Pergamon.

- SAUSSURE, Ferdinand de. 1995[1891-1894]. *Phonétique – Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8)*. Ed. a cura di Maria Pia Marchese. Padova: Unipress.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1997[1908-1909]. *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909) – d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*. Éd. par Eisuke Komatsu e George Wolf. Pergamon.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2001[1916]. *Curso de Linguística Geral*. (Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.) 23 ed. São Paulo: Contexto.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2004. *Escritos de Linguística Geral*. (Trad. de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco.) São Paulo: Cultrix.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2011[1891]. *Science du langage – de la double essence du langage*. Édition des Écrits de Linguistique Générale établie par René Amacker. Genebra: Droz.
- SILVEIRA, Eliane. 2013. “O lugar do conceito de fala na produção de Saussure”. In: J. L. Fiorin & V. N. Flores & L. B. Barbisan (orgs.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto. p. 45-57.

Parte III
Arquivos

Consciência de Arquivos e Futuro: O Caso de F. de Saussure e a Escola Genebrina de Linguística¹

Alessandro Chidichimo²
(Genebra)

Resumo

Retomando o caso emblemático para a história da Linguística da edição póstuma do *Curso de Linguística Geral* de Saussure (1916), o autor resgata a questão da temporalidade e da seleção dos arquivos pelos dois intérpretes do pensamento saussuriano (Bally e Sechehaye). Trata-se, ainda, de cernir a consciência de arquivo, assim como a relação com o futuro que os dois linguistas, alunos de Saussure, desenvolveram em relação aos traços deixados por seu mestre.

Abstract

Resuming the emblematic case for the history of Linguistics of the posthumous edition of Saussure's *Course in General Linguistics* (1916), the author rescues the issue of temporality and of the archives selected by the two interpreters of Saussurian thought (Bally and Sechehaye). It is also a question of scrutinizing the archival consciousness, as well as the relationship with the future that the two linguists, Saussure's students, developed in relation to the traces elements left by their master.

1. *O Curso de Linguística Geral*

Em 1913, após a morte de Ferdinand de Saussure (1857-1913), os linguistas genebrinos Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946) tentaram – sem sucesso, ao que parece –, encontrar em seus papéis os manuscritos utilizados nos três cursos de Linguística Geral professados na Universidade de Genebra (1907-1911). Saussure não havia publicado um texto sobre Linguística geral, algo que fosse o resumo de seu pensamento sobre aspectos gerais das ciências da linguagem. Decerto que havia consonâncias entre os textos publicados e as aulas, mas nada que fosse dedicado exclusivamente àquele assunto.³ Em decorrência da quase total ausência de

¹Tradução de Lygia Testa-Torelli do original francês «Conscience d'archives et futur: le cas de F. de Saussure et l'École genevoise de linguistique». Anteriormente publicado em J. F. Bert & M. J. Ratcliff (éds.), 2015. *Frontières d'archives Recherches, mémoires, savoirs*. Paris: Editions des archives contemporaines. A menos que expressamente indicado o nome de outro tradutor, as traduções das referências, comentários e citações também são de LT-T.

²Expresso meus sinceros agradecimentos a Thomas Robert.

³Joseph 2012 mostrou a continuidade entre diversos trabalhos de Saussure (cf. Fehr 1996).

rascunhos e textos definitivos do autor,⁴ Bally e Sechehaye, que não puderam frequentar os cursos, escolheram as anotações dos estudantes e os raros manuscritos de Saussure de que dispunham para editar, em 1916, o *Curso de Linguística Geral* [CLG]. Na Introdução do CLG, eles se mostraram prudentes em relação às suas escolhas, justamente pela ausência de textos autorais: «Nous nous sommes bornés à recueillir et à mettre en leur place naturelle les indications fugitives de ce programme à peine esquissé; nous ne pouvions aller au-delà» [Limitamo-nos a recolher e a colocar em seu lugar natural as indicações fugitivas desse programa que mal foi esboçado; não podíamos ir mais longe] (CLG: 10)⁵

Logo após a publicação do CLG foi inaugurado um tema típico da história dos estudos saussurianos, a saber, o da fidelidade ao pensamento de Saussure, com a resenha do CLG feita por Antoine Meillet (1866-1936), antigo aluno de Saussure em Paris, texto que inaugurou o debate a partir do interior da filiação saussuriana.⁶

As sucessivas pesquisas se estenderam por diversos níveis: as fontes do pensamento saussuriano; a relação com a Sociologia, a Filosofia e a Psicologia; as pesquisas filológicas sobre a fidelidade do CLG às fontes manuscritas. O volume, proveniente de uma pesquisa filológica e de arquivos, transformaria para sempre a história da disciplina e deixaria um traço indelével nas Ciências Humanas. Bally e Sechehaye publicaram o CLG não apenas no sentido de tê-lo colocado à disposição da comunidade de pesquisadores; eles estabeleceram o documento que se situa na origem dos estudos saussurianos subsequentes, pedra angular (*contra* ou *a favor*) da Linguística que se seguiu, e documento inelutável para as Ciências Humanas (Colombat, Fournier, Puech 2010: 25).

2. Uma noção de arquivo

O CLG foi construído na ausência de um texto definitivo: os editores estabeleceram um arquivo. Jacques Derrida (1930-2004) retomou, em *Mal de Arquivo* (Derrida 1995), uma noção clássica do arquivo, que ele considera ser determinada pelo lugar onde o arquivo se encontra, mas também por uma lei-texto-documento, a *Arkhe*; finalmente, pelos arcontes, os intérpretes autorizados pelo lugar, e os documentos aos quais eles têm acesso. O papel dos arcontes, arquivistas, em sentido amplo, é presidir à lei, é ser seu intérprete. Lugar, lei, intérpretes, determinam, desse modo, o arquivo. Para a Linguística saussuriana, o lugar será Genebra, onde os cursos de Linguística Geral foram professados e onde se encontra a maioria dos documentos; quanto à lei-texto, trata-se de anotações de estudantes desses cursos e dos manuscritos de Saussure à disposição dos editores para a lei-texto por excelência da Linguística, o CLG; por fim, para os intérpretes que presidem à lei, ao verbo saussuriano, Bally e Sechehaye,

⁴Por 'texto definitivo' (ou 'em estado final'), consideramos a noção proveniente da Crítica Genética, que o define como um texto que recebeu o aval do autor para impressão, independentemente de o documento ser ou não publicado; ou, ainda, um texto sobre o qual o autor não mais se debruçará.

⁵A afirmação, que pretende advogar a favor de um trabalho editorial mínimo e neutro, não corresponde à realidade. Os documentos de arquivos mostram que as discussões, os acréscimos e a organização das anotações reunidas pelos editores ultrapassaram amplamente uma simples organização de diversas partes em seu lugar natural. O trabalho de Bally e Sechehaye sobre as fontes representa o movimento inaugural da filologia saussuriana. A respeito da gênese do CLG, cf., no mínimo, as pesquisas clássicas de filologia saussuriana Godel (1954 e 1957, CLG/E 1967-74), as anotações de De Mauro sobre o CLG, em particular a nota 16, p.II. Sobre a edição do CLG, cf. Sofia 2015.

⁶Meillet, juntamente com Paul Regard, tinha em mente publicar um artigo a partir das anotações das aulas de Saussure realizadas pelo próprio Regard. A discussão sobre a prioridade dessa publicação acontecerá entre a esposa de Saussure, Meillet e Bally; cf. Sofia 2013.

cujo trabalho estabeleceu os fundamentos das sucessivas ramificações do *CLG*: «Le premier archiviste institue l'archive comme elle doit être, c'est-à-dire non seulement en exhibant le document, mais en l'établissant. Il le lit, l'interprète, le classe» [O primeiro arquivista institui o arquivo tal como deve ser, isto é, não apenas exibindo o documento, mas estabelecendo-o. Ele o lê, o interpreta, o classifica] (Derrida 1995: 89). O trabalho de Bally e Sechehaye sobre o arquivo Saussure, a edição e a publicação do *CLG* determinaram as interpretações posteriores.⁷

3. Ausência e esquecimento

As circunstâncias que se apresentavam aos editores do *CLG* nasciam de uma dupla ausência: em primeiro lugar, da ausência do autor, Saussure, no caso; em segundo lugar, do estado incompleto dos documentos então disponíveis, o que não favorecia a prospecção de possível texto definitivo para um curso, nem de outros textos que Saussure teria, talvez, almejado.

A primeira ausência decreta a incapacidade, para o autor do documento, de desestabilizar a letra, no sentido de remanejar, intervir no texto, em virtude de sua autoridade de autor, como no caso das mudanças que ocorrem em um texto que passa da produção e da discussão do manuscrito ao percurso editorial.⁸ Bally e Sechehaye precisavam partir das anotações redigidas pelos alunos dos cursos para reconstruir uma representação da complexidade do discurso de Saussure.⁹

A segunda ausência, a dos documentos, dá as bases para as hipóteses interpretativas e de reconstrução; nesse sentido, para a reativação do traço.¹⁰ Se Saussure tivesse publicado ou legado tal texto, não teria sido necessário abrir esse capítulo sobre o arquivo.¹¹ As diferenças entre o texto publicado e os cursos serão, preferencialmente, objeto de pesquisas filológicas que levam em consideração o caráter específico do

⁷Segundo Engler 2003, será permanentemente necessário levar em consideração o período da gênese do *CLG* e a interpretação dada pelos editores da época para apreciar testemunhos confiáveis e menos distantes da fonte saussuriana (V. *Infra*).

⁸A ausência de Saussure durante a edição do *CLG* imprime uma diferença em relação à publicação de cursos ou conferências de autores ainda vivos. Essa particularidade se soma à diferença entre a publicação de um curso conforme o desenrolar das aulas e o trabalho editorial de Bally e Sechehaye, que não respeitou a sequência do curso e acabou por tomar uma forma editorial diferente do que seria a edição de um curso. Além do mais, é bem diferente trabalhar sobre documentos de arquivos de um autor ainda vivo do que no caso em que a ausência necessária ao arquivamento não é respeitada. Nesse caso, a pesquisa filológica encontra uma limitação em referência à última validação que o próprio autor poderia ter dado.

⁹A presença desse testemunho e sua explorabilidade certificam a ausência do autor enquanto texto na origem sem autor.

¹⁰A incompletude que aparentemente se apresentava aos editores e, assim, o caráter hipotético de seu trabalho, será confirmada pela história dos arquivos, que mostrará que havia, na realidade, anotações e projetos de textos de Linguística Geral de Saussure. Uma parte desses documentos foi objeto de pesquisas filológicas para Godel (1954, 1957) 40 anos mais tarde, quando da primeira doação dos manuscritos saussurianos à Biblioteca de Genebra [BGE]. Em seguida, um amplo projeto, *Da essência dupla da linguagem*, não será completado senão 80 anos mais tarde (doação 1996 à BGE).

¹¹Um caso diferente teria sido encontrar, nos documentos saussurianos, um plano de trabalho ou um índice de um texto a ser desenvolvido a partir das aulas dos cursos. Tal documento, sem o texto final correspondente, deveria ter sido considerado testemunho intermediário entre um texto destinado aos estudantes e um texto científico concebido para o desenvolvimento do debate. Um índice ou plano de trabalho encontrado nos papéis dos autores mostra, com frequência, alterações que podem ser incoerentes em relação ao texto definitivo. No âmbito dos manuscritos saussurianos, temos índices (p. ex. *CLG/E 3297*) mas, para estabelecer uma tipologia da relação índice-projeto de trabalho, para a realização concreta e a generalização de tal relação em todos os documentos saussurianos, teria sido necessário dispor de um texto definitivo, o que não se verifica.

público-alvo e a parte do comentário crítico. Para além de Saussure, é preciso considerar que, mesmo se um autor deixasse glosas explicativas em cada trecho de seu trabalho, a tarefa interpretativa não cessaria; os comentários, por sua vez, seriam submetidos a certa interpretação e abririam uma regressão ao infinito. A única maneira de deter o círculo interpretativo é a destruição dos documentos.

As duas ausências são duas formas de esquecimento.

Se «la dialectique de présence et d'absence au coeur de la représentation du passé, à quoi s'ajoute le sentiment de distance propre au souvenir» [a dialética de presença e de ausência está no centro da representação do passado, ao que se acrescenta o sentimento de distância próprio da lembrança] (Ricœur 2000: 538), o esquecimento intervém em profundidade no ponto mais crítico da relação entre presença, ausência, distância. Se, ainda, a ausência é determinada em relação a uma presença (virtual, real ou prometida e, nesse caso, comprometida com o futuro), o esquecimento poderá existir em relação à lembrança. Para haver esquecimento, postula-se algo a ser esquecido e de que se poderia recordar como lembrança: «C'est en effet dans ce trésor d'oubli que je puise quand me vient le plaisir de me souvenir de ce que j'ai une fois vu, entendu, éprouvé, appris, acquis» [É, de fato, ao tesouro do esquecimento que recorro quando me vem o prazer de me lembrar daquilo que uma vez vi, ouvi, experimentei, aprendi, adquiri] (Ricœur 2000: 541). Esquecimento que, para Ricœur, é um «oubli de réserve» [esquecimento de reserva], em que postulamos a presença da lembrança e indicamos a possível presença do objeto de nosso esquecimento. O esquecimento em relação à presença é conjugado no condicional; poderia existir um objeto do esquecimento que se desvendaria no momento da rememoração da lembrança mas, sem esquecimento, nada de rememoração.

Podemos ter, ainda, uma rememoração sem que tenha havido esquecimento, como no caso do falso reconhecimento (Bergson 1908; Virno 1999): o sujeito se lembra de ter vivido alguma coisa que, na verdade, nunca aconteceu. Paralelamente, pode ocorrer que presenciemos o sentimento de ter uma lembrança que nos escapa, de ter esquecido alguma coisa sem que de fato exista aquilo de que parecemos não nos lembrar, ou, ainda, sem que tenhamos vivido conscientemente alguma coisa e, logo, sem que tenhamos a possibilidade de construir uma lembrança, tampouco seu esquecimento. Tal sentimento de esquecimento não encontra fundamento na presença. É possível, assim, que exista um esquecimento sem que tenha havido um objeto, e que tenhamos a possibilidade de rememoração com base em um esquecimento sem lembrança (Freud 2004: 15). Um esquecimento desse tipo mantém a impressão da lembrança, preserva sua forma, sem conteúdo: o sentimento de uma falta, de uma perda que preenche uma forma vazia, o fantasma da presença. O esquecimento indica, assim, um lugar que ficou vazio, mas que carrega consigo, ao mesmo tempo, a marca da presença. Essa forma é feita acolher as possíveis presenças, sem que se consolide em uma correspondência biunívoca. Na perspectiva dos arquivos, deve-se pensar nessa forma de esquecimento, sem presença. O esquecimento de arquivo indica a forma de uma possível lembrança sem que tenha necessariamente existido um objeto da lembrança: um primeiro movimento, que se abre no condicional e se desenvolve no futuro. As ausências e os necessários esquecimentos que carregam em si mesmos a forma da presença são uma marca inicial permanente. Essa falta constante, essa distância, conferem a possibilidade de inscrever as diversas presenças: elas nos ajudam a encontrar o que buscamos, mas também criam a margem para o que não buscamos (Lupo 2012). Depois das primeiras ausências necessárias, quando se olha o arquivo desse ponto de vista diferencial, o jogo entre presença e esquecimento nos permite,

então, determinar as formas do arquivo. As ausências inaugurais, nessa epifania diferencial, ajudam-nos a não esquecer, a ter a possibilidade de lembrar o passado, mas também de saber o que esquecer e o que esquecemos.

4. Temporalidade dos arquivos

Os pares esquecimento-memória e ausência-presença, no âmbito dos arquivos, dizem respeito a uma temporalidade específica. Se os arquivos fossem feitos para reter o traço do passado e construir um depósito de informações utilizável ao bel-prazer, eles mostrariam uma representação desse passado e seriam uma ferramenta para descarregar nossa memória, como um caderno em que inscrevemos as coisas para não as esquecer. Mas a imagem da memória como depósito de dados, utilizados pelos arquivos para garantir o testemunho do passado na forma de compêndios de informações, poderia ser potencialmente ilimitada, nessa perspectiva cumulativa. Esse ponto de vista produz a miragem de um arquivo à semelhança de um reflexo, na perspectiva de tudo preservar, de tudo arquivar, até cogitar uma cristalização da realidade. Logo se apresentaria o problema da seleção das informações, dos documentos a conservar e da discriminação das informações úteis no momento ou no futuro: de que maneira arquivar, quando, sabidamente, arquivar é selecionar. Ademais, seríamos engolidos pela impossibilidade de tudo preservar e de tudo conseguir ler, utilizar; e, no que toca à memória, de lembrar-se de tudo e, ao mesmo tempo, da impossibilidade de se eximir dessa memória. Tornar-nos-íamos reféns da saturação, pela quantidade dos dados que nos cercam e pela impossibilidade de olhar para qualquer outro lugar, tendo sempre lembranças à mente. Em segundo lugar, se existe esse depósito sequencial de documentos, exterior a nós, e ao qual se confia uma memória pretensamente duplicadora da realidade, estamos então expostos à perda dessa memória.¹² Uma vez que se perdeu alguma coisa, não há possibilidade de encontrá-la, porque a estrutura de informações, cumulativa, considera ser uma função fundamental o fato de acumular, mais do que o fato de reunir os dados, as informações, quanto a elas, já encadeadas, estruturalmente.

Outra via consiste em pensar a temporalidade dos arquivos com o olhar apontado para o futuro. Essa temporalidade de arquivo não fala sobre o presente, nem mesmo sobre o passado; a função do arquivo reside no futuro. Preserva-se, classifica-se, para determinar o futuro: os arquivos servem para salvaguardar a possibilidade de um futuro. Nesse caso, o arquivo produz e está aberto a uma contínua possibilidade, como lugar para acolher os documentos que serão produzidos e que poderão ser inscritos no arquivo. Para tanto, é preciso que a perda já esteja inscrita na estru-

¹² «Le désir de garder est aussi inséparable du désir de détruire. C'est que garder, c'est perdre. Si pour garder la trace de ce qui se passe maintenant, je prends une note pour ne pas l'oublier, je l'inscris sur du papier, et je la mets dans ma poche. Si ça s'arrête là, ça veut dire que je perds, j'expose le papier à sa perte. Pour garder, il faut que j'expose à la perte. Cette exposition à la perte, c'est un geste double dont la dualité est irréductible. Vouloir garder en mémoire, c'est exposer à l'oubli. C'est ce que j'appelle "le mal d'archive." Il y a la souffrance liée à l'archive et le désir d'archive. C'est le désir d'archive qui traverse cette expérience de la destructibilité radicale de l'archive.» [O desejo de guardar é também inseparável do desejo de destruir: guardar é perder. Para manter o registro do que está acontecendo agora, para não esquecer, faço uma anotação, eu a inscrevo no papel e a coloco em meu bolso. Se a coisa para por aí, isso quer dizer que estou perdendo, que exponho o papel a sua perda. Para guardar, é necessário que eu exponha à perda. Essa exposição à perda é um gesto duplo cuja dualidade é irreduzível. Querer guardar na memória é expor-se ao esquecimento. É o que chamo 'mal de arquivo'. Existe o sofrimento ligado ao arquivo e o desejo de arquivo. É o desejo de arquivo que atravessa essa experiência da destrutibilidade radical do arquivo.] (Derrida 1998: 209).

tura do arquivo. Essa exposição originária significa que nos expomos à possibilidade de lembrar, de encontrar no tesouro do esquecimento. A exposição à perda se faz necessária para ativar a dinâmica da reconstrução, para o uso dos arquivos. Os arquivos, na verdade, adquirem interesse quando existe a possibilidade de serem usados. Para tanto, é necessário que haja esquecimento, forma vazia e ausência fértil. A faculdade do esquecimento, para utilizar e tornar vivos os arquivos, é compreendida no sentido nietzschiano (Nietzsche 1874[1976]), em que um esquecimento criador se revela faculdade necessária para uma vida feliz, quando, pelo contrário, a ausência de esquecimento nos impediria de viver e agir:

Un homme qui ne voudrait sentir les choses qu'historiquement serait pareil à celui qu'on forcerait à s'abstenir de sommeil ou à l'animal qui ne devrait vivre que de ruminer et de ruminer sans fin. Donc, il est possible de vivre presque sans souvenir et de vivre heureux, comme le démontre l'animal, mais il est encore impossible de vivre sans oublier. Ou plus simplement encore, il y a un degré d'insomnie, de rumination, de sens, historique qui nuit au vivant et qui finit par le détruire, qu'il s'agisse d'un homme, d'une peuple ou d'une civilisation (Nietzsche 1874[1976]: 207)¹³

Sem a possibilidade de esquecimento, não há lembrança, não há construções das leituras da história. Sem esquecimento de arquivo, não há criação nem arquivo: «L'archive a lieu au lieu de défaillance originaire et structurelle de la dite mémoire» [O arquivo acontece no lugar da fraqueza originária e estrutural da memória] (Derrida 1995: 25). O esquecimento e a ausência desencadeiam uma dinâmica no futuro, criadora: para que o arquivo seja mobilizado e passe a ser útil à vida – acrescentamos, à pesquisa – é necessário haver esquecimento e ausência.¹⁴

¹³“Um homem que desejasse sentir as coisas apenas historicamente seria idêntico àquele que seria forçado a se abster de sono ou ao animal condenado a viver de ruminar e de ruminar sem fim. É possível, então, viver quase sem lembranças e viver feliz, como demonstra o animal, mas ainda é impossível viver sem esquecimento; ou, de maneira mais simples ainda, há um grau de insônia, de ruminação, de sentido, histórico que é nocivo ao vivente e que acaba por destruí-lo, que se trate de um homem, de um povo ou de uma civilização.”

¹⁴O esquecimento como força criadora é também abordado por historiadores da linguística: «L'horizon

de rétrospection possède une contrainte qui n'affecte pas le territoire de l'historien : il est fini et l' "oubli" y possède une fonction créative» [O horizonte de retrospectiva possui uma exigência que não afeta o território do historiador: ele é finito e o 'esquecimento' possui, nele, uma função criativa] (Auroux 2006: 113). De modo geral, o 'horizonte de retrospectiva' (HR) é «l'ensemble des connaissances antérieures [o conjunto dos conhecimentos antecedentes] (Auroux 2006: 107; cf. Puech 2006; Puech e Raby 2011). O esquecimento não é tematizado de maneira explícita, mas se mostra, em parte, sob o hábito mundano da 'seleção das fontes', das ausências no HR selecionado pelos linguistas e pelos historiadores que desejam, a um só tempo, autorizar a si mesmos, com os discursos sobre a tradição e a continuidade em uma filiação; refletir sobre o próprio trabalho, em um discurso metahistórico. Tudo isso para que haja uma consciência disciplinar mais ou menos motivada, sincrônica e diacrônica, pudor necessário, ou não, para uns e outros. O emprego da história da Linguística na História da Linguística é um exemplo dessa presentificação do passado em virtude de uma tradição e de uma vontade de autorizar a si mesmo. Considerar o futuro, os horizontes de prospecção, se anuncia como trabalho a fazer: «Si l'histoire "fait voir" c'est en plusieurs sens de "voir", dont l'un semble comme explicité par la fameuse formule de Michelet selon laquelle "chaque époque rêve la suivante". Quels ont été les formes et enjeux des futurs projetés des sciences du langage ? Quels sont-ils aujourd'hui ?» [Se a história 'faz ver', ela o faz em vários sentidos de 'ver', em que um deles parece estando explicitado pela famosa fórmula de Michelet, segundo a qual 'cada época *sonha* a seguinte'. Quais foram as formas e as consequências dos *futuros projetados* das ciências da linguagem? Quais são elas hoje?] (Puech e Raby 2011: 13). Na mudança de regime dos objetos, na fundação de um arquivo e na existência desse último com a dinâmica que se estende para o futuro, é que se constitui a possibilidade do HR:

Se a temporalidade dos arquivos não serve ao passado, o *CLG* foi construído, então, para projetar no futuro a forma de Saussure e de seus primeiros intérpretes, os editores. O arquivo Saussure acolhe os textos futuros que se inscrevem no traço saussuriano, marcados pela impressão saussuriana. Sem o estabelecimento do arquivo Saussure, não haveria essa possibilidade: «Autant et plus qu'une chose du passé, avant elle, l'archive devrait mettre en cause la venue de l'avenir» [Tanto quanto e mais do que uma coisa do passado, antes disso, o arquivo deveria contestar a chegada do futuro] (Derrida 1995: 56). Uma história da linguística saussuriana será feita a partir de um movimento que se projeta em direção ao futuro, mais do que de uma tendência a recuperar o passado.

Em uma perspectiva tão ampla, determinada por uma prospecção contínua no futuro, um arquivo tem limites. Por um lado, em razão do fato de que os documentos ausentes, destruídos, perdidos não podem ser recuperados. Por outro lado, em razão do fato de que o esquecimento estabelece o ponto de partida para a exploração dos arquivos. O esquecimento, característica permanente do arquivo, constitui, por dentro, um dos limites do arquivo. Ao mesmo tempo, esses limites sempre precisam ser redesenhados; mesmo se há um número de arquivo, os documentos estão continuamente sujeitos a novas classificações quanto às ordens temáticas possíveis, aos remanejamentos conceituais e materiais, situação em que os primeiros têm impacto sobre os segundos e vice-versa. O arquivo está sempre exposto a novos esquecimentos.

5. Autorizar os intérpretes

Os arquivos autorizam os intérpretes e instauram o início das interpretações: quem tem acesso aos arquivos parece deter a verdade.

Tal privilégio está ligado à proximidade da fonte e ao acesso aos conhecimentos de que os intérpretes parecem dispor, por uma questão ligada a algo similar ao desenrolar espacial do conhecimento. Ademais, se a ausência e a impossibilidade que apartam o autor persistem, o acesso e a proximidade aos arquivos favorecem uma interpretação direta. A *Escola Genebrina de Linguística* (EGL) é um exemplo dessa autorização. Bally e Sechehaye, com efeito, fizeram história graças a sua postura arcôntica, detentores da letra saussuriana, os únicos que tinham acesso aos manuscritos saussurianos, os únicos em que a família depositava confiança e que Mme de Saussure consultava em questões de gestão da herança saussuriana. Para se investir do papel de arcontes, foi preciso afirmar tal direito (*cf. supra*). O *CLG*, desde sua publicação, estabeleceu uma tradição de apropriação do pensamento saussuriano, ou de invocar para si uma tradição de origem saussuriana. É nessa direção que irá a resenha do *CLG*, pelo mesmo Sechehaye, em 1917, e ainda Sechehaye, em 1927, quando ele falará em *Escola genebrina de Linguística*. Os genebrinos declararão sua prioridade na interpretação

aquilo que será citado, lido, dado a ler, tomado como modelo ou sobre o que não mais se falará. Se o estabelecimento do arquivo demanda, portanto, uma seleção das fontes e, logo, um HR é a criação do arquivo não-neutro, então a ordem dos objetos de arquivo é uma ordem de coisas diferente; ou, como acabamos de dizer, é a ausência do documento primeiro. O arquivo é o arquétipo dos possíveis horizontes retrospectivos. A constituição de um arquivo mostra uma possível prospecção para o HR. Ao mesmo tempo, faz-se a distinção entre historiadores e filólogos, cujo trabalho se mostra em duas direções temporais dessemelhantes, em que estabelecer a letra é o primeiro passo, dado em um terreno já tocado pelo arquivo, para então dar impulso ao discurso histórico. A constituição de um HR, no âmbito da constituição do arquivo saussuriano – pode-se dizer em todos os movimentos do pensamento que mobilizaram uma origem ligada à criação de um arquivo –, é um efeito rebote, um *après coup* que advém após o acontecimento de uma representação e da atualização do futuro. Não se trata mais de proporcionar para si uma história, mas de prometer que haverá uma história.

de certos princípios saussurianos (Bally, Frei, Sechehaye 1940, sobre a arbitrariedade do signo). Eles também a declararão após a pressão feita pela nova geração de linguistas que, por sua vez, buscava seu lugar no conjunto saussuriano, vide Henri Frei (1899-1980): «Je me demande, dans ces conditions, s'il ne serait pas d'actualité (et de nécessité : puisque nous formons une école nous devons nous défendre)» [Chego a me perguntar se, nessas condições, não seria oportuno (e necessário: uma vez que formamos uma escola, é necessário que nos defendamos)] (12 maio 1940, BGE Ms. Fr. 1999); e Serge Karcevski (1884-1955), que proporá encontros periódicos a partir de 1940, que levarão à constituição da *Société genevoise de linguistique* [*Sociedade genebrina de linguística*]. Após o falecimento de Sechehaye (1946) e Bally (1947), Frei e, em seguida, Godel, inaugurarão oficialmente a pesquisa em filologia saussuriana. Em seguida, Rudolf Engler (1930-2003) estabelecerá a edição crítica das fontes do *CLG*, que foi reconhecida como texto ao qual se deve fazer convergir todos os documentos de arquivos posteriores, inclusive o trabalho dos primeiros editores, vistos como privilegiados por sua proximidade à arkhê:

Je souligne et je soutiens toujours qu'il est indispensable de tenir compte de ce « Saussure de 1916 ». Il est à la mesure de l'époque 1916/57 – Saussure comme le voyaient ses proches ; une interprétation, certes, mais aussi fiable que certaines interprétations du « Saussure » chronologique (Engler 2003 : 18)¹⁵

Com a descoberta de novos manuscritos, em 1996, alguns pesquisadores reivindicaram o título de neossaussurianos, partindo da representação de um Saussure verdadeiro em oposição a um falso Saussure do *CLG*. Nesse mesmo caso, a grande guinada residia na proximidade e no acesso às fontes, mas, por ora, a corrente produziu poucas edições das fontes.

6. Consciência de arquivo

A atitude dos editores do *CLG* em relação ao arquivo é mais ampla do que uma consciência disciplinar própria às Ciências da Linguagem. Trata-se, sobretudo, de uma consciência de arquivo, de uma atitude dos pesquisadores em relação à função dos arquivos em virtude de sua temporalidade no futuro. A presença de tal consciência torna evidente a importância dos arquivos e a possibilidade de serem atribuídos os papéis de intérpretes. A consciência de arquivo reúne não apenas os desafios de uma disciplina, os estados sincrônicos e a diacronia, mas se aplica igualmente à produção concreta dos documentos para construir o arquivo e se projetar no futuro; além do mais, é uma consciência das possibilidades de leitura do arquivo, pelo próprio agente e pelos demais, que carrega uma consciência sobre a comunidade científica. Por fim, a consciência de arquivo leva em conta uma auto-reflexividade e um ponto de vista privilegiado do autor, que se mostra na direção de seus próprios documentos, diante de seu próprio arquivo vindouro em virtude do futuro de seus documentos. A consciência de arquivo, efetivamente, configura um momento em que o autor se observa como agente, em que leva em mente o fato de estar produzindo um arquivo. Essa consciência se desdobra em relação àquelas de possíveis leitores, arquivistas, intérpretes. Saber que sua própria escritura será arquivada implica em uma pré-seleção dos

¹⁵“Friso e sustento sempre que é indispensável levar em conta esse ‘Saussure de 1916.’ Ele tem as feições da época 1916/57 – Saussure como o viam seus próximos; uma interpretação, certamente, mas tão confiável quanto certas interpretações do ‘Saussure’ cronológico.”

materiais, uma triagem e uma classificação que entram em ação durante a redação, e também na etapa seguinte, quando o autor decide quais documentos manter ou jogar fora. Do ponto de vista do autor diante de seu próprio arquivo, a temporalidade se encontra no futuro do presente composto: 'eu terei sido' é exatamente a temporalidade daquele que, ao escrever, ao fazer sua pesquisa, constrói um arquivo que sobreviverá a ele, na perspectiva de ultrapassar a si mesmo, de deixar traços, índices para aqueles que virão depois dele, que lerão, não mais apesar dele, mas graças a ele. A consciência de arquivo inscreve o futuro do presente do uso do arquivo: «Rappelle-toi de te rappeler l'avenir» [Lembra-te de lembrar o futuro] (Derrida 1995: 121).

A Linguística embebida de Saussure foi fundada em um texto construído naquele espírito. Não se trata mais de autorizar seu próprio percurso através do emprego da história, mas de intervir na formação da história, de estar consciente do fazer da história, de que alguém lerá meus escritos que farão parte da história. A consciência de arquivo age sobre o trabalho do pesquisador e influencia sua prática de escrita da pesquisa. Ela carrega em primeiro plano o aspecto social da produção linguística, da escrita e da pesquisa. Saber que a presença do arquivo significará ser observado, ter consciência de fazer um gesto público de escrita, influencia a formação dos arquivos e revela, assim, o caráter social do arquivo. Pode-se pensar na prática da autocensura, da autolimitação, da seleção da escrita e da seleção da leitura dos arquivos – o que os autores nos darão a ler: «Un écrivain, c'est surtout quelqu'un qui écrit un testament: quoi qu'il écrive, c'est, comme chose publique, et survivante, de l'ordre testamentaire» [Um escritor é, acima de tudo, alguém que escreve um testamento: o que quer que ele escreva é, como coisa pública e sobrevivente, da ordem testamental] (Derrida 1998: 208). Mas a consciência de arquivo na escritura de um pesquisador gera uma diferença ulterior entre escritura pública, destinada a um público, e escritura de pesquisa, normalmente destinada à descoberta e ao trabalho pessoal intermediário entre a escritura e a publicação, e não à exposição de sua própria mesa de trabalho e, por fim, de si mesmo. Saber que os textos que serão escritos terão um caráter público implica em uma tomada de posição em relação a sua própria escritura. A presença do outro se torna, desse modo, constitutiva do arquivo: deixar um traço para que outros o sigam.

Dos linguistas de Genebra, Bally é o mais representativo dessa consciência de arquivo. Ele administrou sua herança documental e tentou modelar a representação de seu arquivo. Em seus manuscritos, podemos encontrar, por várias vezes, avisos inseridos pelo autor quanto à utilização de certas anotações para o caso de nova edição de um artigo ou de um volume – ele se dirige a si mesmo, mas também aos leitores de seus documentos (Chidichimo, no prelo). Nas anotações de aulas, encontramos a exata cronologia de seu emprego e de reutilização durante os diferentes anos letivos. Como sua consciência não se estende apenas às integrações, mas também às ausências intencionalmente produzidas, observamos, no caso, a destruição sistemática das provas utilizadas para a redação de suas publicações ou a reutilização do verso dos rascunhos dos volumes e artigos publicados. Prática de Bally que concerne também as provas do *CLG*, ou o rascunho de seu *Tratado* (Bally 1909), inclusive anotado por Saussure. Bally preservou somente seus próprios textos finais não publicados e certos rascunhos e anotações preparatórias para os cursos – precisando, entretanto: «Aucun de ces manuscrits ne doit faire l'objet d'une publication posthume» [Nenhum desses manuscritos deve ser objeto de publicação póstuma] (BGE Ms.fr.5019/12/c) – e eliminou de maneira sistemática os textos intermediários: destruí-los fica sendo equivalente a terminá-los, o que configura outra prática para manter o controle sobre o arquivo e sobre o futuro.

7. O arquivo no futuro

[] the legend was developing that his lack of publication was proof of a conception of language so powerful that it had to left to others to realise. [] Besides his own perfectionism, he now had the legendary ideals imposed on him by others to fall short of (Joseph 2012: 472)¹⁶

A *Escola Genebrina de Linguística* é o caso por antonomásia que permite ver como a consciência de arquivo determina o comportamento dos pesquisadores e expõe a temporalidade dos arquivos.

O movimento filológico e de arquivo que produzirá os arquivos de Saussure tinha começado com uma tendência para o futuro, um desejo de arquivo, de finalizar Saussure ainda em vida. Bally já havia assumido o papel de difusor e intérprete do verbo saussuriano, se considerarmos o período em que viveu em Paris, entre 1903 e 1904, quando esteve em contato com o ambiente da linguística parisiense. Esse trabalho continuou em 1908, com as celebrações para as *Mélanges Saussure*, que representam grande trabalho de arquivamento, fixação, catalogação do hipotético Saussure e que encontrou a consagração no *CLG*, em 1916, passando pelo falecimento de Saussure. Mas se o espaço saussuriano produzido pelos intérpretes passava essencialmente pela Linguística Geral, mais do que pelas publicações indo-europeístas, a ideia de uma teoria geral de Saussure já estava presente. Os textos de Saussure dedicados à Linguística Geral são aguardados pelos alunos e pelos colegas. O terreno já estava preparado por sinais vários, dos quais esboçamos ampla categorização, no âmbito restrito deste artigo, categorização essa que não transmite a rede de traços, relações e de difusão das informações da época:

- a) as publicações de Saussure em vida;
- b) suas participações em encontros científicos (SLP p. ex.) e no *Colóquio dos orientistas*, de 1894, em Genebra;
- c) os cursos parisienses aos quais se refere Meillet em sua resenha do *CLG* [mais precisamente, consideramos o de gótico, 1185-6, Joseph 2010]; os primeiros cursos em Genebra, novembro 1891, em que estão presentes certos conceitos gerais sobre as línguas e a linguagem, retomados também nos jornais, *Le Genevois* e *Le Journal de Genève* (*CLG/E*, Chidichimo 2010 e Secheyhay 2010), que incrementam a parcela dos testemunhos; os cursos genebrinos 1891-1913;
- d) em um segundo grau, encontramos os traços nos textos de terceiros, p. ex. a noção saussuriana de semiologia utilizada por Adrien Naville (1845-1930) (Naville 1901) cuja paternidade o autor credita a Saussure; ou, ainda, as referências à teoria do signo de Saussure na tese de Henri Odier (1873-1938) (Odier 1905);
- e) existem os traços da correspondência científica; nesse sentido, da difusão de suas ideias e intenções de pesquisa sobre os conceitos gerais e sobre a metodologia de pesquisa, em Paris, graças às trocas com Gaston Paris em 1891 (Décimo 1994) e Meillet em 1894 (Benveniste 1964), como também a carta a Secheyhay em 1893 (Marchese 2007), em que a questão é, sempre, sincronia e diacronia;
- f) o papel dos alunos e do ambiente. Em primeiro lugar, como acabamos de afirmar, Bally e sua passagem por Paris:

¹⁶[...] Crescia a lenda de que o fato de publicar pouco era a prova de uma concepção tão poderosa sobre a linguagem que caberia a outros percebê-lo. Além de seu próprio perfeccionismo, ele agora corria o risco de não atingir os ideais lendários que lhe impunham." [Trad. de Edgard Bikelis]

Une question avant de terminer. Vous qui êtes un peu dans le secret, ne pourriez-vous me dire si de Saussure publiera bientôt quelques-uns des grandes ouvrages qu'il avait, je crois en préparation. Quand je vois quelle vénération on a pour lui ici, et comme sont accueillis les moindres bribes qui portent son nom, il me semble extrêmement regrettable qu'il se soit pour ainsi dire retiré sous la tente (Juvet à Bally, BGE, Ms.fr. 5002, f.404v.,29 décembre 1905).¹⁷

Também na Suíça, de onde Bally envia as anotações dos cursos de Saussure ministrados em 1904 a Max Niedermann (1874-1954); e Léopold Gautier (1894-1971) que, em Göttingen, escrevia a Bally: «On est impatient à Göttingen de voir les *Mélanges*. [...] J'étais fier, en tant que Genevois, d'entendre comment des gens compétents s'exprimaient sur le compte de M. de S.» [Estamos ansiosos em Göttingen para ver as *Mélanges*. [...] Sentia-me orgulhoso, como genebrino, de ouvir como pessoas competentes se exprimiam a respeito do Sr. de S.] (BGE Ms.fr.5002, f.140, 19 de julho de 1908). E ainda contatos outros em Genebra como, p. ex., Lucien Gautier (1850-1924), a quem Saussure relatou parte de suas pesquisas (ele escreverá aos editores do *CLG* após a publicação) (BGE Ms. Fr. 5002, f.159-164);

g) as conversas privadas com alunos como Albert Riedlinger (1883-1978) e Léopold Gautier, que estão a par da presença de pesquisas que Saussure jamais publicará;

h) as notas sobre a atividade de Saussure, talvez mesmo as publicações nos jornais, sobre as publicações de divulgação da Universidade.

Esses poucos traços já indicam que a comunidade científica dos linguistas estava pronta para aceitar o *CLG*, a lê-lo, a discuti-lo, a utilizá-lo e a discuti-lo uma vez mais, até o futuro. Era preciso tão somente esperar a ausência do autor.

8. A paixão dos arquivos

Apresentei sugestões para pensar o arquivo de outra maneira, para mobilizá-lo em virtude de sua função ligada à pesquisa, consagrada à ação. O arquivo mobilizado para o futuro não se revela pelo lado previsível, pelo horizonte de sentido que esperamos. Em um arquivo, existe o que não esperamos: a ausência, a falta, a imperfeição, a aproximação, o cúmulo sinônimo. O arquivo perfeito, que, aliás, não existe, é um arquivo feito de ausências. É inútil prosseguir com esse ponto e procurar essa ausência perfeita que corresponderia ao silêncio. É preciso, então, considerar a realidade normativa dos arquivos como sendo feita de saturações e de vazios.

Arquivos consultados

Papiers Charles Bally. Manuscrit français 5002, 5019/12/c, 5146, 5148/4. Bibliothèque de Genève (BGE).

Société Genevoise de Linguistique. Manuscrits français 1999. Bibliothèque de Genève (BGE).

Archives Littéraires Suisses. Fonds Georges Redard. Bibliothèque nationale. Berne.

¹⁷“Uma questão antes de terminar. O senhor, que está mais informado, poderia me dizer se de Saussure publicará em breve algumas das grandes obras que estavam, acredito, em preparação. Quando vejo a vénération que se tem por ele por aqui, e como são acolhidos os mínimos fragmentos que carregam seu nome, parece-me extremamente lamentável que ele tenha, por assim dizer, se retirado do mundo.”

Referências

- AUROUX, Sylvain. 1986. "Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. Les horizons de rétrospection". *Archives et documents de la SHESL* 7: 1-26.
- AUROUX, Sylvain. 2006. "Les modes d'historicisation". *Histoire Épistémologie Langage* 28.1: 105-116.
- AUROUX, Sylvain & COLOMBAT, Bernard. 1999. "L'horizon de rétrospection des grammairiens de l'Encyclopédie". *Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie* 27: 111-152.
- BALLY, Charles. 1908. "Maîtres et disciples". *Journal de Genève*, 18 juillet, p. 2.
- BALLY, Charles (éd.) 1908. *Mélanges de linguistique offerts à Ferdinand de Saussure*. Paris: Champion.
- BALLY, Charles. 1909. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck.
- BALLY, Charles. 1913. "Ferdinand de Saussure". *La Semaine littéraire*, 1^{er} mars.
- BALLY, Charles, FREI, Henri e SECHEHAYE, Albert. 1940. "Pour l'arbitraire du signe". *Acta Linguistica* II: 165-169.
- BENVENISTE, É. 1964. "Lettres de F. de Saussure à Antoine Meillet (1894-1911)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 21: 89-130.
- BERGSON, Henri. 1908. "Le souvenir du présent et la fausse reconnaissance" In: *Bergson Henri, L'énergie spirituelle*. Geneva: Albert Skira, p. 105-144.
- BERT, Jean-François. 2014. "Qu'est-ce qu'une archive de chercheur ?" *Open Edition Press*.
- CHIDICHIMO, Alessandro. 2010. "Les premières leçons de Saussure à Genève, 1891: textes, témoins, manuscrits". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62: 257-276.
- CHIDICHIMO, Alessandro. "Les recueils d'opuscules de Charles Bally [no prelo]".
- CHISS, Jean-Louis, PUECH, Christian. 1994. "F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la Linguistique". *Langage* 114: 41-53.
- CHISS, Jean-Louis & PUECH, Christian. 1997. *Fondations de la linguistique : études d'histoire et d'épistémologie*. 2^a ed. Duculot: Louvain-la-Neuve.
- COLOMBAT, Bernard, FOURNIER, Jean-Marie & PUECH, Christian. 2010. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck.
- DECIMO, Marc. 1994. "Saussure à Paris (lettres à Gaston Paris et à Paul Boyer, 1888-1908)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 48: 75-90.
- DERRIDA, Jacques. 1998. "Archive et brouillon". In: Contat, M. e Ferrer, D. (éds.). *Pourquoi la critique génétique ?* Paris: CNRS, p. 189-209.
- DERRIDA, Jacques. 1995. *Mal d'archive: une impression freudienne*. Paris: Galilée.

- ENGLER, Rudolf. 2003. "Polyphonie". In: *Saussure. Cahiers de l'Herne*. Paris: Éditions de l'Herne, p. 16-19.
- FEHR, Johannes. 1997. "Linguistik und semiologie Notizen aus dem Nachlaß. Texte, Briefe und Dokumente Gesammelt, übersetzt und eingeleitet". Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- FREUD, Sigmund. 2004. "Remémoration, répétition et perlaboration". *Libres cahiers pour la psychanalyse* 1. 9: 13-22.
- GODEL, Robert. 1954. (ed.). "Notes inédites de F. de Saussure (par R. Godel)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 12: 49-61.
- GODEL, Robert. 1957. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Geneva: Droz.
- JOSEPH, John. E. 2010. "Saussure's notes of 1881-1885 on Inner Speech, Linguistic Signs and Language Change". *Historiographia Linguistica* 37. 1/2: 105-132.
- JOSEPH, John. E. 2012. *Saussure*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- LUPU, Luca. 2012. *Filosofia della Serendipity*. Napoli: Guida.
- MARCHESE, Maria Pia. 2007. "Saussure: note di biografia e teoria linguistica in carte inedite del 1893 (Arch.De Saussure 377/8 e 13)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 60: 217-235.
- MEILLET, Antoine. 1916. "C. r. de F. de Saussure, Cours de linguistique générale". *Bulletin de la Société de linguistique de Paris* 20: 32-36.
- NAVILLE, Adrien. 1901. *La classification des sciences*. Paris: Alcan.
- NIETZSCHE, Friedrich. 1874[1976]. *Considérations inactuelles I et II*. Aubier. Paris: Éditions Montaigne.
- NIETZSCHE, Friedrich. 1887 [1971]. *La généalogie de la morale*. Paris: L'Harmattan.
- ODIER, Henri. 1905. *Essai d'analyse psychologique du mécanisme du langage dans la compréhension*. Berne.
- PUECH, Christian. 2006. "Présentation. Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection". *Histoire Épistémologie Langage* 28.1: 9-24.
- PUECH, Christian, RABY, Valérie. 2011. "Formes et enjeux de la rétrospection. (Présentation)". *Histoire Épistémologie Langage* 27. 2: 5-14.
- RICOEUR, Paul. 2000. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil.
- ROTH-LOCHNER, Barbara. 2005. "Les archives littéraires sont-elles des archives comme les autres ?" "Documents" de l'Association pour le patrimoine naturel et culturel du canton de Vaud. 7 outubro, p. 7-12.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1922[1916]. *Cours de linguistique générale*. [CLG]. Lausanne/Paris: Payot.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1967/74. *Cours de linguistique générale*, ed. crítica de R. Engler. [CLG/E]. Wiesbaden: Harrasowitz.

- SAUSSURE, Ferdinand de. 1978. *Cours de linguistique générale*, ed. T. de Mauro. [CLG/D]. Lausana/Paris: Payot
- SECHEHAYE, Albert. C. 1917. “Les problèmes de la langue à la lumière d’une théorie nouvelle”. *Revue philosophique* 84: 1-30.
- SECHEHAYE, Albert. C. 1927. “L’École genevoise de linguistique générale”. *Indogermanische Forschungen* 44.
- SECHEHAYE, Albert. C. 2010. “Cours de phonétique du grec et du latin, 1891-1892, professé par Monsieur Ferdinand de Saussure,” ed. por A. Chidichimo. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62: 277-285.
- SOFIA, Estanislao. 2013. “Cent ans de philologie saussurienne. Lettres échangées par Albert Sechehaye et Charles Bally en vue de l’édition du Cours de linguistique générale (1916)”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 66: 181-197.
- SOFIA, Estanislao. 2015. *La «collation Sechehaye» du ‘Cours de linguistique générale’ de Ferdinand de Saussure*. Lovaina: Peeters.
- VIRNO, Paolo. 1999. *Le souvenir du présent Essai sur le temps historique*. Paris: Éditions de l’Éclat.
- YERUSHALMI, Yosef H. 1988. “Réflexions sur l’oubli”. In: *Usages de l’oubli*. Paris: Éditions du Seuil, p. 8-21.

Nine Easy Pieces: Os Manuscritos de Ferdinand de Saussure em Harvard¹

Giuseppe d'Ottavi
(*ENS-Paris*)

Resumo

O objetivo deste artigo é oferecer uma apresentação analítica e coerente do fundo bibliográfico saussuriano conservado em Harvard (Houghton Library bMS Fr 266), a fim de proporcionar uma descrição exaustiva e também um instrumento de referência para sua futura exploração crítica. Frequentemente citado, mas acessível de maneira desigual, o fundo é conhecido de maneira ainda impressionista. A intenção é expor a variedade e a importância dos documentos que encerra, com o auxílio de uma metodologia crítica bem informada e da bibliografia mais recente. Propomo-nos, também, a dar conta do conteúdo e do estatuto de cada um dos 9 dossiês de que o fundo se compõe: sua consistência material, assim como seu lugar, seu prolongamento, sua aptidão genética diante da obra (publicada ou não) de Ferdinand de Saussure. Um ou outro caso exemplar foi examinado, no intuito de favorecer a discussão sobre os meios de valorizar o material manuscrito e de contribuir, assim, à modelização de estratégias de edição e de publicação apropriadas aos fundos e aos arquivos dos manuscritos de linguistas.

Abstract

The aim of this article is to provide an analytical and coherent presentation of the Harvard-based Saussurian bibliographic fund (Houghton Library bMS Fr 266), in order to offer an exhaustive description of it and also a reference tool for its future critical exploration. Often quoted, but unequally accessible, the fund is known in an impressionistic way. The intention is to expose the variety and importance of the documents it contains, with the aid of a well-informed critical methodology and the most recent bibliography. We also propose to give an account of the content and status of each of the 9 dossiers which compose the fund: its material consistency, its place, its extension, its genetic aptitude in relation to the work (published or not) of Ferdinand de Saussure. One or another exemplary case was examined in order to favor discussion on the means of valuing manuscript material and, thus, to contribute to the modeling of editing and publishing strategies appropriate to linguists' manuscripts funds and archives.

¹Tradução de Lygia Testa-Torelli do original francês «Nine Easy Pieces. Les manuscrits de Ferdinand de Saussure à Harvard.» In: *Archives et manuscrits de linguistes: observations et états des lieux*, ed. por Valentina Chepiga et Estanislao Sofia. Louvain-la-Neuve: Academia, 2014, p. 99-132. As expressões e citações em francês foram traduzidas por LT-T; as em alemão, latim, grego e sânscrito foram traduzidas por Edgard Bikelis.

1. O fundo bibliográfico

Desde 1968, a Biblioteca Houghton, uma das bibliotecas da Universidade de Harvard (Cambridge, Mass.), abriga um fundo de documentos de Ferdinand de Saussure (1857-1913), autógrafos, na maior parte.²

Classificado sob o número de chamada bMS Fr 266 ('Ferdinand de Saussure linguistic Papers'), o fundo se compõe de 638 folhetos (de 995 páginas, ao todo), organizados em nove dossiês de diferentes volumes, reunidos em uma só caixa, de tonalidade escura, de 40 x 30 x 10cm (vide *Figura 1*). Os suportes materiais são muito variados: cadernos, fichas, envelopes, cartas e folhas soltas de formatos e gramaturas diversos. Em relação ao corpus saussuriano autógrafo, tal como hoje o conhecemos, a incidência quantitativa dos manuscritos harvardianos representa 5% do total. O cálculo aproximado é incerto, dado que aguardamos triagem e descrição adequadas do material em poder da Biblioteca de Genebra (BGE) e – mais ainda – supomos a existência de outros filões.³



Figura 11.1: Caixa de papelão contendo os manuscritos de Ferdinand de Saussure conservados na Houghton Library da Universidade de Harvard

Foi Roman Jakobson (1896-1982) – na época professor em Harvard – que anunciou, pela primeira vez, o aparecimento de um conjunto consideravelmente importante de manuscritos saussurianos do outro lado do Atlântico.⁴ Jakobson declarou que a Biblioteca Houghton teria sido, genericamente, 'agraciada' com a coleção pelos filhos de Ferdinand – Jacques (1892-1969) e Raymond (1894-1971) de Saussure – ao passo que, em outra ocasião, ele falou explicitamente em 'doação'.⁵ A nota oficial

²Gostaria de agradecer à Sra. Maria Pia Marchese, por seu apoio decisivo e por sua notória amabilidade. À generosidade dos editores deste volume [*cf.* nota de rodapé 1], e ao Sr. Estanislaw Sofia, cujas anotações feitas na Biblioteca Houghton, em março de 2011, me foram proveitosas, expresse meus agradecimentos. Este trabalho contou com suporte financeiro, concedido sob forma de bolsa pós-doutoral, da Comissão Europeia, do Fundo Social Europeu e da região da Calábria (POR-FSE 2007/2013), para uma pesquisa sobre os manuscritos saussurianos.

³A BGE conserva, aproximadamente, 7000 folhetos do punho de Saussure, sob os números de chamada Ms. fr. 3951-3974/a e, aproximadamente, 5000 folhetos nos *Arquivos de Saussure* 366-388. A presença de documentos saussurianos nos arquivos da Universidade de Genebra foi apontada por Chidichimo (2009). Estima-se que existam, ainda, entre um e dois milhares de páginas autógrafas de Saussure (correspondência e anotações dos/para os cursos) dispersadas em arquivos, públicos ou privados (Gambarara 2009).

⁴Jakobson (1969). Novo avanço devido – ao que tudo indica – a um período em Genebra (Davis 1990: 26).

⁵(Jakobson 1969: 5). Uma separata deste artigo se encontra no interior da caixa escura: na primeira linha ("Raymond and Jacques de Saussure generously endowed the Houghton Library of Harvard Uni-

da Biblioteca qualificou a natureza dessa transação como ‘compra’, que teria sido efetuada pelos *Amigos do fundo bibliográfico do Harvard College*,⁶ e assinalou até mesmo o montante da transação: 2000 dólares.⁷

Joseph (2012: 639-640) relatou que o primeiro encontro entre Jakobson e Jacques e Raymond de Saussure teria acontecido no final de agosto de 1931, no Castelo de Vufflens (herança da família materna), na ocasião de uma recepção oferecida pela Senhora Ferdinand de Saussure,⁸ que reuniu uma delegação de participantes do segundo Congresso Internacional dos Linguistas, sediado, na época, em Genebra. Nos anos seguintes, Jakobson viria a fazer amizade com Raymond, quando da estada deste em Nova Iorque, durante os anos 40, até seu retorno a Genebra, em 1952, e ainda por muito tempo depois.

Antes de 15 de fevereiro de 1968 (data de registro do maço de manuscritos pela administração da Biblioteca Houghton), dispúnhamos apenas de vagas notas a propósito da existência de alguns desses papéis, enquanto que, a maior parte deles, era completamente ignorada. A classificação atual do fundo – o primeiro e único conhecido – é obra de Roman Jakobson,⁹ ainda que seja provável que ela não se distancie muito de uma subdivisão original. Regra geral, com efeito, essa classificação reflete uma cronologia e uma coerência temática do conteúdo a tal ponto – segundo a hipótese de Marchese (1990: 62; 1995: VII-VIII) – que poderia ser o caso de uma classificação preparada pelo próprio Saussure, ao menos no que toca às primeiras pastas, com o objetivo de ordenar os documentos de juventude, ou seja, logo depois de sua partida de Paris (1891).

Depois do anúncio de Jakobson (1969), e das notas esparsas de Davis (1978; 1990; 1992), uma primeira apresentação homogênea do fundo foi feita por Marchese (1990), apresentação revista e substituída por notas introdutórias a sua edição de uma das pastas harvardianas (Marchese 1995: VII-XI; ver § 2.2). O ‘Guia’ da Biblioteca Houghton oferece um ponto de partida oficial para a exploração do material,¹⁰ ao mesmo tempo em que a via maior de acesso aos manuscritos saussurianos de Harvard é, ainda hoje, a edição antológica publicada no início dos anos 1990 por Parret (1993). Parret visitou a Biblioteca Houghton pela primeira vez durante o verão de 1971 e, em seguida, com certa frequência, até o ano de 1992: foi essa última visita que propiciou a descrição material e as transcrições que se encontram em sua edição.¹¹ O conjunto

versity with a collection of their father’s manuscripts,” *ibid.* [Raymond e Jacques de Saussure conferiram generosamente à Biblioteca Houghton da Universidade de Harvard uma coleção dos manuscritos de seu pai], a palavra *endowed* [conferiram] foi riscada com traço de tinta preta e substituída por *sold* [venderam]. Uma remissão à parte inferior da página acrescenta uma precisão: *Friends of the HCL [Harvard College Library] Fund.*

⁶67M-148. Purchased by the Friends of the Harvard College Library from Dr. Raymond de Saussure [Comprado do Dr. Raymond de Saussure pelos Amigos da Biblioteca da Universidade de Harvard]. Tertasse 2, 1204 Geneva, Switzerland; received 1968”; Parret (1993: 179) comenta a anotação.

⁷Preço médio de um Volkswagen [Fusquinha] *full options* em 1968; aproximadamente, \$13000 dólares hoje. Somos levados a considerar o preço como pouco mais que simbólico. No verso da etiqueta de ‘compra’, podemos entrever uma simples doação, que visou a facilitar a transferência, sendo a ‘compra’ um dispositivo administrativo mais simples – e mais barato – do que a verdadeira doação.

⁸Marie Eugénie Faesch (1867-1950), casada em 1892.

⁹Parret (1993: 179). Boyd H. Davis se encarregou da redação da primeira nota do catálogo, bem como, muito provavelmente, do trabalho de foliotagem, concluído durante os anos 1980; uma numeração a lápis é ainda visível na parte baixa, à esquerda, em alguns folhetos (ver Davis 1990: 29; 1992: 345).

¹⁰Disponível no endereço eletrônico <http://oasis.lib.harvard.edu/oasis/deliver/hou00336> (última atualização em 9/2/2009). No decorrer do artigo, faremos referência, salvo menção explícita, à numeração dos folhetos tal como apresentada pelo catálogo.

¹¹Parret (1995-1996: 85). A edição italiana (Parret 1994) – que reúne Parret (1995-1996) e Parret (1993) – é a única versão em língua estrangeira. Além da publicação de trechos, Parret se dedicou aos mss.

dessas fontes indiretas transmite informações que nem sempre são coerentes ou concordam umas com as outras.

Dos nove dossiês que compõem o fundo harvardiano, apenas os de números 2 e 8 foram publicados em sua integralidade, os demais permanecem amplamente inéditos.¹²

2. Os dossiês publicados

2.1 Dossiê 2: *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines* (1874) [*Ensaio para reduzir as palavras do grego, do latim e do alemão a um pequeno número de raízes*]

O dossiê 2 é constituído por uma cópia autógrafo do *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines* [*Ensaio para reduzir as palavras do grego, do latim e do alemão a um pequeno número de raízes*], redigido por Saussure durante o verão de 1874, aos 16 anos e oito meses.¹³ A edição integral do texto foi publicada em 1978 por Boyd H. Davis. Trata-se da primeira empreitada linguística de Saussure de que temos testemunho direto, e do mais antigo dos manuscritos harvardianos. Do ponto de vista material, o dossiê se compõe de nove folhetos duplos dobrados em dois, mais três folhas simples, que resultam em quarenta e duas páginas numeradas (a última delas branca) e reunidas em um envelope feito a partir de um folheto publicitário.¹⁴ É sobre esse envelope que lemos as palavras ‘Senhor Henri de Saussure’¹⁵, tachadas por um traço a lápis azul e sobrepostas por ‘Monografia composta por Ferdinand aos 17 anos’, escritas com o mesmo lápis (‘17 anos’ é, por duas vezes, sublinhado a tinta azul). A escritura, caligrafada, está inscrita em disposição muito regular, em que o traço se encontra quase que completamente desprovido de rasuras ou correções.

Antes do anúncio de Jakobson (1969), o *Ensaio* era conhecido apenas através das lembranças que Saussure confiava a seu relato autobiográfico, redigido no verão de 1903 (em que o trabalho é qualificado de «enfantillage» [criancice]¹⁶) e, pela alusão de Charles Bally (1865-1947) que, na ocasião da lição de abertura de seu curso de Linguística Geral na Universidade de Genebra (27 de outubro de 1913), o evocou como testemunho de um «tempérament scientifique armé déjà de toutes pièces» [temperamento científico completamente pronto], e dele citou uma passagem.¹⁷

harvardianos em diversas ocasiões, dando interpretações originais que entremeiam pedaços de textos extraídos principalmente dos dossiês 6 e 8 (1995; 1995-1996; 2003). Em anexo, apresentamos as referências aos trechos da edição Parret (1993), ordenados de acordo com a catalogação dos manuscritos.

¹² A Biblioteca Houghton abriga, ainda, a célebre carta sobre os anagramas, datada de 12 de novembro de 1906 e endereçada de Saussure a Antoine Meillet (1 folheto, 4 páginas, número de chamada ‘Autograph File, S’, s.v. Saussure). Ausente no primeiro legado recolhido por Benveniste (1964), ela foi encontrada por acaso pela Sra. Antoine Meillet e entregue a Jakobson, que cuidou de sua publicação (1971).

¹³ A datação do *Ensaio* – por muito tempo prejudicada, pela menção que o próprio Saussure dele faz (*Souvenir* 17) – foi restituída por Joseph (2007: 155-160).

¹⁴ «H. Georg – Librairie de l’Université de Genève»; o impresso menciona o catálogo da Livraria (ou uma prova do catálogo) para o ano de 1877.

¹⁵ 1829-1905, pai de Ferdinand.

¹⁶ *Souvenirs* 17.

¹⁷ Bally (1913: 6). A passagem citada por Bally («Pourquoi met-on en grec un esprit rude sur le ρ quand cette consonne commence le mot ? Ne serait-ce pas un souvenir réminiscence de la première partie du mot qui est tombée ?») [Por que se coloca, em grego, um espírito rude sobre o ρ, quando essa consoante

Inspirado pela leitura de *Origines indo-européennes* (1859) [*Origens indoeuropeias* (1859)], o trabalho foi endereçado ao seu autor, Adolphe Pictet (1799-1875), figura singular de erudito, filósofo, historiador, especialista em balística e vizinho de verão dos Saussure entre Malagny e Genthod, à beira do lago Léman, primeiro profeta dos estudos linguísticos para o jovem Ferdinand.¹⁸ Transcrições de uma versão da carta, de Saussure, que acompanha o envio a Pictet (17 de agosto [1874]) são apresentadas por Candau (1974-1975: 8-10) e Mejía-Quijano (2008: 133-134).¹⁹

Após o pequeno resumo de Jakobson (1969: 5-6), o *Essai* foi objeto de uma primeira apresentação por Candau (1974-1975). Seu enquadramento no horizonte da concepção saussuriana da reconstrução em diacronia é dado por [Reichler-]Béguelin (1990) e Joseph (2012: 152-158) dele oferece uma leitura completa.

2.2 Dossiê 8: *Fonética* (1881-1884)

O dossiê 8 foi o que mais chamou a atenção de Jakobson em sua primeira apresentação do fundo harvardiano: encontramos, particularmente, a noção e as implicações da ideia de ‘fonema’ (à qual Jakobson atribui uma coerência que, nem sempre, é restituída pelo texto), que estimularam suas numerosas observações e que fizeram com que ele expressasse o desejo de publicá-lo “completely and carefully” [completa e cuidadosamente] (Jakobson 1969: 8). Sugerida a partir de uma nota de Rudolf Engler (1930-2002), que anunciou o lançamento de uma edição baseada na transcrição diplomática empreendida por Davis,²⁰ antecipada em Marchese (1990),²¹ o texto integral do dossiê 8 foi finalmente publicado, sob os cuidados da própria Marchese, em 1995.

O dossiê manuscrito se compõe de cinco seções que a catalogação fez corresponder a cinco cadernos em formato grande, em um total de 153 folhetos para 177 páginas (os cadernos são formados, com efeito, por folhetos duplos dobrados em dois, empilhados uns sobre os outros, reunidos por cinco largas pastas claras). A edição Marchese (1995) – cujas páginas introdutórias guardam uma descrição material, assim como uma história da formação, uma tentativa de datação e um comentário do manuscrito – segue a mesma subdivisão.

Sobre um pequeno papel quadrado quadriculado, colocado na abertura da primeira seção, lê-se ‘Fonética’, escrito a tinta preta. Apesar de as cinco primeiras seções não apresentarem os traços de uma ordem sequencial precisa, seu conjunto é relativamente unitário: o formato das folhas e a escritura são bastante homogêneos e a disposição do texto segue critérios recorrentes. No interior de cada seção, a relação entre o total das páginas e as páginas escritas é bem variável: a densidade é mínima nas seções 2 (a segunda metade está em branco) e 5 (26 páginas em branco de um

inicia a palavra? Acaso seria isso uma lembrança reminiscência da primeira parte da palavra, que se foi?] corresponde à anotação na parte inferior da p.8 do manuscrito (=Davis 1978: 80).

¹⁸ *Souvenirs* 16-17. Saussure será o autor de três artigos em forma de resenha, publicados no *Journal de Genève* (17, 19, 25 de abril de 1878 = *Recueil*: 301-402), na ocasião da publicação da segunda edição de *Origines indoeuropéennes* (1877).

¹⁹ BGE, Ms. Fr. 4228, f. 57. Pictet respondeu em 20 de agosto com uma carta de conteúdo desencorajador. (*AdS*369/4, f. 14v); cf. *Souvenirs* 17.

²⁰ Ver, também, Béguelin (2003: 154-159).

²¹ Engler (1988: 269-270). A nota abrange um exemplar do dispositivo editorial, expressamente concebido – por Engler e André-Jean Pétroff (1931-2004) – para essa empreitada, no final, malograda: o texto é apresentado em duas colunas, à esquerda, a transcrição de Davis; à direita, uma conjectura de redação final; o exemplo dado corresponde às primeiras linhas da primeira página da seção 1 (“Chap. I. § 1”, Engler 1988: 270; Marchese 1995: 1).

total de mais de 60), e máxima nas seções 1 e 3 (em que, praticamente, todas as páginas contêm escritos). A progressão do texto segue, habitualmente, a página ímpar, a página esquerda apresenta um traçado menos apurado, ou feito em sentidos diferentes, (quando não está em branco, é nela que encontramos, mais do que em outras partes, as unidades textuais dispostas transversalmente, acréscimos claramente mais apressados, listas, anotações ou comentários). As porções de texto traçadas sobre as páginas invertidas são numerosas.²² Em relação aos outros conjuntos harvardianos, o traço que caracteriza o leiaute dessas folhas – no mais das vezes regular, aliás – é a presença de numerosos esquemas e diagramas (alguns deles se encontram reproduzidos no final de Marchese 1995). Ainda que a textualização se destaque pela ausência substancial de uma exposição coesiva ou suficientemente coerente – e ainda que não possamos localizar senão vários centros temáticos diferentes²³ – notamos, às vezes, uma subdivisão do texto em ‘Capítulos’ ou parágrafos:²⁴ o f. 8 da primeira seção chega a mostrar uma tabela que parece verdadeiro sumário (mas que, por outro lado, se reflete muito vagamente no conjunto do texto, seja na seção atinente, seja no dossiê por inteiro). A partir dessa base, fomos levados a conjecturar a unidade geral do dossiê em nível de projeto, assim como o destino final impresso, quando tais escanções em ‘Capítulos’ eram correntes no desenvolvimento dos cursos universitários da época.²⁵ Apoiando-se em tal consideração, Joseph (2012: 284; 296) tende a separar as cinco seções para identificar a primeira delas, por exemplo, como aquela que concentra as notas para as conferências de fonética das quartas-feiras, dadas por Saussure na *Escola Prática de Altos Estudos em Paris*, a partir de dezembro de 1881.²⁶ A datação, por pouco mais baixa (1883-1884), proposta por Marchese (1995: XIV-XVII), principalmente com ajuda de marcas internas, concorda com as afirmações de Joseph sobre as seções restantes.²⁷

É certo que algumas passagens do dossiê 8 foram utilizadas por Bally e Charles Albert Sechehaye (1870-1946) como fontes do *CLG*: lugares textuais retirados da seção 5 estão em conformidade com o apêndice fonológico (p. 63-93) (Marchese 2003).

O dossiê 8 se revela entre os mais ricos e interessantes de toda a herança saussuriana, em razão de sua coerência temática geral e de sua extensão.

²²Seção 1: folhetos 15v (em que o texto está riscado por inteiro) e 16v.; seção 2: folhetos 2r, 2v, 3r, 3v, 4r. O texto (e os esquemas) que se apresenta(m) no folheto 27v da seção 3 aparecem traçados paralelamente à margem esquerda da página (*‘transversa charta’*, Marchese 1995: 128). As páginas apresentam unidades textuais que nem sempre são coerentes com o desenvolvimento da exposição ou da argumentação do respectivo lado oposto.

²³Podemos reunir os principais como sendo referentes à fonética articulatória e à questão da sílaba indo-europeia, que se envolve com o problema das sonantes; ver Marchese (1995: xxvii-xxiv).

²⁴O caso se confirma para as seções 1, 4 e 5.

²⁵Um caderno de 23 páginas, datado de novembro de 1876, atualmente na BGE (*AdS* 370/8), contém as anotações feitas por Saussure no curso de ‘História da Linguística Moderna’, proferido em Leipzig, por Hermann Osthoff (1847-1909): o caderno testemunha um curso especificamente organizado em cinco ‘Capítulos’.

²⁶Fleury (1965: 55). O aspecto oral das anotações é também atestado em certos trechos («Faire les essais à voix basse pour entendre le bruit *momentané*» [Tentar em voz baixa para escutar o barulho *momentâneo*], seção 2, folheto 8, nota na margem; Marchese 1995: 41).

²⁷Jakobson (1969: 10), ao postular a unidade de um ‘sketched treatise’ [tratado esboçado] (*op.cit.*, p.8) e, ao ser atraído pelo aspecto das observações sobre o ‘fonema’ (próximo daquele que se encontra com efeito no *CLG*), propunha a atribuição aos primeiros anos genebrinos (após 1891).

3. Os dossiês inéditos

3.1 Dossiê 1: «Du génitif absolu sanscrit» [*Do genitivo absoluto Sânscrito*] (1880-1881)

Um grande caderno cinza de capa rígida, de aproximadamente 23 x 31 cm, que continha, em sua origem, 55 folhetos para 99 páginas, constitui o dossiê 1. A integridade do caderno se encontra comprometida: várias folhas foram arrancadas, cortadas por inteiro ou recortadas com tesoura: encontramos seus pedaços, que passeiam entre as páginas, estas recortadas e recolocadas, ou novamente coladas em outra parte. As páginas cuja metade superior foi preservada contêm, na frente, à direita, uma numeração originária.²⁸

A primeira página apresenta um título e uma data, à maneira de frontispício: «Du génitif absolu en sanscrit. / Thèse présentée à la Faculté de Philosophie / de l'Université de Leipzig / pour obtenir le grade de docteur / par Ferdinand de Saussure / de Genève. / Janvier 1880.» [Do genitivo absoluto em sânscrito./Tese apresentada à Faculdade de Filosofia/da Universidade de Leipzig/ para obtenção do grau de doutor/ por Ferdinand de Saussure/de Genebra./ Janeiro 1880.] Se este não corresponde ao título da versão impressa da tese (*De l'emploi du génitif absolu en sanskrit* [*Do emprego do genitivo absoluto em sânscrito*]) (Saussure 1881) ele coincide, entretanto, com aquele da *Abhandlung* [dissertação] submetida por Saussure à Universidade de Leipzig, cadastrada com esse título particularmente nos documentos oficiais.²⁹

Sobre o *recto* da primeira folha de rosto, encontramos um horário semanal (de segunda a quinta-feira), com o detalhe dos lugares ('Fac[ulté] des Lettres; Collège de France; [École des] H[au]tes Études') e nomes (A. Bergaigne,³⁰ M. Bréal,³¹ E.-M. Caro,³² A. Darmesteter,³³ E. Desjardins,³⁴ L. Havet,³⁵ G. Paris,³⁶ A. Reville³⁷): trata-se de um quadro bastante detalhado dos cursos do primeiro ano parisiense de Saussure (1880/1881) (Fleury 1965: 39-42). O mesmo arco temporal (mesmo que a menção ao ano não esteja explicitada) está envolvido em um diagrama traçado na página interior da contracapa do caderno; pequenos traços paralelos, dispostos em nove colunas, intercalam-se – em intervalos irregulares, mas de maneira racional (um traço = um dia) – por menções de datas (14 de novembro é a primeira data mencio-

²⁸ A numeração fica visível nas páginas 14-15, 22, 28, 29-30, 43, 47, 54, 61, 63, 68-69, 71-76, 78-79, 82-84, 85, 87-89, 92-93. As páginas 1-13 foram inteiramente recortadas.

²⁹ Villani (1990: 9-10). Das inconsistências entre o título de Leipzig e o da versão impressa trata Joseph (2012: 260-269); ver n. 43 § 3.5.1 e 3.5.6. Sobre a tese de Saussure, ver D'Ottavi (2016 ; 2017: 63-66).

³⁰ 1838-1888, professor de Sânscrito e de Linguística comparada na *Escola Prática de Altos Estudos*, *sponsor* da entrada de Saussure para a *Sociedade Linguística de Paris* (1876).

³¹ 1832-1915, professor de Gramática comparada na *Escola Prática de Altos Estudos* e no *Collège de France*, primeiro mentor parisiense de Saussure.

³² 1826-1887, filósofo espiritualista e crítico literário, *maître de conférences* na École normale da rua d'Ulm, nomeado professor na *Sorbonne* em 1884 e membro da Academia (1874).

³³ 1846-1888, especialista em francês antigo, '*répétiteur*' de línguas românicas na Escola Prática de Altos Estudos (1881-1882), em seguida professor na *Sorbonne*. Ele será ouvinte das conferências de fonética de Saussure durante o segundo semestre de 1882 (Fleury 1965: 55-56).

³⁴ 1823-1886, historiador; Saussure anota a precisão dos horários de seu curso de Epigrafia.

³⁵ 1849-1925, professor de filologia latina no Collège de France, autor da primeira resenha do *Mémoire saussuriano* (*Journal de Genève* 25. 02. 1879: 5-6) e, em seguida, correspondente habitual.

³⁶ 1839-1903, professor de Língua e Literatura francesas da Idade Média no Collège de France, e membro da Academia francesa (1896); Saussure detalha os horários de seu curso de 'Langue d'oil'.

³⁷ 1826-1906, pastor e teólogo protestante, primeiro titular da cadeira de história das religiões no Collège de France (1880).

nada; 28 de maio, a última). Algumas dessas datas são acompanhadas de uma cruz, outras de um pequeno coração.³⁸

Os folhetos remanescentes encerram uma escritura geralmente feita a tinta preta e de traçado variado: o leiaute e o *ductus* dos *recto* (à direita) são bastante regulares e esmerados, ao passo que os *verso* (à esquerda) mostram um traçado visivelmente mais apressado e desordenado.

Por toda a parte o texto sofre numerosos acréscimos e correções, com auxílio de pelo menos três tintas diferentes e de lápis vermelhos e azuis. Vários desenhos esboçados enriquecem as páginas, dentre eles a preciosa ‘mulher sânscrita’ mencionada por Parret (1993: 194, f. 14v).

A identidade entre o caderno referido e uma das cópias manuscritas da tese, redigida na ocasião da defesa (28 de fevereiro de 1880) é confirmada pelo exame de alguns detalhes codicológicos (Marchese 1990: 69; 1995: VIII). Com efeito, o minúsculo traçado de rasura que percebemos no frontispício já é significativo testemunho de sua natureza complexa. Os traços de várias e diversas utilizações são reconhecíveis: após ter sido redigida como cópia oficial apresentada à secretaria e aos professores da Universidade de Leipzig, aparentemente, o exemplar manuscrito acompanhou Saussure durante seus primeiros meses parisienses. Ele serviu, de início, como ferramenta de revisão e de integração (ou simplificação)³⁹ da tese com vistas à sua publicação e, em seguida, como cópia, para verificação das provas.⁴⁰

Saussure conferiu, a cada ocorrência textual de genitivo absoluto repertoriada em sua tese, uma numeração unívoca (1-496), o que permite sua identificação ao longo das diversas seções da obra. No manuscrito, os números foram submetidos a diferentes campanhas de renumeração (com ajuda de um traçado a lápis, ou à tinta preta), e a última (que permanece sem rasura) estabeleceu, com efeito, o número que ocorre na versão impressa.⁴¹ Na margem superior do *verso* da p. 86, em correspondência com um exemplo (nº 69) extraído do *Rāmāyaṇa*, lemos o acréscimo ‘p. 23’: trata-se de uma referência à edição impressa, que carrega, na página indicada, o exemplo do mesmo *Rāmāyaṇa*.

Quanto à textualização, a repartição de capítulos e parágrafos parece corresponder – no caso das passagens que conseguimos localizar – àquela adotada na versão impressa, mesmo com algumas variações dignas de nota. Para além da mudança de

³⁸ As datas marcadas com o coração pequeno são 21 de dezembro, 3 de janeiro, 9 de fevereiro, 24 de abril, 4, 12 e 19 de maio; já as marcadas com uma cruz são 14 e 20 de novembro, 7 e 18 de fevereiro, 18, 21, 29 e 31 de março, 6, 10, 20 e 22 de abril, 7, 10, 16, 20, 23, 24, 25, 27 e 28 e maio. Por quatro vezes as datas não são acompanhadas nem por um coração, nem por uma cruz (29 novembro, 16 de dezembro, 8 e 9 de janeiro, 6 de fevereiro).

³⁹ O caderno registra, por exemplo, uma amostra de textos mais ampla em relação à lista de obras apresentada na abertura da tese (*Recueil*: 270). Dessa segunda lista (no verso do frontispício), resta um traço na versão impressa: dela fazem parte a gramática de Pāṇini, os textos poéticos *Bhaṭṭikāvya* (s. VI-VII) (ver *Recueil*: 277-278) e *Daśakumācarita* (s. VII-VIII) – sem detalhe dado da edição utilizada – *Kṣitīśavaṃśā-valīcarita* (raro exemplo de texto historiográfico indiano, Ed. W. Pertsch, Berlim 1852; ver *Recueil*: 276), *Pañcadaṇḍ*, *achattraprabhanda* (Ed. A. Weber, Berlim 1877; *Recueil*: 273) e dois dramas de Kālidāsa (IV s.): o *Vikramorvaśīya* e o célebre *Śakuntala*.

⁴⁰ Esse trabalho já aparece documentado a partir do mês de abril 1880; muito provavelmente a tese estava em impressão durante a segunda metade do mês de abril do ano seguinte (Joseph 2012: 268-277).

⁴¹ Ver, por exemplo, a página 61 do manuscrito: verbos ‘*ikṣati*’ [olhar] (nº ‘58 7 82’), ‘*nir-ikṣati*’ [perceber] (nº ‘59 60 84’), ‘*prekṣati*’ (nº ‘57 62 85’, nº ‘58 62 86...’) (ver *Recueil*: 313). As ocorrências da fórmula ‘*paśyatām sarvadhanvinām*’ (página 68 do manuscrito) são submetidas a cinco renumerações diferentes antes de se atingir a derradeira (nº 215-221; ver *Recueil*: 317), enquanto que o exemplo com o verbo ‘*vadati*’ [falar], tirado do *Pañcatantra*, é numerado 40 no manuscrito (p. 54) e permanece inalterado na versão impressa (*Recueil*: 303).

alguns títulos,⁴² as observações sobre o caso do verbo *miṣati* (“abrir os olhos”), por exemplo, parecem ter provocado implicações imprevistas, das quais resultaram importantes remanejamentos. A parte consagrada ao uso do verbo *miṣati* se encontra nas primeiras páginas do manuscrito (p. 14), quando, na impressão, reencontramo-la reelaborada, deslocada e promovida à posição de apêndice no meio da seção II (*Recueil*: 326). Mais ainda, as observações na sequência (15) parecem ter sido novamente reescritas, para integrar a introdução geral ao ‘Grupo B’ dos exemplos (*Recueil*: 277-278).

Numerosos cadernos de trabalho em preparação à redação da tese estão dispersos sem ordem aparente entre as seções II e VIII do dossiê 6 (ver § 3.5.1).⁴³

3.2 Dossiê 4: leitura do *Mémoire*, por G. Guieysse (1889)

O dossiê 4 reúne dois pequenos cadernos de capa verde, que se compõem de 21 folhetos no total (costurados, por vezes destacados), para 24 páginas numeradas. Na capa do primeiro caderno (cada caderno contém uma numeração autônoma no alto de sua capa, à esquerda), lê-se um título (“Résumé. – Table détaillée” [Resumo. – Sumário detalhado] do *Mémoire sur le système primitif de voyelles dans les langues indo-européennes* [Dissertação sobre o sistema primitivo de vogais nas línguas indo-europeias] de ‘F. de Saussure’), um nome (‘G. Guieysse’), um lugar (‘Londres – Manchester’) e uma data (‘abril-maio de 1889’).

Ainda que a literatura crítica registre oscilações de atribuição (acarretadas pelo traço da escritura que se assemelha em muito ao de Saussure, mas favorecidas, sobretudo, pela confusa nota do catálogo oficial), parece legítimo afirmar que os dois cadernos são obra de Georges Guieysse (1869-1889), aluno parisiense de Saussure.⁴⁴ A data e o lugar na capa estão efetivamente de acordo com a estada de Guieysse na Inglaterra, onde se instalou para prosseguir, em revistas britânicas, o trabalho de desbastamento de textos, visando à elaboração de um índice analítico dos nomes e dos lugares mencionados nas inscrições indianas (Décimo 1999: 108-109).

Os cadernos harvardianos encerram suas anotações, bem organizadas, de uma leitura esquemática, mas atenta, do *Mémoire* saussuriano (1879), dez anos após sua publicação. A qualidade da leitura de Guieysse é atestada desde uma pequena ‘Nota’ traçada no verso da capa do primeiro caderno:

⁴²Ver «Extrême dégradation de l’anādara» [Extrema degradação do *anādara*] (Seção I, Grupo B, § III: ver *Recueil*: 238) e “III. *Anādara ficticio*” (página manuscrita sem numeração). *Anādara* (‘ausência de consideração’, ‘desdém’) é a palavra sânscrita tirada diretamente da definição pāniniana do genitivo absoluto (*ṣaṣṭhīcānādare*, *Aṣṭādhyāyī* II, 3, 38), que Saussure traduz ‘textualmente’ («[(37) le terme dont l’action sert à déterminer l’action principale se met au locatif, -] (38) ou au génitif, s’il y a acte de passer outre » [(37) o termo cuja ação serve para determinar a ação principal deve ser colocado no locativo, -] (38) ou no genitivo, caso de se tratar de uma ação a ser ultrapassada]) e comenta amplamente (*Recueil*: 289-291).

⁴³A BGE conserva as anotações que registram o primeiro projeto da tese, que compreendia uma seção sobre a origem do genitivo absoluto (*AdS* 374/1, 3); ver por ex. f. 230 (Parret 1993: 212) e ver Joseph (2012: 260-269). O número de chamada *AdS* 373/4 concentra certo número de páginas impressas da tese com anotações manuscritas. Saussure (1881) imprime um *curriculum vitae* na última página (não reproduzida no *Recueil*), cujo rascunho se encontra sob o número de chamada *AdS* 373/1, f.6.

⁴⁴Sua presença é registrada, sobretudo, nos cursos de ‘Língua sânscrita’ e ‘Gramática comparada’ dos anos 1887-88/1888-89: cf. Fleury (1965: 46; 64; 65-66). Algumas notas sobre suas tristes vicissitudes são dadas por Décimo (1999), observações informadas e convincentes se encontram em Joseph (2012: 349-358).

Para facilitar a inteligibilidade do que segue convém lembrarmos que o sinal *a* possui [*sic*] apenas valor absolutamente algébrico e arbitrário. Pode-se estabelecer, entretanto, em regra geral, a seguinte correspondência:

a_1	costuma ser notado como i-e. para	e	}	de que são expressão gr.-lat.
a_2	”	o		
A	”	a		
Ā	”	ā		

No exemplo, aliás, chegamos até mesmo a ouvir a voz do mestre.⁴⁵

A exposição, de densidade decrescente, se desenvolve de maneira pontual, seguindo a ordem de leitura do *Mémoire*, com indicação progressiva das páginas e dos assuntos correspondentes. A partir da metade do primeiro caderno, a página da esquerda fica constantemente reservada à anotação de trechos do texto, quadros ou pequenos comentários.⁴⁶ O texto do primeiro caderno se encontra subdividido em três partes, na altura do cap. V do *Mémoire* («Rôle grammatical des différentes espèces de *a*») [Papel gramatical das diferentes espécies de *a*], *Recueil*: 127) e do cap. VI («Des différents phénomènes relatifs aux sonantes *i, u, r, n, m*») [Dos diferentes fenômenos relativos às sonantes *i, u, r, n, m*], *Recueil*: 223), enquanto que, no segundo caderno, (que repete, na capa, o título e o autor da obra a quem ele é dedicado, acrescido da anotação: ‘N.2 (sequência e fim)’), a exposição se torna mais apressada, mesmo se o final do *Mémoire* é esperado).

O que é notável, no âmbito de uma revisão arquivística, já é dado pela simples constatação da presença desse documento nos papéis pessoais de Saussure: um testemunho tocante da afeição do mestre por seu antigo e brilhante aluno.⁴⁷

3.3 Dossiês 3 e 7: notas de lexicografia sânscrita

O dossiê 3 coincide com um envelope que reúne quatro folhas simples, riscadas (possivelmente – em razão do formato e da gramagem do papel – tiradas do mesmo caderno), escritas em apenas um dos lados e não numeradas. O envelope – de cabeçalho «Université de Genève» («Canton de Genève. Affaire officielle. Université») – carrega as seguintes linhas, traçadas à mão por Saussure: «Lexiques sanscrits / Infinitif sanscrit / Voir 2^e enveloppe / pour infinitif» [Léxicos sânscritos / Infinitivo sânscrito / Ver 2^o envelope/ para infinitivo].

Esse segundo envelope, com seu conteúdo, está classificado como dossiê 7. Ele contém o título ‘Gram[*m*]aire s[*an*]scrite / paragraphe sur l’infinitif / (et sa valeur

⁴⁵Essa passagem é comentada por Marchese (1995: IX-X).

⁴⁶Em uma dessas notas na margem – em correspondência a um trecho do *Mémoire* transcrito integralmente («On est donc amené à conclure à la diversité, sinon tout à fait originaire, du moins proethnique du phonème *A* et de la voyelle qui a donné l’*ī* indo-iranien. Nous croyons que cette voyelle était une espèce d’e muet, provenant de l’altération de *A* e *O*» p. 178 = *Recueil*: 167) [Somos, desse modo, levados a concluir pela diversidade, se não completamente originária, ao menos proethnica do fonema *A* e da vogal que resultou no *ī* indo-europeu. Acreditamos que essa vogal era uma espécie de *e* mudo, resultante da alteração de *A* e *O*] – é que Saussure é nomeado em terceira pessoa: «(M. de Saussure, dans le *Mémoire*... imprime *A* pour désigner cette voyelle incolore. Nous nous servirons du signe [‘A’ renversé] qu’il a adopté dans la suite.)» [(M. de Saussure, no *Mémoire* ... imprime *A* para designar essa vogal incolor. Nós nos serviremos do símbolo [‘A’ invertido] que ele adotou posteriormente)] (f.8v).

⁴⁷É a mãe de Guieysse – ao que parece – que desejou entregar o manuscrito nas mãos de Saussure (Joseph 2012: 356). Em uma carta a seu aluno parisiense, Paul Boyer (1864-1949), datada de 25 de julho de 1908, Saussure não deixará – quase vinte anos após seu falecimento – de expressar em relação a Guieysse «un souvenir bien ému» [uma lembrança muito comovente] (Décimo 1994: 89).

pour le sanscrit) / réduit à forme / exacte' [Gramática s[ân]scrita/parágrafo sobre o infinitivo/(e seu valor para o sânscrito)/ reduzido à forma/exata], grafado por Saussure, e abriga um largo folheto duplo que resulta em quatro páginas, das quais apenas o exterior contém escritos (e são numeradas a lápis vermelho no ângulo superior): envelope e folha são, no plano material, exatamente da mesma natureza que aqueles que formam o dossiê 3.⁴⁸ Parret (1993: 195; 200; 209) apresenta parcialmente o texto do primeiro dossiê e quase integralmente o do segundo.

As quatro páginas escritas do dossiê 3 e as duas do dossiê 7 comportam anotações sobre um assunto único, relativo ao estatuto da forma das 'raízes' sânscritas, da maneira como ele é colocado pelas obras lexicográficas (antigas e contemporâneas).⁴⁹ Ainda que não seja possível extrair um meio de datação dessas notas, a argumentação que elas encerram se coloca – ao que tudo indica – na mesma linha das posições expressas no *Mémoire* (1879): o pretendido grau de 'radical' manifestado pela forma lematizada – tal como o 'grau de base' que segue – aparece como uma entidade 'irracional', pois os estados alternantes dos temas verbais não podem ficar separados de seus papéis gramaticais.⁵⁰

Destacamos, aqui, rapidamente, um procedimento característico da atitude especulativa de Saussure: questões estrita e tipicamente gramaticais (mesmo relativas à ordem lexicográfica, como é o caso) permitem a abertura imediata e necessária aos horizontes da reflexão teórica sobre a língua.

3.4 Dossiê 5: anotações sobre o armênio

O dossiê 5 contém quatro folhetos. Três estão dobrados em dois, resultando em doze páginas (das quais nove contém escritos) que entram – em geral – em um envelope (este também faz parte do dossiê) sobre o qual se lê: 'Armên. –kh/final' (a palavra 'Armênio' está traçada na transversal em uma das páginas, entre duas linhas, à maneira de título). Apenas três páginas tratam efetivamente do problema do –kh final armênio, enquanto que as outras, abordando temas igualmente armênios, dizem respeito mais aos casos de grupos de consoantes e de nominativo plural.

O folheto restante – de formato diferente em relação aos outros – foi numerado 'f. 1' pelo catálogo e apresenta (em ambas as páginas) uma letra que – visivelmente – não é a de Saussure. O texto discute uma hipótese concernente ao desenvolvimento histórico da forma armênia para o nome do número 'seis'. Apesar de Saussure ter escrito a respeito do nome do número 'seis' em indo-europeu (Saussure 1892), e mesmo que o catálogo harvardiano evoque Bally como autor das linhas, na parte inferior do

⁴⁸O folheto 326, inserido na seção IX do dossiê 6 (ver § 3.5.9) e escrito à tinta violeta em um só lado, comporta um título («*Remarques sur la lexicographie Sanscrite*» [*Observações sobre a lexicografia sânscrita*]) e um conteúdo completamente compatíveis com os dos papéis dos dossiês 3 e 7, ainda que destes se apartem quanto às características materiais (Bretti 2011: 83-86).

⁴⁹Eis as primeiras linhas daquilo que parece ser o início do texto: «Le point sur lequel j'invoque un inst[an]t l'attention est p un point principalement pratique, qui n'est pas dépourvu d'autre part <comme je le crois> d'un certain intérêt théorique. Il s'agit de savoir sous quelle forme il vaudrait mieux parler, en lexicographie sanscrite, et en gram[m]aire sanscrite, des différents racines que l'on trouve en ouvrant un dictionnaire.» [O ponto sobre o qual chamo atenção por um inst[an]te é p um ponto principalmente prático, que nem por isso fica desprovido <assim creio eu> de um certo interesse teórico. Trata-se de saber sob qual forma seria melhor falar, em lexicografia sânscrita, e em gra[m]ática sânscrita, das diferentes raízes que encontramos em um dicionário] (Parret 1993: 195).

⁵⁰Ver, por exemplo, *Recueil*: 116-119. Tal lógica de pesquisa de 'regularidades com significação' se coloca no fundamento de uma reestruturação da morfologia indo-europeia por completo, efeito colateral do longo raciocínio do *Mémoire*.

verso se lê uma assinatura em caracteres minúsculos: ‘A. Meillet.’⁵¹ O mais célebre especialista da língua armênia de sua época, Antoine Meillet (1866-1936), foi aluno de Saussure na Escola de Altos Estudos em Paris, entre 1887 e 1889 (Fleury 1965: 64-66), tanto quanto era um de seus mais caros correspondentes (Benveniste 1964).

Na margem esquerda do *recto* da folha, uma referência aos *Armenische Studien I* (p. 56, em que o nome para ‘seis’ é analisado) por J. H. Hübschmann (1848-1908), publicados em 1883, em Leipzig, fornece um *terminus post quem* para a datação dessa anotação.

3.5 Dossiê 6: «Notes on Linguistics»

O dossiê 6 se apresenta como o mais amplo e caótico de todo o conjunto harvardiano. Ele se compõe de 377 folhetos, para 614 páginas, repartidos em nove seções. Essas folhas encerram – a despeito do título *Notes on Linguistics* atribuído pelos arquivistas – anotações sobre assuntos muito variados.

3.5.1 Os ‘cadernos de pesquisa’ (1879-1881)

Quantitativamente, a maior parte é constituída pelos vinte ‘cadernos de pesquisa’ ligados ao trabalho da tese de Leipzig,⁵² distribuídos de modo irregular entre as seções II e VIII do dossiê.⁵³ De volume desigual, eles se compõem de largos folhetos duplos dobrados em dois, reunidos uns sobre os outros e apresentando, em forma de listas, os dados sobre os quais a tese se fundamenta.

Como o suporte material é mais ou menos constante (percebemos apenas leve variação de gramagem e a presença – ou a ausência – de pauta), duas tipologias diferentes de leiaute deixam entrever as utilizações diversas e permitem a classificação dos cadernos em dois grandes grupos. O primeiro agrupa os cadernos que mostram resultados diretos do desbastamento sistemático de textos sânscritos à procura da aparição de genitivos absolutos:⁵⁴ a página apresenta a anotação repetida de ‘Gen[itif] Abs[olu]’ [Genitivo Absoluto] ao lado da indicação da obra e do lugar textual que encerra a ocorrência (certas vezes o trecho é reportado inteiramente, normalmente em caracteres romanos); as indicações ou os trechos apresentados seguem a ordem de leitura das obras individuais. O outro leiaute, de aspecto mais trabalhado, se apresenta como a organização de tal ‘triagem prévia’ (*Recueil*: 291), ordenada por verbo: acima da 3ª pessoa do singular do verbo sânscrito escolhido (a forma de citação tradicional) – traçada (com frequência em negrito) à maneira de um título no alto da página – foi desenhada a lista das ocorrências dos genitivos absolutos construídos com tal verbo, apuradas no primeiro desbastamento, com citação dos pedaços do texto; são essas as listas que formam a segunda seção da tese (*Recueil*: 291-338).

Todas as páginas são bastante trabalhadas: seções textuais inteiras estão riscadas e frequentemente cobertas de símbolos de leitura bastante pronunciados, o mais frequente (e reconhecível) deles sendo a anotação “É[puisé]” [Es(gotado)] traçada a lápis azul ou vermelho ao lado dos trechos reportados.⁵⁵

⁵¹ Uma segunda assinatura é encontrada, ainda no verso, ao pé de um falso final de letra tachada.

⁵² Saussure (1881); ver § 3.1.

⁵³ Ver § 3.5.4-6.

⁵⁴ A dimensão e a consistência da amostra desbastada são asseguradas na abertura da tese (*Recueil*: 270); ver n. 39.

⁵⁵ Material menos vasto, mas perfeitamente compatível com este, encontra-se na BGE (por ex. sob o número de chamada *AdS* 374/3); ver n. 43.

3.5.2 *Algumas unidades temáticas*

Ao longo das nove seções (que serão brevemente comentadas adiante, ver § 3. 5. 3-7) e, para além do conjunto dos cadernos de pesquisa, pudemos – seguindo critérios temáticos – identificar certos grupos de anotações bastante coerentes.

Dez folhetos (ff. 6-11, 12, 13, 126 e 327) – dos quais os seis primeiros *in-octavo* – formam um total de quinze páginas de análises mitográficas do panteão indiano em relação a uma seleção de poemas de ambientação hindu, obra de Leconte de Lisle (1818-1894), líder do Parnaso francês. Essas análises foram suscitadas pelas questões levantadas por Eugène Peschier (1835-1910) em uma carta (também contida nos mesmos papéis), datada de 9 de dezembro de 1894:⁵⁶ o assunto é o uso desenvolvido que Leconte faz das personagens e das narrativas míticas indianas. É sobre esse assunto que Saussure desenvolve suas observações, os folhetos harvardianos sendo nada mais do que os rascunhos de cartas de resposta (ao menos duas) a Peschier. O texto se encontra em fase redacional avançada, mas inacabada (encontram-se, dentre outros, dois pares de começos falsos e numerosas redações alternativas), e se caracteriza por um tom predominantemente informal (um veio austero e uma certa disposição para a polêmica, típicos de Saussure, são encontrados no documento). A competência que emerge de Saussure, no que toca à Índia literária, é suscetível de integrar uma reflexão mais vasta sobre a realidade histórica das personagens e dos fatos míticos, reflexão esta que, em outros textos, aparece de maneira mais programática.⁵⁷

O núcleo em torno do qual somos levados a isolar uma segunda unidade temática se compõe de um conjunto muito homogêneo de doze fichas de classificação (cerca de 12,5 x 8 cm, de papel cartão fino), numeradas individualmente, de 21 a 26 (ff.76-81) e de 30 a 35 (ff.82-86). Essas fichas transmitem um texto bastante contínuo (uma única cesura rompe sua continuidade), cujos assuntos principais são o *Veda* – o texto sagrado da Índia bramânica – e a figura do brâmane, sua aprendizagem e suas práticas litúrgicas. Em torno do grupo de doze fichas, é possível chegar a agrupar, mediante grande coerência de conteúdo, uma série de folhas soltas e de formato variado que comportam textos de extensão desigual (ff. 1, 15-19, 23, 30, 97, 328 e 329): um apanhado da história indiana e dos problemas colocados por sua reconstituição são os temas mais desenvolvidos. Esses textos são o testemunho direto das cinco conferências indianistas que Saussure deu no Ateneu, em Genebra, entre dezembro de 1897 e janeiro de 1898, sob o título de «Coup d'œil sur l'Inde antique» [Visão geral da Índia antiga]. O último achado de manuscritos saussurianos (em 1996) revelou um conjunto de setenta e nove folhas (*AdS* 373/1-2) que constituem a fonte principal desse episódio, cobrindo de maneira perfeitamente harmonizada a lacuna das fichas harvardianas, ampliando o texto.⁵⁸

⁵⁶Um folheto duplo solto (ff. 99-100) que resulta em 5 páginas escritas. Eugène Peschier, divulgador - sufragista da Igreja luterana de Genebra, foi professor de francês no Ginásio em Lahr e Constança, tradutor de alemão, historiador da literatura, poeta. A BGE conserva as cartas que ele endereçava, entre 1885 e 1886, a Théodore de Saussure (1824-1903), tio paterno de Ferdinand (*AdS* 262, ff. 29-31). O catálogo da Biblioteca Houghton (talvez inspirado por Davis 1993 346), coloca a data de 1891 para a carta (f.99): as inspeções diretas e independentes de Parret (1993: 183, 233), Marchese (1995: X) e Bretti (2011: 78) restauram a leitura correta do manuscrito. Ver D'Ottavi (2017: 68-71).

⁵⁷Ver D'Ottavi (2010: 54-61) e, em geral, D'Ottavi (2017). Davis (1993) oferece uma interpretação, sobretudo da seção lecontiana.

⁵⁸Sobre as conferências indianistas, ver D'Ottavi (2013; 2017: 71-76); detalhes sobre as fontes indianistas envolvidas no texto harvardiano são dados em D'Ottavi (2010: 61-68). O texto integral dos conjuntos genebrino e harvardiano, restituído em sua progressão originária, está em vias de publicação, no âmbito da edição digital dos manuscritos de Saussure, implementada pelo Círculo Ferdinand de Saussure.

O restante do dossiê 6 se fraciona em certo número de anotações em folhetos duplos, folhas simples e pedaços de papéis avulsos que é impossível incluir em um agrupamento temático suficientemente demarcado ou contínuo. A órbita mais frequente é a de origem sânscrita: numerosas e diversas anotações relativas à gramática ou à fonotática sânscrita (e védica) são reconhecíveis, a maioria estando plausivelmente ligada à preparação dos cursos universitários.⁵⁹

Após uma apresentação geral do conteúdo de cada seção nas quais o dossiê 6 é subdividido, daremos um resumo mais pormenorizado de eventuais folhetos ou conjuntos notáveis.

3.5.3 Seção I (ff. 1-47)

Cinco folhetos duplos, costurados em sua dobra, formam um caderno de formato pequeno, de dezoito páginas (das quais cinco em branco)⁶⁰ catalogadas como folhetos 38-47, escritas em tinta azul, fazendo parte dessa seção. O caderno contém os traços de – ao menos – três usos diferentes. Os folhetos 38, 40, 40v, 41 e 47v mostram três textos que se apresentam como pedaços de uma redação alternativa das passagens do *Mémoire*.⁶¹ Entre esses textos, aqueles que encontramos nos folhetos 38 (marcado com um '1.' No ângulo superior direito) e 47v (na mesma superfície do folheto duplo) concentram três/quatro unidades textuais que se harmonizam no nível do conteúdo ideal com as páginas introdutivas do *Mémoire*. Os folhetos 40, 40v e 41 comportam uma versão alternativa do texto do *Mémoire* (ver *Recueil*: 4-6) e, em seguida, o folheto 41v consiste em uma lista de equivalência das raízes ('*nabh = ambh [...]* *nagh = angh [...]* *was = aus [...]* *wag = aug*') com anotação de exemplos correspondentes ('*véφος, nabhas, nebo – ambhas, a<m. >bhra, ὄμβρος [...]*): tal lista se encontra disposta na forma de quadro no *Recueil*: 263, em que ela serve de ilustração para o caso de certos pares de raízes que mostram uma metátese do *a*. O traçado, assim como o leiaute gráfico, é bem trabalhado, e numerosos acréscimos e correções (com exceção da lista do folheto 41v, imaculada) têm todas as características da variante de leitura. A partir da frente do folheto 42, a escritura se localiza nas páginas invertidas de 180° e a ordem de leitura segue a nova orientação. Certas passagens carregam uma numeração em algarismos romanos – de 3 (= f. 47) a 6 (= f. 45v), de 1 (= f. 44) a 2 (= f. 43v) -, e reproduzem uma seleção das entradas (em forma abreviada) de palavras sânscritas em *ca-* e *ka-*, tal como encontradas no segundo volume (1858) do dicionário sânscrito de Böhtlingk-Roth (1855-1875).⁶² Por fim, o *recto* do folheto 42 se acha subdividido em duas partes: a metade inferior contém a continuação da lista de palavras (a saber, uma versão mais detalhada que em outra parte, da entrada da raiz *kam*, 'desejar, amar'), enquanto que, aquela superior, muito trabalhada, apresenta notas esparsas de formas

⁵⁹Por exemplo, os folhetos 89-92 são dedicados ao afixo *-k*; os folhetos 127-129, 324 e 341 são todos concernentes à questão da fricativa alveolar surda no meio de uma sequência consonantal. Saussure ministrou o curso de 'Língua sânscrita' na Universidade de Genebra durante mais de vinte anos, desde sua primeira nomeação, em 1891, até sua aposentadoria forçada, em 1912.

⁶⁰Pp. 38v, 39, 39v, 44v e 45.

⁶¹Saussure (1879). Davis (1990) parece ser a única referência relativa a esse texto.

⁶²O andamento da lista parece ser interrompido, sendo retomado na altura do f. 42v. O f. 44 mostra, na forma de título, «*Principaux mots commençant par é*» [Principais palavras que começam por é]: devemos comparar essa atenção às oclusivas surdas velar e palatal do sânscrito com sua virtude particular, reveladora da natureza do *a* que segue, por um encaminhamento que leva à fixação do *Palatalgesetz* [Leis das palatais] (ver por exemplo Saussure 1877: 388-390, que concentra uma lista completamente compatível com a escolha de entradas anotadas). O dicionário de O. Von Böhtlingk e R. Roth – obra que inaugura o campo dos estudos científicos do sânscrito no Ocidente – é uma das maiores ferramentas de referência do *Mémoire*, onde é citado catorze vezes.

gregas⁶³ e menciona ‘*Propertii Elegiae*’ [As Elegias de Propércio] trazendo no alto à direita ‘*funera creperus*’.⁶⁴

A grande parte do conjunto de anotações lecontianas (ff.6-11, 12, 13; ver § 3.5.2) finaliza essa seção.

3.5.4 Seção II (ff. 48-125)

Além dos dois primeiros cadernos de pesquisa,⁶⁵ esta seção compreende as duas séries de fichas de classificação ligadas às conferências indianistas (ff. 76-88, 97) e à carta de E. Peschier (ff. 99-100; ver § 3.5.2).

Uma pasta azul (com cerca de 17 x 22 cm) separa do resto dos papéis desta seção um grupo de onze folhas *in-octavo* dobradas em dois, e cinco folhas simples (ff. 48-75); uma vez foliotado, o conjunto resulta em 54 páginas, das quais 29 contêm escritos. Trata-se do conjunto mais recente de todo o fundo harvardiano cuja coerência é mais pronunciada: ele se compõe de anotações de trabalho que visam à redação da resenha do primeiro volume da obra *Histoire des idées théosophiques dans l'Inde* [História das ideias teosóficas na Índia], por P. Oltramare (1906).⁶⁶ O leiaute segue um modelo predominantemente regular, a margem esquerda de cada página é constantemente reservada aos comentários e às variantes de leitura (com mais frequência do que aquelas de escritura); em geral, o traçado se desenvolve de modo ordenado, as remissões internas e as anotações meta-escriturais são muito raras. As reflexões em que Saussure se engaja durante a resenha são particularmente notáveis, sendo imediatamente apreendidas – caso único no corpus saussuriano – por temas e textos de filosofia indiana.⁶⁷

A catalogação atribuiu o número 95 em dois momentos:⁶⁸ uma vez a um pequeno envelope (10 x 6,5 cm), outra vez a uma folha em formato de losango, escrita dos dois lados, que, dobrada segundo os traços de dobradura, não passa pelo interior do referido envelope. O cabeçalho do folheto e o verso do envelope mostram um mesmo título («à travers buissons» [pelos arbustos]), traçado pelas mãos de Saussure.⁶⁹ O

⁶³Em uma nota minúscula, a única em tinta preta dessa página, ‘φεροφαττα’ (*sic*) (variante da escritura, presente em vasos, do nome de Perséfone) é retracado ao lado de uma referência ao segundo volume da *Griechische Kunstmythologie* [Arte grega que representa mitologia] de J.A. Overbek, publicada em Leipzig em 1873 ([vol.] II [p.] 543 vaso), em que efetivamente a forma é relacionada à página citada.

⁶⁴‘Éd. Lemaire’ anotado ao lado relembra a *Bibliotheca clássica latina*, coleção editada por N. E. Lemaire (1767-1832) (o vol.77, *Propertii elegiarum libri quatuor* [Os Quatro Livros de Elegias de Propércio] é publicado em Paris em 1832).

⁶⁵₁ (ff. 102-105), _{ii} (ff. 106-125).

⁶⁶A resenha – o único documento testemunho da atividade de Saussure como indianista publicado em vida – foi publicada na primeira página do *Journal de Genève* da segunda-feira de 29 de julho de 1907.

⁶⁷Gandon (2001) utiliza essas anotações ao longo de sua busca pelo ‘último Saussure’. Esse conjunto manuscrito foi alvo de dois estudos separados: Testenoire (2012), que revela as vicissitudes editoriais, D’Ottavi (2012) que explora sua natureza de dossiê de gênese.

⁶⁸O que explica as inconseqüências que levantamos entre o ‘Guia’ oficial e Parret (1993: 182, 187 e 194).

⁶⁹Sobre o envelope, o ‘b’ é maiúsculo. Bretti (2011: 66-78; 90-92) apresenta e comenta os resultados da perícia grafológica que determinou a unicidade da mão que tracejou os dois títulos, cuja significação, por outro lado, levanta dúvidas. Para além de uma interpretação literal, ou de uma referência a F. Buisson (1841-1932) – deputado radical-socialista (1902) e prêmio Nobel da Paz de 1927 – a ambientação indiana em que o folheto para oferece uma via exegética alternativa. O termo *buissons* [arbustos] é uma tradução possível de *Aranyaka*, ‘[Livro das] florestas, textos esotéricos e místicos ligados aos *Brāhmanas* e aos *Upaniṣads*, os produtos do saber sacerdotal sobre os quais se apoia, por exemplo, a obra de Oltramare (1906), que acabamos de evocar. A julgar pelo teor do texto (Parret 1993: 223; D’Ottavi 2012: 138 apresentam sua transcrição integral), Saussure teria conseguido marcar seu caráter inteiramente íntimo por meio de uma referência aos textos que estão entre os mais misteriosos e difíceis da literatura indiana.

texto da folha (publicado como sendo aquele do f. 75) é passível de ser aparentado ao conjunto das anotações teosóficas.⁷⁰

3.5.5 Seção III (ff. 126-171)

Os folhetos 131 ('Codex Stein, Fol.10,' lê-se na legenda impressa) e 132 ('Ms. orient. fol. 1412 der Koenigl[ichen] Bilbl[iothek] zu Berlin'), que encontramos no interior desta seção, são reproduções mecânicas de duas páginas manuscritas em caracteres *devanāgarī* (escrita *śāradā*) que contêm passagens extraídas do *Kāthaka-Samhitā*.⁷¹

Saussure estava em Berlim entre novembro de 1878 e início de abril 1879, a fim de organizar e dar prosseguimento às pesquisas para sua tese de doutorado; entretanto, na época, os manuscritos de que são originárias as reproduções harvardianas não tinham sido, até então, identificados (ou levados a Berlim).⁷² A presença dessas cópias entre os papéis saussurianos deve ser comparada, sobretudo, com as jornadas do décimo Congresso Internacional dos Orientalistas, que transcorreu em Genebra, em setembro de 1894, e no âmbito do qual Saussure exercia as funções de secretário (com P. Oltramare) do comitê de organização. L. Von Schroeder (1851-1920) – professor na Universidade de Dorpat, Rússia (hoje Tartu, Estônia) – apresentava «une importante communication sur le Kāthaka, ses manuscrits, son système d'accentuation et ses rapports avec les ouvrages des grammairiens et lexicographes indiens. Il signale tout spécialement le manuscrit découvert par le Dr. Stein aux Indes et un autre de la Bibliothèque de Berlin» [uma importante comunicação sobre o Kāthaka, seus manuscritos, seu sistema de acentuação e suas relações com as obras dos gramáticos e lexicógrafos indianos. Ele salienta especialmente o manuscrito descoberto pelo Dr. Stein, nas Índias, e mais outro, da Biblioteca de Berlim] (*Actes do X^e Congrès International des Orientalistes*, p. 79): as reproduções harvardianas são extraídas exatamente desses dois últimos exemplares.⁷³

Três cadernos de pesquisa⁷⁴ e um pedaço de folha a ser vinculado ao conjunto lecontiano (f. 126; ver § 3.5.2) finalizam o conteúdo dessa seção.

3.5.6 Seções IV, V, VI, VII, VIII (ff. 172-315)

A seção IV corresponde a um caderno de pesquisa;⁷⁵ a seção V (ff. 190-215), a três,⁷⁶ assim como a seção VI (ff. 216-251).⁷⁷

É no caderno numerado como XI que encontramos uma anotação muito clara de 'Recapitulação geral' dos resultados do trabalho da tese:

⁷⁰Ver D'Ottavi (2012; 2017: 76-81). Incluído na pasta azul, o verdadeiro f. 75 está em branco em ambos os lados.

⁷¹O folheto 131 mostra a segunda parte do cap. I, 4. O *Kāthaka-samhitā* é um dos ramos do *Yajurveda* 'negro', coletânea védica de fórmulas litúrgicas organizadas de acordo com as necessidades das práticas rituais.

⁷²Os manuscritos são inventariados por Weber (1891: 1181-1182 [n. 2222] e 1201 [n. 2303]).

⁷³Ver Schroeder (1895: 145-150) que dá continuidade à comunicação apresentada no Congresso. Para além do fato de estarem ligadas à ocasião oficial e convivial, resta-nos fazer conjecturas quanto à razão da permanência (se ela existe) dessas reproduções no fundo saussuriano. Dentre as características notáveis desses manuscritos, destacamos o cuidado com o qual o sistema de acentuação – do *Kāthaka-samhitā* sendo de outro modo quase desconhecido – é anotado (*op. cit.*, p. 156-157): uma particularidade a que – possivelmente – Saussure não ficou indiferente (ver § 3.5.7).

⁷⁴iii (ff. 133-142), iv (ff. 143-155), v (ff. 156-171).

⁷⁵vi (ff. 172-189).

⁷⁶vii (ff. 190-193), viii (ff. 194-197), ix (ff. 198-215).

⁷⁷x (ff. 216-221), xi (ff. 222-231), xii (ff. 232-251).

- <1.> O sujeito do genitivo absoluto é sempre uma pessoa
- 3 – O particípio do genitivo absoluto é sempre um particípio presente, expressado ou substituído.
- Em outros termos: o tem a ação do genitivo absoluto é concomitante ao tempo da ação principal <ou sempre>, e jamais a precede de maneira a estar *acabada* quando a outra continua.
- <2.> Essa construção é comumente encontrada nas frases feitas. O número de verbos é limitado.
- 4 – A nuance que indica Pāṇini pode ser reconhecida em um gde número de casos, de modo algum em todos.
- <esses dois pontos [1. e 2.] andam juntos: natureza do sujeito, natureza do verbo>^{78 79}

O agenciamento dos parágrafos que se encontram na abertura da versão impressa da tese segue a indicação desta última observação: em uma forma mais argumentada, os quatro pontos dessa ‘recapitulação’ estão repartidos entre as explicações das características do ‘sujeito’ do genitivo absoluto, por um lado e, por outro, do ‘predicado’.⁸⁰

A seção VII (ff.252-294) reúne cinco cadernos de pesquisa⁸¹ e um folheto (f. 277) escrito à tinta violeta, que reporta uma transcrição de texto curioso, tirado de um diário de viagem ‘para as Índias Orientais’, datado de 1731.⁸² Podemos apenas supor a oportunidade – dada a natureza isolada do folheto e o tom da citação, assim como o destino da viagem – de vincular esse texto ao episódio das conferências indianistas.

A seção VIII se encerra com três cadernos de pesquisa.⁸³

3.5.7 Seção IX (ff. 316-377)

A identificação do folheto 338, incluído nesta seção, coloca um problema para as fontes indiretas.⁸⁴ O folheto, tipicamente complexo, escrito em um só lado, carrega os traços de não menos do que três unidades textuais marcadas por quatro tintas diferentes. A primeira contém apenas três linhas do início de uma carta (incluída a menção de lugar e data: ‘Genthod bei Genf/den 26 August 1880’) endereçada a

⁷⁸ « – <1.> Le sujet du génitif absolu est toujours une personne

3 – Le participe du génitif absolu est toujours un participe présent, exprimé ou suppléé.

En d’autres termes : le tem l’action du génitif absolu est concomitante dans le temps de l’action principale <ou du moins>, et ne la précède jamais de façon à être *close* quand l’autre continue.

– <2.> Cette construction se trouve ordinairement dans des formules faites. Le nombre des verbes est limité.

4 – La nuance qu’indique Pāṇini peut se reconnaître dans un gd nombre de cas, nullement dans tous. < ce deux points [1. et 2.] vont ensemble : nature du sujet, nature du verbe>».

⁷⁹Folheto 229v. A transcrição oferecida é parcial; essa lista se destaca em relação às outras unidades textuais da página manuscrita. Uma transcrição diferente desse mesmo folheto, sempre parcial, mas mais ampla, é dada por Parret (1993: 211-212); ver § 3.5.1 e n. 43. Ver também D’Ottavi (2016; 2017: 63-66).

⁸⁰Seção I, § 2-5 (ver *Recueil*: 274-278 e 279-289).

⁸¹xiii (ff. 252-263), xiv (ff. 264-276), xv (ff. 278-285), xvi (ff. 286-287), xvii (ff. 288-294).

⁸²Journal d’un Voyage fait aux Indes Orientales par une escadre de six vaisseaux commandez par M. Du Quesne <em 1690, 91>. Tomo II <(Rouen 1731)> <p.133>. Cela s’appelle-t-il des moineaux? Vartigué! y sont pu gros que des Marles! Ho Dame, je sommes queuque fouas si galans, quoul nous em cuit. [] (Viagem escrita pelo Sr. de Challes 1650-1724, a partir de uma nota sobre o exemplar da Soc[iedade] de Leitura)

⁸³xviii (ff. 295-303), xix (ff. 304-311), xx (ff. 312-315).

⁸⁴Ver as anotações do catálogo e Parret (1993: 184 e 187); ver Bretti (2011: 78-83).

‘Herr Ziegler’. O Sr. Ziegler deve ser identificado como uma das personagens que circundam a experiência da viagem de Saussure à Lituânia. Aqui, temos a prova de dois ‘Ziegler’, um dos quais o ‘pai’, qualificado como ‘superintendente de Ragnit’ (*AdS* 386/155-27), que assina ‘O.W. Ziegler’ no atestado de passagem de Saussure em Paskalwen (5 de agosto de 1880; *AdS* 369/3) (Mejia-Quijano - Petit 2008: 147-148). A data e o lugar tracejados no pedaço de folha harvardiano fornecem, desse modo, um *terminus ante quem* para o retorno de Saussure à Suíça; a viagem lituana deve, assim, ser estabelecida entre, no mínimo,⁸⁵ 18 de julho e 15 de agosto de 1880. Na página invertida em 180° se encontram dois blocos de citações extraídas do *AitareyaBrāhmaṇa*⁸⁶ e de seus comentários: no segundo bloco, as diversas formas do pronome *yad-* foram sublinhadas.

Um caderno escolar de trinta páginas (ff. 346-363) representa o único conjunto cuja coerência material de certa continuidade é assegurada. Suas páginas concentram diversas seções textuais, mais ou menos desenvolvidas: as três primeiras páginas apresentam uma tradução original de *Rgvēda* I, 113 (à aurora) com comentários linguísticos e literários; duas páginas são dedicadas à ‘accentuation des textes védiques’ [acentuação dos textos védicos] (ver n.72); ainda duas páginas seguem o título «*Sur les Idées et, La religion et la mythologie du Véda*» [Sobre as Ideias e, A Religião e a mitologia do Veda]. A seção mais ampla é ocupada pelo esboço de uma análise da forma ἀμείβω [ameibō/ verbo ‘trocar’], que toma uma dezena de páginas⁸⁷ bastante consistentes (ff. 318-322) e que aborda a questão das justificativas, em diacronia, das regras eufônicas de junção entre palavra e palavra, típicas do sânscrito; ela se desenvolve em 9 páginas, em um grande folheto duplo numerado (1-4), uma folha simples e em outro folheto duplo (sem numeração).⁸⁸

Alguns fragmentos dos ‘cadernos de pesquisa’ (ff. 330-337, 376-377; ver § 3.5.1) e várias páginas de dois textos sânscritos transliterados completam a seção.⁸⁹

⁸⁵ *Op. cit.*, p.140.

⁸⁶ Um dos textos maiores do cânone ritual bramânico (VIII-VII. a.C.); a edição de Th. Aufrecht (*Das Aitareya Brāhmaṇa. Mit Auszügen aus dem Commentare von Sayanacarya und anderen Beilagen.* Bonn, 1879) estava em poder de Saussure.

⁸⁷ Nesses contextos, várias obras são mencionadas, algumas de maneira até mesmo alusiva, quando não ambígua: *La religion védique d’après les hymnes du Rig-Véda* [A religião védica nos Hinos do Rgveda], de A. Bergaigne (3 vol. Paris, 1878-1883), mencionada explicitamente, aliás, nas notas lecontianas (f. 327; ver § 3.5.2); a gramática sânscrita de Th. Benfey (*Vollständige Grammatik der Sanskrit-sprache* [Gramática completa da Língua Sânscrita]. Leipzig, 1852), dentre as ferramentas de referência mais utilizadas no *Mémoire*; o prefácio de *Jāśka’s Nirukta sammt den Nighantavas* [O Nirukta de Yaska, com os Nighaṅṭu], ed. por R. Roth (Göttingen, 1852), que Saussure detinha; a antologia sânscrita de O. von Böhtlingk (*Sanskrit-Chrestomathie*) [Antologia Sânscrita]. St. Petesburgo, 1845¹ [1877², 1897³, 1909⁴], presente na amostra desbastada para a tese (*Recueil*: 270); os *Original Sanskrit Texts*, de J. Muir (5 vol. Londres, 1858-1870¹ [1868-1873²]), citados e utilizados várias vezes nas anotações lecontianas e nas conferências indianistas (ff. 1, 126; ver D’Ottavi 2010: 56, 67; ver § 3.5.2). A nota sobre ἀμείβω [ameibō/ verbo ‘trocar’] faz referência ao primeiro volume de *Grundriß der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* [Esboço da Gramática Comparada das Línguas Indo-europeias], de K. Brugmann (1849-1919), cuja primeira edição foi publicada em Estrasburgo, em 1886.

⁸⁸ «Vue historique des sandhis respectifs de –R – S et – S’» (f. 318). Os folhetos 35 e 98 se concentram em casos de *sandhi* similares.

⁸⁹ O folheto 366 apresenta um pedaço extraído do *Mahābhārata* (I. 16, 37 – 17, 2), que relata o mito de Rāhu; os folhetos 367-375 (papeis arrancados de um caderno) contêm um texto extraído do *Rāmāyana*.

3.6 *Dossiê 9: mensagem de Alfonse de Candolle*

O dossiê 9 é composto por um único e pequeno folheto, preenchido à tinta preta ao longo de duas páginas. Trata-se de uma mensagem privada, não datada, endereçada a Saussure por Alphonse de Candolle (1806-1893), o ilustre botânico genebrino.

Eis uma transcrição completa:

Senhor,

Eu havia endereçado à vossa residência um convite para um jantar a seu tio Auguste de Pourtalès,⁹⁰ mas fui há pouco informado de que ele deve regressar somente a tempo para as núpcias. Rogo-vos, assim, tomar o lugar a ele reservado e acompanhar sua irmã Albertine em nosso jantar em família, no próximo domingo, às 18h15.⁹¹

Devotadamente seu,
A. de Candolle

Malagny⁹² Sábado

Casimir de Candolle (1836-1918), filho do autor da mensagem, havia se casado, em 1863, com Anna Marcet (1846-1919), tia paterna de Alexandre Marcet (1859-1903), primeiro marido de Albertine de Saussure (1861-1940), a irmã de Ferdinand evocada no texto.⁹³

O quadro de entrelaçamento das redes familiares genebrinas que se pode depreender dessas linhas nos permite tentar datar o folheto: se a leitura está correta, o 'jantar em família' tem alguma possibilidade de ter acontecido em torno do momento do casamento de Albertine ('as núpcias'), agosto de 1883, data completamente compatível com o arco temporal normalmente recoberto pelos manuscritos saussurianos de Harvard.⁹⁴

⁹⁰ Comte (1840-1918), irmão de Louise (1837-1906), Sra. Henri de Saussure, mãe de Ferdinand.

⁹¹ «Monsieur, /j'avais adressé chez vous une invitation à dîner pour votre oncle Auguste de Pourtalès mais j'apprends à l'instant qu'il ne doit arriver que juste pour les noces. Je tiens alors à vous prier de bien vouloir prendre la place que je lui réservais et accompagner votre sœur Albertine à notre dîner de famille de Dimanche prochain à 6/4 h.^{res} / Votre bien dévoué/ A. de Candolle/ Malagny Samedi».

⁹² Localidade entre Genthod e Versoix, no lago Léman, onde os Pourtalès também possuíam uma propriedade familiar.

⁹³ A primeira escolha de um acompanhante recaiu sobre Auguste de Pourtalès em razão – possivelmente – dos laços já estabelecidos entre os Pourtalès e a família Marcet: seu irmão Hermann (1847-1904) havia se casado com Marguerite Marcet, conhecida como Daisy (1857-1888), irmã mais velha de Alexandre, o noivo. Ferdinand, irmão mais velho de Albertine, garantiu uma substituição totalmente compatível.

⁹⁴ As de Ferdinand não são as únicas a encontrarem abrigo na Biblioteca Houghton. Sob os números de chamada *Autograph File, D'* (s.v. Saussure), MS Am 715 (79) e MS Am 1582 (133), a Biblioteca conserva as cartas de Henry William De Saussure (1763-1839), chanceler de Estado da Carolina do Sul, pertencente ao ramo americano da família, descendente de Henri de Saussure (1709-1761), emigrado antes de 1735 (Joseph 2012: 11). Cartas de Léopold (1866-1925, irmão de Ferdinand) e de Raymond a George Sarton (1884-1956), historiador da ciência, são encontradas sob o número de chamada MS Am 1803 (1280 e 1282), as de Léopold tendo sido publicadas por Raymond (Saussure 1937, pp.297-305). Sob o número de chamada bMS Fr 372.2 (3670-3673) foram reunidas as cartas que Jacques de Saussure endereçava a Marguerite Yourcenar (1903-1987) nos anos 50. Encontra-se também a correspondência entre Yourcenar e Raymond (bMS Fr 372.2 [3675]). Grace Frick (1903-1979) figura igualmente entre as correspondentes de Jacques (bMS Fr 372.2[5499]).

Anexo

As referências aos textos publicados em Parret (1993: 189-234) – com exceção daqueles para os quais se dispõe da edição integral do dossiê de origem (v. § 2) – se encontram organizados segundo a ordem da catalogação.⁹⁵

- vskip 0.3in Dossier 1 (§ 3.1)
 f. 3v = pp. 209-210, § 65
 f. 7v = p. 211, § 66
 ff. 8-9 = p. 211, § 67
 f. 18 = p. 211, § 68
 vskip 0.3in Dossier 3 (§ 3.3)
 [f. 1] = p. 195, § 8
 [f. 4] = p. 200, § 21
 vskip 0.3in Dossier 4 (§ 3.2)
Cahier 1: verso de la couverture = p. 233
 [f. 7v] = p. 233
 vskip 0.3in Dossier 6 (§ 3.5)
 f. 1 = p. 224, § 103 [C]
 f. 6 = p. 229, § 110 [L]
 f. 6b = pp. 229-230, § 111 [L]
 f. 7 = p. 231, § 114; pp. 229-230, § 111 [L]
 f. 8 = p. 230, § 112 [L]
 f. 9 = pp. 231-232, § 115 [L]
 f. 11 = pp. 230-231, § 113 [L]
 f. 12 = p. 223, § 101; p. 232, § 116 [L]
 f. 13 = p. 224, § 102 [L]
 ff. 15-17 = pp. 213-214, § 75 [C]
 ff. 18-19 = pp. 214-215, § 76 [C]
 f. 23v = p. 198, § 18 [C]
 f. 29 = p. 195, § 7
 f. 30 = p. 214-215, § 76 [C]
 f. 47 = p. 196, § 9
 f. 48 = p. 196, § 11 [O]
 f. 50 = p. 196, § 11 [O]
 f. 49v = p. 218, § 87 [O]
 f. 51 = pp. 220-221, § 94 [O]
 f. 53 = p. 221, § 95 [O]
 f. 56v = p. 221, § 96 [O]
 f. 57 = p. 216, § 79; p. 217, § 82, 84 [O]
 f. 58v = pp. 217-218, § 85 [O]
 f. 59 = p. 218, § 86 [O]
 f. 60v = pp. 218-219, § 88 [O]
 f. 61-62v = p. 219, § 89 [O]
 f. 63 = p. 217, § 83 [O]
 f. 64v = p. 219, § 90 [O]
 f. 65 = p. 219, § 91; pp. 196-197, § 12 [O]

⁹⁵[C]= textos das conferências indianistas (§ 3.5.2); [L] = notas sobre a poética de Leconte de Lisle (§ 3.5.2); [O] = notas para a resenha do volume de P. Oltramare (ver § 3.5.2). A numeração das folhas apresentada entre colcheias é fruto de nosso exame.

- f. 66v = p. 216, § 80 [O]
 f. 67 = p. 216, § 81 [O]
 f. 68v = p. 220, § 93; p. 228, § 107 [O]
 f. 70v = pp. 221-222, § 97 [O]
 f. 71 = p. 222, § 98 [O]
 f. 72 = p. 220, § 92 [O]
 f. 73 = pp. 222-223, § 99 [O]
 f. 74 = p. 215, § 77 [O]
 f. 75 [95] = p. 223, § 100
 ff. 76-88 = pp. 224-227, § 104 [C]
 f. 97 = pp. 215-216, § 78 [C]
 ff. 99-100 = p. 233 [L]
 f. 126 = p. 232, § 117 [L]
 f. 172v = p. 195, § 5
 ff. 229v-230 = pp. 211-212, §§ 69-71
 f. 277 = p. 213, § 74
 ff. 314-315 = p. 212, §§ 72-73
 f. 323 = p. 209
 f. 326 = p. 213
 f. 327 = p. 228, § 108 [L]
 f. 328v = pp. 228-229, § 109
 f. 329 = p. 227, § 105-106
 f. 353v = p. 195, § 6
 vskip 0.3in Dossier 7 (§ 3.3)
 [f. 1] = p. 209, § 64

Fundo manuscrito

Houghton Library, Harvard College Library, Harvard University (Cambridge, Mass.).

Número de chamada: bMS Fr 266 (« Ferdinand de Saussure linguistic papers »).

Abreviações

AdS Archives de Saussure (fundo da BGE).

BGE Biblioteca de Genebra.

CLG Ferdinand de SAUSSURE, *Cours de linguistique générale* (1916), publicado por Ch. Bally e A. Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger, Paris, Payot 1922.

Corpus saussuriano

Recueil Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure, publié par Ch. Bally et L. Gautier, Genève, Société Anonyme des Éditions Sonor 1922 [reimpr. Genève / Paris: Slatkine, 1984].

Souvenirs GODEL (1960).

- SAUSSURE, Ferdinand de. 1877. "Essai d'une distinction des différents *a* indo-européens". *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*. 3: 359-390 (= *Recueil*: 379-390).
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1879. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* [1878]. Leipsick, Teubner [reimpr. Paris : F. Vieweg, 1887] (= *Recueil*: 1-268).
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1881. *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*. Genebra: J.-G. Fick (= *Recueil*: 269-338).
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1892. "Les formes du nom de nombre "six" en indo-européen". *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris* 7: 73-76 (= *Recueil*: 435-439).

Referências

- Actes du X^e Congrès International des Orientalistes, session de Genève (1894). Première partie. Compte rendu des séances*. Leide: Brill, 1897.
- BÉGUELIN, Marie-José. 2003. "La méthode comparative et l'enseignement du *Mémoire*". In: Bouquet 2003 ed., p. 150-164.
- BENVENISTE, Émile. 1964. (ed.) "Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 21: 93-130.
- BALLY, Charles. 1913. *F. de Saussure et l'état actuel des études linguistiques*. Genebra: Atar [Aula inaugural para a Cadeira de Linguística Geral, 10 de outubro de 1913; reimpr. *Le langage et la vie* (1925). Genebra: Droz 1952, p. 147-160].
- BÖHTLINGK, Otto von e ROTH, Rudolf. 1855-1875. eds. *Sanskrit-Wörterbuch herausgegeben von der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, bearbeitet von O.B. und R.R.*. 7 vol. St. Petersburg.
- BOUQUET, Simon. 2003. (ed.) *Saussure*. Paris: Éditions de l'Herne.
- BRETTI, Francesca. 2011. *I manoscritti di Saussure ad Harvard: un'autopsia*. Tese de Mestrado. Università de la Calabre, Corso di Laurea Magistrale in Teoria della Comunicazione e Comunicazione Pubblica, ano acadêmico 2010/2011.
- CANDAUX, Jean-Daniel. 1974-1975. "Ferdinand de Saussure linguiste à quatorze ans et demi". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 29: 7-12 [= *Musée de Genève*. n.s. 14 (140). novembre-décembre 1973, p. 2-5].
- CHIDICHIMO, Alessandro. 2009. "Rapporti tra archivi saussuriani". Comunicação apresentada no seminário internacional *Pour une édition numérique des textes de Ferdinand de Saussure (1-3.10.2009)*. Università della Calabria.
- DAVIS, Boyd H. 1978. (ed.) "Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines." (1874). *Cahiers Ferdinand de Saussure* 32: 73-101.

- DAVIS, Boyd H. 1990. "An earlier Draft of Saussure's *Mémoire*". *The SECOL Review* 14.1: 25-33.
- DAVIS, Boyd H. 1992. "The Saussure Manuscripts at Harvard: Preliminary Contexts" In: Crochetière, Boulanger, Ouellon eds., *Les langues menacées/ Endangered Languages. Actes du XV^e Congrès International des Linguistes (9-14.08.1992)* [1993]. Université Laval (Québec). Sainte-Foy. Presses Universitaires de Laval, vol. IV, p. 345-348.
- DÉCIMO, Marc. 1994. "Saussure à Paris". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 48: 75-90.
- DÉCIMO, Marc. 1999. "Une petite famille de travailleurs autour de Georges Guyssse: le monde de la linguistique parisienne". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 52: 99-121.
- D'OTTAVI, Giuseppe. 2010. "Le savoir indianiste de Ferdinand de Saussure: les manuscrits de Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (6)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 63: 53-79.
- D'OTTAVI, Giuseppe. 2012. "Genèse d'un écrit saussurien: de la 'théosophie' à une approche de la subjectivité". *Genesis* 35: 129-141.
- D'OTTAVI, Giuseppe. 2013. "L'India, tra Ginevra e Harvard. Le conferenze indologiche di Ferdinand de Saussure". In: Federico Albano Leoni, Stefano Gensini, Emanuela Piemontese eds., *Tra linguistica e filosofia del linguaggio. A Tullio De Mauro per il suo 80^o compleanno*. Roma/Bari: Laterza, p. 54-72.
- D'OTTAVI, Giuseppe. 2016. "Matériaux pour l'étude de *De l'emploi du génitif absolu en Sanscrit* de Ferdinand de Saussure (1881)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 69 [2017]: 57-84
- D'OTTAVI, Giuseppe. 2017. "Saussure l'indianiste".. In Claire A. Forel, Thomas Robert eds., *Saussure 1913-2012. Une source d'inspiration intacte*. Geneva: Métis Presses, p. 53-92.
- ENGLER, Rudolf. 1988. "Nouvelles de l'édition critique du CLG (CLG/E)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 42: 269-270.
- FLEURY, Michel. 1965. "Notes et documents sur Ferdinand de Saussure (1880-1891)". *École Pratique des Hautes Études - IV^e section – Sciences Historiques et Philologiques – Annuaire 1964/65*, p. 35-67.
- GAMBARARA, Daniele. 2009. "Textes publiés et textes inédits: un seul Saussure, une seule écriture ?" Comunicação apresentada no seminário internacional *Pour une édition numérique des textes de Ferdinand de Saussure (1-3.10.2009)*. Università della Calabria.
- GANDON, Francis. 2001. "Le dernier Saussure: Double articulation, anagrammes, brahmanisme". *Semiotica* 133. 1-4: 69-78.
- GODEL, Robert. 1960. ed. "Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études (BGE, Ms fr 3957/1)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 17: 12-25.
- MARCHESE, Maria Pia. 1990. "I manoscritti harvardiani di F. de Saussure". *Quaderni del Dipartimento di Linguistica* 1: 61-73. Università degli studi di Firenze.

- MARCHESE, Maria Pia. 1995. (ed.) *Phonétique. Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMSFr 266 (8)*. Padova. Unipress. *Quaderni del Dipartimento di Linguistica* 3. Università degli studi di Firenze.
- MARCHESE, Maria Pia. 2003. "Une source retrouvée du *Cours de linguistique générale* de F. de Saussure". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 56: 333-339.
- MEJÌAQUIJANO, Claudia. 2008. *Le cours d'une vie : portrait diachronique de Ferdinand de Saussure*. Nantes: Cécile Defaut.
- MEJÌAQUIJANO, Claudia e PETIT, Daniel. 2008. "Du nouveau à propos du voyage de F. de Saussure en Lituanie." *Cahiers Ferdinand de Saussure* 61: 133-157.
- OLTRAMARE, Paul. 1906. *Histoire des idées théosophiques dans l'Inde. Tome I : La Théosophie brahmanique*. Paris: Leroux.
- PARRET, Herman. 1993. (ed.) "Les manuscrits saussuriens de Harvard". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 47: 179-234.
- PARRET, Herman. 1994. *Ferdinand de Saussure. Manoscritti di Harvard*. Roma-Bari: Laterza [versão italiana de PARRET (1993; 1995-1996) por Raffaella PETRILLI].
- PARRET, Hermann. 1995. "Réflexions saussuriennes sur le temps et le moi. Les manuscrits de la Houghton Library à Harvard". In: Michel Arrivé e Claudine Normand eds., *Saussure aujourd'hui. Actes du Colloque de Cerisy (12-19.08.1992)*. Paris. Presses Universitaires de Paris X, *Lynx* 7 p. 39-74. Disponível em: <http://linx.revues.org/1124>; DOI: 10.4000/linx.1124 [versão resumida de PARRET (1995-1996).]
- PARRET, Herman. 1995-1996. "Réflexions saussuriennes sur le temps et le moi. Les manuscrits de la Houghton Library à Harvard". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 49: 85-119.
- PARRET, Herman. 2003. "Métaphysique saussurienne de la voix et de l'oreille dans les manuscrits de Genève et de Harvard". In: Bouquet 2003 ed., p. 62-79.
- PICTET, Adolphe. 1859. *Les origines indo-européennes, ou Les Aryas primitifs. Essai de paléontologie linguistique*. Paris: J. Cherbuliez [Paris: Sandoz et Fischbacher 1877.]
- JAKOBSON, Roman. 1969. "Saussure's unpublished reflexions on phonemes". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 26: 5-14.
- JAKOBSON, Roman. 1971. "La première lettre de Ferdinand de Saussure sur les anagrammes". *L'Homme* 11. 2: 15-24.
- JOSEPH, John E. 2007. "Two Mysteries of Saussure's Early Years Resolved". *Historiographia linguística* 34. 1: 155-166.
- JOSEPH, John E. 2012. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press.
- SAUSSURE, Raymond de. 1937. "Léopold de Saussure (1866-1925)" *Isis* 27. 2: 286-305.

- SCHROEDER, Leopold von. 1895. "Das Kāṭhaka, seine Handschriften, seine Accentuation und seine Beziehung zu den indischen Lexikographen und Grammatikern". *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* 49: 145-171.
- [REICHLER-]BÉGUELIN, Marie-José. 1990. "Des formes observées aux formes sous-jacentes" In: René Amacker e Rudolf Engler eds., *Présence de Saussure. Actes du Colloque international de Genève (21-23 mars 1988)*. Genève : Droz, p. 21-37.
- TESTENOIRE, Pierre-Yves. 2012. "La place de "La Théosophie brahmanique" dans l'œuvre de Saussure". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 65: 133-155.
- VILLANI, Paola. 1990. "Documenti saussuriani conservati a Lipsia e Berlino". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 44: 3-33.
- WEBER, Albrecht. 1891. *Verzeichniss der Sanskr. it- und Prâkr. it-handschriften der Königlichen Bibliothek zu Berlin*. 2 Bd. III Abt. Berlin: A. Asher.

Ferdinand de Saussure e o *Curso de Linguística Geral*: Uma orientação Bibliográfica^{1,2}

Pierre Swiggers
(*Katholieke Universiteit Leuven*)

A bibliografia saussuriana –bibliografia primária e secundária– é imensa. O objetivo desta breve contribuição é oferecer aos leitores não-especialistas uma primeira orientação, que lhes permitirá constituir uma documentação de base. Limitamos esta orientação bibliográfica à linguística geral de F. de Saussure – o *CLG* (cf. seção 1) e os ‘novos textos’ (cf. seção 2) –, excluindo os estudos indo-europeus e as pesquisas ‘anagramáticas’ de Saussure; correlativamente, no que diz respeito à literatura secundária, mantivemos apenas os estudos consagrados à linguística geral de Saussure (cf. a rubrica 3.6.). Para informações bibliográficas adicionais, remetemos sobretudo aos títulos mencionados sob a rubrica 3.3.

1. O Curso de Linguística Geral

1.1 *A edição de Bally e Sechehay*

[**CLG**] *Cours de linguistique générale*. Publicado por Charles Bally et Albert Sechehay. Com a colaboração de Albert Riedlinger. 1916. Paris - Lausanne: Payot. 337 p.

[1922², 331 p.; 1931³, 331 p.; 1949⁴, 331 p.; 1955⁵, 331 p. com reimpressões em 1959, 1962, 1965, 1968]

[cf. ENGLER, R. 1987. «Die Verfasser des CLG», in: P. Schmitter éd., *Zur Theorie und Methode der Geschichtsschreibung der Linguistik. Analysen und Reflexionen*, 141-161. Tübingen: Narr]

¹Tradução de Cristina Altman do original francês *Ferdinand de Saussure et le Cours de linguistique générale: Une orientation bibliographique*.

²A abreviação *CFS* remete aos *Cahiers Ferdinand de Saussure*.

*Algumas traduções do CLG*³:

1928. *Gengogaku-genron*. Trad. japonesa de H. Kobayashi. Tokyo. [19402; 19413; 19504; 1972³]
1931. *Grundfragen der allgemeinen Sprachwissenschaft*. Trad. alemã de H. Lommel. Berlin - Leipzig. [1967 reimpr. com posfácio de P. von Pohlenz; 2003, nova reimpr.]
1933. *Kurs obščej lingvistiki*. Trad. russa de A.M. Suxotin. Comentário de R. J. Šor. Moscou. [reimpr. 1990]
1945. *Curso de lingüística general*. Trad. espanhola de A. Alonso. Buenos Aires. [19552; 19593; 19614]. [Nova trad. espanhola de M. Armiño: Madrid 1980]
1959. *Course in General Linguistics*. Trad. inglesa de W. Baskin. New York - London. [Paperback 1966; 19742] [Nova tradução inglesa de R. Harris: London 1983]
1967. *Corso di linguistica generale*. Trad. italiana com notas de T. De Mauro. Bari. [CLG/DM] [cf. Baumer, I. 1968. c.r. *CFS* 24. 85-94; Derossi, G. 1968. c.r. *Il pensiero* 3. 327-330; Engler, R. 1970. *Vox Romanica* 29. 123-131] [Trad. francesa - conservando o texto do *CLG* - do CLG/DM em 1972, com reedições em 1975, 1985, 1995, 2001]
1970. *Curso de Lingüística geral*. Trad. portuguesa (do Brasil) de A. Chelini, J. P. Paes et I. Blikstein. São Paulo. [reimpr. 2006]
1971. *Curso de Lingüística geral*. Trad. portuguesa (de Portugal) de José Victor Adragão. Lisboa.
2012. *Cours de linguistique générale. Grundfragen der allgemeinen Sprachwissenschaft*. Nova ed. e trad. alemã de P. Wunderli. Tübingen.

³Nós mencionamos aqui apenas as primeiras traduções, entre 1928 et 1960, a importante tradução italiana (com notas exegéticas) de Tullio De Mauro (1967), as duas traduções portuguesas (1970, 1971), e a última edição com tradução alemã de Peter Wunderli (2012). — Assinalemos que existem traduções do *CLG* em polonês, africâner, húngaro, sérvio, sueco, vietnamita, coreano, turco, albanês, grego moderno, chinês, árabe, língua indonésia, tcheco, catalão, búlgaro, basco, romeno, persa moderno, croata e galego [na ordem cronológica de publicação].

1.2 A edição crítica de Rudolf Engler

[**CLG/E**] *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz. 1968 [1967]-1974 [Reimpr. 1989 e 1990]. 4 fasc. em 2 tomos [Um terceiro tomo, que deveria conter textos inéditos e notas, nunca foi publicado]

[cf. ENGLER, R. 1967. «Zur Neuauflage des *Cours de linguistique générale*». *Kratylos* 12. 113-128]

1.3 As «Sources manuscrites» [Fontes manuscritas] e outros trabalhos de Robert Godel

GODEL, R. 1959. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genève: Droz. [19692]

[cf. ENGLER, R. 1959. «CLG und SM: eine kritische Ausgabe des *Cours de linguistique générale*». *Kratylos* 4. 119-132]

GODEL, R. 1954. «Notes inédites de F. de Saussure». *CFS* 12. 40-71.

GODEL, R. 1957. «Cours de linguistique générale (1908-1909). Introduction (d'après des notes d'étudiants)». *CFS* 15. 5-103. [Trad. italiana de R. Simone, Rome 1970; Trad. alemã de H.-P. Albrecht e W. Scharf, Düsseldorf 1984]

GODEL, R. 1958-59. «Nouveaux documents saussuriens: les cahiers E. Constantin». *CFS* 16. 23-32.

GODEL, R. 1960. «Inventaire des manuscrits de F. de Saussure remis à la bibliothèque publique et universitaire de Genève». *CFS* 17. 5-11.

1.4 A «Collation Sechehaye»

SOFIA, E. 2015. *La «Collation Sechehaye» du 'Cours de linguistique générale' de Ferdinand de Saussure. Édition, introduction et notes*. Leuven – Paris – Bristol: Peeters.

1.5 As edições separadas dos 3 Cours

- Ferdinand de Saussure. *Troisième Cours de Linguistique générale (1910-1911)/ Third Course of Lectures on General Linguistics (1910-1911)*. D'après les cahiers d'Émile Constantin. Édition par Eisuke KOMATSU. Trad. inglesa de Roy HARRIS. (*Language & Communication Library*, vol. 12). Oxford: Pergamon Press. 1993.
- Ferdinand de Saussure. *Premier Cours de Linguistique générale (1907)/ First Course of Lectures on General Linguistics (1907)*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger. Édition par Eisuke KOMATSU. Trad. inglesa de George WOLF. (*Language & Communication Library*, vol. 15). Oxford: Pergamon Press. 1996.
- Ferdinand de Saussure. *Deuxième Cours de Linguistique générale (1908-1909)/ Second Course of Lectures on General Linguistics (1908-1909)*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois. Édition par Eisuke KOMATSU. Trad.

inglesa de George WOLF. (*Language & Communication Library*, vol. 16). Oxford: Pergamon Press. 1997.

2. Os 'novos' textos

► *os manuscritos de Harvard*: fonética

PARRET, H. 1993. «Les manuscrits saussuriens de Harvard». *CFS* 47. 179-234.

F. de Saussure. 1995. *Phonétique. Il manoscritto di Harvard Houghton Library BMs Fr* 266 (8). Ed. por Maria Pia Marchese. Padova: UNIPRESS.

F. de Saussure. 2002. *Théorie des sonantes. Il manoscritto di Geneva, BPU MS. Fr* 3955/1. Ed. por Maria Pia Marchese. Padova: UNIPRESS.

► *textos da Orangerie descobertos em 1996*; trata-se dos seguintes textos: «De l'essence double du langage»; «Nouveaux item»; «Nouveaux documents» [sobre Langage/Langue/Parole; sobre o Signe; sobre Divination/Induction; sobre os compostos latinos do tipo AGRICOLA; sobre FABER.FAURE]; «Note sur le discours»; «Unde exoriar»

F. de Saussure. 2002. *Écrits de linguistique générale*. Ed. por S. Bouquet, R. Engler e A. Weil. Paris: Gallimard. [traduções: espanhola (2004), portuguesa (2004), polonesa (2004), sérvia (2004), inglesa (2006)]

F. de Saussure. 2003. *Wissenschaft der Sprache. Neue Texte aus dem Nachlass*. Ed. de L. Jäger, E. Birk, M. Buss. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

F. de Saussure. 2011. *Science du langage. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. de Saussure* 372. Ed. de R. Amacker. Genève: Droz.

3. Manuais; Léxico terminológico; Bibliografias; Biografia intelectual; Trabalhos coletivos; Estudos monográficos

3.1 Manuais

SCHEERER, Th. M. 1980. *Ferdinand de Saussure. Rezeption und Kritik*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft. [cf. Swiggers, P. 1982. «Saussure à l'usure». *Semiotica* 42. 297-309; W.K. Percival, W.K. 1983. c.r. in *Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur* 105. 119-123; Engler, R. 1986. c.r. in *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur* 96. 59-63]

JÄGER, L. 2010. *Ferdinand de Saussure zur Einführung*. Hamburg: Junius.

3.2 Léxico terminológico

ENGLER, R. 1968. *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht – Anvers: Spectrum.

3.3 Bibliografias

KOERNER, E.F.K. 1972. *Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique*. La Haye – Paris: Mouton.

KOERNER, E.F.K. 1972. *Bibliographia saussureana 1870-1970. An annotated, Classified Bibliography on the Background, Development, and Actual Relevance of Ferdinand de Saussure's General Theory of Language*. Metuchen: Scarecrow Press.

ENGLER, R. 1976-1989. «Bibliographie saussurienne (1), (2), (3), (4), (5)». *CFS* 30. 99-138; 31. 279-306; 33. 80-145; 40. 131-200; 43. 149-275.

3.4 Biografia intelectual

JOSEPH, J. E. 2012. *Saussure*. Oxford: Oxford UP.

3.5 Trabalhos coletivos

Langages 49 (1978): *Saussure et la linguistique pré-saussurienne*.

AMACKER, R. – Engler, R. (eds) 1990. *Présence de Saussure*. Genève: Droz.

DE MAURO, T. – SUGETA, S. (eds) 1995. *Saussure and Linguistics Today*. Tokyo - Roma: Waseda University & Bulzoni.

BOUQUET, S. (ed.) 2003. *Saussure. (Cahiers de l'Herne)*.

SANDERS, C. (ed.) 2005. *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: CUP.

Langages 159 (2005): *Linguistique et poétique du discours. À partir de Saussure*.

SAUSSURE, L. de (ed.) 2006. *Nouveaux regards sur Saussure: Mélanges offerts à René Amacker*. Genève: Droz.

ELIA, A. – De Palo, M. (eds) 2007. *La lezione di Saussure: Saggi di epistemologia linguistica*. Roma: Carocci.

BEIVIDAS, W., Lopes I. e Badir, S. (eds) 2016. *100 anos com Saussure*, Vol 1 e 2. São Paulo: Annablume.

3.6 Estudos monográficos

AMACKER, R. 1975. *Linguistique saussurienne*. Genève: Droz.

ARRIVÉ, M. 2007. *À la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: P.U.F.

BADIR, S. 2001. *Saussure: la langue et sa représentation*. Paris: L'Harmattan.

- BIERBACH, Chr. 1979. *Sprache als 'fait social'. Die linguistische Theorie F. de Saussures und ihr Verhältnis zu den positivistischen Sozialwissenschaften*. Tübingen: Niemeyer.
- BOUISSAC, P. 2010. *Saussure: A Guide for the Perplexed*. London: Continuum.
- BOUQUET, S. 1997. *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris: Payot & Rivages.
- CALVET, L.-J. 1975. *Pour et contre Saussure. Vers une linguistique sociale*. Paris: Payot.
- CHOI, Yong-Ho. 2002. *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan.
- CULLER, J. 1976. *Saussure*. London: Penguin. [1986²]
- DEPECKER, L. 2009. *Comprendre Saussure d'après les manuscrits*. Paris: A. Colin.
- DEROSSI, G. 1965. *Segno e struttura linguistici nel pensiero di Ferdinand de Saussure*. Trieste: Del Bianco.
- FEHR, J. 2000. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Trad. de P. Caussat. Paris: P.U.F.
- GADET, F. 1987. *Saussure: une science de la langue*. Paris: P.U.F.
- GANDON, F. 2006. *Le nom de l'absent. Epistémologie de la science saussurienne des signes*. Limoges: Lambert-Lucas.
- GORDON, W.T. 1996. *Saussure for Beginners*. London – New York: Writers & Readers.
- HARRIS, R. 1987. *Reading Saussure. A critical commentary on the 'Cours de linguistique générale'*. London: Duckworth.
- HARRIS, R. 1988. *Language, Saussure, and Wittgenstein: How to Play Games with Words*. London – New York: Routledge.
- HARRIS, R. 2001. *Saussure and his Interpreters*. Edinburgh: Edinburgh University Press. [2003²]
- HIERSCHE, R. 1972. *Ferdinand de Saussures langue - parole Konzeption und sein Verhältnis zu Durkheim und von der Gabelentz*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft.
- HILDENBRANDT, E. 1972. *Versuch einer kritischen Analyse des Cours de linguistique générale von F. de Saussure*. Marburg: Elwert.
- HOLDCROFT, D. 1991. *Saussure: Signs, System, and Arbitrariness*. Cambridge: CUP.
- JÄGER, L. 1975. *Zu einer historischen Rekonstruktion der authentischen Sprach-Idee F. de Saussures*. [Thèse Dusseldorf]
- KOERNER, E.F.K. 1973. *Ferdinand de Saussure. Origin and development of his linguistic thought in Western studies of language*. Braunschweig: Vieweg.
- KOERNER, [E.F.] K. 1988. *Saussurean Studies/Études saussuriennes*. Genève: Slatkine.

- LINDA, M. 2001. *Elemente einer Semiologie des Hörens und Sprechens: zum kommunikationstheoretischen Ansatz Ferdinand de Saussures*. Tübingen: Narr.
- MEJÍA, Claudia. 1998. *La linguistique diachronique: le projet saussurien*. Genève: Droz.
- MEJÍA, Claudia. 2008. *Le cours d'une vie: portrait diachronique de Ferdinand de Saussure*. Nantes: C. Default.
- MOUNIN, G. 1968. *Saussure ou le structuraliste sans le savoir*. Paris: Seghers. [19712]
- NETHOL, A.M. 1971. *Ferdinand de Saussure. Fuentes manuscritos y estudios críticos por E. Benveniste, A. Greimas, L. Hjelmslev, A.M. Nethol, F. de Saussure, J. Starobinski, R.S. Wells*. México/Buenos Aires [19772]
- NORMAND, Cl. 2000. *Saussure*. Paris: Les Belles Lettres. [2004²]
- PRAMPOLINI, M. 1994. *Ferdinand de Saussure*. Teramo: G. Lisciani.
- PRECHTL, P. 1994. *Saussure: zur Einführung*. Hamburg: Junius.
- SIMONE, R. 1992. *Il sogno di Saussure*. Roma – Bari: Laterza.
- THILO, U. C.M. 1989. *Rezeption und Wirkung des Cours de linguistique générale*. Tübingen: Narr.
- UTAKER, A. 2002. *La philosophie du langage: Une archéologie saussurienne*. Paris: P.U.F.
- VALLINI, C. 2013. *Studi saussuriani*. Napoli: Univ. degli Studi.
- WUNDERLI, P. 1981. *Saussure-Studien. Exegetische und wissenschaftsgeschichtliche Untersuchungen zum Werk von F. de Saussure*. Tübingen: Narr.
- WUNDERLI, P. 1990. *Principes de diachronie. Contributions à l'exégèse du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Frankfurt am Main: P. Lang.

Autores

Alessandro Chidichimo

Professor e pesquisador da Universidade de Genebra, Alessandro Chidichimo desenvolve pesquisas no campo da história e da epistemologia das ideias linguísticas a partir de fontes manuscritas inéditas, em particular sobre a Escola Genebrina de Linguística. Sua tese sobre o manuscrito saussuriano «*de l'Essence double du langage*» (Universidade da Calábria, 2011) venceu o Prêmio Bally 2012. É autor de numerosos artigos sobre Saussure (cf. https://www.researchgate.net/profile/Alessandro_Chidichimo). Contato em: alessandrochidichimo@gmail.com

Carolina Lindenberg Lemos

Carolina Lindenberg é pós-doutoranda junto ao *Centro de Documentação em Historiografia Linguística* do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. Presidente da *Associação de Jovens Pesquisadores em Semiótica* (AJCS) e membro do *Grupo de Estudos Semióticos* da USP, realizou seu doutorado em cotutela pela Universidade de São Paulo (2010) e pela Universidade de Liège (2015). Realizou estágio de mobilidade internacional na Universidade de Paris VIII, sob supervisão de Denis Bertrand (2013). Sua pesquisa se concentra nas áreas de epistemologia da semiótica, historiografia linguística e estrutura linguística, tendo também publicado trabalhos de análise de objetos literários, visuais e sincréticos. Contato em: carolina.lemos@gmail.com

Estanislao Sofia

Estanislao Sofia é pós-doutorando do Fundo Wetenschappelijk Onderzoek – Vlaanderen (FWO), na Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica. Especialista em história e epistemologia da Linguística, ele se interessa pelos aspectos históricos, teóricos, editoriais e genéticos que envolvem a obra de Ferdinand de Saussure, à qual consagrou sua tese de doutorado (2009). Foi pesquisador pós-doutoral do Fundo Nacional Belga para a pesquisa científica (FNRS), na Universidade de Liège (2009-2013). É autor de *La collation Sechehaye du Cours de linguistique générale de F. de Saussure* (2015) e de vários artigos acerca da genética textual em ciências humanas e sobre a história das ideias linguísticas. Co-dirigiu duas coletâneas de artigos, *Espaces théoriques du langage* (com Claudine Normand, 2013) e *Archives et manuscrits des linguistes* (com Valentina Chepiga, 2014). Contato em estanislaosofia@gmail.com

François Vincent

François Vincent desenvolveu sua tese sobre «*Le premier cours de linguistique générale professé par Ferdinand de Saussure à Genève (C1Ca/FV-Vol. I, 256 p. et vol. II,*

355p.) *Cours I et Sténographie CAILLE – Transcriptions et commentaire*» (2013), sob a orientação de Dominique Ducard, na Universidade Paris-Est. É autor de numerosos trabalhos sobre Saussure, entre eles, um artigo sob a égide da Fundação Ferdinand de Saussure (Paris), na revista eletrônica *Texto!*, intitulado «Sémiose et système saussurien : vers une formalisation ?» (2008); e três outros nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (Genebra), dentre os quais, «Le premier cours de linguistique générale professé par Ferdinand de Saussure à Genève: Cours I et sténographie Caille: transcriptions et commentaires», n° 67 (2014). Contato em: fvincent66@gmail.com

Giuseppe D'Ottavi

Pesquisador convidado da Universidade de Harvard (Cambridge, Mass.), Giuseppe D'Ottavi foi pós-doutor no *Instituto de Textos e Manuscritos Modernos* (ITEM-ENS/CNRS, Paris), estabelecimento de que faz parte atualmente. Co-dirige, com Irène Fenoglio, a coleção *Sciences du langage. Carrefours et points de vue*, edições Academia (Louvain-la-Neuve). Dentre suas publicações recentes estão: «Pāṇini et le *Mémoire*» (In: «*De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme*», ed. por F. Rastier, Limoges, 2016); «Aux sources d'une école: notes du maître et cahiers d'étudiants» (*Histoire Épistémologie Langage* 37. 2, 2015); «'Faire école' en linguistique au XX^e siècle: l'École de Genève», ed. Ch. Puech; «*Désigner et signifier le "savoir": une nouvelle entrée du Vocabulaire des institutions indo-européennes d'Emile Benveniste*» (*Fragmentum* 41, ed. A. Scherer, 2014); «Saussure e a Índia: a teoria da *apoha* e as entidades negativas da linguagem» (*O projeto de Ferdinand de Saussure*, org. J.-P. Bronckart, E. Bulea, C. Bota, Fortaleza, 2014). Contato em: giuseppe.dottavi@ens.fr

John Joseph

Professor de Linguística Aplicada e Chefe do Departamento de Linguística e Língua Inglesa da Universidade de Edinburgh, John Joseph é o autor da monumental biografia sobre Saussure (*Saussure*, Oxford, 2012) e autor de inúmeros trabalhos. Entre seus livros estão: *Language and Politics* (2006), *Language and Identity* (2001), e, juntamente com Nigel Love e Talbot Taylor, *Landmarks in Linguistic Thought II: The Western Tradition in the Twentieth Century* (2001). Joseph também é editor de *Language and Politics: Major Themes in English Studies*, 4 V. (2010). Contato em: John.Joseph@ed.ac.uk

Karen Alves da Silva

Karen Alves da Silva desenvolve projeto de doutorado na Universidade Estadual de Campinas, cujo tema é o 'sujeito falante na obra de Ferdinand de Saussure'. Participa do *Grupo de Pesquisa em Aquisição de Linguagem* (GPAL-UNICAMP) e do *Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure* (UFU). Foi professora da Faculdade de Tecnologia de Jundiaí (FATEC - Jundiaí) e, atualmente, é professora do Centro Universitário Padre Anchieta. Contato em: [<karenals@yahoo.com.br>](mailto:karenals@yahoo.com.br)

Lygia Testa-Torelli

Concluiu mestrado em Linguística Geral e Semiótica pela Universidade de São Paulo (2015), com trabalho sobre o *primeiro curso* de Saussure na Universidade de

Genebra (*Definir e exemplificar: estratégias didáticas no Curso de Linguística Geral – 1907*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP), sob a orientação de Cristina Altman. Sua experiência no exterior abrange um período em Paris (2011-2012), para um *Master 1*, e dois semestres (2015-2016) na Universidade de Guelph, no Canadá (Ontário), como assistente internacional de francês. Foi professora de francês na Aliança Francesa de São Paulo (2007-2014) e monitora e formadora nos Cursos Extracurriculares de Francês (USP, 2013-2015). Contato em: lygiarachel@gmail.com

Pierre Swiggers

Professor e pesquisador da Katholieke Universiteit Leuven, Pierre Swiggers tem publicado em vários campos: linguística descritiva (Românica, Germânica, Semítica), linguística teórica, linguística histórico-comparativa (línguas Indo-europeias, Semíticas), dialetologia, onomástica, historiografia dos estudos gramaticais e da linguística moderna, metodologia e epistemologia da linguística, semiótica, filosofia (lógica e filosofia da linguagem), história da escrita. Pesquisador consagrado, dentre centenas de trabalhos, Swiggers é o autor de *Les conceptions linguistiques des Encyclopédistes. Étude sur la constitution d'une théorie de la grammaire au siècle des Lumières*. Heidelberg & Leuven: J. Groos & UP (1984); *Histoire de la pensée linguistique. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle*. Paris: Presses universitaires de France (1997); *The Collected Works of Edward Sapir*, vol. I: *General Linguistics*. Edited, with introduction. Berlin & New York: Mouton de Gruyter (2008); “Les études linguistiques romanes des origines jusqu’au début du XIXe siècle: les ‘prémices’ de la romanistique” & “La linguistique romane, de Friedrich Diez à l’aube du XXe siècle”. In *Manuel des langues romanes (= Manuals of Romance Linguistics*, vol. 1), edited by André Klump, Johannes Kramer, and Aline Willems, 13-42 & 43-64. Berlin & Boston: De Gruyter. (2014). Contato em: Pierre.Swiggers@arts.kuleuven.ac.be

Pierre-Yves Testenoire

Após realizar estudos de línguas e literaturas antigas, Pierre-Yves Testenoire consagrou sua tese, sob a orientação de Philippe Brunet, aos anagramas de Ferdinand de Saussure. Ela foi publicada em dois volumes pelas edições Lambert-Lucas: o primeiro (*Anagrammes homériques*) é a primeira edição de um *corpus* importante de manuscritos de anagramas; o segundo, intitulado *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes*, é constituído por uma análise detalhada daquele *corpus*. Testenoire ensina linguística, atualmente, na Universidade Paris-Sorbonne. Ele conduz suas pesquisas no âmbito do laboratório HTL *História das Teorias Linguísticas* e colabora para as atividades do laboratório de genética textual ITEM (*Instituto de Textos e de Manuscritos modernos*). Suas pesquisas tratam da história das ideias linguísticas até a época contemporânea. Ele se interessa particularmente pelo pensamento de Saussure e por sua recepção, pela articulação entre linguística e poética nos séculos XX e XXI, e pela história das ideias sobre a escrita. Contato em: <pytestenoire@yahoo.fr>

Normas da publicação

Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH

1. Geral

1.1 Os trabalhos devem ser enviados para cedoch@usp.br. em arquivos doc. ou docx.: um deles, nomeado “Arquivo1”, deve conter as informações sobre o autor (a saber: nome completo, vínculo acadêmico, e-mail e endereço); o segundo, que deve ser nomeado “Arquivo2”, é correspondente ao artigo, mas não deve conter o nome ou qualquer referência ao autor, inclusive bibliográfica.

1.2 O Arquivo2 deve conter: (1) título, (2) resumo em português e em inglês, (3) texto, (4) referências bibliográficas. Deve ser escrito em folha A4, layout de página ‘normal’. A extensão do trabalho deverá conter entre 35.000 e 40.000 caracteres, incluindo espaços, notas de rodapé, bibliografia, quadros etc.

2. Layout

2.1 Folha A4, posição retrato; 2.5 cm em cima e em baixo; 3.0 cm. nas laterais.

3. Título do artigo

Caixa alta, negrito, fonte 12pt, centralizada. Fonte: Times New Roman.

4. Nome do autor e universidade

Nome do autor: caixa alta, fonte 12pt, centralizada, espaçamento simples. Fonte: Times New Roman.

Universidade do autor: abaixo do nome, centralizada, fonte 12pt, entre parêntesis, em itálico. Fonte: Times New Roman.

5. Resumo

Deve conter: *tema, metodologia e resultados*.

Resumo: em caixa baixa, negrito, seguido do texto que deve estar: em fonte 10, sem recuo, espaçamento entre linhas simples.

Abstract: em caixa baixa, seguido do texto que deve estar: em fonte 10, sem recuo, espaçamento entre linhas simples.

6. Texto

Fonte: Times New Roman. Parágrafos iniciados por recuo de 0,8 cm, espaçamento 1,5. Fonte do texto 12 pt.

6.1 Capítulos e Subcapítulos

Deve-se utilizar a seguinte hierarquia: 1; 1.1; 1.1.1. Não ultrapassar três números.

Títulos de seção 1 (ex. **1. Introdução**): caixa baixa, negrito, fonte 12pt, espaçamento 1,5.

Títulos de seção 2 e 3 (ex. 2.1. *Programa de Investigação de Mendonça*; 2.1.1. *Visão de Língua*): itálico, fonte 12pt, espaçamento 1,5.

6.2 Gráficos, tabelas e imagens

Devem ser numerados (gráfico 1, tabela 3, imagem n...). Ao se referir a eles, sempre utilizar o número do gráfico, tabela ou imagem em vez de dizer “gráfico seguinte”, por exemplo.

Pedimos também para que os envie em imagem (jpeg. ou png.), separadamente, para o caso de ocorrer alguma alteração de computador para computador.

Quadros e tabelas com todas as bordas, fonte 10pt, com negrito nas células que devem ser destacadas, parágrafo anterior ao quadro deve ter espaçamento de 1,5. Abaixo do quadro deve haver legenda indicando número do quadro/gráfico/tabela e, depois de hífen, seu título (ex.: Quadro 1 - Periodizações). A Legenda deve estar com espaçamento simples antes e espaçamento de 1,5 depois, fonte 9 negrito, texto centralizado.

6.3 Referências

As referências ao longo do texto devem ser compostas pelo sobrenome do autor, com apenas a letra inicial em maiúscula, logo em seguida (sem vírgula) o ano da publicação (caso seja uma fonte primária, ou um texto clássico, e se queira colocar a data da primeira edição, colocar logo em seguida, sem espaço entre os colchetes). No caso de citações, ou de se considerar necessário, a página deve vir após dois pontos logo após o ano. Se houver mais de uma fonte, elas devem estar separadas por ponto-e-vírgula.

Exemplos:

(Nebrija 1992[1492])

(Kuhn 2009[1962]: 64)

(Amsterdanska 1987; Davies 1989; Koerner 1995)

De acordo com Swiggers (2004: 143)

6.4 Citações

As citações com menos de três linhas ficam dentro do corpo do texto, entre aspas. As citações com mais de três linhas devem estar recuadas à direita em 1,5 cm, tamanho 10pt, espaçamento simples e não devem estar entre aspas. A referência (ver item 6.3) é obrigatória após toda citação.

6.5 Notas

As notas devem ser em números indo-arábicos e constar no rodapé das páginas. Seu uso deve ser feito com parcimônia.

7. Referências bibliográficas

As referências bibliográficas não são consideradas um subcapítulo e, portanto, não precisam vir acompanhadas da numeração mencionada no item (6.1).

Em todas elas, o sobrenome do autor deve vir, primeiramente, em caixa alta, vindo em seguida, após uma vírgula, seu prenome, acompanhado de eventuais iniciais de seus nomes do meio e, por fim, um ponto-final. Posteriormente, em todos os casos, deve-se colocar o ano da edição e, da mesma forma que no item 6.3, quando for necessário ressaltar a primeira edição da obra, deve-se colocá-la logo após, sem espaço, entre colchetes. Exemplo:

KUHN, Thomas S. 2009[1962]...

7.1 Livro

SERBAT, Guy. 1881. *Cas et Fonctions*. Paris: Presses Universitaires de France.

HALLEWELL, Laurence. 2009. *O Livro no Brasil: sua história*. 2a ed. revista e ampliada. São Paulo: Edusp.

7.2 Capítulo de Livro

ALTMAN, Cristina. 2004. “Em busca do método: observações introdutórias sobre a historiografia linguística”. In: *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. 2a ed. São Paulo: Humanitas, p. 27-56.

CYRINO, Sonia M. L. 1993. “Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos”. In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 163-184.

7.3 Artigo de Periódico

ALONSO, Miguel C. “Multidimensionalidad, Complejidad y Dinamismo em la historiografia lingüística y en su definición del concepto *tradición*”. *Todas as Letras* 14.1: 71-86.

SWIGGERS, Pierre. 2010a. “Le métalangage de la linguistique: reflexions à propos de la terminologie e de la terminographie linguistiques”. *Revista do GEL* 7. 2: 929.

7.4 Dissertação ou Tese

COELHO, Olga F. 2003. *A anguzada lexicográfica luso-bundo-americana. Língua e identidade nacional na segunda metade do século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.